

Baptista de Almeida e Cícero Siqueira

*Paulo Henrique Dias dos Santos
22103/2010.*

O

Centenario da Independencia

EM

CANHOTINHO

1922

IMPRESA INDUSTRIAL — I. Nery da Fonseca
78 e 82 — Rua Visconde de Itaparica — 78 e 82
RECIFE—1922

Paulo Henrique Dias
(87) 9924-0580
E-mail: paulohenrique_rik@live.com

O PRESIDENTE DA REPUBLICA

Na data do Centenario



Dr. Epitacio da Silva Pessoa.

Estadista de descortino admiravel, a quem deve a Patria Brasileira o triumpho eloquente das festas que realizou em commemoração ao primeiro centenario de sua Independencia.

O ELEITO DA PAZ



Dr. Sergio Lins de Barros Loreto

Actual Governador

Candidato de conciliação de todos os partidos que se degladiaram na questão política de maior vulto que já se feriu no Estado. A S. Ex.cia, que é um espirito verdadeiramente superior, educado na escola da Justiça e do Direito, deve a familia pernambucana, nos dias de hoje, a segurança de sua tranquillidade.

PRIMEIRA PARTE

CANHOTINHO

**Resumo historico e geographico
do Municipio**

PRIMEIRA PARTE

Resumo historico

São deficientissimos os dados historicos deste Municipio. Não existem archivos, nem documentos com os quaes se possam relatar os seus primordios. Afóra o que a respeito sabe o Tenente Eduardo José de Mello, o ancião centenário, que ainda hoje nos dá a prova da sua fidalguia e do seu bom coração concedendo-nos informações para a elaboração desta obra, e o que nos dizem alguns decretos dos governos, só nos fala do passado de Canhotinho um precioso manuscripto que o pharmaceutico Henrique José dos Santos, avô dos Srs. Motta & Irmãos, commerciantes nesta praça, deixou com a sua morte. Nestas condições podemos dizer que a historia desta terra se acha no cerebro daquelle ancião, já combalido pelo peso de cem annos e sete mezes, e no diario intimo desse outro, que a morte levou, cinco annos atraz.

O Tenente Eduardo aqui chegou em 1848, encontrando duas casas pertencentes: uma, a José das Neves, localizada á beira de um caminho e que mais tarde serviu de alinhamento á rua hoje chamada *Rua da Estação*, e a outra, a João Vidal dos Santos, no local onde se acha, actualmente, a casa commercial dos referidos Srs. Motta & Irmãos. Era proprietario das terras o Sr. José das Neves, que residia no logar hoje chamado *Sítio Taboça*.

Ao leitor

Já não somos mais uns «visionários» na expressão mui apropriada de uma illustre educadôra, a quem, na intimidade, revellámos a idéa da elaboração desta obra. O livro que promettemos publicar sob o título *O Centenario da Independencia em Canhotinho* ahí está enfechando em suas paginas a grandeza immortal das festas que Canhotinho realizou em commemoração ao Centenario da Independencia Nacional.

Esquecendo a serie de difficuldades que nos appareceram, a todo momento, para impedir, talvez, a consummação de tão penoso trabalho, só precisamos de dizer a quem nos lê, que nos sentimos felizes na contemplação do triumpho, que ora se annuncia alviçareiro para os destinos de Canhotinho. Este Municipio tem hoje um livro seu e só seu, onde se historiam não somente as homenagens que prestou á Patria na data gloriosa de 7 de Setembro de 1922, como ainda toda a sua vida passada, injustificavelmente esquecida até os presentes dias.

Apraz-nos proclamar que não fizemos *litteratura* e nem tampouco assignalámos episodios phantasticos na elaboração d'O Centenario da Independencia em Canhotinho; a verdade dos factos foi a nossa unica preocupação. Tomando os criticos em maxima consideração esta circumstancia que, em verdade, nos é grandemente favoravel, de agora estamos certos que bondosamente vamos ser recebidos, no mundo da publicidade onde não chegarão a ser apontadas e ridicularizadas as incongruencias e omissões que revestem este livro, producto das nossas boas intenções e do ardente desejo de bem servirmos á posteridade.

Canhotinho—Novembro de 1922.

BAPTISTA DE ALMEIDA.

CICERO SIQUEIRA.





Baptista de Almeida



Cicero Siqueira

OS QUE DESVENDARAM O PASSADO DE CANHOTINHO



Tenente Eduardo José de Mello, que completando na data do Centenario uma existencia de 100 annos e 7 mezes, prestou, com clareza de idéas, ao Dr. Baptista de Almeida, informes valiosos para a organização da historia do Municipio.

Pharmaceutico Henrique José de Santos, cujo "Diario" intimo deixado com sua morte em 1917 e compilado pelo Snr. Cicero Siqueira, constituiu o melhor subsidio para a elaboração do historico de Canhotinho.

Homenagem



Ao lado da casa do Sr. João Vidal dos Santos levantou-se, nesse tempo, um telheiro tosco a que se deu o nome de Capella.

No mesmo anno de 1848 o Padre Lima veio de Pão Ferro e celebrou em dita Capella a primeira missa.

Em 1849 o Tenente Eduardo foi a S. Bento pedir ao Padre Nemesio que se interessasse pela nova Capella e com o proprietario José das Neves conseguisse, para a mesma, um patrimonio. Esse sacerdote escreveu então ao Padre Lima, ordenando-lhe que se entendesse pessoalmente com José das Neves e, caso este não desse o patrimonio exigido, retira-se elle, Padre Lima, dita capella de suas terras. José das Neves que estava satisfeito e tinha muito interesse em ver conservada a Capella em sua propriedade, immediatamente acquiesceu ao pedido ou intimação do Padre Nemesio, dando de patrimonio uma area de terra de 500 metros mais ou menos.

Até então nenhum nome tinha o local a que fazemos allusão.

Em fins desse mesmo anno de 1849, porém, os passageiros, devido a uma volta que o caminho dava acercando um pogo formado pelo rio Canhoto, começaram a chamal-o de *Volta*. Sob a jurisdicção de S. Bento teve então *Volta*, na pessoa do Tenente Eduardo, o seu primeiro Inspector de Quarteirão, isto ainda no referido anno, prestando em Garanhuns, este funcionario, o seu exame de habilitação. Nesse cargo permaneceu o Tenente Eduardo até 1850, quando foi nomeado Sub-Delegado.

Em 1851 foram nomeados Juiz de Paz o Sr. Francisco Ignacio de Paiva e seu Escrivão o mesmo Tenente Eduardo José de Mello.

Em 1852, devido ao rio que marginava o já então povoado de *Volta*, foi a este dado o nome de *Canhoto*, nome que mais tarde teve de ser alterado por um missionario que por aqui passou em Santas Missões, para o de *São Sebastião de Canhotinho*, ainda hoje conservado. Pouco a pouco foi então *Canhotinho* se povoando até que, em 1856, em um domingo, teve logar a primeira feira. Era nesse tempo, o Sr. Francisco dos Santos, vindo de Santo Antão, o seu primeiro negociante.

Administrado pelas familias Paiva e Mello, foi *Canhotinho* crescendo e progredindo, sendo, a 1.º de Julho de 1882, quando Presidente da Provincia de Pernambuco, o Conselheiro José Liberato Barroso, creada a sua Freguezia chamada *Freguezia de São Sebastião de Canhotinho*, cuja séde foi a povoação do mesmo nome, tudo jurisdicionado ao termo de S. Bento, que por sua vez pertencia, nesse tempo, á comarca de Garanhuns.

Nesse mesmo anno a Assembléa Legislativa Provincial decretou e o Conselheiro José Liberato Barroso Presidente sancionou a lei que mandava dar 2.000\$000 para as despesas com as obras da Igreja de Canhotinho.

No dia 22 de Outubro de 1884 chegou aqui o Senador Luiz Felipe de Souza Leão acompanhado dos Drs. Lustosa, Morada, Jacobine e outros. Encantado o Dr. Souza Leão pelo acolhimento fidalgo que teve, prometter que, na Assembléa do anno seguinte, se interessaria pelo melhoramento da freguezia.

Em a quinta feira de 19 de Marco de 1885, o Dr. Pinto Ribeiro marcou o local onde devia ser edificada a estação da linha de ferro, e a 2 de Setembro do mesmo anno o Sub-Impreiteiro Portella Junior entregava ao Major Victorino, prompta a referida estação, havendo nessa occasião, fogos, musica, um banquete de 70 talheres e animado baile offerecido pelo dito Sub-Impreiteiro ao Dr. Souza Reis.

Creou-se nesse tempo o districto de *Calçado*.

Ainda no anno de 1885 foram numeradas todas as casas e dados nomes ás ruas da freguezia. Ao pateo chamou-se *Pateo do Commercio*; á rua que ficava a beira do caminho e por onde se ia á estação, *Rua da Estação*; ao trecho que até então era conhecido como rua do Padre Lima, *Praça 19 de Agosto*, em memoria da victoria do Partido Conservador; á que ficava em frente á Igreja, *Rua da Conceição*; á que ficava á esquerda, *Rua do Crespo*, ao Largo do Açougue, *Largo da Concordia*; e finalmente á rua que se chamava "Manoel Ignacio" *Rua São Sebastião*.

No dia 2 de Outubro ainda de 1885, a população de Canhotinho foi despertada pelo sibillo da primeira machina que, rompendo mil obstaculos, victoriosamente

saudava o povo, sendo recebida a foguetes, musica e outras manifestações de regosijo. Eram 5 horas da tarde, chegando com a machina estreante, *Souza Leão*, a ultima parrelha de trilhos á estação.

No dia 21 de Novembro, presentes o Presidente da Provincia e o Chefe de Policia, foi officialmente inaugurada a referida estação e no dia 23 o commercio, satisfeito pelo grande acontecimento, realizou estrondosa festa, havendo passeata.

No dia 13 de Janeiro de 1886 verificou-se a inauguração da primeira machina a vapor de beneficiar algodão, tendo a caldeira força de 10 cavallos. Era seu proprietario o Sr. Portella Junior. Por esse acontecimento *sensacional*, houve tambem muita festa, fogos musica e cervejas.

Por decreto de 28 de Junho de 1890, sendo então governador da Provincia o Barão de Lucena, foi Canhotinho elevado á cathegoria de Villa, sendo esta noticia recebida com muita alegria pelo povo, que immediatamente fez subir aos ares varias girandolas.

Em Agosto foi nomeada a primeira Intendencia sendo os seus membros os seguintes cidadãos: Francisco Ignacio de Paiva, Presidente; A. Alves Maia, Alferes Leopoldino P. A. Rego, Alferes Domingues Cavalcanti, Alferes Paulino de Souza, e a 29 de Setembro, viu-se inaugurada a Villa.

Por decreto n.º 21 de 2 de Outubro do mesmo anno, passou Canhotinho a ser Comarca achando-se no governo do Estado ainda o Barão de Lucena. Tal acontecimento fez que Canhotinho delirasse de contentamento e todo o seu povo percorresse as ruas em passeata, soltando fogos e vivas entusiasticos. Tinha elle, até ahi, alcançado a sua maior aspiração. Novos horizontes se abriam para os destinos dos seus humildes habitantes e só por isto muito justo foi o seu regosijo ao ter noticia do decreto promissor. Com sua magistratura ia Canhotinho, dahi por deante, marchar na vanguarda de outros municipios menos ricos e menos prosperos. Os Drs. Alvaro Uchôa Cavalcanti, José Teixeira de Sá e Leopoldo Cesar de Gusmão, respectivamente Juiz do

EMANCIPAÇÃO

Direito: Juiz Municipal e Promotor Publico, no dia 7 de Novembro do referido anno de 1890, installaram solememente a Comarca, havendo nessa occasião quatro discursos.

Por decreto de 18 de Fevereiro de 1891, sendo Governador do Estado o Dezembargador José Antonio Correia da Silva, foi creado o districto de Paquevira (Glycerio) sendo o mesmo decreto do teor seguinte, relativamente aos seus limites: — "Começará na Ponte Conceição, linha ferrea, rio Canhoto até Baixa Funda, donde seguirá pela estrada que conduz á Palmeirinha de Domingos Ferreira de Moraes, indo pela estrada de Olho d'Agua das Bestas até encontrar os limites do mesmo terreno com a Comarca de Panelas; e seguindo do mesmo, dividir-se-ha com o termo de Quipapá e Serra do Boi. Deste lugar seguirá em direcção do riacho Manacan, no sitio Canivete, onde limita o Estado das Alagôas, pela margem do rio Canhoto, até o ponto de partida, na Ponte Conceição.

Por decreto de 18 de Março desse mesmo anno foram traçados os limites do districto de Sobrado, que por sua vez fôra creado pelo de 20 de Maio do anno anterior. Diz aquelle decreto: O districto policial de Sobrado principiará no rio Canhoto no ponto de intercessão da estrada de Borborema; continuará por esta até a casa do finado Padre José de Lima e Silva em linha recta pelo riacho Pão Podre até o riacho Arcia, pelo qual seguirá até onde limita o Estado de Pernambuco com o das Alagôas.

O primeiro Concelho Municipal eleito a 30 de Setembro desse anno tendo como Prefeito e Sub-Prefeito João Florentino dos Santos e José Basilio, foi dissolvido por Decreto da Junta Governativa a 23 de Dezembro, sendo eleito um outro que ficou assim constituido: Prefeito, Francisco Ignacio de Paiva; Sub-Prefeito, Tenente João Callado Borba; Concelheiros: João Auspirio Chaves, Pedro Luiz de Souza Fontes, José Joaquim de Andrade, João Pereira da Silva Vianna, Caetano Paes de Souza, Antonio Marques de Lima e Silva, Moysés de Azevedo Leite, Manoel Baptista de Oliveira, sendo nomeado Secretário Luiz

Apolinario da Silva Manso, Thesoureiro, Luiz Ribeiro Guerra e Fiscal, José Francisco Cardoso Hygino.

Eram, nesse tempo, Juiz de Direito da Comarca, ainda o Dr. Barbalho Uchôa Cavalcanti; Promotor Publico, Dr. Jayme de Cerqueira; Tabellião, Octavio Augusto de Mendonça; Collector, Joaquim Manoel da Silva; Escrivão, Joaquim Eduardo de Mello; Delegado de Policia, Alferes Domingos de Oliveira Cavalcanti; Advogado, Dr Olavo Crespo; Pharmaceutico, Henrique José dos Santos; Juiz Districtal da Cidade, Eduardo José de Mello; de Palmeira, João Baptista Lusitano; de Paquevira, Henrique Pereira de Carvalho e de Jupy Antonio Saturnino de Oliveira.

Mezes antes, em 13 de Maio, foi Canhotinho dotado de grande melhoramento, consistindo este na iluminação publica composta de 12 lampeões, sendo a despeza com o kerozene feita por aquellas pessoas junto de cujas portas fossem collocados os postes illuminativos.

Atravessava, portanto, Canhotinho, nessa epocha uma phase de prosperidade. Dada as vantagens de que era dotado, ia elle se desenvolvendo, como um emporio commercial, pois só dentro da Cidade se contavam 23 casas de negocio, afóra 11 em Palmeira, 7 em Calçado, 3 em Jupy e 1 em Lagedo. Em todo o Municipio já existiam 7 machinas de beneficiar algodão, e engenhos em numero superior a 47. Relativamente á instrucção, era esta egualmente promissôra, contando-se nesse tempo, 8 escolas no Municipio.

Em 9 de Junho installou o dr.. Jeronymo Pereira de Carvalho, segundo Juiz de Direito da Comarca, em companhia do Drs. José Teixeira de Sá, Juiz Municipal e Leopoldo Cesar de Gusmão, Promotor Publico, o primeiro Jury..

Em principio de 1892 foi nomeado Juiz de Direito, em substituição ao Dr. Materno Pereira de Carvalho, o Dr. Manoel Tavares da Silva, que aqui chegou a 7 de Fevereiro, permanecendo na Comarca até 6 de Outubro, quando transferiu-se para a Victoria. Canhotinho teve então o seu quarto Juiz de Direito que foi o Dr. Petronillo Santa Cruz Oliveira, aqui desembarcado a 13 de Novembro do mesmo anno.

De 1892 a 1895 Canhotinho atravessou um perio-

do de agitações, luctas e retaliamentos politicos, que deram em resultado mortes e outros crimes.

Neste ultimo anno, por exemplo, sendo Juiz de Direito o Dr. Tobias Cesar de Andrade e Chefe Politico o Cel. Francisco Ignacio de Paiva, conhecido por Paesinho, houve entre ambos certa desintelligencia, sobre uma eleição de prefeito, o que deu logar a ser apresentado, como candidato áquelle cargo, o Major Ageu Cesar de Andrade, isto contra a vontade do mesmo Paesinho que não tendo o apoio do Governo do Estado, viu, com desgosto, triumphar o seu competidor, em 30 de Setembro. A chapa eleita nesa occasião foi a seguinte: Prefeito, Ageu Cesar de Andrade; Sub-Prefeito, Octavio Furtado de Mendonça; Concelheiros Municipaes: Domingos Cavalcanti, Vespasiano José de Mello, Manoel Ignacio, José Porto e outros.

Em 1896 o Cel. Paiva, até então desprestigiado, sentiu-se nas graças do Governo. Cercado de garantias, mandou elle a força policial atacar o quartel da Guarda Nacional, tendo se dado, em a noite de 14 de Fevereiro, mais de 200 tiros, e isto somente para atemorizar o Dr. Tobias e o Prefeito Ageu de Andrade. No dia seguinte, 15 de Fevereiro, chegou em Canhotinho o Major Barbosa com 20 praças da policia para syndicar das occorrenças da noite anterior, correndo logo o boato de ter vindo o mesmo Barbosa prestigiar o Juiz de Direito e o Prefeito. Todavia, tudo correu em favor do Cel. Paiva, nos dias subsequentes.

Em 18 de Abril substituiu o Dr. Tobias, como Juiz de Direito o Dr. Nery, e a 3 de Junho, resignou o Major Ageu, embora a pedido do Governador, o mandato de Prefeito, marcando-se então nova eleição para o dia 13 de Julho.

Dois foram os candidatos que disputaram a eleição nesse tempo: o Cel. Henrique de Carvalho, candidato do Cel. Paiva e João Reimaux Duarte, candidato dos *autonomistas* sendo eleito o primeiro. A sua victoria, porém, foi considerada, pelos adversarios, como resultado da pressão exercida, principalmente em Jupy, pelo Cel. Paiva.

Voltando ao anno de 1893, vemos que Canhotinho

recebeu, a 7 de Outubro, a visita dos missionarios Frei Cassiano, Frei Monsuetho e Frei Samuel. O fim dessa visita foi a construcção de um templo novo. No dia 22 do mesmo mez estava completamente destruida a igreja velha e a 7 de Novembro collocavam-se festivamente as 8 thesouras da nova matriz.

Após essa salemnidade foi, pelos dignos missionarios, organizada uma commissão composta dos Srs. Tenente Eduardo José de Mello, Henrique Pereira de Carvalho e Henrique José dos Santos e conferida a ella o encargo de trabalhar na alludida construcção.

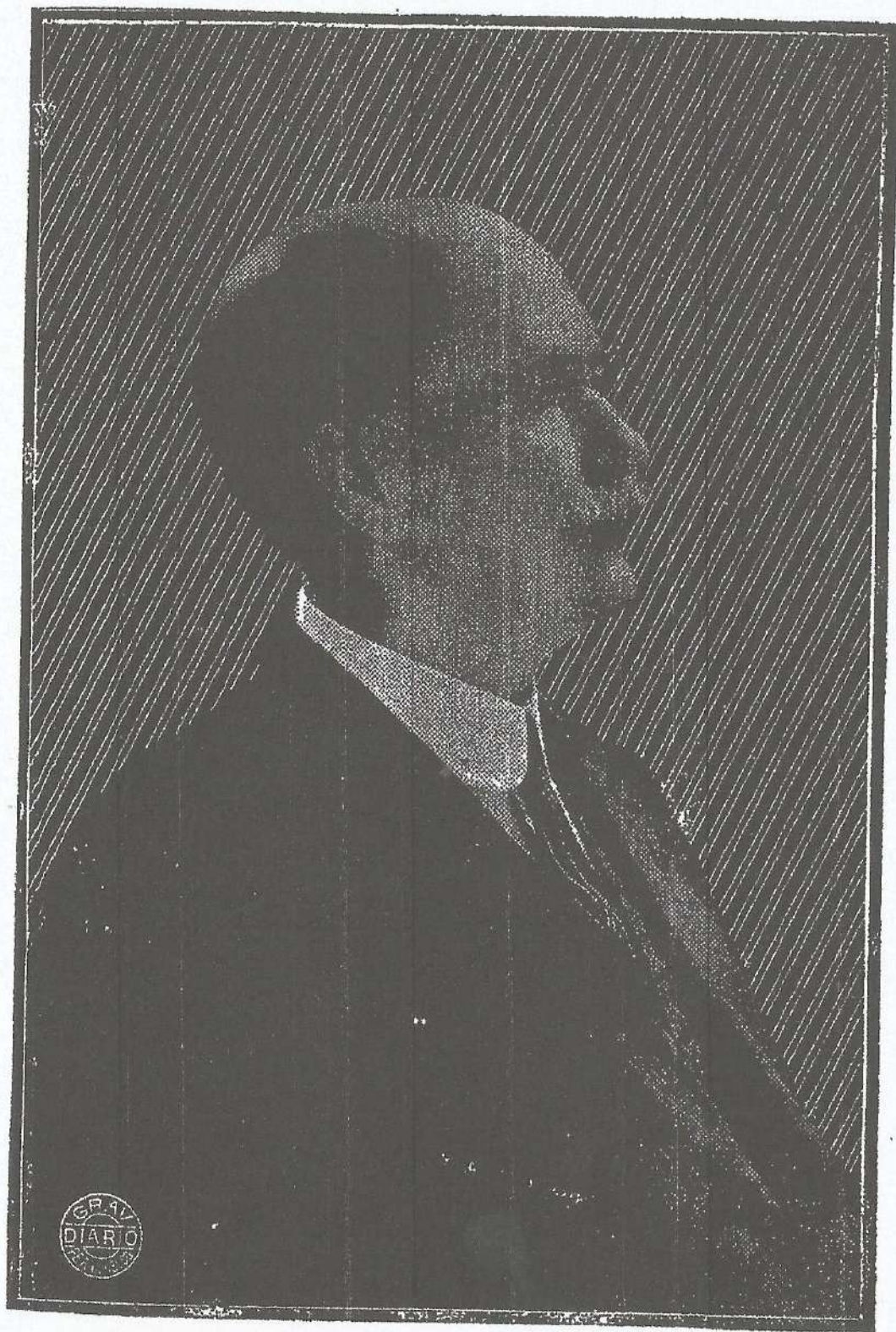
Em 24 de Dezembro desse mesmo anno de 1893 Frei Cassiano, diante de uma multidão avaliada em 5.000 pessoas, benzeu a nova Matriz a mesma de hoje, fazendo commoventes praticas igualmente procedendo o Padre Geminiano.

Em 1897, vindo de Garanhuns, chegou em Canhotinho o Dr. George W. Butler, medico e missionario americano. Recebido, a principio, com certa hostilidade, pouco a pouco foi o illustre facultativo se harmonizando com o povo da terra, até fazer um grande numero de admiradores, que viam na sua pessoa um bom medico e um excellente cirurgião, muito recommendado pela bondade do seu coração e pela affabilidade do seu genio.

Possuindo os caracteres dos homens fortes, e concretizando os seus planos em acção com espirito altamente progresista, mostrou-se o Dr. Butler um persistente trabalhador pelo progresso material de Canhotinho. Por sua iniciativa foram construidos no Alto da Parazita um Templo Evangelico, um Collegio e uma Casa de Saude, afóra outros predios para residencias particulares.

O Dr. Butler fez em Canhotinho, como medico operador, uma vida publica de nomeada, tornando-se soberbamente conhecido não só no Municipio como em todo o Estado e até fóra delle, fazendo em companhia de seu filho, tambem medico, o Dr. Humphrey Butler, curas admiraveis.

Canhotinho foi o seu tumulo em 1919 e agora, em 1922 tambem o tumulo de seu filho, grandemente estimado pelos canhotinhenses, que ainda hoje sentem a sua



Dr. George William Butler

Missionario protestante e medico de grande nomeada, fallecido em 1919 neste Municipio. onde clinicou 22 annos.

perda lembrando os beneficios que lhes prestou no exercicio de sua profissão.

Em 1898 nada de extraordinario ocorreu no municipio.

Em 6 de Abril de 1899, realizou-se a eleição de novos Prefeito e Sub-Prefeito, elegendo-se, respectivamente: Vespasiano José de Mello e Antonio Saturnino de Oliveira, não tendo comparecido ás urnas o partido de opposição ao situacionismo.

Em 1900 factos diversos perturbaram a paz do Municipio.

Em viagem até Jupy foi o Cel. Paiva emboçado por inimigos seus, que o feriram em u'a mão. Era então Juiz de Direito da Comarca o Dr. Felipe Nery da Silva Filho, que por ser inimigo do Cel. Paiva, viu-se por amigos destes, coagido a retirar-se do Municipio.

A' tarde do dia 5 de Outubro, porém, chegou a Canhotinho o Chefe de Policia, sendo seu primeiro acto fazer chegar a esta Comarca o Dr. Nery, então refugiado em Garanhuns.

Nenhuma responsabilidade se apurou a respeito das ultimas occurrencias, ficando Canhotinho entregue aos odios dos partidos, na espectativa de uma hecatombe.

No dia 17 desse mesmo mez novas scenas de perturbação da ordem publica se verificaram. Funcionando o jury nessa data, foi suspensa a sua sessão em virtude de ter o Cel. Paiva desacatado o cidadão João de Oliveira, pelo simples facto de ser este advogado de um criminoso seu desafecto.

Desses acontecimentos teve sciencia o Governador do Estado por telegramma expedido pelo Presidente do Tribunal, o mesmo Dr. Nery. Mais uma vez foi este magistrado impellido a retirar-se para Garanhuns.

Em 25 de Julho de 1901 novas eleições municipaes se realizaram em todo o Municipio, fazendo-se Prefeito o Cel. Henrique Pereira de Carvalho e Sub-Prefeito, Moysés de Azevedo Leite, e Concelheiros: João de Siqueira, Francisco C. Marques, Manoel Victorino e outros.

Em 10 de Outubro de 1902, foi a cidade de Canhotinho surpreendida, ás 10 horas da manhã, com a morte do Cel. Francisco Ignacio de Paiva, um dos politicos

de maior influencia e prestigio que já houve no interior do Estado.

Homem, talhado para ser caudilho, politico de visão admiravel; maneiroso porém energico, algumas vezes despota, o Cel. Paiva conseguiu manter-se no poder por muitos annos, donde jámais se afastou, não obstante as transições politicas operadas no Estado. Extremamente partidario e muito pouco administrador, amigo até o sacrificio e inimigo até o crime, foi elle sempre o caudilho desconhecedor da derrota no terreno das competições.

Com o seu fallecimento um periodo de luctas mais impressionadoras se abriu na politica interna do Municipio.

Escolhido para chefe o Cel. Henrique Pereira de Carvalho, velho amigo do Cel. Paiva, alguns correligionarios deste impugnaram a escolha recaindo esta na pessoa do Cel. Manoel Jardim, Deputado Estadual e influencia politica no Municipio de Garanhuns, declarando-se a lucta entre *henriquistas* e *jardinistas*.

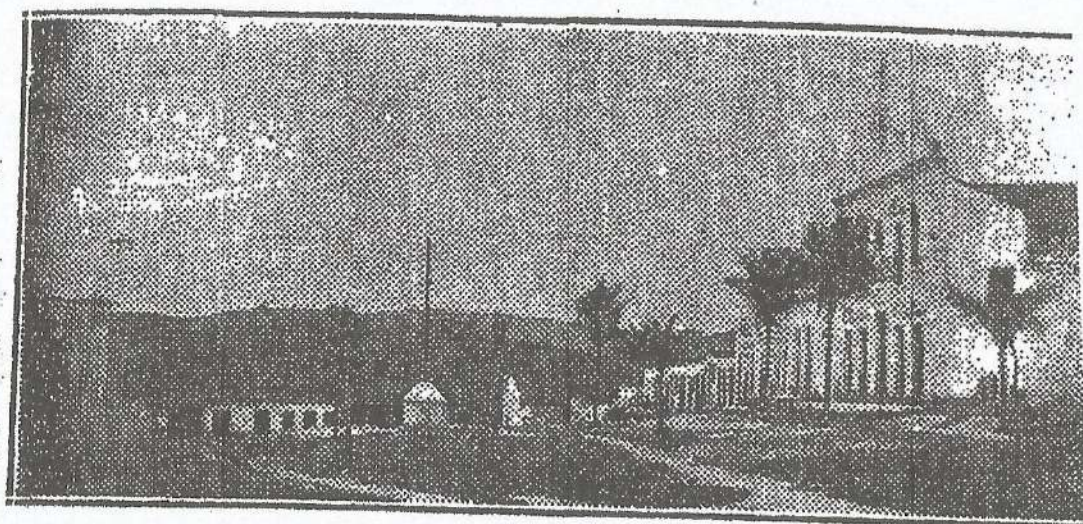
Já que estamos a reproduzir informações que nos foram prestadas, seja-nos permittido, neste ponto do nosso historico, transcrever o que se encontra no "Diario" intimo que o pharmaceutico Henrique dos Santos, a quem fizemos allusão no principio da nossa exposição, elaborou em vida, "Diario" que nos foi gentilmente cedido para a confecção do presente livro.

E' mais um preito de homenagem que rendemos à saudosa memoria desse illustre cidadão, que morreu deixando-nos o melhor elemento de sua coadjuvação nesse manuscrito de que já nos occupámos e que é innegavelmente uma reliquia nos dias de hoje.

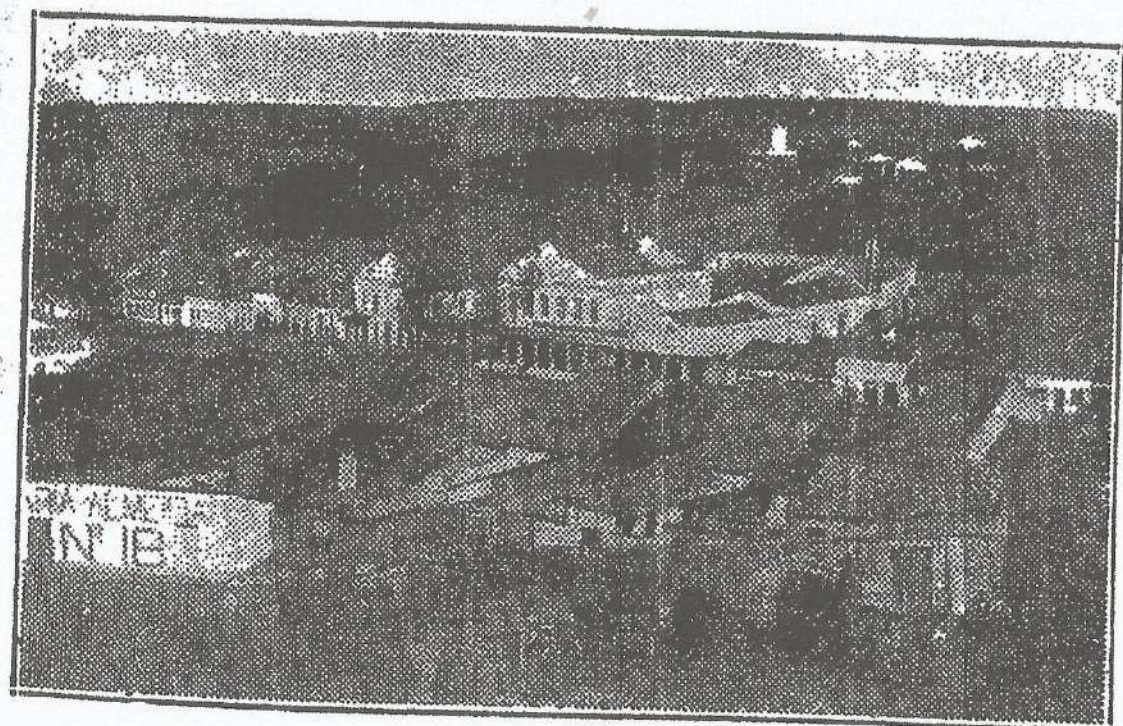
Eis algumas notas do valioso documento:

1903 — Quarta Feira, 1.º de Janeiro.

.....
"Chegou um telegramma annunciando que Henrique de Carvalho chegaria no Sobrado com um Delegado official e 10 praças. Houve festa em casa de João Mauricio e na do Juiz de Direito em



VISTA DE CANHOTINHO EM 1896



VISTA DE CANHOTINHO EM 1908

“regosijo pela victoria da fracção *henriquista* contra
“a *jardinista*.”

Domingo, 4. — “Faz calor. Foram demittidas
“todas as autoridades que serviram com José Gila.”

Segunda Feira, 5. — “Jardim veio conferenciar
“com a dissidencia. Horpedou-se em casa de João
“de Siqueira.”

Terça Feira, 6. — Não houve missa. Reuniu-se
“o Concelho Municipal afim de tratar de demissões
“e nomeações. João de Siqueira, Presidente do Con-
“selho não compareceu e nem quiz entregar o archi-
“vo Municipal. Foram chamados dois supplentes,
“alcançando victoria Henrique de Carvalho, que
“immediatamente communicou todo o occorrido ao
“Governador.”

Quinta Feira, 8. — Henrique de Carvalho orga-
“nisou o Concelho Municipal elegendo um conce-
“lheiro para a vaga de Dinamerico, que se retirou
“para S. Bento, sendo eleito Pedro Alexandre..
“A fracção *jardinista* com o Presidente João de
“Siqueira organisou então o Concelho.”

Sexta Feira, 9. — “Tendo o Prefeito com o Se-
“cretario trancado o livro da Intendencia, ao meio
“dia foi a Intendencia assaltada pelos *jardinistas*
“sendo repellidos pelos policiaes.”

Domingo, 11. — Henrique de Carvalho e o De-
“legado foram ao Recife a chamado do Governador.”

Quarta-Feira, 14. — “Muito calor. A's 6 horas
“da tarde espalhou-se a noticia de que Thomaz Lo-
“pes vinha atacar a Cidade e se apossar da Inten-
“dencia, ficando toda a população sobrealtada.”

Quinta Feira, 15. — “Muito calor. Chegou no

“trem Thomaz Lopes de Palmeira trazendo 12 cangaceiros e o Sub-Delegado de Angelim com intuito de affrontar as autoridades e fazer o Concelho eleger ás mezas. Nada fizeram porque chegou um telegramma do Governador suspendendo até segunda ordem. O destacamento está de promptidão.”

Sabbado, 24. — O trem chegou á meia noite e o Jardim passou com as orelhas ardendo, pois nada conseguiu. O governador, Julio de Mello e Rosa e Silva reconhecem como chefe de Canhotinho a Henrique de Carvalho.”

Domingo, 25. — “Chegaram do Recife Henrique de Carvalho, o Juiz de Direito e o Promotor Souza Leão. Vieram satisfeitos, pois tudo alcançaram.”

Quarta Feira, 28. — Henrique fez a eleição de Presidente do Concelho e de 13 mezaros; foi eleito Presidente Xixi (Francisco Carlos Magno) e Vice, Pedro Pugliesi. O Presidente João de Siqueira não compareceu.”

Quinta Feira, 29. — “Chegaram Dr. Jardim e Manoel Jardim com 4 soldados disfarçados e 5 paisanos. Dizem que são cangaceiros. Estão na casa de João de Siqueira, onde ás 11 horas houve uma grande reunião para se tratar do Concelho e das sessões eleitoraes, tudo isto em affronta ao que Henrique fez. Depois da reunião telegrapharam ao Governador consultando-o se aceitava o que tinham feito; tiveram como resposta um não, e que só prevalecia o que Henrique tinha feito. Retornaram a Garanhuns.”

Março. — *Terça Feira, 13.* — Consta com certeza que Jardim vem tomar conta de Canhotinho.”

Sabbado, 14. — “Por telegramma se sabe que Jardim, na Segunda Feira vem tomar conta de

“Canhotinho e nomear autoridades. Dizerem que
“muita gente jurada de demissão.”

Domingo 15. — “Amanheceu nublado e o tem-
“tende para chover. Manoel Jardim Chegou hoj
“veio tomar conta de Canhotinho e fazer nomeação
“Que vergonha!”

Segunda Feira, 16. — “Henrique de Carvalho e
“o Dr. Promotor Souza Leão foram ao Recife rece-
“ber taboca.”

Terça Feira, 17. — “Estão chegando, de varios
“logares, adhesões a Manoel Jardim. Que canalha.”

Sabbado, 21. — “Calor. Hontem chegou o Dr.
“Cardoso Ayres. Mostra-se alheio ao que se está
“passando. Que manhoso!”

Domingo, 29. — “Por aqui passou a musica de
“Garanhuns que foi esperar Manoel Jardim, que de-
“finitivamente é o chefe de Canhotinho. Que go-
“verno corrupto!”

“Passou para Garanhus Manoel Jardim e dei-
“xou uma carta ao Chefe de Policia e um cartão
“para o Promotor.”

.....
“Os politicos *jardinistas* estão muito contentes.
“Têm razão. Deus queira que atraz da calmaria não
“venha a tempestade.”

Segunda Feira, 30. — “Henrique de Carvalho,
“Caetano Vidal, Dr. Henrique Pinto Ribeiro, Pedro
“Pulez foram ao Recife deslindar essa meada politica
“que cada vez mais se torna uma vergonha.”

Terça Feira, 31. — “Chegou o Alferes Delegado
“porem nada disse.”

Abril. — *Sabbado*, 4. — “Chegou Henrique. Definitivamente Jardim é o chefe.

Terça Feira, 7. — “Manoel Jardim veio confre-
“renciar com os politicos. Henrique humilhou-se.”

Maio. — *Domingo*, 3. — “As ruas estão enfeitadas de coqueiros e bandeiras. 3 coretos estão armados para receberem as bandas de musica; tudo se está preparando para a recepção do Cel. Jardim. Tive um convite pela commissão: Arnaldo, Getulio e Zuza, porém não compareço; pe-
“di desculpa.”

.....
“Chegou Manoel Jardim. Grande recepção. Houve jantares e muitos discursos. Veio muita gente de S. João, Angelim e Palmeira. Houve muitos foguetes e passeata. A Lagôa Secca achava-se enfeitada de arcos de coqueiros.”

Eis como terminou no anno de 1903 em Canhotinho, a lucta politica travada entre os partidos que disputavam o poder.

A historia desta terra tem sido, em todos os tempos, assim e assim ha de ser enquanto não houver no Paiz partidos organizados, á maneira como tinhamos no regimen passado.

Deixemos, porem, o commentario e evoquemos os acontecimentos.

Em 14 de Maio desse mesmo anno de 1903, Canhotinho até então villa, passou a ser cidade com a denominação de *S. Sebastião*, em virtude da lei n.º 607, sancionada pelo Governador Antonio Gonçalves Ferreira.

A 6 de Julho deu-se começo ao calçamento da rua da Estação e do Pateo do Commercio, constituindo esse melhoramento o maior beneficio que já se fizera a esta terra, até aquella data.

Em 20 de Junho de 1904, em virtude das disposições transitorias da Lei n.º 697, art. 70, passou Canhotinho a ser termo da Comarca de S. Bento.



DR. HENRIQUE PINTO RIBEIRO
Engenheiro civil que assentou a primeira
pedra da Estação de Canhotinho



Cel. HENRIQUE PEREIRA DE CARVALHO
Suplente de Juiz Seccional e
influencia politica no Municipio.

HOMENAGEM



Cel. JOÃO FRANCISCO DA MOTTA
Ex-Prefeito do Municipio, fallecido
em 1917



MAJOR MANOEL PEIXOTO PÍNTO
Agricultor e membro da Comissão
Central dos festejos civicos, fallecido
dias após as festas do Centenario

Em 22 de Julho de 1904, tomou posse do cargo de Juiz de Direito da Comarca de S. Bento com jurisdição em Canhotinho, o Dr. Francisco Xavier de Lima Borges, um dos bachareis mais inteligentes e cultos da magistratura pernambucana. Os seus despachos, as suas sentenças, as suas respostas jurídicas dadas ás consultas que eram feitas, cingiram-lhe a frente com a aureola de jurisconsulto. Por varios annos teve Canhotinho a gloria de conserval-o como seu Juiz..

Em Novembro foram empossados novos dirigentes do Municipio, a saber: Prefeito, Cel. Manoel Jardim; Sub-Prefeito, Manoel de Siqueira..

Canhotinho revestiu-se de festa por esse acontecimento.

Embora muito guerreado, alguma coisa fez o Cel. Jardim pelo bem estar material desta terra. Seu nome ficou ligado a varios melhoramentos que ainda perduram, attestando a operosidade do homem inteligente que tragicamente morreu no Municipio de Garanhuns, victima da monstruosa hecatombe que alli se verificou em 1916.

Deixemos passar os annos de 1905 e 1906. Nenhum acontecimento notavel nos consta ter havido durante o seu periodo.

Em 1907, a politica mais uma vez perturbou a paz do Municipio. Adversarios do Cel. Manoel Jardim, entre elles o Dr. Pinto Ribeiro, Caetano Azevedo, Joaquim de Almeida e Caetano Vidal, colligaram-se para derrubal-o. Aproximavam-se as eleições municipaes e por isto puzeram-se todos em campo em animada e persistente cabala eleitoral..

Naquelle tempo, como ainda hoje, o prestigio dos chefes, muito dependia da accção dos Delegados de Policia, maximé quando estas autoridades eram officiaes da nossa milicia. O valor eleitoral propriamente dito foi sempre uma baléla; jamais predominou diante da manifestação da força, que o soldado só por si representou e representa.

Numa lucta entre dois partidos, infelizmente, conhecia-se, como hoje se conhece, a victoria pela parcialidade da policia..

Não se conseguiu reformar tão barbaro costume. A propria Republica o alimenta, sem mais disfarce, com a responsabilidade — (salvas as excepções) dos seus benemeritos administradores, que, na verdade, são os maiores deturpadores do regimen.

Entretanto, bem nos parece que se podia, com inteireza, corrigir o erro, positivamente tão prejudicial. Não o querem, porem, os politicos extremados.

Dentro dos interesses partidarios não se pôde agasalhar o espirito da Justiça. Pensam todos assim e assim vae sendo governado um Paiz que possui, como aliçerce de sua organização republicana, a mais bella e mais bem formada das Constituições.

Voltando ao historico, transcrevamos na integra, para corroborar as nossas palavras, como o temos feito até agora, mais um pedaço do falado "Diario" do Pharmaceutico Henrique dos Santos .

Abril de 1907. — *Sexta Feira* 11. — Calor. Tempo nublado. Foram nomeados supplentes de Delegado pessoas da fracção de Antonio Azevedo e Dr. Pinto. Jardim cahiu.²²

Maio. — *Quinta Feira*, 9. — "Chegou a Commissão que foi ao Recife tratar da eleição municipal. Veio satisfeita e trouxe a nomeação de Delegado e supplente de Juiz Municipal. Houve musica e foguetes. Muita alegria de um lado e tristeza do outro."

A 10 de Julho deste mesmo anno foi realizada a eleição, empossando-se, em 15 de Novembro, os novos dirigentes do Municipio, a saber: Prefeito, Antonio de Azevedo; Sub-Prefeito, Joaquim Henrique de Almeida; Concelheiros: João Nepomuceno de Siqueira, Dr. Henrique Pinto Ribeiro, Caetano Vidal dos Santos, Jacyntho de Medeiros da Camara Tamarindo, Claudino Pereira Torres Gallindo, Pedro Pacifico Pugliesi, Osorio Paes de Barros, Vespasiano José de Mello e Manoel Peixoto Pinto.

Estava assim, por terra, a politica dos *Jardins*, dizendo muita gente que a razão fôra o processo instaurado contra elles e a antipathia que lhes votava o então Governador do Estado por causa de varios crimes que lhes eram imputados.

Sic transit gloria mundi.

Passou a caber a chefia politica, nessa phase, ao Dr. João Paes de Barros, que tambem passou a dirigir Garanhuns.

Pelo "Diário" do velho Henrique comprehende-se que, pouco duradoura foi essa direcção do Dr. João Paes. Desgostos apparecidos no seio da Dissidencia deram logar, em breve tempo, a reclamações perante o Governo, passando este a prestigiar a Azevedo.

Eis as notas do "Diário":

Julho de 1908. — *Quinta Feira, 16.* — "A fracção politica de Almeida chegou ao Recife muito frua por causa da resolução do Governador em dar toda força a Azevedo como Prefeito. Foi destituído de Chefe o Dr. João Paes de Barros."

No fervor de todas essas transmutações politicas, sempre occorridas entre musicas, foguetes e discursos, passavam absolutamente despercebidas as datas nacionaes.

Leiamos o "Diario":

Setembro de 1908. — *Segunda Feira, 7.* — "O dia de hoje tão grande para o Brasil passou aqui despercebido; nem musica, nem foguetes, nem luminarias."

No dia 39 desse mesmo mez de Setembro de 1908 ausentou-se do municipio Antonio de Azevedo, assumindo a Prefeitura, na qualidade de substituto legal o Cel. Joaquim de Almenda. Mal visto pelo Governador, muito pouco tempo governou esse cidadão.

Uma nova eleição, portanto, se procedeu sendo eleito Prefeito Antônio Domini.

Nenhum melhoramento deveu Canhotinho aos senhores que o administraram durante esse tempo. Só luctas, intrigas e odios se assignalaram no periodo de suas administrações, mui principalmente no governo do Sr. Antônio Domini, que no conceito de todos foi tido como um cidadão falho de competencia, titeré nas mãos dos politicos manhosos e espertalhões.

Segundo é corrente o Sr. Domini terminou os seus dias no Asylo de Alienados.

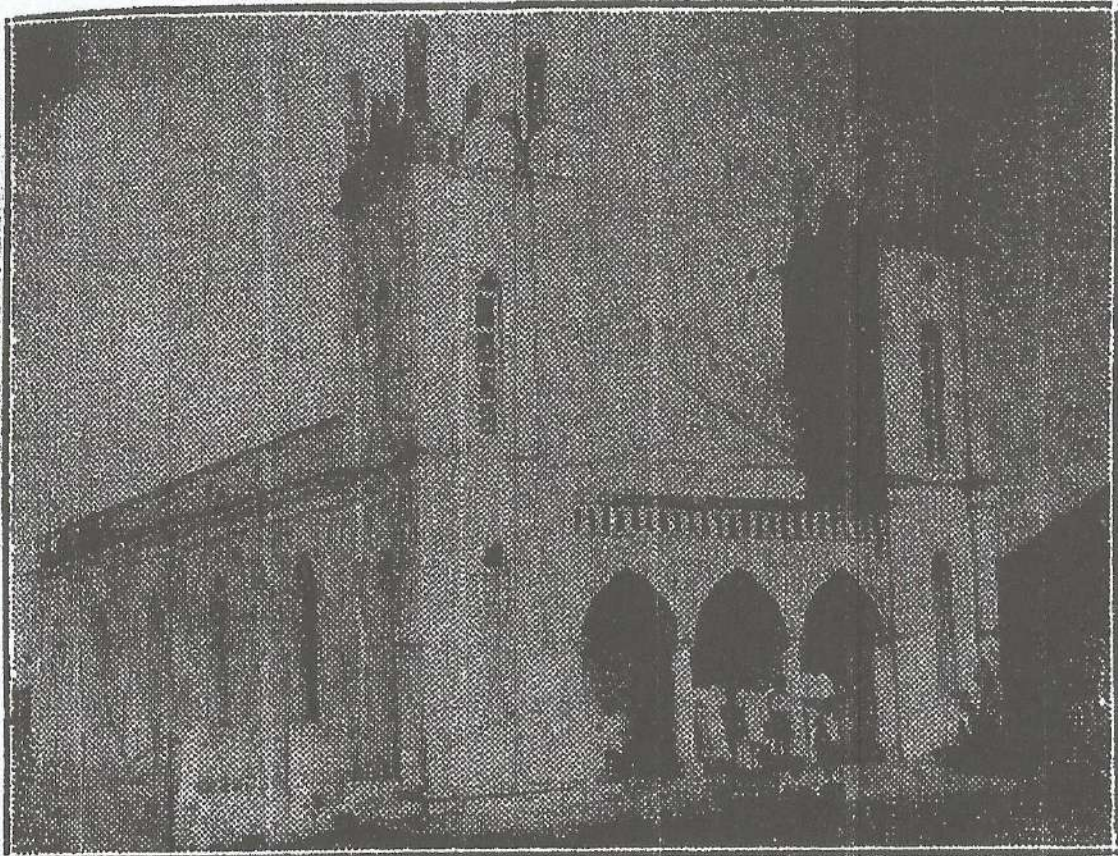
Os annos de 1909 e 1910 não assignalam factos dignos de menção.

No decorrer do de 1911, porem, surgiram as *salvações* no Estado e consequentemente nos Municipios. Dantas Barreto, o General Ministro do Governo Hermes da Fónseca era o idolo do povo pernambucano, o seu *salvador*; o *salvador* de Pernambuco. Por toda a parte appareceram-lhe thuriferarios em cujas cabeças foram quebrados pelo proprio Dantas, os seus thuribulos, que só continham rixas em vez de incenso.

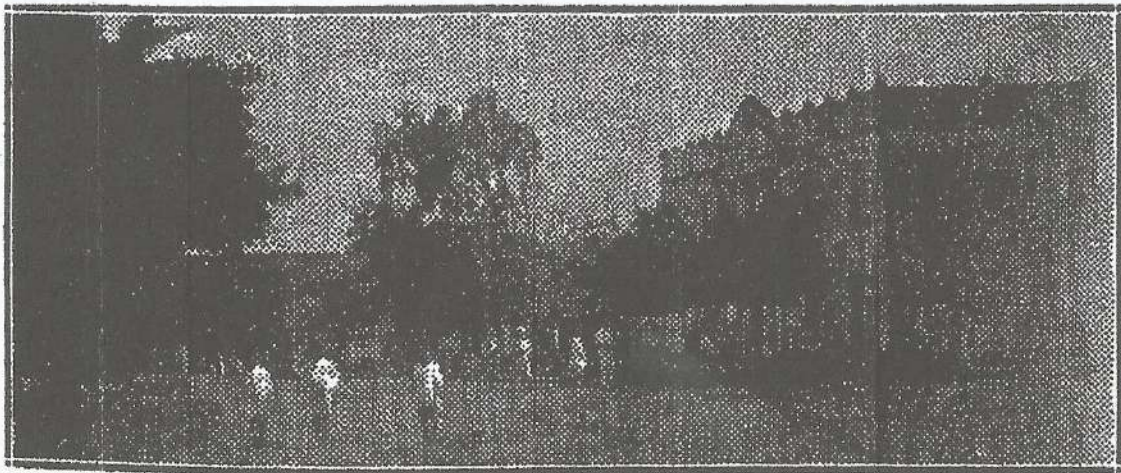
Canhotinho, como os demais departamentos do Estado, se agitou e se revolucionou. Joaquim de Almeida foi o primeiro politico a arvorar o pendão *dantista* á sombra do qual se abrigaram logo muitos adversarios da politica *rosista*. Choveram as adhesões, incrementaram-se os odios. Entraram em lucta os partidos *Dantista* e *Rosista*, apoiando e trabalhando pela victoria deste, o Dr. Lima Borges, Juiz de Direito, Cap. Caetano Vidal, e outros dedicados.

Um sudario negro e mèrencório invadiu a alma dos politicos os quaes logo se afogaram na villaniã, no sangue e na lama, até serem arrastados ás tres hecatômbes, que a historia tristemente registrou.

No dia 3 de Dezembro, — eis o começo. — cangaceiros de Joaquim de Almeida atacaram a residencia do Dr. Lima Borges, que se achava ausente. Nessé ataque houve encontro de forças, resultando 2 mortes e 3 ferimentos. Conta-se que ao chegar aqui a força do exercito, assaltos, prisões, tiros e, até, incendios em propriedades de politicos adversarios foram registrados.



O TEMPLO EVANGELICO



Alto da Parasita ou ALTO RIO BRANCO, vendo-se á direita o edificio da
CASA DE SAUDE.

Assumindo o General Dantas Barreto o governo do Estado a 18 de Dezembro, logo depois foi escolhido para dirigir a politica do Municipio o seguinte Directorio: Padre Cabral, Cel. Joaquim de Almeida e Joaquim Victalino, dando-se, nessa occasião, demissões e nomeações varias.

Em 1912 a situação do município não foi absolutamente tranquillizadora. Sob o regimen das perseguições, o Prefeito José Emygdio viu-se obrigado a renunciar o cargo. No proprio seio do partido *Dantista* em latentes o descontentamento e os desgostos. Por fim exaltaram-se os animos e o partido scindiu-se, ficando, de um lado, Joaquim de Almeida e varios amigos, e de outro, o Padre Cabral, Azevedo, Francisco da Motta, Joaquim Victalino e João de Freitas...

Foi o periodo de maior intensidade politica que o Municipio atravessou.

Commissões e mais commissões, de ambas as facções, seguiam continuamente até o Recife, em busca do apoio do Governo, o qual era indeciso e vacillante. Nada se resolvia definitivamente, dando isto margem a que todos alimentassem viva fé na victoria do pleito que se tinha de realizar no Municipio.

Apresentado por manifesto assignado pelos parêdros: Padre Cabral, Raphael da Conti, João de Freitas, Joaquim Victalino e Ignacio de Azevedo, surgiu então a candidatura de Caetano Paes de Azevedo, a qual teve logo, por opposição, a do Cel. Joaquim de Almeida.

Animada e bem cabalada feriu-se, afinal, a 1.º de Março a mais importante e renhida eleição que Canhotinho já assistiu. Della sahiu victoriosa a chapa colligada. Contra essa victoria interpuzeram os *Almeidistas* recurso perante o Governador do Estado, não tendo sido, entretanto, o mesmo provido.

Reconhecidos em 31 de Março, a 30 de Maio foram empossados, como Prefeito: Caetano Paes de Azevedo; e como Concelheiros: Raphael da Conti, Bernardino Paes de Azevedo, João Miranda, Peixoto Pinto e outros.

Canhotinho festejou solemnemente essa posse. Enfeitaram-se e illuminaram-se garridamente as ruas, tendo

affluído grande numero de pessoas vindas de Garanhuns, Palmares, Angelim e até do Recife.

A respeito consultemos o "Diario" do Pharmaceutico Henrique:

Maio 1922. — Sexta Feira, 31. — "Posse do Prefeito Caetano Pães de Azevedo. Vieram assistir a posse mais de 200 pessoas, dentre ellas pessoas de Palmeira, Garanhuns, S. João, Glycerio, Quipapá, Palmares, Catende e Recife. Foi um acto muito pomposo. A rua estava arborizada e embandeirada. A Inetndencia estava uma belleza. A posse foi ás tres horas perante mais de 400 pessoas, entre ellas 2 Prefeitos, todas as autoridades judicias, policiães e municipaes. A banda de musica 25 de Março abrilhantou o acto. Muitos foguetes e uma salva de 21 tiros na occasião da posse. A noite houve baile a que compareceu muita gente, terminando ás 6 horas da manhã."

Sabbado, 1 de Junho. — "Houve hontem uma *soirée* até 2 horas da madrugada. Tudo correu muito animado e sem alteração. Deus permitta que o nosso Prefeito seja muito feliz no cargo que occupa e que nesse pequeno espaço de tempo que vae governar Deus o illumine para que faça algum melioramento nesta terra"

No dia 12 de Julho de 1913 appareceu, pela primeira vez, em Canhotinho, um jornal. Tinha elle por titulo "*A Ordem*", como redactor proprietario o Bacharel Miranda de Azevedo e como auxiliar Pedro Affonso.

De grande formato, apparecia aos Domingos.

Os seu sprimeiros numeros foram hem feitos. Tempos depois, porém, tal jornal degenerou a ponto de transformar-se em verdadeiro pasquim, indigno de ser lido no lar de qualquer cidadão. Numeros houve cuja leitura só podia ser feita por homens, conforme aviso dado ao publico, anteriormente, pela propria redacção.

Nas suas columnas só immoralidades, infamias e calumnias se publicavam, intranquillizando o espirito das familias, já atemorizadas.

Conta-se do seu proprietario, o referido Bacharel Miranda de Azevedo, que era elle um nevropatha, dado ás decomposturas soezes e obscenidades as mais criminosas.

O seu jornal durou algum tempo para morrer afinal deixando negra mancha na historia da imprensa de Canhotinho, que teve no seu primeiro organ de publicidade uma réles pasquinada, pois outra coisa não puderam chamar áquelle papelucho sujo, escoadouro de u'a mente atrabiliaria, que flagrantemente trahiou a sagrada missão do jornalista.

Em 11 de Novembro de 1913, realizaram-se no Municipio novas eleições para Prefeito e Sub-Prefeito, sendo eleitos, respectivamente, Raphael da Conti e Candido Alexandre da Silva.

Nova phase de agitações e de desordens em Canhotinho.

Logo no começo de sua administração teve Raphael Da Conti contra si quasi a unanimidade do Concelho Municipal. Embora probo, segundo affirmativas de muitos que com elle privaram, esse novo Prefeito, arrostando com mil difficuldades no inicio do seu governo, veio depois cahir nas barras do Tribunal, em processo funcioanal, graças á acção dos seus ferrenhos inimigos.

A sua irresponsabilidade, porém, foi decretada, continuando elle á frente dos destinos de Canhotinho, mas sempre debaixo de uma atmospheria hostil.

Não ponde esse cidadão dotar o Municipio de um só melhoramento. Muito offendido pelos seus adversarios, inda assim se diz de Raphael Da Conti que fôra elle um forte e sobretudo um Prefeito bem intencionado, que nada fez, assediado pelas agitações do momento.

Raphael retirou-se de Canhotinho sem os recursos que adquirira a custo de sua operosidade. A sua desdita como administrador é o mais vivo exemplo de quanto é ingrata a malfadada politica, que depois de tirar um cidadão dos seus labores, onde com o suor de seu rosto ganha o alimento da vida, arrasta-o pelas ruas da amargura fazendo-o afinal, naufrago e ludibriado á mercê das torrentes e dos ventos inclementes da maledicencia publica.

Em 1914, ainda no governo do General Dantas Bar-

reto, foi Canhotinho desannexado, como termo da Comarca de S. Bento passando a pertencer, em virtude da Lei N.º 1226 de 6 de Junho á de Garanhuns.

Durante esse mesmo anno deram-se no Municipio diversos assassinatos sensacionaes, entre elles o do Capitão Bernardo Camara, em Glycerio, os de um inspector e de um Sub-Delegado em Calçado e o de um soldado em Lagêdo.

Na estação da Great Western tambem se verificou, em fins de Dezembro, terrivel scena de sangue, matando-se friamente o popular Antonio Pereira Vianna que aguardava a chegada do trem de Garanhuns. A este ultimo facto prenderam-se, de algum modo, questões politicas.

Foi a epocha de maior attribuição para a familia canhotinhense, que se viu sem garantias, só á mercê das vinganças pessoas, a todo o momento effectivadas.

Continuando essa situação, em 1915 foi ella profundamente aggravada pelos odios politicos em effervescencia.

Em 20 de Novembro, por exemplo, um barbaro crime fôra praticado, envolvendo-se nelle, não só praças da policia estadoal, como ainda, pessoas de destaque no Municipio, inclusive autoridades civis.

Matára-se covarde e friamente um cidadão illustre e commerciante abastado, residente no povoado de Lagêdo, sendo igualmente morto, na mesma occasião, um seu filho de nome Deocleciano Pereira Torres Gallindo.

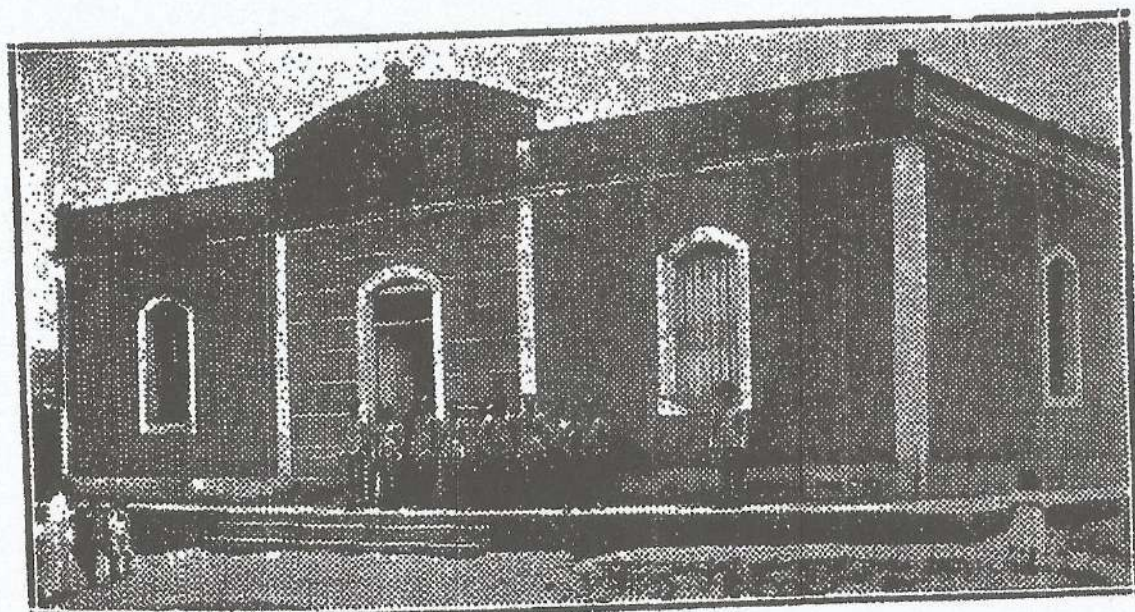
Chamava-se a victima Claudino Pereira Torres Gallindo, era coronel da Guarda Nacional e politico de influencia na terra, tendo sido algumas vezes referenciado no desenvolvimento do presente historico.

Não desejavaos pormenorizar esse tragico e horrivel acontecimento, cuja reminiscencia é um luto eterno para a alma deste bom povo, muitas vezes infeliz na orientação dos seus administradores. A justiça delle se occupou, punindo severamente os seus autores, ainda hoje encarcerados e consequentemente segregados do convívio dos homens de bem.

Aggravado esse monstruoso crime por circumstancias politicas, que averbaram de suspeitos os magistrados



CANHOTINHO — Vista da rua do Comercio em dia de feira.



CADEIA PUBLICA

terra, viu-se o Governo do Estado na contingencia de, nos termos do Art. 122 da Constituição e por acto de 16 de Dezembro do mesmo anno, designar uma commissão para apural-o, recahindo a sua escolha nos Drs. Armando de Albuquerque Pereira de Oliveira, Juiz de Direito de S. Bento e Roderick Villarim de Vasconcelos, Promotor Publico de Gravatá. Essa commissão chegou em Canhotinho a 3 de Janeiro de 1916 e no mesmo anno instaurava o inquerito policial, que a 14 de Fevereiro do mesmo anno, serviu de base á denuncia offerecida pelo Dr. Villarim contra o Cap. Felix de Cantalice Vilanova e Mello, até então Delegado de Policia do Municipio. Miguel Callado Borba, João José dos Santos Soares, Antonio Lopes da Silva, vulgo Quatro Quinas, Antonio Martins da Silva, por alcunha Torrão de Gôgo, Antonio Alves Feitoza e Damazio Pedrosa do Nascimento. Recebida essa denuncia e formada a culpa contra todos os indiciados, foram estes, a 26 do mesmo mez de Fevereiro, pronunciados, tendo o processo seguido, em curso necessario, para o Superior Tribunal de Justiça, onde permaneceu até ser confirmada a sentença do Juiz em commissão.

Para completar esta informação, digamos que em 14 de Agosto de 1917, em audiencia especial presidida pelo Dr. Luiz Correia de Oliveira, então Juiz de Direito da Comarca, foram tres dos citados réos, julgados neste Municipio, proferindo o mesmo Dr. Luiz Correia, em 18 de Setembro, sentença condemnando a Antonio Lopes da Silva e Antonio Martins da Silva no grão maximo do Art. 294 § I do Cod. Penal, absolvendo, porém, a Miguel Callado Borba, como isento de responsabilidade.

Esta decisão foi mantida pelo Tribunal da Relação. Logo que tal crime se consummou, quasi toda imprensa, delle circumstanciadamente se occupou, produzindo o professor Jorge de Souza, aqui domiciliado, a respeito, uma serie de artigos, tambem historiando-o em seus pequenos detalhes.

Em 1916 Canhotinho não foi menos desditoso. Uma trombe de mais graves consequencias ainda surpreendeu a sua população, roubando, dessa vez, a vida de muitos conceituados cidadãos, moradores nesta cidade.

O facto occorreu, no dia 26 de Fevereiro, eram seguramente 18 e meia horas, já completamente noite. Um grupo de tres homens, tendo á frente Olivio Torres Galindo, conhecido por Tetéo, assaltou a casa commercial do Cel. Joaquim Henrique de Almeida assassinando-o e tambem a Oswaldo de Almeida, seu irmão, afóra ferimentos que foram produzidos na pessoa de Antonio Morrel, Tabellião publico, que veio a fallecer no dia seguinte.

Cauhotinho, até então scenario de crimes verdadeiramente sensacionaes, jamais tinha presenciado hecatombe equal. Logo que esta foi consummada, todo o commercio fechou as suas portas, estabelecendo-se, pelas ruas, horrivel confusão. O clamor das familias em desespero, echoava longe. Foi uma noite de panico e de horror indescriptiveis, contam-no todos os que testemunharam o assalto.

Tombados por terra tres chefes de familia, tres viúvas gritavam allucinadamente no desespero da dor e vinte e um orphans pranteávam a ausencia dos seus queridos paes.

Mais um fructo da maldita politica, de seios fartos e seductores de homens incautos, desses que ainda se deixam levar pelo seu riso mephistophelico, pelos seus requiebros de Messalina. Politica maldita, mil vezes maldita, que a tudo prostitue, lançando nas chammas crepitante do odio, da vingança e do assassinato, creanças, moços e velhos. Maldita sejas, Circe infamante.

Essa ultima tragedia foi, todos sabem, consequencia de vinganças pessoais. Assassinado o Cel. Capitú, toda a sua familia julgou ao seu arbitrio, ser o maior responsável o Cel. Joaquim de Almeida, politico adversario. De nada lhe servira a acção rigorosa da Justiça punindo severamente, naquelle mesmo dia, os legitimos autores do assassinato. A vindicta operou-se cruel e barbara contra o mesmo Almeida e mais cruel ainda ceifando a vida de dois outros cidadãos.

Em referencia a esse acontecimento, ainda procedeu o Governador do Estado, então o Dr. Manoel Antonio Pereira Borba, com justiça, enviando para este Municipio um Juiz em Commissão o Dr. Olympio Bonald

da Cunha Pedrosa, Juiz de Direito da Comarca de Barreiros, o qual aqui chegou em companhia do Dr. Abelardo Moreira de Oliveira Lima, Promotor do Cabo, em 17 de Março do referido anno de 1916. Em 12 de Abril ainda do mesmo anno, deu este Juiz despacho final no processo que instaurou a respeito, pronunciando, como autores dos alludidos assassinatos, a Olivio Pereira Torres Gallindo e a Moysés Ignacio da Silva, conhecido por Moysés Mãosinha, nas penas do Art. 294 § .1.º do Cod.

Em Jury que funcionou a 24 de Abri de 1919, sob a presidencia do Dr. Luiz Correia de Oliveira, foi o primeiro dos réos, Olivio, julgado, sendo absolvido por unanimidade de votos. Serviu na sessão, que foi solemnis-sima, como seu advogado, o Dr. Eurico de Castro Chaves, Deputado Estadual, e como Promotor Publico o Dr. Hermogenes Cavalcanti de Albuquerque.

Mandado a novo jury pelo Tribunal da Relação, sob fundamento de ter sido essa decisão contraria ás provas dos autos, teve Olivio Pereira Torres Gallindo, que se submeter a um segundo julgamento, que se realizou em sessão do Tribunal, de 21 de Setembro de 1920, sob a presidencia do Dr. João Baptista de Almeida, servindo como Promotor ainda o Dr. Hermogenes Cavalcanti de Albuquerque, como advogado do acusado o Dr. Renato Phaelante da Camara e Escrivão Francisco Roberto de Mattos.

Como da primeira vez, foi o réo unanimemente absolvido.

Presentemente, acha-se o processo no cartorio do Escrivão João Leão de Oliveira Leda, com decisão da Relação mandando Olivio a um terceiro julgamento.

No correr do anno de 1916 e após a serie de angustias por que passou a população, viu-se Canhotinho doado de um grande melhoramento. Com a lei N.º 1316 de 10 de Junho restaurou-se a sua Comarca. Foi o senador Manoel Antonio Pereira Borba, como Governador, que assim o beneficiou.

Em consequencia desse acto, chegou a 22 do mesmo mez nesta cidade o Juiz de Direito nomeado Dr. Luiz Correia de Oliveira, juntamente com o Promotor Dr. Hermogenes Cavalcanti de Albuquerque Lins,

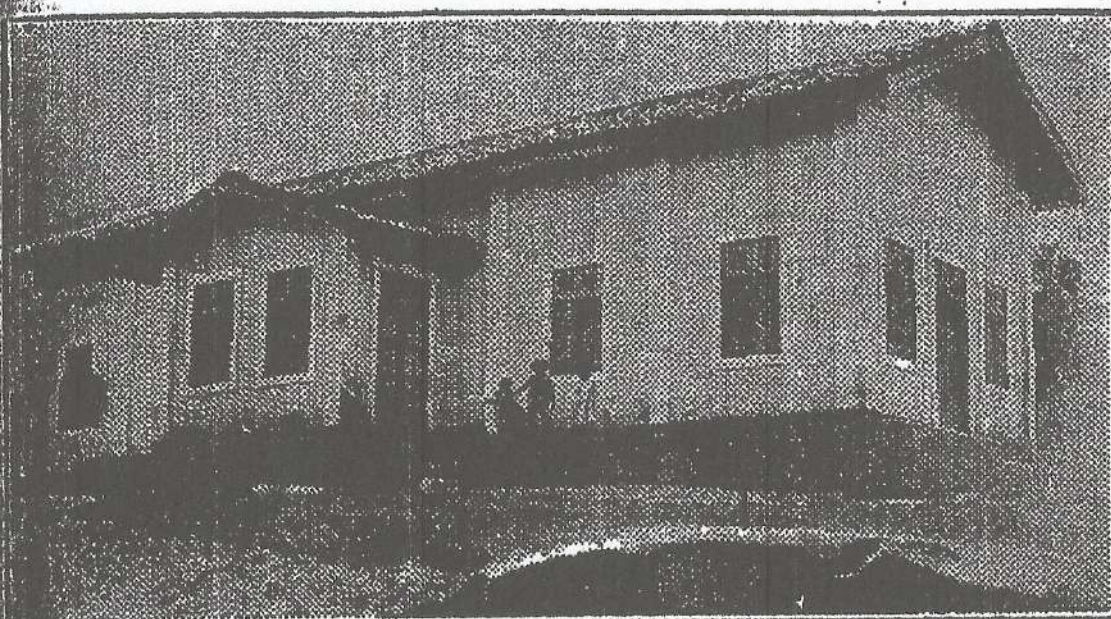
Além de Juiz foi confiada áquelle bacharel a missão de chefe politico do Municipio. D'ahi até muito alem Canhotinho atravessou uma phase de tranquillidade reparadôra. Todos os seus elementos politicos, cansados de tanta lucta, congregaram-se em torno do novo dirigente, com excepção unica do Major Joaquim Victalino de Mello, sectario da politica *dantista*.

Nessa situação novos poderes se elegeram e se empossaram a 15 de Novembro, passando o Municipio a ser governado pelo cidadão João Francisco da Motta, como Prefeito, constituindo o Concelho: Jacyntho de Medeiros da Camara Tamarindo, Manoel Tenorio Cavalcanti, José Ferreira Leite, Tiburtino Vicente da Costa, Ranael Da Conti, João Mauricio da Rocha, Antonio Hilario da Silva, Candido Alexandre da Silva e Ignacio Pães de Azevedo.

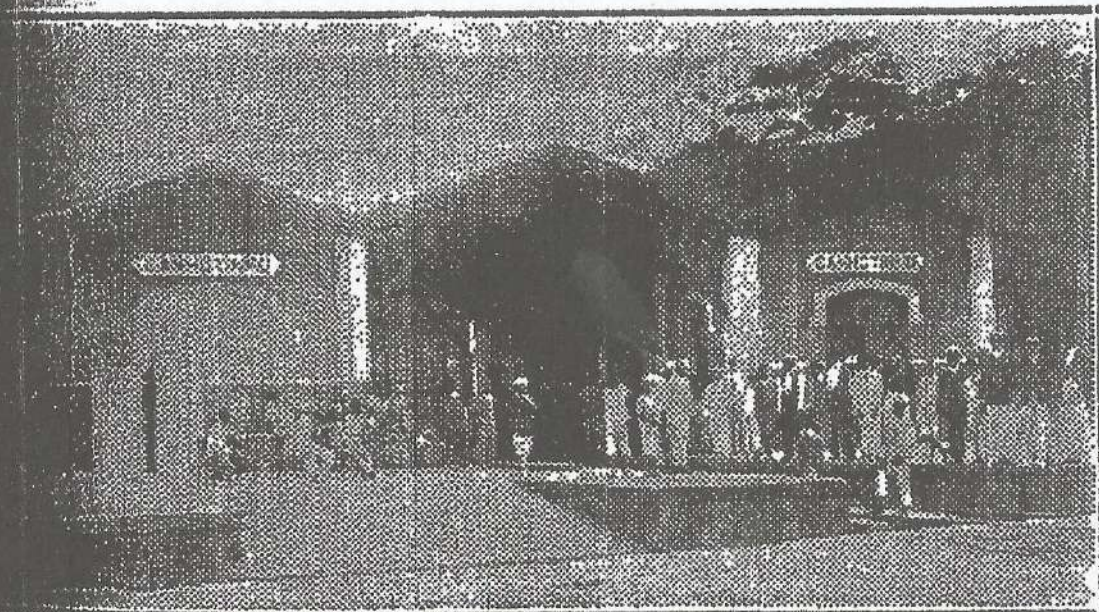
Foi demasiado curto o periodo governamental do Cel. João Francisco da Motta. Muito embora dotado de idéas progressistas, sempre acalentando no espirito aspirações avantajadas para a terra em que viveu e que tanto amou, pouco conseguiu fazer, esse honrado administrador, em proveito material do Municipio, pois a morte traiçoeiramente o arrebatou em principio do anno immediato á sua posse.

Canhotinho não tem e nem podia ter, esquecido a memoria desse grande homem, só vencido pelo golpe certo da morte. O que elle fez por occasião da terrivel epidemia que aqui irrompeu no começo do anno de 1917, exclusivamente em beneficio da população desprotegida da sorte, é mais que bastante para ser o seu nome eternamente lembrado e venerado pelos filhos desta terra.

João Francisco da Motta, com o seu excesso de dedicação e amor á causa publica, foi para cada habitante de Canhotinho, mais que um bememerito porque revelou-se o seu proprio salvador, num momento em que todos se sentiam á beira do tumulo, ameaçados pelo terrivel mal, que se desencadeou furiosamente no coração da cidade. Mais que um bemfeitor, foi esse Prefeito um temerario. Os doentes de então, milagrosamente salvos, quando as sepulturas se enchiam de victimas ar-



Grupo Escolar — DO ESTADO



Estação da Great Western — CANHOTINHO

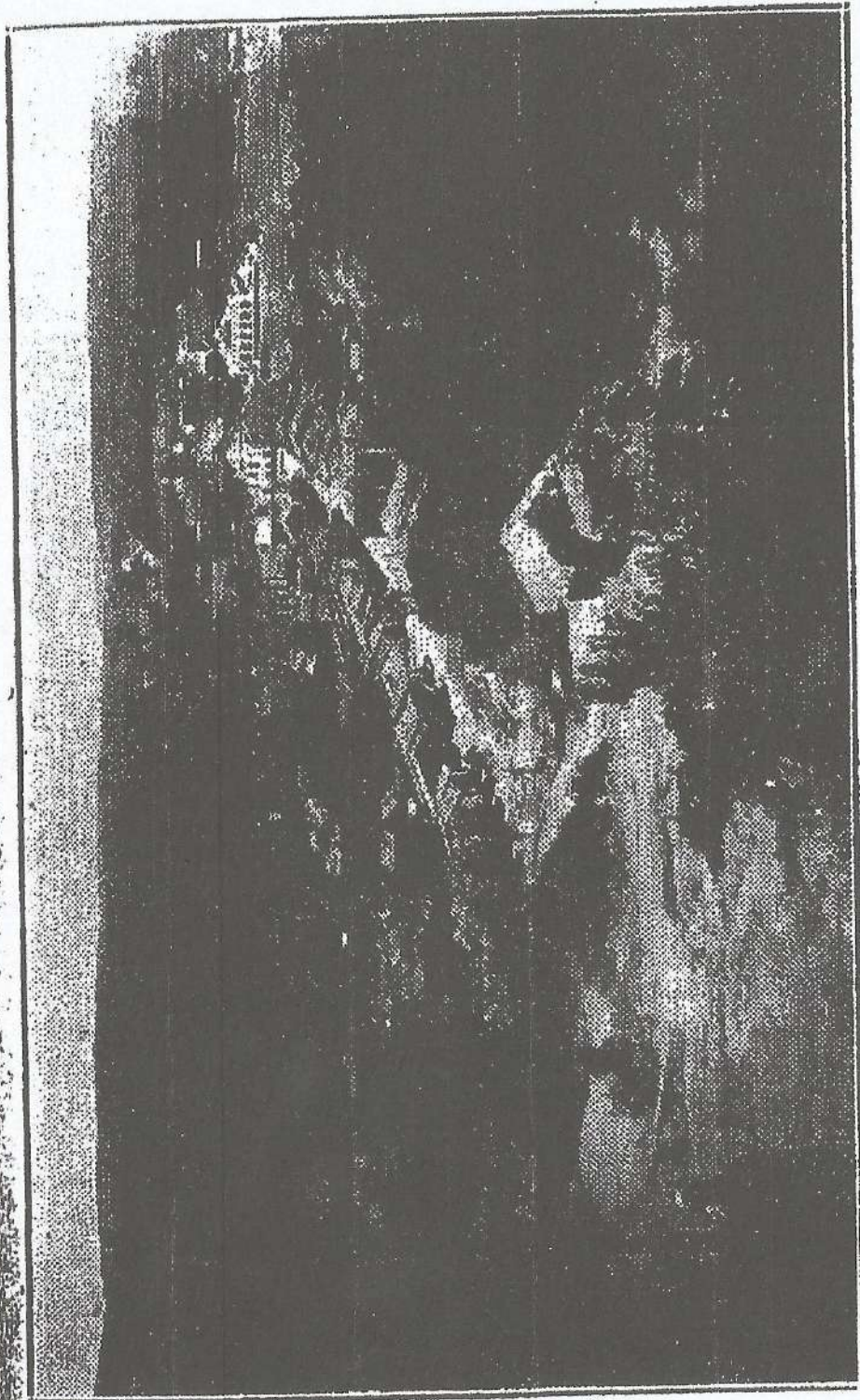
rebatadas sem piedade pela epidemia, que falem e digam da sua acção, já como simples cidadão, já como consciênte administrador. Nós que traçamos a historia de Canhotinho e que fomos testemunhas visuaes da abnegação e do altruismo desse pranteado morto, sentindo-nos felizes, extremamente felizes, em recordar tudo o que elle fez de util em pról da humanidade soffredora.

Neste pedaço de nossa historia não mais nos limitamos a reproduzir o que nos dizem, mas affirmamos, de sciencia própria, que João Francisco da Motta foi um heróe, um abnegado, um exemplo vivo da mais pura e sincera dedicação, na phase mais angustiosa por que passou o Municipio de Canhotinho no começo desse anno de 1917. Destimido e leal protector dos desvalidos, com elles privando no leito da morte, sem temor ao contagio do terrivel mal, que a todos ceifava em poucas horas, o sandoso Prefeito, soube ser para os seus mais humildes jurisdicionados mais que um amigo porque foi um pae amoroso e desvellado.

O Cel. João Francisco da Motta falleceu a 25 de Março do referido anno de 1917 vietima da epidemia, que elle tão caridosamente enfrentou para soccorrer os desvalidos. O seu corpo acha-se sepultado na Capella do Engenho Crauatá, de sua propriedade. Com o seu fallecimento deixou viuva e filhos, sendo aquella D. Amelia dos Santos Motta, e estes Euclides dos Santos Motta e Luiz dos Santos Motta, chefes da firma Motta & Irmãos, Alfredo dos Santos Motta, Henrique dos Santos Motta, Alzira dos Santos Motta e Cecilia dos Santos Motta.

Como homenagem ao pranteado morto, estampamos hoje nas paginas deste livro, o seu retrato, para que tenham sempre os filhos de Canhotinho, na memoria, a imagem de sua individualidade.

Por iniciativa do Dr. Luiz Correia, ainda com vida do Cel. João Francisco da Motta, foi organizada, em fins de 1916, uma companhia de acções para a illuminação eléctrica da Cidade. Victoriosa a idéa, pouco a pouco foi se tornando a mesma em realidade até que em 1917 Canhotinho resplandecia ao clarão da luz nova. Sob os auspícios do mesmo Prefeito a 12 de Janeiro desse anno



Panorama da cidade de Canhotinho apanhado no anno do Centenario

outro melhoramento se iniciou de grande vantagem para o Município; nesse dia, um engenheiro traçara o logar da ponte sobre o rio Canhoto, eterno melhoramento das plataformas dos dirigentes anteriores. Essa obra só veio a ser concluída no governo futuro do Sr. Manoel Vidal dos Santos, empossado a 26 de Março na qualidade de substituto legal.

Na administração deste cidadão Canhotinho muito progrediu. Como já referimos, concluiu-se a obra da ponte, e mais, iniciou-se a construção do Paço Municipal; construiu-se a Cadeia Publica, augmentou-se o calçamento das ruas, e sob a direcção de um pratico allemão fez-se uma enorme caçimba de cuja agua faz uso a população pobre desta cidade.

Foi em meiado desse anno assim promissor que falleo o pharmaceutico Henrique dos Santos, a quem temos feito referencias citando factos do "Diario" incabedal para a elaboração deste historico.

Atravessado todo o periodo governamental do Sr. Manoel Vidal, realizou-se a 10 de Julho de 1919 nova eleição municipal sendo eleitos respectivamente os cidadãos abaixo apontados:

Prefeito:

Samuel Correia de Menezes Lyra;

Sub-Prefeito:

Ignacio Paes de Azevedo;

Concelheiros:

João Mauricio da Rocha.

Cassiano Marques da Silva.

José Ferreira Leite.

Manoel Tenorio Cavalcanti.

Cicero da Matta,

Luiz Rodrigues de Mello Cavalcanti,

Antonio Hilario da Silva.

Tiburtino Vicente da Costa.

Claudino Correia de Mello.

Empossado este ultimo governo a 15 de Novembro

do mesmo anno, foi por elle terminada a construcção do Paço Municipal, e tambem augmentado o calçamento da Cidade.

Em Dezembro, assumindo a administração do Estado o Dr. José Rufino Bezerra Cavalcanti, retirou-se desta Comarca para servir como Chefe de Policia o Dr. Luiz Correia de Oliveira, ficando no juizado de direito, interinamenté, o Dr. Baptista de Almeida, cargo que occupou até 1922.

Embora chefe da Segurança Publica o Dr. Luiz Correia continuou na direcção politica deste Municipio.

Durante os annos de 1920 e 1921 nenhum acontecimento digno de nota occoreu.

Em Junho de 1922, voltou a exercer as funcções de Juiz de Direito desta Comarca o Dr. Luiz Correia passando o cargo de Juiz Municipal a ser occupado novamente pelo Dr. Baptista de Almeida.

A 6 de Julho empossou-se no cargo de Juiz de Direito, o Dr. José Vieira Rabello, em substituição ao Dr. Luiz Correia de Oliveira, que passou a ser Juiz da Capital.

Dois outros acontecimentos mais importantes occorreram durante este anno. O primeiro foi uma assembléa politica que se realizou no dia 7 de Agosto no edificio do Cinema Popular e na qual tratou da escolha dos novos dirigentes do Municipio para a eleição de 9 de Setembro, assembléa essa promovida pelos dissidentes á politica do Dr. Luiz Correia. Segundo se resolvera nessa reunião que foi solemne e á qual compareceram cento e muitos eleitores, a chapa a ser eleita nas ditas eleições ficou assim organizada: Prefeito: Cel. João Mauricio da Rocha; Sub-Prefeito: Luiz dos Santos Motta; Concelheiros: Guilherme de Hollanda Magalhães, João Miranda de Siqueira, Eugenio Tavares de Miranda, José Mathias da Rocha, José Alexandre da Silva e outros.

Bem pareceu nessa epocha que novas luctas se iam travar no Municipio em torno da politica local. Emquanto a Dissidencia assim procedia, depois de se tornarem improficuas todas as negociações em pról de uma conciliação entre as facções, o Dr. Luiz Correia juntamente com os seus amigos fazia outros candidatos ao

supremo cargo municipal. Nesse estado de cousas apparelhavam-se as duas correntes para o pleito, que seria na realidade renhido, si a 18 de Agosto, no Recife, uma forma de conciliação não fosse por todos adoptada, perante pessoas autorizadas do Partido dominante do Estado. Desse entendimento, que foi colectivo entre os proceres das correntes divergentes, ficou assente serem retiradas as candidaturas de combate para se negociarem com a audiencia dos politicos mais influentes do Municipio, outras cuja forma de apresentação melhor consultasse o espirito republicano da politica nacional. De taes negociações resultou a seguinte chapa: Prefeito: Ignacio Paes de Azevedo; Sub-Prefeito: João Mauricio da Rocha; Concelheiros: Guilherme de Hollanda Magalhães, José Mathias da Rocha, Eugenio Tavares de Miranda, José Alexandre da Silva, José Ferreira Leite, Claudino Correia de Mello, Cicero da Matta Oliveira, Luiz Rodrigues de Mello Cavalcanti e Joaquim Victalino de Mello.

A 9 de Setembro, após a celebração das pomposas festas do Centenario da Independencia, verificaram-se, em todo o Municipio, as ditas eleições, sahindo dellas eleita a chapa convencionada.

O segundo acontecimento digno de menção foi a chegada nesta cidade do Revmo. Padre Moysés Ferreira, vindo da Diocese do Rio Grande do Norte. Homem superior, de aprimorado talento, de profunda erudição e sobretudo orador fluente e imaginoso, Padre Moysés, em aqui chegando logo dias depois mostrava ao povo de Canhotinho a grandeza de suas aspirações e o patriotismo de sua alma de brasileiro extremado. Foi assim que em pouco tempo esse pastor incansavel poz em pratica o seu programma de beneficios a esta terra, já incentivando o ensino publico com a criação de escolas nocturnas para os infelizes da sorte, inclusive a do Commercio, para a classe caxeiral, já pregando dentro da ordem e do respeito a doutrina de que é digno evangelizador. Como brasileiro e grande patriota foi o Revmo. Padre Moysés um dos elementos que mais concorreram para o brilhantismo das festas civicas de 7 de Setembro realizadas neste Municipio em homenagem á Patria.

Descrição geographica de Canhotinho

POSIÇÃO ASTRONOMICA

Fica o Municipio de Canhotinho a $8^{\circ} 52' e 48''$ de Lat. S., e a $36^{\circ} 6' e 20''$ de Long. Occ. pelo Mer. de Greenwich.

EXTENÇÃO TERRITORIAL

A extenção do Municipio é, approximadamente, de 84 kilometros de N. a S. e de 42 de L. a O.

LIMITES

Confina ao N. com o Municipio de S. Bento; ao S. com o Estado de Alagôas; a L. com o Municipio de Quipapá e a O. com os de Garanhuns e Correntes.

ASPECTO GERAL

O seu sólo é arenoso na zona do agreste, onde se acham os districtos de Jupy e Lagedo; pedregoso em toda a zona comprehendida pela caatinga; argiloso na zona leste. E' bastante accidentado, possuindo montes, outeiros, valles, planicies, brejos ribeiros, etc.

CLIMA E SALUBRIDADE

O clima de Canhotinho é muito salubre e variavel. No inverno temperado e no verão bastante quente. Ha quem o affirme melhor do que o de Garanhuns, pois não vne á intensidade do frio. No verão, ás vezes, o calor é intenso, amenizado, porém, pela viração que sopra de L. a O.

DIVISÃO

Judiciariamente está o Municipio dividido em 7 districtos, assim distribuidos: 1.º Cidade; 2.º Glycerio ou *Paquevira*; 3.º Tipy; 4.º Calçado; 5.º Lagedo; 6.º Jupy; 7.º Palmeira. Ecclesiasticamente tem duas freguezias: a de Canhotinho propriamente dita e a de Palmeira, ambas sob a jurisdicção da Diocese de Garanhuns.

POPULAÇÃO

A sua população, segundo o ultimo recenseamento feito em 1920, é de 54.251 habitantes.

OROGRAPHIA

As serras principaes do Municipio são: a do *Jupy* ao N.; a da *Paquevira* a L.; a da *Palmeira* ao S. dividindo-o com o estado de Alagoas; a *Verde* ao N. e outras menos importantes.

HYDROGRAPHIA

O rio principal do Municipio é o *Canhoto*, que corre de N. a S. cortando a cidade. Aforá este ha os riachos *Inhumas* que nasce para os lados de Palmeira e se derrama no rio *Canhoto*; o *Agulhão*, para os lados de Glycerio; o das *Moças*, o *Agua Vermelha*, o *Timbó*, todos affluentes do rio *Canhoto*, o *Canna Brava*, no *Tipy* e o *Perry-Pery* no *Jupy*.

Há no Município fartos mananciaes, sendo os principaes os da *Junça* e da *Gitirana* de onde se servem os habitantes da cidade para a sua bebida. Em Glycerio a agua potavel é abundante e de excellenté qualidade.

Por iniciativa dos poderes publicos fez-se ultimamente na cidade, em beneficio da pobreza um cacimbão com perfuração do sólo. A este grande melhoramento deu o povo o nome de *Cacimba da Allemão*, por ter sido um subdito da Allemanha que delle se occupou, isto no periodo da grande guerra européa.

Em Jupy o povo se abastece da agua do *Pery-Pery*; em Calçado da do rio *Chata* e em Lagedo de calderões e poços artesianos.

TOPOGRAPHIA

O Município de Canhotinho possui em seu territorio, uma cidade (Canhotinho) tres villas (Glycerio, Lagedo e Palmeira) cinco povoados (Calçado, Jupy, Tipy, Olho d'Agua das Pombas e Olho d'Agua de Dentro).

A cidade de Canhotinho tem varias ruas, sendo principaes, as seguintes: *Pateo do Commercio*, *Lagôa Secca*, *Alto da Parazita*, *Conceição*, *Estação*, *Cadeia Velha*, *Viola*, *Uruguayanna*, *Collegio*, *Catende*, *Paravana*, *Bumba*, *Engolle Homem*, *Palha*, *Campo do Sol*, não existindo nenhuma praça nem jardim.

O nucleo principal acha-se em uma grande depressão de terra cujo sólo é como que um lastro de calháus; dahi a razão de se dizer que onde é hoje o meio da rua do Commercio era antigamente o leito de um rio. A maior parte das ruas restantes acha-se nas bordas desta enorme bacia.

Ha na cidade cerca de 2.000 habitações e 2 templos religiosos. Os edificios principaes são: a Igreja Catholica, o Templo Evangelico, o Paço Municipal, o Collegio Estadual ou Grupo Escolar, a Cadeia Publica, a Estação da Great Western, a Casa de Saude, o sobrado do Sr. João Mauricio da Rocha, o de Alfredo de Freitas, o de Motta & Irmãos, o Hotel Borba, a casa commercial de Jorge Barretto, a de Manoel Vidal dos Santos, a de João

Vidal, a de Fernando Barretto, a loja Paulista, as casas de residencias de Luiz dos Santos Motta, de João Vidal dos Santos, de Caetano Vidal, de Joaquim Victalino, de Cicero da Matta.

VIAS DE COMUNICAÇÃO

O Municipio de Canhotinho tem communicação com a Capital do Estado e com as cidades de Garanhuns, Quipapá, Palmares, Gamelleira, Escada e Cabo, pela estrada de ferro da Great Western, e com os varios povoados e as villas de outros Municipios por meio de estradas de rodagens, sendo a principal a que vae da cidade ao Municipio de S. Bento passando pelo districto de Lagêdo.

REINOS DA NATUREZA

Reino mineral — A respeito desse reino diz o Dr. J. M. da Silva Coutinho em sua obra *Estudos definitivos da E. F. de Una á Bôa Vista*: “De Canhotinho á rampa do planalto de Garanhuns ainda se encontra o *gneiss*, porém já muito empobrecido pelo feldspatho e mica ferruginosa. Dahi vem a abundancia de arêa no sólo vegetal, a mudança da vegetação e a falta d’aguas correntes no verão. E’ o começo da zona agreste.” (Diccionario Chorographico, Historico e Estatistico de Pernambuco, pag. 153, vol. 1.º.)

Encontram-se no territorio de Canhotinho: a argilla de varias cores, da qual lançam mão as olarias; diversas qualidades de arêa; pedras calcareas e fontes de agua ferruginosa. Em Glycerio, em plena rua, ha na superficie da terra grande quantidade de ferro, que, segundo opiniões abalizadas, é de excellente qualidade.

Reino vegetal — O Municipio é rico em fructas, taes como: abacaxi, laranja, banana, goiaba, tangerina, cajú, jaca, melancia, mamão, jaboticaba, figo, pitomba, lima, limão e muitas outras. Em tuberculos, produzindo bastante o aipim (macaxeira), a mandioca, o cará, a batata doce, a batata do reino, a taioba, etc.. Em cereaes, como: feijão, milho, fava, café, etc.. Todo o seu ter-

terreno presta-se perfeitamente para todas as leguminosas. É fértil em verduras, taes como: o maxixe, o quiabo, o couentro, a cebôla, o tomate, a couve em todas as suas variedades, a mustarda, o xuxú, a pimenta, o gerimum.

Com a derrubada inclemente das mattas, Canhotinho muito tem empobrecido nas suas madeiras de construcção. Só um quinto, se muito, do seu terreno está coberto de mattas. Ha capoeirões, capoeiras, e muitas terras descobertas. Encontram-se entretanto, em madeiras de construcções: o páo d'arco, o amarello, a sincipira, a aroeira, a barauna e outras.

Em plantas medicinaes dá o Municipio a ipecacuanha, o velame, o sasafraz, a gindiroba, a pindahiba, o pega-pinto, a cabeça de negro, a batata de purga, etc..

Reino animal — De mamiferos existem: o cavallo, o boi, a cabra, o carneiro, o veado, o porco, o tamanduá, o tatu, a cutia, e muitos outros proprios da fauna brasileira. De aves, encontram-se: alem das domesticas grande variedade de passaros admiraveis pelo canto e pela viveza da cor de suas pennas. Entre os reptis ha: a cascavel, a jaracussu a coral, a jararaca e suas especies, a papa-ova, a caninana, a salamandra, a cobra de veado e outras muitas cobras venenosas. Em peixes são abundantes os seus riachos, encontrando-se nelles: a traíra, o carito, o jundiá, etc..

VIAÇÃO

Estradas — O Municipio é cortado de estradas, em sua maioria carroçaveis, que servem, como já dissemos, de communicação aos districtos e aos municipios vizinhos.

Correio—São 5 as agencias existentes no Municipio, a saber: a da Cidade, a cargo de D. Francisca de Mello; a de Palmeira, a cargo do Sr. Ozorio Paes de Barros; a de Glycerio, a cargo de D. Clotilde Vianna; a de Calçado a cargo de D. Maria Annunciada da Silva e a de Lagedo a cargo de D. Ignez Pacheco de Medeiros.

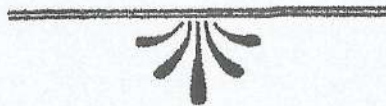
Telegrapho — A unica estação que ha é a da Great Western, prestando relevantes serviços á população.

INSTRUCCÃO

As escolas publicas devem ser estudadas de perto pelos poderes competentes, pois não obstante a reforma da instrucção, observa-se em Canhotinho, ainda o velho methodo de ensino, sendo raras as escolas em que se não adopte o estudo cantante. Em todas ellas é grande a falta de objectos escolares, desde os moveis até os livros didaeticos.

Em todos os districtos existem escolas municipaes, sendo que nos de Lagêdo e Glycerio ha, alem destas, escolas estadoaes.

E' de 18 o numero de escolas mantidas no Municipio: 4 estadoaes, 10 municipaes, 3 parochiaes e 1 do commercio. Attinge a 900, na média, o numero de alumnos que as frequentam.



Descrição especial dos districtos

JUPY

A historia de Jupy é quasi lendaria. A familia Mello, especialmente o Capitão Vespasiano José de Mello, conta-a da seguinte maneira:

— Foi o seu fundador, ha 300 e tantos annos, Antonio Vieira de Mello, desterrado pelo rei de Portugal. Chegado á Bahia, o então governador deportou-o para o interior. Conduzia Antonio Vieira consigo uma espingarda. Uma vez expulso e embrenhando-se nas mattas, sem roteiro, muito andou, assaltado de mil perigos, até que cahiu em uma *taba* de indios, no local onde hoje se acha a cidade, até bem pouco tempo chamada *Imperatriz* e presentemente *União*, no Estado de Alagôas. Os indios o cercaram e entre si conversaram. Nesse interim Antonio Vieira detonou a sua espingarda matando uma ave. Diante desse acontecimento nunca visto pelos indigenas, surprehenderam-se estes, tornando-se Antonio Vieira não só um detentor de suas sympathias mas um grande entre elles. Passaram-se os tempos e um bello dia o desterrado portuguez convidou os seus companheiros a fazerem uma aldeia junto a uma fonte de agua permanente. Em face desse convite o chefe da tribu informou então que a melhor fonte que conhecia era a do *Olho*

d'Agua do Py e para lá rumaram todos. Logo que ali chegaram construíram elles, os indios e Antonio Vieira, mucambos para moradias, vivendo todos, dahi por diante, na mais intima camaradagem. Um dia porém, entendeu Antonio Vieira de ir á Bahia e neste proposito pediu ao chefe da tribu que lhe cedesse dois indios de sua inteira confiança. Accedido o seu pedido, elle marchou para o destino desejado lá chegando são e salvo, juntamente com os companheiros. Na Bahia então foram os forasteiros recebidos com admiração pelo Governador, a quem Antonio Vieira expoz tudo o que havia feito, acabando por solicitar-lhe ferramentas e sementes para cultivar a terra. Satisfeito nesse pedido logo regressou Antonio Vieira ao *Olho d'Agua do Py* e ali chegando instruiu todos os indios seus camaradas no uso das ferramentas e no cultivo da terra. Em seguida, informando-se onde encontraria gado, veio a saber do chefe da tribu, que só o havia no Piahy, para onde, de accordo com o mesmo chefe, enviou quatro indios com as instrucções necessarias para os apanhar. Um anno se passou para afinal chegarem os quatro portadores trazendo 8 cabeças de gado, sendo 6 femeas, completamente domesticadas.

Conta-se mais d'esse mesmo Antonio Vieira que em uma das suas idas á Bahia cahindo prisioneiro de uma tribu e com ella luctando para salvar-se, fez elle uma promessa a Nossa Senhora dizendo que se Ella o livrasse da morte elle traria a sua imagem para o *Olho d'Agua do Py* e cingiria a sua fronte com uma corôa de ouro. São e salvo cumpriu então Antonio Vieira a sua promessa conduzindo a imagem, que ainda hoje é festejada no districto do Jupy. Quanto á corôa, que é de ouro massiço, ha bem pouco um amante de cousas historicas, offereceu por ella 2 contos de réis.

Terminado o tempo de sua deportação, voltou Antonio Vieira de Mello a Portugal, de onde trouxe para o Brazil tempos depois, a sua familia e o direito de posse da terra que cultivára.

Ha bem pouco tempo o Tenente Eduardo José de Mello, o varão centenario de quem fallamos na parte historica de Canhotinho, possuia os papeis onde estava tra-

gada a sesmaria doada pelo rei de Portugal a Antonio Vieira de Mello.

Eis em poucas palavras como se conta a origem de *Olho d'Agua do Py*, que as gerações successivas mudaram para o nome de Jupy.

De Antonio Vieira de Mello é bisneto o mesmo Tenente Eduardo e tambem o foi Francisco Ignacio de Paiva e Mello, dirigente politico do Jupy por muitos annos e avô de Francisco de Paiva Mello Junior chefe de Canhotinho a quem fizemos tambem referencias na alludida parte historica.

Como lembrança do seu ancestral, D. Constança de Paiva Netto conserva ainda hoje uma jarra feita pelos indios de então e presenteada a Antonio Vieira de Mello.

O Districto de Jupy fica a N. O. da Cidade de Canhotinho e distante 54 kilometros. Divide-se com Garanhuns, S Bento e com os districtos de Lagedo e Calgado.

Não nos foi possivel saber em que anno se constituiu districto.

Já pertenceu a Garanhuns e foi annexado a Canhotinho quando este se fez Municipio autonomo.

No ultimo recenseamento attestou uma população de 6.441 habitantes.

Contam-se no povoado 50 e tantas casas comprehendendo 8 estabelecimentos commerciaes.

Possue uma Escola Publica Municipal.

Zona productora de milho, feijão, fava, mandioca, especializando-se em fumo e abacaxi, que exporta em grande quantidade. O seu algodão não é de boa qualidade.

A's sextas feiras realiza as suas feiras, que são regularmente concorridas.

Jupy é tambem zona creadora.

GLYCERIO

Situado á margem da Great Western, cuja estação serve de baldeação ao ramal de Garanhuns, está Glycerio a L. da séde do Municipio, da qual dista 13 kilometros.

Foram seus fundadores João Pereira de Gouveia, Manoel e Antonio da Silva Romeu.

Foi creado districto policial em 1891 e judiciario quando se fez autónomo o Municipio.

Possue cerca de 500 casas afóra os mucambos. Dentro os principaes predios destacam-se: as residencias do Dr. Embirussú, Engenheiro da Estrada, familia Pedro Pugliesi, João Prado, José Vianna, Antonio Pugliesi, João Pugliesi, Luiza Siqueira; a fabrica de bebidas de João Miranda & Cia.; a estação da Great Western, o templo catholico, construido a pouco tempo.

Tem uma escola Estadual e outra Municipal.

A Villa de Glycerio está situada em dois locaes: na encosta de um outeiro, onde estão os melhores edificios, com varias ruas, entre ellas a do Commercio, onde se realizam aos domingos as suas feiras, e na planicie onde está situado o Bairro da Lama e construida a Fabrica de Bebidas.

Limita-se o districto com o Municipio de Quipapá, com o Estado de Alagoas e o districto da Séde.

Entre as varias casas commerciaes que possui Glycerio, contam-se: as dos Srs. João Pugliesi, José Pugliesi e Antonio Pugliesi.

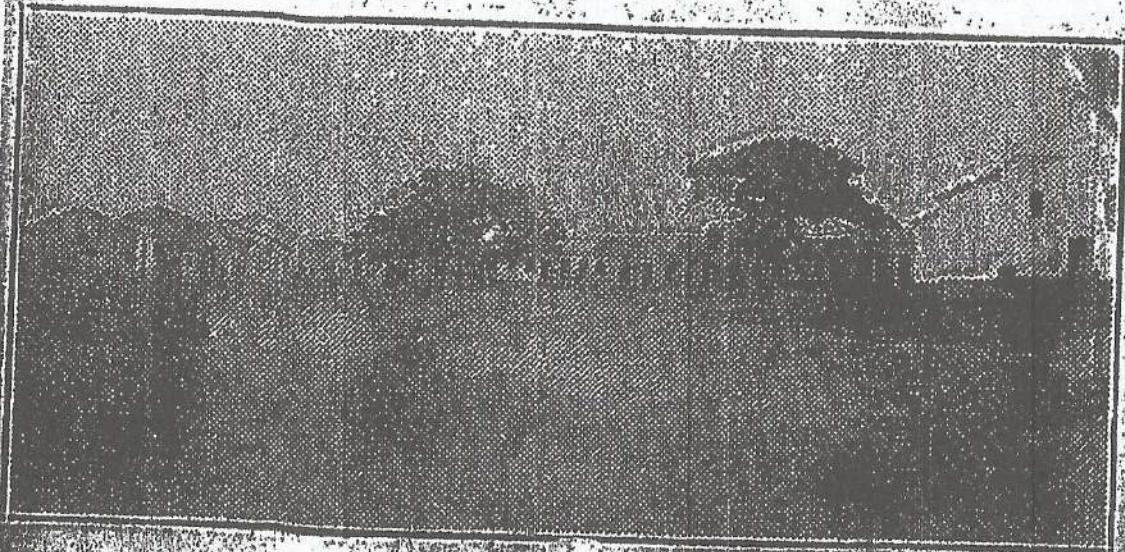
Glycerio é afamado pela excellente agua potavel de suas fontes permanentes.

E' zona fertilissima produzindo todos os cereaes e legumes, com especialidade a canna de assucar. Dentro dos seus limites existem varios engenhos.

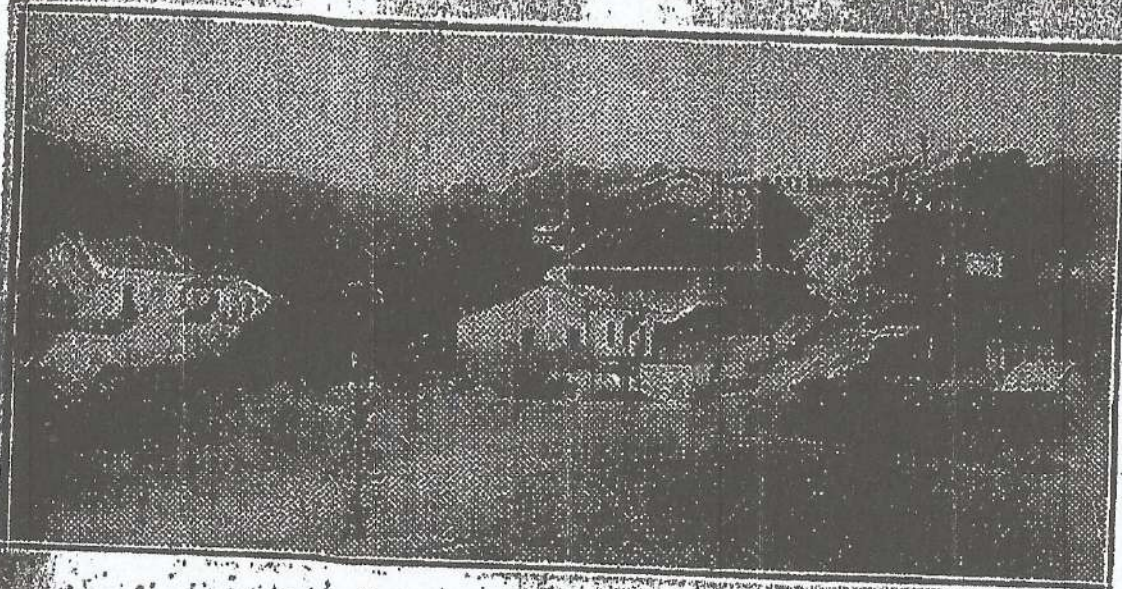
Ponto inicial do ramal de Garanhuns, tem o Districto de Glycerio a sua vida bastante alegre pelo constante movimento de trens que ali cruzam diariamente.

O seu clima é agradabilissimo.

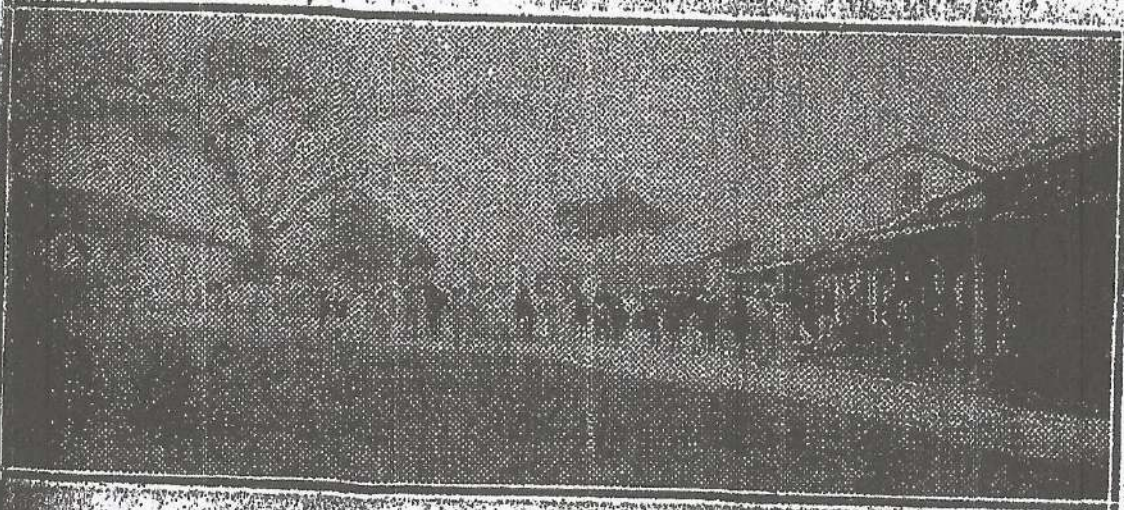
Socialmente falando teve até algum tempo a sua vida estacionaria; ultimamente, porém, um vento progressista soprou em seus ambitos e hoje vae elle marchando



POVOADO DE JUPY



VILLA DE GLYCERIO



POVOADO DE TIPY

admiravelmente, já possuindo bem organizada sociedade de foot-ball, melhoramento de vulto.

Illustram o historico deste Districto algumas photographias de sua povoação e outras das festas que realizou em commemoração do Centenario da Independencia.

TIPY

A situação deste Districto é ao S. da Cidade de Canhotinho e desta distante 16 kilometros.

Começou Tipy a ser povoado ha 35 annos passados, sendo os seus primeiros moradores José Quintino e Moysés Leite.

Elevado a districto judiciario por lei municipal ficou mais ou menos assim constituido: dividindo com o districto da Séde começa no kilometro 7 depois da cidade, segue pela estrada que vae ao sitio Junça com direcção á estrada de ferro até o Engenho Bello Prado e ponte Conceição; desce pela estrada que vae para Lage de Canhoto, Estado de Alagoas, até o Engenho Divisão e dahi margeia o rio denominado Areias, em direcção ao sul até encontrar a divisão com o Estado de Alagoas e dahi segue até o Engenho Inhumas; segue ainda pela estrada real que vae para Palmeira até o Engenho Agua Clara e dahi segue para o poente até encontrar a divisão do districto de Palmeira no lugar denominado Gammelleira, seguindo pela mesma estrada até encontrar a divisão de Sigismundo Gonçalves, municipio de Garanhuns, dahi segue ao norte até o lugar chamado Vacca Velha encontrando-se com o Districto da Séde segue pela estrada de Sigismundo Gonçalves até encontrar o ponto de partida.

Sua população é de 5.418 habitantes, segundo o ultimo recenseamento.

Tipy tem o seu terreno bastante accidentado porem de uma fertilidade prodigiosa, sendo um dos districtos mais ricos do Municipio.

Dentro do seu terreno estão 30 propriedades de valor, afóra innumerás pequeninas e 25 engenhos que fa-

bricam raspaduras com excepção de 3 que fazem o as-sucar.

E' o districto mais creador de Canhotinho e contem nos seus vastos cercados para mais de 3.000 cabeças de gado.

A sua agua é de excellente qualidade.

O povoado está engravado em cima de um outeiro e conta cerca de 70 casas.

Os seus melhores edificios são: a casa commercial dos senhores Manoel Tenorio Cavaleanti e Cicero da Matta Oliveira, o chalet dos herdeiros de Ulysses da Matta, a casa de residencia do Sr. Cicero da Matta e outras. Tem em construcção uma bonita Capella.

Tipy tem como proprietarios mais importantes, os seguintes: Feliciano A. Pereira de Lyra (Múcury); Herdeiros de João Francisco da Motta (Crauatá); Luiz Rodrigues de Mello Cavaleanti (Amapá); Caetano Cordeiro Manso (Bananeira); José Honorato da Silva (Tatu); Joaquim Santos da Figueira (Areia e Agua Fria); José Manoel Carianha (S. Miguel e Inhumas); Benigno Gomes (Santo Ignacio); Caetano Vidal dos Santos (Luz e Raiyosa); Herculano Leão de Oliveira (Bôa Vista); Joaquim Alves Camello (S. José); Pedro Alexandre (Camboim); João Martins de Andrade Mello (S. Antonio); José Pires Coelho (Laranjeira); Herdeiros de José Feijó (Serra Estourada); Manoel Tenorio Cavaleanti (Fortaleza); Esperidião Guilherme de Azevedo (Sabão); Manoel Andrade de Oliveira (Nacar); Samuel Correia de Menezes Lyra (Canadá); Vicente Lopes da Silva (Divisão); Antonio Ignacio da Silva (Laranjeira); João Alves Porto (Crauatá).

LAGEDO

O Districto de Lagedo está situado ao N. O. da Cidade de Canhotinho e distante 48 kilometros.

Limita-se com o Municipio de S. Bento, com o 1.º Districto e ainda com Calçado e Jupy.

Começou a ser povoado no anno de 1852 mais ou menos, sendo hoje a sua séde o povoado do mesmo nome, o qual fica enervado em um plano, possuindo cerca de 200 casas, entre ellas algumas salientes pelo seu feitiço e construcção. Possui tres ruas assim chamadas: do Commercio, Barão Cazuza e Travessa Canhotinho.

Agreste, quasi sertão, é Lagedo bõa zona creadora.

Produz e exporta em grande escala: milho, feijão, lãva, algodão e mandioca.

O seu terreno é proprio a todos os tuberculos.

Victima sempre de rixas politicas, tem tido Lagedo o seu desenvolvimentó entravado; todavia, possui casas de negocio com intenso movimento.

As suas feiras, que são bastante concorridas, são feitas ás quartas feiras.

Tem a Villa duas Escolas Publicas, sendo uma Estadual e outra Municipal.

Possue uma Igreja que está ecclesiasticamente jurisdictionada á freguezia de S. Bento.

A sua população é de 6.311 habitantes segundo o ultimo recenseamento.

Tem uma Agencia do Correio.

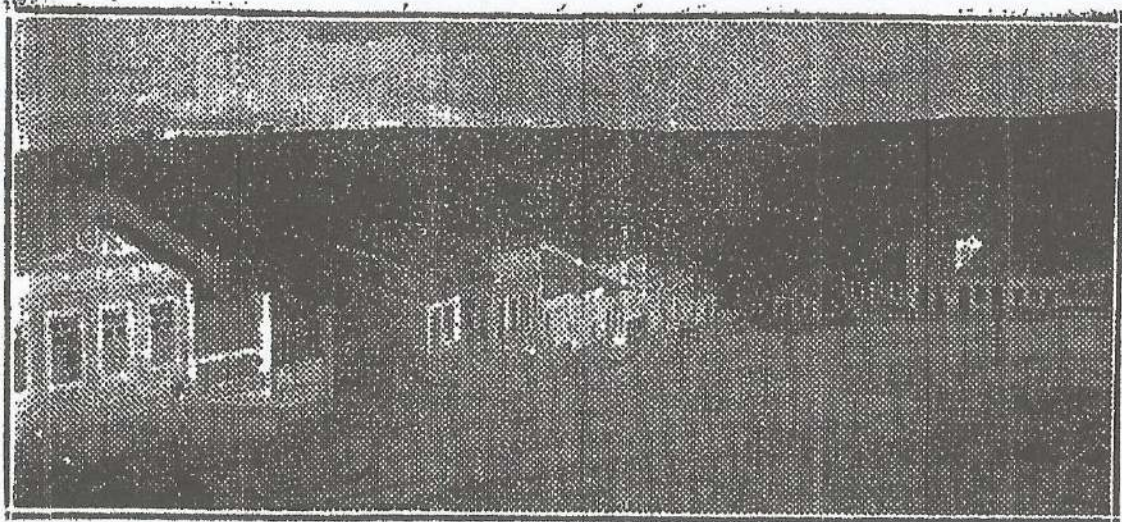
CALÇADO

Situado ao N. O. da Cidade de Canhotinho e distante 36 kilometros, limita-se Calçado com o 1.º Districto e com os de Lagedo, Jupy e o Municipio de Garanhuns.

Data o começo de sua povoação de 40 annos atraz e tem hoje como séde o povoado do mesmo nome, que se acha edificado em uma semi-encosta, declive de um outeiro. Tem cerca de 90 casas, destacando-se as residencias dos Srs. Candido Alexandre da Silva e José Alexandre da Silva, a commercial de Candido Alexandre & Cia. e a Fabrica de beneficiar algodão pertencente a estes mesmos senhores.

São as suas feiras realizadas aos domingos, com bõa frequencia.

E' districto policial desde 1891.



POVOADO DE CALÇADO



VILLA DE LAGEDO --(dia de feira)

Zona creadora e productora de milho, feijão, fava algodão. Calçado mantém intenso commercio de exportação de seus productos.

Ha no povoado uma Escola Publica Municipal sob a direcção da profesora D. Maria Cândida Xavier.

A sua população é de 5 a 6 mil habitantes.

E' em Calçado que se acha sepultado, em catacumba propria o Cel. Candido Ladislau de Azevedo, Deputado Provincial que foi e Chefe Politico de influencia.

PALMEIRA

Districto o mais rico e prospero do Municipio, a sua povoação é anterior a 1849, pois nesse anno foi creado o seu primeiro Juizado de Paz, cuja primeira audiencia se realizou a 21 de Fevereiro do mesmo anno, presidida pelo Cap. Antonio Pereira de Carvalho, pae do Dezembargador fallecido Materno Pereira de Carvalho e avô do Dr. João Paes de Carvalho Barros, actual Juiz de Direito da Comarca de Palmares.

Antes de ser constituido districto foi dirigido politicamente por um Inspector chamado João Gualberto de Lyra. Já nesse tempo mantinha uma pequena porem concorrida feira aos domingos.

Em 1885 erigiram-lhe uma Capella de taipa para devoção á Nossa Senhora da Conceição, na qual funcçãoaram diversos capellães, inclusive o Padre Manoel Emygdio de Oliveira, depois vigario de Correntes. Esse sacerdote serviu em dita Capella 33 annos.

Em 1896, por iniciativa do Cel. Francisco Pereira de Carvalho, fallecido, e de accordo com o então vigario de Garanhuns a cuja freguezia pertenceu Palmeira, foi pelo Padre Pacifico Barros Bezerra edificada uma Igreja Matriz.

Em 4 de Outubro de 1913, quando Arcebispo de Olinda o saudoso D. Luiz Raymundo da Silva Britto, foi então creada a freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Palmeira, sendo nella provido, como seu primeiro vigario o Padre Plinio Teixeira Pequeno.

Palmeira mais que todo o Municipio tem dado filhos illustres nas lettras, entre elles: o Dr. Jeronymo Mater-

no Pereira de Carvalho, o Dr. João Paes de Carvalho Barros, aos quaes já fizemos allusão, o Padre Julio Vianna de Siqueira, o Tenente reformado do Exercito Miguel Minervino de Moraes, o Pharmaceutico diplomado Franciscô de Moraes, e outros.

Os fundadores de Palmeira foram: José Caetano de Moraes, João da Silva Barretto e Antonio Pereira de Carvalho.

Este districto ainda conserva o seu escrivão nomeado em 1879; é o cidadão Manoel Barretto da Silva Nem, homem intelligente, maneiroso e bastante pratico, a quem Palmeira muito deve.

O Sr. Barretto Nem, que ainda hoje occupa o seu cargo, conta, na data do centenario, a bagatela de 43 annos como escrivão.

O Districto de Palmeira está situado a S. O. da Cidade de Canhotinho, distante 30 kilometros. Tem a sua povoação quasi toda edificada num valle e cortada pelo riacho *Inhumas*.

Possue cerca de 1000 habitações, regularmente construidas, uma grande fabrica de descarçoar algodão e despoupar café; dois vastos armazens, que servem de deposito de cereaes; varias casas commerciaes, sendo as mais importantes as dos Srs. José Mathias da Rocha, Antonio Peixoto Pinto, Pedro Paulo de Barros, Ozório Paes de Barros, José Peixoto Pinto e Manoel Peixoto Pinto.

O Districto de Palmeira limita-se ao S. com o Municipio de Correntes e o Estado de Alagoas; ao N. com Canhotinho e Garanhuns; a L. com Garanhuns e a O. com Alagoas.

A producção de Palmeira annual é calculada: café 40.000 arrobas; feijão, 4.000 saccoes; milho, 35.000; algodão, 25.000 arrobas; mamona, 600 saccoes; fava, 8.000; farinha, 15.000; raspaduras, 5.250 cargas. É o maior productor de mel de urugú, havendo em seu territorio perto de 3.000 cortiços, que fabricam annualmente cerca de 24.000 garrafas de mel. Tem 35 casas

de fazer farinha e 22 engenhos, que são: *Rochedo* de propriedade do Sr. João de Souza Moraes; *Canna Brava*, de Maria da Rocha e filhos; *Espinheiro.*, de Alfredo Elias; *Penates*, do João Paes de Mello; *Campina*, de Manoel Rosa; *Cavaco*, de Raymundo Marques Teixeira; *Lagôa*, de Manoel Amaro; *Palha*, de Caetano Seraphim; *Crautasinho*, de João Porto; *Cafandú*, de Joaquim Rodrigues; *Jussarinha*, de Mathias Pereira dos Santos; *Inhumas de Cima*, de Francisco Catão; *Mondez*, de André Alves;; *Macuca*, de José Alves da Silva; *Riachão*, de João Caetano; *Riachão*, de Camillo Alves dos Santos; *Serra Grande*, de José Felix da Silva; *Agua Clara*, de Manoel Bernardo da Silva; *Riachão*, de Manoel Bernardo Pequeno; *Serra*, de Antonio Ferreira Lopes e *Inhumas*, de Manoel Machado.

Zona grandemente creadora, ha nas suas innumeradas soltas perto de 2.000 cabeças de gado. São principaes creadores os Srs.: Peixoto Pinto, José Mathias da Rocha, Antonio Peixoto Pinto, José Peixoto Pinto, Pedro Paulo de Barros, José Nunes de Oliveira, Leonidas Dantas, João Ignacio, Ignacio Marinho, Possidonio Francisco Brazil, Antonio Hilario da Silva, Vicente Rodrigues, Joaquim Bezerra Catão, Francisco Vianna dos Passos, Antonio Joaquim, Sebastião de Moraes, João Paes de Mello, José Rodrigues, Raymundo de Moraes e Isaias Ferreira.

O Districto de Palmeira rende ao Municipio, por anno, uma média de 10:000\$000.

Tem duas Escolas Publicas Municipaes e uma Agencia de Correio.



Canhotinho na data do Centenario

ADMINISTRAÇÃO PUBLICA

Prefeito — Samuel Correia de Menezes Lyra.
Sub-Prefeito — Ignacio Paes de Azevedo.
Thesoureiro — Manoel Vidal dos Santos.
Secretario — Manoel Marçal Gonçalves.
Collector Estadual — Manoel Xavier Correia Lima.
Escrivão " — José Honorato Pinto.
Collector Municipal — Antonio de Moraes Pimentel.
Escrivão " — Antonio Reinaux Duarte.
Fiscal — Francisco Gueiros Filho.
Collector Federal — Vicente Dantas Filho.
Carcereiro — Antonio Ribeiro.

AGENTES DO CORREIO:

Da Cidade — D. Francisca Alves de Mello.
De Glycerio — D. Clotilde do Amaral Vianna.
De Palmeira — Ozorio Paes de Parros.
De Calçado — Maria Annunciada da Silva.
De Lagedo — D. Ignez Pacheco de Medeiros.
Agente da Estação — Antonio de Moraes Pimentel.
Telegraphista e Despachante — Propercio de Souza.

ARRECADADORES DO MUNICIPIO:

- Da Cidade* — José Bezerra, Antonio Barbosa e João Salgado.
De Glycerio — Francisco Ferreira.
De Tipy — Pedro Gomes.
De Calçado — Pedro Bento.
De Legedo — Manoel Ferreira.
De Juvy — José Alexandre.
De Palmeira — Pedro Themoteo.

JUSTIÇA

- Juiz de Direito* — Dr. José Vieira Rabello.
Juiz Municipal — Dr. João Bantista de Almeida.
Promotor Publico — Dr. Geroncio Borba de Carvalho.
Advocado do Municipio — Francisco Vitalino da Mello.
Officides de Justiça — Antonio Barbosa e Antonio Gomes.
Porteiro dos Auditorios — Antonio Barbosa.

ESCRIVÃES

- Escrivão de Orphans* — Julio Flodoaldo de Oliveira.
" *de Hypothecas* — João Leão de Oliveira Ledo.

JUIZES DISTRICTAES:

- Da Cidade* — João Pereira da Silva Vianna.
De Glycerio — Antonio Pugliesi.
De Tipy — Herculano Leão de Oliveira.
De Palmeira — Antonio Hilario da Silva.
De Lagedo — José Pereira de Carvalho.
De Juvy — Marcolino da Rocha.
De Calçado — Raymundo Athanzio de Moraes.

O PREFEITO
Na data do Centenario



C.º Samuel Corrêa de Menezes Lyra

O PREFEITO
Eleito no anno do Centenario



Major Ignacio Paes de Azevêdo

A MAGISTRATURA



Ao centro Dr. José Vieira Rabello, Juiz de Direito tendo á direita o Dr. Baptista de Almeida, Juiz Municipal e Julio de Oliveira, Escrivão de orphãns e á esquerda o Dr. Geroncio Rocha, Promotor

ESCRIVÃES DISTRICTAES:

- Escrivão da Cidade* — Antonio Dacio de Mello.
" *de Glycerio* — José Manoel de Queiroz.
" *de Tupy* — Cicero da Matta Oliveira.
" *de Palmeira* — Manoel Barretto da Silva Nem.
" *de Lagedo* — Aureliano Correia.
" *de Jupy* — Belmiro Vianna.
" *de Calçado* — Raymundo Athanazio de Moraes.

AUTORIDADES POLICIAES:

- Delegado de Policia* — Capitão Nicolau Pinto Teixeira.

SUBDELEGADOS:

- Subdelegado da Cidade* — Antonio Reinaux Duarte.
" *de Glycerio* — Antonio Monteiro da Silva.
" *de Tinnu* — Cicero da Matta Oliveira.
" *de Palmeira* — Antonio Hilario da Silva.
" *de Lagedo* — José Pereira de Carvalho.
" *de Calçado* — José Alexandre da Silva.
" *de Juvoy* — Joaquim Lucio da Silva.
" *de Belle Prado* — Francisco Ribeiro da Silva.
" *de Olho d'Agua de Dentro* — Aureliano Correia de Araujo.

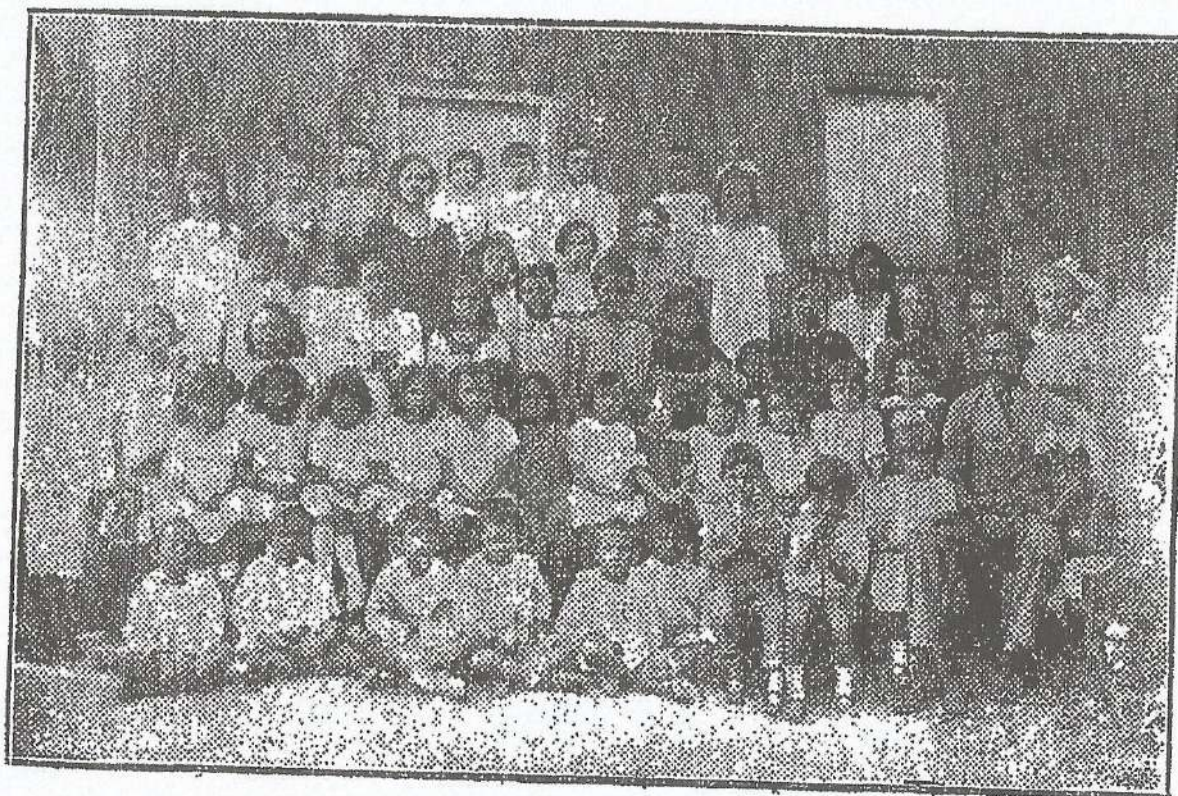
INSPECTORES DE QUARTEIRÃO:

- Inspector de Olho d'Agua de Dentro* — José da Cruz.
" *de Crauatá* — José Alves Porto.
" *de Espinheiro* — José Luiz da Silva.
" *de Couquinho* — Lourenço Rodrigues de Oliveira.
" *Esporão de Gallo* — Avelino Cypriano Bispo.
" *de Taquari* — Bráulio Gomes Pessoa.
" *de Bom Jardim* — Pedro Marques da Silva.
" *Burarema* — Joaquim Mendes.

- Inspector de Engenho Velho* — Manoel José da Silva.
" *de Palmeira* — Antonio Alves da Silva.
" *de Calçado* — Antonio José da Silva.
" *de Jurubeba* — Francisco Andrade da Silva.
" *de Varzea* — João Ferreira das Neves.
" *de Inhumas* — Tranquilino Alves de Franca
" *de Genipapo* — Manoel Celestino da Silva.
" *de Mendes* — Joaquim Coelho da Silva.
" *de Pery-Pery* — Francisco Severo das Neves.
" *de Camaratuba* — Luiz Ferreira da Motta.
" *de Varzea do Gado* — Jacob Themotheo de
Andrade .
" *de Cabaceira* — José Cadete da Silva.
" *de Melancia* — Antonio Ferreira dos Santos.
" *de Lagoado* — Vicente Ferreira da Silva.
" *de Olho d'Agua Novo* — Francisco Antonio
dos Santos.
" *de Baira Funda* — Mauricio Pedro de Salles.
" *de Miné* — Manoel Antonio do Nascimento.
" *de Luz* — Manoel Florentino Bizarria.
" *de Cantinho* — José Caetano dos Santos.
" *de Mucumim* — Marcos Moreira da Silva.
" *de Cotovello* — Januarío Gomes Ferraz.
" *de Bello Prado* — Rogerio Nogueira de Car-
valho.
" *de Retiro* — Pedro Gomes da Silva.
" *de Bananeira* — Manoel Lopes da Silva.
" *de Gruta Nova* — Antonio Leopoldino Mon-
teiro.
" *de Glycerio* — Vicente Lopes.
" *de Palmeirinha* — João Pedro da Silva.
" *de Muquem* — Januarío Cordeiro dos Santos.
" *de Olho d'Agua de Catinga* — José Ignacio
da Costa.
" *de Sobrado* — Pedro José da Silva.
" *de Mendes* — Manoel Felix dos Santos.
" *de Tipy* — Francisco Mathias da Silva.
" *de Divisão* — Manoel Lourenço da Costa.
" *da Cidade* — João Boi.
" *de Rio Chata* — Joaquim Soares de Oliveira.



ESCOLA PUBLICA MUNICIPAL DE TIPY
dirigida pela Professora Joanna de Moura Lins.



ESCOLA PUBLICA MUNICIPAL DA CIDADE DE CANHOTINHO
dirigida pela Professora Maria Porto.

Inspector de Pracinha — José Ferreira dos Santos.
" *de Mattinha* — Joaquim Bião da Costa.
" *de Costa* — Joaquim Pedro de Amorim.

AUTORIDADES ECCLESIASTICAS:

Egreja Catholica — Padre Moysés Ferreira.
Egreja Evangelica — Rev. Cicero Siqueira.

ESCOLA DO COMMERCIO:

Professores de Portuguez — Julio Flodoaldo de Oliveira e Aygulpho Jorge de Souza.
Professor de Geographia — Dr. João Baptista de Almeida.
Professor de Francez — Dr. Geroneio Borba de Carvalho.
Professor de Arithmetica — Julio Flodoaldo de Oliveira.

..ESCOLAS PAROCHIAES:

Escola do Sexo Masculino — José Correia de Oliveira.
" " " *Feminino* — Arcelina Gomes da Silva e Cecilia Alves de Mello.

Collegio Evangelico — Cicero Siqueira e Cecilia Rodrigues.

ESCOLAS ESTADOAES:

Escolas da Cidade — D. Maria Augusta e D. Rosa Caneca.
Escola de Glycerio — D. Esmeraldina Pinheiro.
De Lagedo — D. Carmen Cruz.

ESCOLAS MUNICIPAES:

Escola da Cidade — Aygulpho Jorge de Souza, D. Esther da Rocha e D. Maria Porto.
" *de Glycerio* — D. Rosa do Rego Barros.
" *de Tipy* — Joanna de Moura Lins.

- Escola de Lagedo* — D. Maria Leite.
" *de Culgado* — D. Maria Candida Xavier.
" *de Jupy* — D. Maria Ramos.
" *de Palmeira* — D. Fausta Barretto.
" *de Olho d'Agua de Dentro* — D. Josepha Nunes.
" *de Olho d'Agua das Pombas* — D. Maria da Sil-
va Leal.
" *de Santa Luzia* — D. Josepha Correia de Oli-
veira.
" *de Chapéo de Pulha* — D. Francisca Barbosa.

Mezas Eleitoraes

1.^a Secção — CIDADE

Presidente

Dr. José Vieira Rabello

Mezarios

Henrique Pereira de Carvalho
José Ferreira Leite

Secretario

Julio Flodoaldo de Oliveira

2.^a Secção — CIDADE

Presidente

Francisco Gueiros Filho

Mezarios

Ignacio Paes de Azevedo
Joaquim Victalino de Mello

Secretario

João Leão de Oliveira Ledo

3.^a Secção — CIDADE.

Presidente

Luiz Ribeiro Guerra

Mezarios

Manoel Margal Gonçalves
Tiburtino Vicente da Costa

Secretario

Antonio Dacio de Mello

4.^a Secção — GLYCERIO

Presidente

Claudino Correia de Mello.

Mezarios

Cassiano Marqués da Silva
Petronio Augusto d'Emery

Secretario

José Manoel de Queiroz

5.^a Secção — TIPY

Presidente

Manoel Tenorio Cavalcanti

Mezarios

Herculano Leão de Oliveira
José Honorato da Silva

Secretario

Cicero da Matta Oliveira

6.^a Secção — LAGEDO

Presidente

José Pereira de Carvalho

Mezarios

José Nonato de Oliveira
Raymundo José Dornellas

Secretaria

Aureliano Correia

7.^a Secção — CALÇADO

Presidente

José Alexandre da Silva

Mezarios

Pedro Bento de Oliveira

José Gonçalves de Mello

Secretario

Raymundo Athanazio de Moraes

8.^a Secção — JUPY

Presidente

Joaquim Lucio da Silva

Mezarios

José Alexandre de Moraes

Avelino Machado Dias

Secretario

Belmiro Ferreira Vianna

9.^a Secção — PALMEIRA

Presidente

Antonio Hilario da Silva

Mezarios

Satyro de Salles Bispo

Ozorio Pães de Barros

Secretario

Manoel Barretto da Silva Nem

JUNTA DE ALISTAMENTO MILITAR.

Samuel Correia de Menezes Lyra

Claudino Correia de Mello

Antonio Dacio de Mello

JUNTA ESCOLAR

Samuel Correia de Menezes Lyra
Dr. Geroncio Borba
Manoel Vidal dos Santos

MEDICO

Dr Florencio Gomes

PHARMACEUTICO

José de Souza Monteiro

DENTISTA

Solon Vidal dos Santos

GUARDA-LIVROS

Altino de Azevêdo

PHOTOGRAPHO

Francisco Cordeiro de Mello.



SEGUNDA PARTE

CANHOTINHO

**Historico das festas civicas do dia
7 de Setembro**

PROGRAMMA

- I Parte**—5 horas da manhã: Alvorada pela banda musical—*Centenario*. uma salva de 21 tiros, e passeata das creanças das escolas, distribuição do jornal—*O Centenario em Canhotinho*.
- II Parte**—Religiosa—*Egreja Catholica*.—Communhão geral dos fieis pela Patria; Missa campal solemne, em frente á Matriz; Sermão pelo vigario Pe. Moysés Ferreira sobre o thema—O senso christão no Brasil. após um seculo de Independencia; Te-Deum. *Egreja Evangelica*—Culto ao ar livre em frente ao Templo Evangelico; Preces de accões de graças pelo glorioso evento; Cantos de hymnos sob a direcção de Bellarmino Alves de Mello e d. Zuila Vidal; Sermão civico-religioso pelo revd. Cicero Siqueira, pastor da Egreja.
- III Parte**—Desportiva—(No Alto da Parasita)—9 a 11 horas—Exercicios desportivos taes como: *Cabo de guerra, corrida de tres pernas, de sacco, com obstaculos, com ovos, com agulhas, etc.; brigas de ganso, de cego; cambalhotas, concurso, quebra do mealhinho, etc., etc.* promovidos pelos teams: VERDE E ENCARNADO, Nos intervallos ouvir-se-ão poesias recitadas pelos seguintes torcedores: Azeneth, Beatriz, Antonio Ribeiro, Laura, Esther Buarque, José Alves, Julieta, T. Vidal, Noé, Cherubina, Carmelita, João Amaro, Jusué, Oziel, Euphrasia, etc. e os que mais quizerem tomar parte.
- 11 1/2 horas—Atmoço, em barracas adrede preparadas, oferecido pelos Esforçadores Christãos aos presentes.
- IV Parte**—Litteraria—Sessão magna no Paço Municipal, com uma conferencia pelo dr. Geroncio Borba.
- V Parte**—De 13 a 16 horas—Continuação dos divertimentos desportivos. A's 16 horas—grande passeata popular. A's 18 horas—Repouso.
- VI Parte**—Theatral—20 a 22 horas.—*Discurso* pelo dr. João Baptista; *A morte da Agnia*—poesia, por Urbano Victalino; *Arca de Noé*—por 10 creanças; *Bailado das Nações*—por Thereza Vidal Clementina de Souza, Eunice Vidal, Alice Leitão, Maria Emilia, Laura Correia; Rachel Victalino, Damaris Lins, Noemi de Mello, Esmera Vidal, Guiomar Correia, Guiomar Angelo, Hosanna da Silva, Euphrosia Lins, Maria de Lourdes, Maria Lins, Estella Alcantara, Julieta Leitão, Esther de Barros, Julia Teixeira, Lygia da Costa; *Ao Brasil*—por Ephrem Victalino; *Ao 7 de Setembro*—por Thadeu Victalino; *A filha de Jephthé*—por Guiomar Correia, Anizia Vidal e Eunice Vidal; *Apotheose ao 7 de Setembro* por Maria Emilia, Esther Buarque, Maria Mergulhão, Claudomira Costa, Anizia Vidal, Esmera Vidal, Quiteria de Oliveira, Marina Leite; *Oração á Bandeira*—canto acompanhado por d. Leopoldina Correia Lima, sr. Bellarmino Alves de Mello e d. Zuila Vidal; *Anno Bom*—por Esther de Barros; *Apotheose á Independencia* representando gentil senhorita, a Patria, e 21 creanças os Estados; *Discurso*—pela senhorita Cecilia Motta. Palavra a disposição.

NOTA—A musica dos hymnos nacionaes dos principaes paizes, na parte *O Bailado das Nações*, bem assim, os cantos patrios na parte *Apotheose ao 7 de Setembro*, serão executados no piano por d. Leopoldina Correia Lima, que terá como auxiliares d. Zuila Vidal e Beilarmino Alves de Mello.

SEGUNDA PARTE

Historico das festas civicas de 7 de Setembro

A Alvorada

Madrugada divina de primavera, risonha e feliz como tudo o que é dos anjos! Madrugada de suavidade evangelica, de aroma estonteante, embriagador! Madrugada que só o poeta pôde dizer, em versos inspirados, de sua ineffavel belleza, que a tudo impressiona e seduz! Madrugada alviçareira! Madrugada da Liberdade!
Salve, Madrugada!

Quatro horas. Ainda dormem os passaros no aconchego tepido dos ninhos, mas a Aurora, no leito, já se espreguiça envolta nas roupagens transparentes que a envolvem, para reaparecer no horizonte e cobrir a terra com o lençal de sua luz acariciadora. A natureza, esta vigila silente, na expectativa delectavel do grande Dia nacional em que a Patria, engalanada e festiva, ha-de receber dos labios amorosos de seus filhos, o osculo sacrosanto do Amor e da Veneração.

Quatro horas. A Alvorada annuncia-se ao som pathetico dos hymnos nacionaes vibrados pelo sopro harmonioso dos instrumentos e entoados pelos labios dos que vagaram toda a noite na ancia de ver e contemplar

o deslumbramento das festas em homenagem á Patria glorificada.

Quatro horas. O ribombar dos vinte e um tiros da salva commemorativa sagra a majestade do Evento emancipador, cujo centenario se intégua atravez dos tempos que passaram e se extinguiram, deixando, indelével, na historia, o sulco luminoso do progresso.

Quatro horas. O estrugir das girandoias, rasgando os espaços infinitos desperta os astros concitando-os a virem render á Nação livre, altiva e heroica, as honras dos seus fulgores celestiaes.

Quatro horas. Morre o silencio da noite para dar vida ao glorioso Dia da Patria, sofregamente esperado em vibrações de enthusiasmo incontido, infrene, endoidecedor.

E' a alvorada do Centenario, de cem annos de Liberdade, de heroismo e prosperidade que nos accorda, finalmente, para uma vida nova de conquistas no mundo das realidades futuras.

Salve, 7 de Setembro!

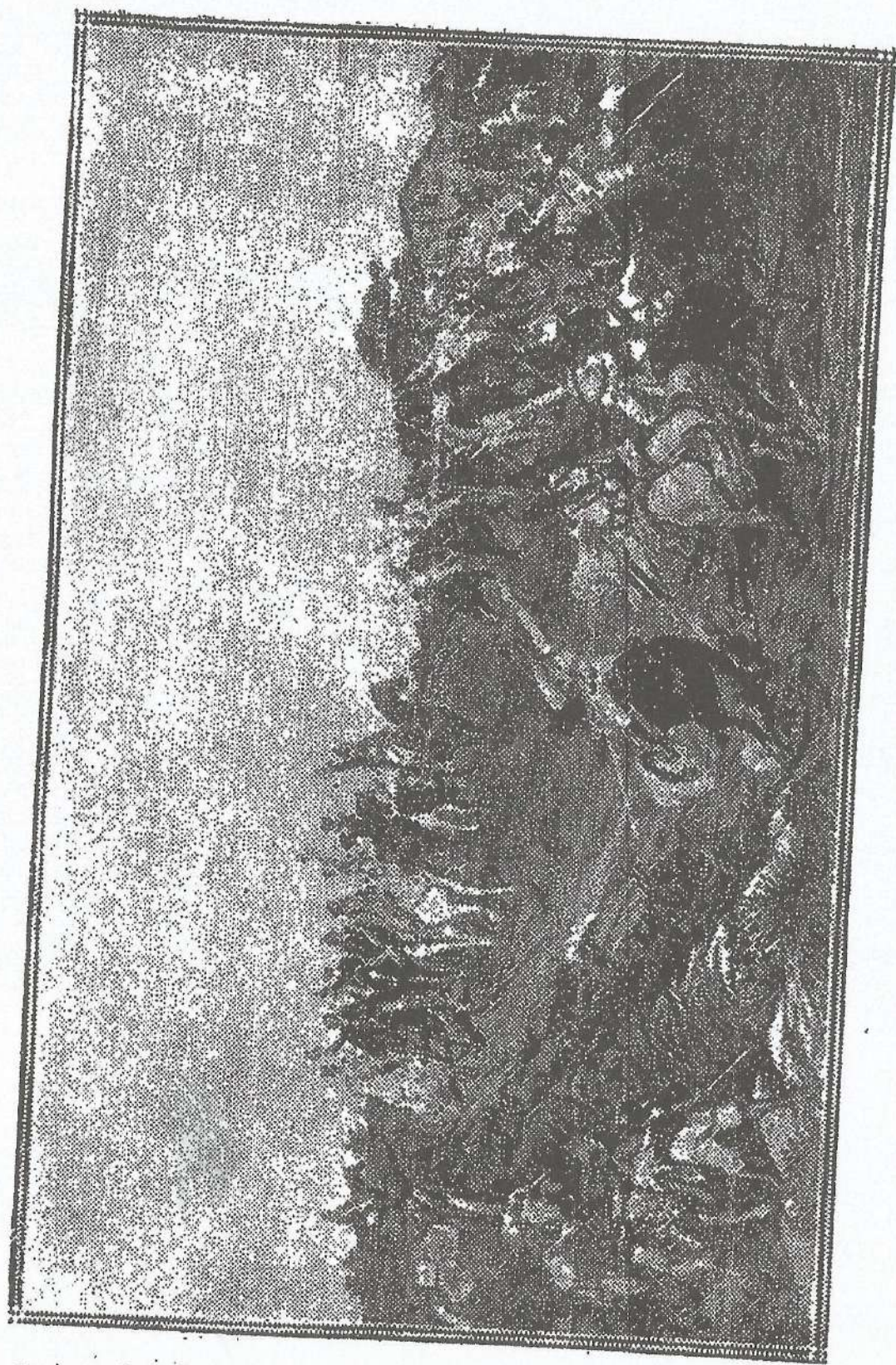
Salve, Terra de Santa Cruz!

Salve, Brazil!

Foi assim que despertou a Cidade de S. Sebastião de Canhotinho, entre o riso da propria natureza e os hymnos da Patria em extase de enthusiasmo, no dia em que a Nação Brazileira, orgulhosa e feliz, commemorou o primeiro centenario de sua Independencia politica. Foi assim que despertou a terra de S. Sebastião do seu marasmo de mais de meio seculo, na manhã suave e limpida de 7 de Setembro de 1922, precursora de um dia fecundo e majestoso.

Cem annos eram decorridos após o grito de "Independencia ou Morte" que libertara toda uma raça do jugo portuguez.

Um centenario. Uma existencia; mas uma existencia de abundantes conquistas, de agigantados progressos, de tradições que jamais se apagarão atravez da infinidade dos tempos.



GRITO DO IPYRANGA—Quadro do pintor brasileiro Pedro Américo

Em 1822, na tarde desse mesmo dia, fizêra-se a Patria livre quebrando, dignamente, as cadeias que a prendiam ás côrtes da antiga Luzitania.

Foi um acontecimento sensacional. Maior, mais glorioso não havíamos conquistado ainda nas luctas hóméricas em pról da nossa emancipação.

Pedro I tornára-se brasileiro; injectára nas veias o sangue rubro dos martyres, que primeiro sonharam com a Independencia e por ella morreram corajosamente no cadafalso, e com esse sangue, em causa commum com os opprimidos, implantou no Continente descoberto por Cabral, um sovo regimen promissor de mais amplas e efficazes garantias, de melhores e mais confortadoras esperanças — o regimen da Liberdade, da Justiça e do Direito.

Annulara-se, portanto, todo o poder de D. João VI sobre os destinos da Patria victoriosa, e no concerto das nações livres, passou a ser ouvida e contemplada a terra gloriosa do Cruzeiro, fadada para as grandes conquistas do futuro.

Nenhum estado, municipio, villa ou povoado, pode esquecer este pedaço de nossa historia; elle se destaca dentre os demais, pela sua importancia moral e politica não desconhecida por quem vive no regaço excelso da Patria, perscrutando o seu desenvolvimento.

O que foi a Nação Brasileira durante esse periodo de cem annos de liberdade, adquirido nos prélios formidaveis da Razão contra o despotismo secular das antigas côrtes, é cousa que se não pôde descrever em um ou dois capitulos de um livro. A historia ahí está cheia de feitos ennobrecedores para uma raça nova, despertando nas almas dos povos visinhos o sentimento da admiração.

Não fôra o stoicismo dos compatriotas já baixados ao tumulo; não fôra a obsessão dos esforçados propagandistas das idéas libertadoras; não fôra ainda o desamor á vida dos sonhadores de um futuro de regeneração politica, naturalmente que dentro do territorio brasileiro ainda existiriam, a esta hora, a humilhação e a fraqueza dos primitivos colonos.

COMMISSÕES DOS FESTEJOS CIVICOS



(Sentados. Da esquerda para a direita) Alzira Motta, Maria Arlinda, Maria da Rocha, Maria Motta, Salustia A. de Mello, Cecilia Motta e Maria C. de Oliveira.
 (No segundo plano) Celina de Andrade, Major Peixoto Pinto, Drs. Geroncio Borba e Vieira Rabello, Padre Moysés Ferreira (Presidente) Dr. Baptista de Almeida, Luiz Motta e Maria Cavalcanti.
 (De pé) Euclides Motta, João Leão de Oliveira e Julio de Oliveira.



(Sentadas) Zuila Vidal, Philomena Vidal, Ernestina Vidal, Leopoldina Corrêa, Cecilia Rodrigues, Ignez Victalino, Thereza Falcão, Amélia Leite. (De pé) Israel Vidal, Cicero da Matta, Manoel Vidal, Solon Vidal, Cicero Siqueira, Urbano Victalino, Bellarmino de Mello e José Ferreira Leite.

Não seriam os estrangeiros que nos libertariam, encaminhando-nos para o progresso nacional. Continente vastissimo, guardando em seu seio riquezas invejáveis e collossaes, o Brazil, só por si se constituiu objecto de cubica no espirito aventureiro das nações adeantadas.

Terra que dá homens da estirpe de José Bonifacio e Gonçalves Lêdo, no passado, e de Rio Branco e Ruy Barbosa no presente, não se deixaria, nunca, dominar por um poder estranho, todo de interesses pecaminosos e absurdos.

O Brazil, mesmo sob o dominio de Portugal, considerou-se sempre digno para o engrandecimento; jamais preconizou a politica de coerção influenciada por adventicios açambarcadores.

E' um paiz de tradições avantajadas, por isto mesmo.

Hoje dá elle o exemplo completo da sua grandeza incommensuravel, abrindo suas portas ao mundo civilizado, para que este, extaseado e ebrio de admiração, contemple as maravilhas do seu progresso, honrosamente alcançado após uma emancipação que, não obstante custar-lhe o sacrificio de innumerous patriotas, fel-o o maior entre os maiores do planeta, que habitamos.

Na sua Independencia, proclamada no Ypiranga, está gravado, em caracteres inapagaveis, todo o seu valor, todo o seu heroismo.

Canhotinho, saudou alegremente, delirantemente, na madrugada de 7 de Setembro, a mejestade epica desse feito libertador, considerando-o o mais digno de todos quantos nos têm enaltecido numa existencia de quatro seculos. Saudou-o com elevação de patriotismo, levando aos céos as préces reverentes e agradecidas de seus filhos, feitas de joelho, á sombra do auri-verde pendão nacional, no altar bemdito da Patria.

A passeata e a communhão aos fiéis pela Pátria

Annunciára-se em prospectos profusamente distribuidos, que o amanhecer do grande dia da Independencia seria festejado por uma salva de vinte e um tiros e hymnos patrioticos executados pela "Banda do Centenario", e que ás 6 horas se moveria grande passeata, formada pelos alumnos das escolas Paroçhiales e demais existentes na cidade.

Já descrevemos como foi que a cidade glorificou a alvorada de 7 de Setembro. Apenas resta-nos accrescentar que, na occasião de entoar-se o hymno de Independencia e após os vinte e um tiros, foi ouvida, com agradável surpresa, a palavra do cidadão Vicente Pires da Rocha, auxiliar do commercio.

De pé na calçada da Matriz, este cidadão num gesto de patriotismo mui proprio dos pernambucanos e com toda a effusão de seu enthusiasmo, recitou a poesia "Liberdade", do poeta Joviniano Monteiro, allusiva ao momento, saudando, com ella, a alvorada da Independencia nacional.

Ouviram essa poesia muitas pessoas, que estacionavam pelos arredores do Templo, aguardando o clarear do dia e o começo das festas commemorativas do centenario.

Muito cedo notava-se pela rua do Commercio, caprichosamente ornamentada, desusado movimento. Grupos e mais grupos de creanças, todas trajando vestes brancas com fitas verde-amarello a tira-collo e gorros tambem brancos com a inscripção "E. Parochial", num fremito de alegria infantil, caminhavam apressados em direcção á Matriz, cantando hymnos nacionaes e vivando á Pátria.

Eram os alumnos da "Escola Parochial", dessa mesma escola, que o Rev. Padre Moysés Ferreira, num mez de estadia nesta terra, conseguiu installar com o seu accendrado amor pela instrucção e devotamento extremado á caridade publica, e para cuja manutenção não tem, o

piedoso e abnegado sacerdote poupado esforços, nem sacrificios.

Formando como que um batalhão de voluntarios,

Os que ornamentaram a cidade



DE PÉ—*Americo Maia*, correspondente do *O Imparcial* de Garanhuns, em Canhotinho; SENTADO A ESQUERDA—*José Alves do Nascimento* A DIREITA—*José Moura*.

elles, os humildes filhinhos da Patria querida, regosijavam-se, em communhão com os festejos do dia, compre-

hondando-os bem, sentindo-os bem, numa demonstração admirável de patriotismo precóce.

Deixemos de parte como sendo philosophicamente naturaes e accitaveis, dentro da ordem do possivel, todas as demais solemnidades, que se fizeram brilhantemente realizar nesta cidade na data da Independencia; nenhuma dellas empolgou mais, sensibilizou mais, prendeu mais a admiração de uma população em festa do que essa de um cortejo infantil, desfilado em ordem pelas ruas apinhadas de povo. E foi justamente essa infantildade que mais graça deu, que mais realce offereceu, ás nobres manifestações de amor e carinho á Patria homenageada, pois que, por meio dellas chegamos a dizer, bem alto, que, já de hoje, temos o empenho de preparar e educar os homens do futuro.

Essas creanças que ahi estão e que tomaram parte directa nas festas civicas de Canhotinho são, de facto, os alicerces de um futuro, que não alcançaremos, na verdade, mas que a Patria terá diante de si na trajetória infinita de sua existencia.

Não lograremos descrever, com precisão, a sumptuosidade que revestiu a passeata matinal; apenas affirmamos que ella excedeu á expectativa de todos quantos trabalharam pela objectivação dos festejos em regosijo á data emancipadora. Tresentas e doze creanças de ambos os sexos formaram no cortejo, levando desfraldadas, ao som dos hymnos entusiasticos da Nação gloriosa, as bandeiras da Patria e da Religião, entrelaçadas e conduzidas, a primeira pela creança Armando Marçal Gonçalves, e a última, pela interessante e graciosa Maria Emilia Correia Lima.

Bello, muito bello foi o desfilar dessa passeata impressionadora, que o esforço gigante de um homem fortemente trabalhador, o Revmo. Padre Moysés Ferreira, organizou com a coadjuvação de quem tambem se interessára pelos festejos commemorativos.

Toda a cidade locupletou-se com o deslumbramento desse acto um dos mais imponentes que já foram presenciados no Municipio.

Até sete horas foi um marchar incessante da crean-

gada jubilosa, digna dos nossos beijos e abraços e também dos beijos e abraços da Patria agradecida.

Dirigindo o cortejo, viam-se as catechistas: Alzira dos Santos Motta, Francisca Duca, Maria Bemvinda, Maria Correia de Oliveira, Amelia dos Santos Motta, Maria Rocha, Julia Santos e Cecilia Alves de Mello, secundadas pelo Padre Moysés Ferreira, professor Aygulpho Jorge de Souza e Vicente Pires da Rocha.

A passeata percorreu toda a rua do Commercio, parte da Lagoa Secca, rua da Estação e Alto da Parazita, regresando então á Matriz.

Nessa occasião o spectaculo revelou-se edificante. Formaram todas as creanças em frente á Egreja, entoando o hymno do catecismo, um primor de harmonia e inspiração musical, e logo depois para se dispersarem, o hymno nacional, que foi ovacionado por uma estrondosa salva de palmas e vivas á Nação Brasileira e á Republica, hasteando-se, acto continuo, na fachada da Matriz, as bandeiras da Religião e da Patria.

Dissolveu-se, afinal, a passeata para ter logar, internamente, na Matriz, a communhão dos fieis pela Patria, entre homens, senhoras e creanças, acto que foi testemunhado por uma multidão de catholicos.

Terminada esta communhão offerecida a quatrocentas pessoas foram servidos ás creanças, que tomaram parte no cortejo, café e bollinhos em u'a nave lateral do Templo.

Distribuição do jornal

“O Centenario em Canhotinho”

Para a execução completa da primeira parte do programma, restava a distribuição do jornal “O Centenario em Canhotinho”.

Não é este Municipio um meio bastante intellectual, entretanto todos os que nelle moram e acompanharam as festas commemorativas do centenario, aguardaram, com

anciedade, o apparecimento desse jornal, que, diga-se a verdade, constituiu a nota chic dos festejos do dia.

Deve-se ao cidadão Cicero de Siqueira a sua iniciativa.

O "O Centenario em Canhotinho", foi caprichosamente impresso nas officinas do "Norte Evangelico" de Garanhuns, e sahio á luz da publicidade composto em papel asseitinado e trazendo optima e instructiva collaboração.

Liberdade

Poesia recitada pelo cidadão Vicente Pires da Rocna, por occasião da alvorada.

Ave! Augusta Divindade,
Primogenita do céu;
Salve, salve Liberdade,
Eva na graça sem véo,
Rainha sem diadema,
Heroína de um poema
Escrepto por céos e mar!
— Teus no mundo um capitolio,
Em cada cabeça um sólio
Em cada peito um altar.

Livre é toda a natureza;
E' livre o mar quando muge,
E' livre a onça que ruge,
E salta de encontro á presa;
No fogo é livre a scintella
Na colmeia é livre a abelha
Fabricando os doces meis
E o vento que se desdobra,
E o contorcer-se da cobra,
Agitando os cascaveis.

O CENTENARIO EM GANHOTINHO

REVISTA - ANO XXIII
FUNDADA EM 1904
N. 100

ANO 23
Canhotinho, 7 de Setembro de 1923

PREÇO DE VENDA

SALVE!

Hoje a nossa Pátria, em sua centésima primeira aniversário, celebra o primeiro século de sua existência independente. Este dia é um dia de glória para o Brasil e para o mundo.

Neste momento glorioso a pátria apresenta a todos os brasileiros um grande desafio: lembrar-se das lutas e das vitórias que nos levaram à liberdade e à independência. É preciso lembrar que a nossa pátria nasceu no meio de lutas e de sacrifícios. Foi o sangue de nossos heróis que nos deu a liberdade e a independência.

É preciso lembrar também que a nossa pátria é um país de liberdade e de justiça. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de progresso e de desenvolvimento. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de paz e de harmonia.

Hoje a nossa pátria está mais do que nunca unida e mais do que nunca determinada a lutar pela sua liberdade e pela sua justiça. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de futuro e de esperança.

Hoje a nossa pátria está mais do que nunca orgulhosa de suas vitórias e de suas conquistas. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de honra e de dignidade. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de amor e de fraternidade.

Hoje a nossa pátria está mais do que nunca determinada a lutar pela sua liberdade e pela sua justiça. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de futuro e de esperança.

Hoje a nossa pátria está mais do que nunca orgulhosa de suas vitórias e de suas conquistas. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de honra e de dignidade. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de amor e de fraternidade.

Hoje a nossa pátria está mais do que nunca determinada a lutar pela sua liberdade e pela sua justiça. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de futuro e de esperança.

Hoje a nossa pátria está mais do que nunca orgulhosa de suas vitórias e de suas conquistas. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de honra e de dignidade. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de amor e de fraternidade.

Hoje a nossa pátria está mais do que nunca determinada a lutar pela sua liberdade e pela sua justiça. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de futuro e de esperança.

Hoje a nossa pátria está mais do que nunca orgulhosa de suas vitórias e de suas conquistas. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de honra e de dignidade. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de amor e de fraternidade.

Hoje a nossa pátria está mais do que nunca determinada a lutar pela sua liberdade e pela sua justiça. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de futuro e de esperança.

Hoje a nossa pátria está mais do que nunca orgulhosa de suas vitórias e de suas conquistas. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de honra e de dignidade. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de amor e de fraternidade.

Carta a Bandeira

Bandeira e por cima Bandeira,
que nos dá a vida e a liberdade,
que nos dá a paz e a harmonia,
que nos dá a justiça e a fraternidade.

Que tu nos dê a vida e a liberdade,
que tu nos dê a paz e a harmonia,
que tu nos dê a justiça e a fraternidade.

Que tu nos dê a vida e a liberdade,
que tu nos dê a paz e a harmonia,
que tu nos dê a justiça e a fraternidade.

Hoje a nossa pátria está mais do que nunca determinada a lutar pela sua liberdade e pela sua justiça. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de futuro e de esperança.

Hoje a nossa pátria está mais do que nunca orgulhosa de suas vitórias e de suas conquistas. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de honra e de dignidade. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de amor e de fraternidade.

Hoje a nossa pátria está mais do que nunca determinada a lutar pela sua liberdade e pela sua justiça. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de futuro e de esperança.

Hoje a nossa pátria está mais do que nunca orgulhosa de suas vitórias e de suas conquistas. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de honra e de dignidade. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de amor e de fraternidade.

Hoje a nossa pátria está mais do que nunca determinada a lutar pela sua liberdade e pela sua justiça. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de futuro e de esperança.

Hoje a nossa pátria está mais do que nunca orgulhosa de suas vitórias e de suas conquistas. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de honra e de dignidade. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de amor e de fraternidade.

Hoje a nossa pátria está mais do que nunca determinada a lutar pela sua liberdade e pela sua justiça. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de futuro e de esperança.

Hoje a nossa pátria está mais do que nunca orgulhosa de suas vitórias e de suas conquistas. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de honra e de dignidade. É preciso lembrar que a nossa pátria é um país de amor e de fraternidade.

Fac-simile do Jornal "O Centenario em Canhotinho"

A jurity quando arrula
No galho da pitombeira,
Do tropeiro á tosca chula
Por detraz da cachoeira,
Da ventania o sibilo,
O zumbir do humilde grillo
A cahir da claridade
O grito agudo da ema.
Junto á altiva Borborema
São echos da Liberdade.

A Missa Campal

Sentiu-se bem a sumptuosidade desse acto na religiosidade que o presidiu e no ardor patriotico com que se fizeram entrelaçar, num amplexo de harmonia inquebrantavel, as almas da Religião e da Patria, separadas hoje pelo regimen da Republica, mas unidas sempre pelo coração affectuoso dos que commungam com a fé e os principios doutrinados pelas leis impeccaveis do christianismo.

Não ha e nunca houve erro em se amar a Patria amando a Deus.

Si a Carta Politica de 24 de Fevereiro desconheceu e illiminou a autoridade da Igreja para fazer triumphar, dentro do territorio nacional, a liberdade de culto, já-mais annullou a preponderancia dessa mesma Igreja no ambito da consciencia popular.

Essa consciencia amando e respeitando a Omnipotencia Divina, sabe, ao seu arbitrio e á revelia das disposições constitucionaes, unir e identificar as duas cousas: Igreja e Patria.

Não ha em nosso espirito, com esta apreciação, partidarismo religioso.. Basta dizer que somos dois a escrever estas linhas e que em materia de crença religiosa nos achamos em terrenos oppostos, abraçando, cada um, crédo differente.

Duas religiões nesta terra glorificada pelo civismo de seus filhos, se fizeram representar nas ho-

menagens tributadas ao grande feito de 7 de Setembro: a Catholica e a Evangelica. De ambas fallaremos, nesta parte, com a mesma linguagem, sempre que se fizer necessario sem desvirtuarmos o criterio da exposiçào e da critica que nos propuzemos elaborar em referencia a tudo o que assistimos na data memoravel do centenario festejado..

Retrocedamos, portanto, ao objecto principal deste historico, á missa campal que se realizou ás 9 horas, solemnemente, em lindo altar preparado á frente da Matriz desta cidade. Celebrou-a o Padre Moysés Ferreira, vigario da Freguezia, em acção de graças pela commemoraçào do grandioso acontecimento libertador.

Uma orchestra dirigida pelo professor Antonio Ferraz, fez o acompanhamento, executando, a "Banda do Centenario", em coreto armado confronte á Egreja e artisticamente ornamentado, peças escolhidas do seu repertorio, todas apropriadas á imponencia do acto.

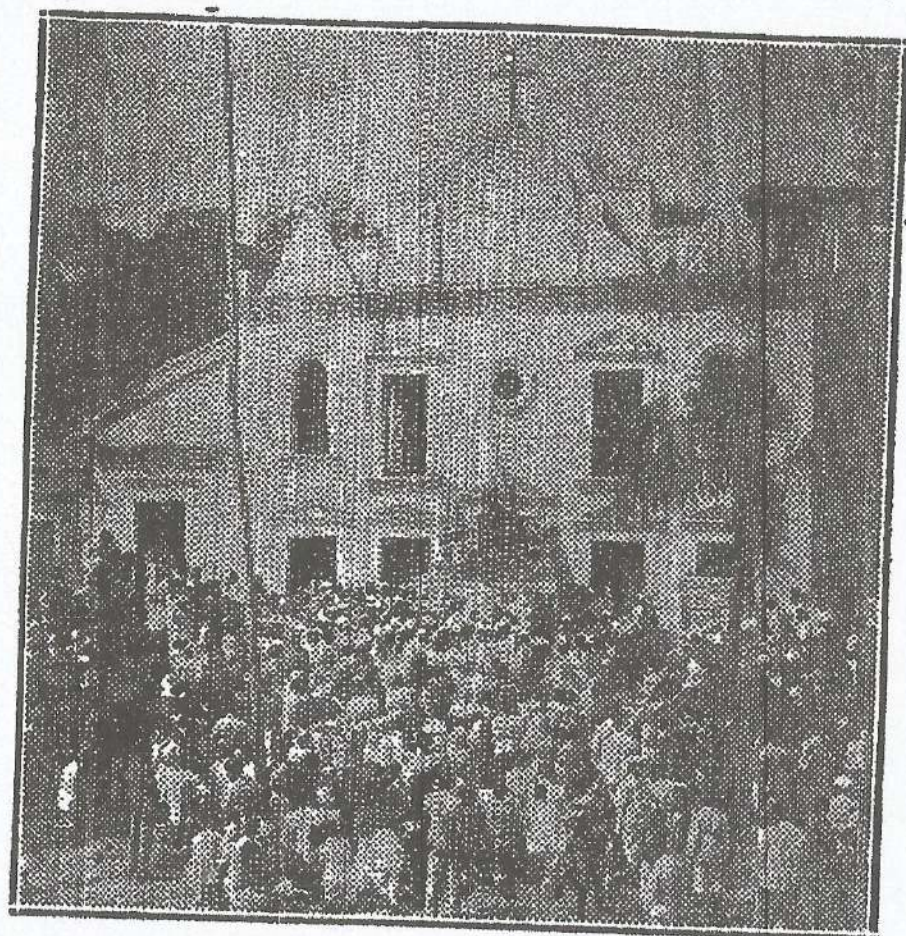
A's nove horas e vinte minutos, seguramente, após o Evangelho, assomou o pulpito adrede collocado ao lado esquerdo do altar e visivel á multidào, o Padre Moysés Ferreira levando transfigurada no semblante a grandeza do seu espirito evangelizador em communhão com o sentimento patriotico que lhe inundava a alma.

Imponente no porte e logo suggestionando a assistencia, que se estendia em massa compacta por todo o pateo da matriz, deu o incançavel e ardoroso pregador começo ao seu sermão, certo do triumpho que ia conquistar com sua eloquencia e a sua palavra vigorosa e arrebatadora.

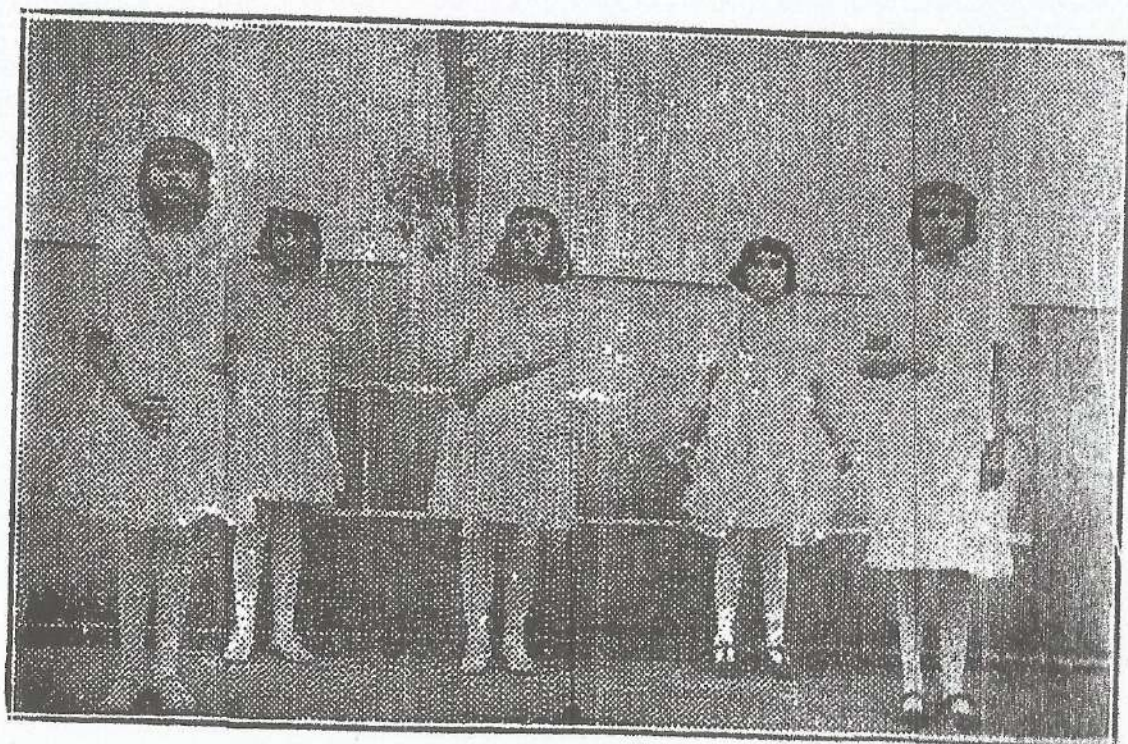
O *O senso christão no Brasil após um seculo de Independencia* foi o thema brilhantemente desenvolvido pelo orador fluente, que a Egreja Catholica de Canhotinho hoje se orgulha de ter á frente dos seus destinos.

Falou o Padre Maysés cerca de vinte minutos. O publico não precisava de mais. Dominado pela sensaçào que lhe despertára a palavra primorosa do orador illustre, quedou-se estatico, por muito tempo, para irromper, afinal, em delirantes applausos a quem o soubera maravilhar.

A missa proseguiu debaixo de religioso silencio por



Aspecto da Missa Campal



Bandeira da Religião Catholica ostentada na Passeata Matinal

parte dos fieis e ao terminar fenderam os ares prolongadas girandolas, tocando, nessa occasião, a "Banda do Centenario" o hymno mavioso da Independencia.

Damos a seguir o bellissimo sermão a que nos referimos, o qual nos foi cuidadosamente reconstruido para integral composição desta parte historica.

O senso christão no Brazil após um seculo de Independencia

Sermão civico pronunciado na Missa Campal pelo Rm. Padre Moysés Ferreira.

"Independencia ou morte" palavras de Pedro I. (Do Evangelho da Patria na festa da Independencia).

Povo Pernambucano! Conta-se de Goethe que, docemente sorrindo, diante da morte, no leito da dor, exclamava: — *Luz e mais luz!* — Nós ouvimos neste solemne momento a voz da Patria que, vendo expirar o seu primeiro seculo de Independencia, diz, como o mavioso vate allemão — *Luz e mais luz!* Luz para o sol poente ou, o seculo que finda, para que saiba bem morrer, e sintamos por elle o eterno emblema de separação — a saudade; de luz enfaixemos os primeiros vagidos do sol que nasce, ou os primeiros momentos do segundo seculo livre e que sirva de pyrilampo na noite embryonaria de um começo de seculo que almejamos de paz e prosperidade. *Luz e mais luz e muita luz*, desejo eu, deste pulpito, sob esse docel de saphiras e por sobre esse manto verde, cor da giesta, para mim que, por justos motivos, me sinto apprehensivo ao explicar aos meus concidadãos o Evangelho da Patria na festa da liberdade — *Independencia ou Morte*. Patria! patria minha mui amada. Dai-me a seiva com que dotaste os vossos heróes! Pernambuco acenai-me com a eloquencia de vossos filhos!

Com Colombo e com Cabral aportara a America e ao Brazil o symbolo bemdito da nossa redempção — a Cruz — que fôra plantada, como poste, para significar que já fôra descoberto o Continente americano e dividir a epocha da vida puramente indigena, da epocha em que homens civilizados habitaram o novo mundo.

Pernambucanos. A historia de nossa terra e da nossa gente é igualmente a historia de nossa sã religião, pois ella navegou em “mares nunca dantes navegados” com os *caçadores de mundos* e cooperou directamente na formação de nossa civilização nacional, desde a colonização até os nossos dias. Vejamos. Na historia de Colombo, arrojado e intrepido navegador, conta-se que, elle sonhando com mundos imaginarios ao occidente das Indias, offerecera sua coragem e sonhos de intrepidez, primeiramente á Italia sua Patria, em seguida a Portugal, á França e Inglaterra que igualmente regeitaram e o classificaram de louco; e somente 8 annos mais tarde quando quasi fenecidas as flores da esperanza passára a Hespanha, pedindo auxilio e conforto na sella do pobre convento, recebeu do humilde frade o que lhe negaram os cabeças coroadas a coragem para bater á porta do Rei, donde sahiu coberto de louros do direito de descobrir o Novo Continente. Mas que quereis?! Si a sciencia é filha congenita da religião! *Colombus noster est*. Colombo nos pertence! Nas 3 náos Santa Maria, Pinta e Nina partidas a 3 de Agosto de 1492 do porto de Palos, estava extinta a esperanza da tripulação, a mesma que brilhára sempre sorridente no espirito de Colombo quando, a 12 de Outubro do dito anno a marujada bradava: terra, terra!. Era uma Ilha, a que os naturaes chamavam de Guanahanie e o genovez descobridor chamou de S. Salvador e era descoberto o Continente americano.

A historia de Cabral começa pela narraçáo da pomposa solemnidade religiosa a 8 de Março de 1500. na Igreja de Belém, defronte da Esquadra, onde pontificou e pregou D. Diogo de Ortiz, bispo de Ceuta que benzeu o chapéo de Cabral, presente do Papa de então, e

U'A GLORIA DO CLERO BRAZILEIRO



Padre Moysés Ferreira vigario da freguezia de Canhotinho e Presidente da-comissão central dos festejos.

em seguida recebeu o Estandarte da cruz e passou ás mãos do Rei, que entregou a Cabral, no meio das salvas da artilharia, parecendo que deveria dizer-lhe o que o mavioso bardo disse a Colombo: —

... Disse um dia Jehovah
Vai Cabral abre a cortina
Da minha eterna officina
E traz o Brazil de lá...

E quando a 21 de Abril, hoje 3 de Maio pela reforma do calendario sentiam os navegadores passaros que esvoaçavam, descobriram um Monte a que deram o nome de Monte Paschoal; e a 26 foi armado o Pavilhão, onde celebrou Frei Henrique de Coimbra, o santo sacrificio da Missa e a 1.º de Maio foi feita da madeira virgem das mattas brasílicas, um grande cruzeiro e elevado em um monte, na terra de Santa Cruz.

Pernambucanos, Cabral nos pertence e o Brasil é a terra do Cruzeiro. Logo o Continente deve á religião a sua influencia na descoberta.

Abrindo a historia da nossa civilisação, as primeiras paginas pertencem á acção da Igreja catholica. Na ordem chronologica foram os Franciscanos os que primeiramente evangelisaram o nosso Paiz. Logo depois vem a acção bemfazeja e abnegada dos Jesuitas — esses intrepidos filhos de S. Ignacio que mais se esforçaram pela civilisação dos nossos selvicolas.

Foram esses Anchieta e Nobregas os bandeirantes da civilisação nacional. Tiveram sua choça ao pé da Taba dos indios onde o leito era de cipó fabricado pelos indios, a meza de singelas taboas e as portas das casas de palha ou capim. Fabricaram tinta de leite de arvores e carvão para a instrucção do selvicola e servia de penna um toseco pedaço de páo com uma ponta, igualmente fabricado pelos Jesuitas. Uns tiveram o solo por sepultura, outros caminhavam 20 dias em seguida sem ali-

mentos agna alem do orvalho das folhas da floresta, todos civilisando o Brasil.

Pernambucanos. De então a essa parte nasceu e floresce, sob a bandeira da Cruz, a familia brasileira.

Agóra vêde: O senso christão no Brasil após um seculo de Independencia é, na Administração do Paiz, esse resenceamento de 1920, contagem de um povo, onde de 30.000.000 de brasileiros, que somos, não ha 5 % de acatholicos. O senso christão no Brasil após um seculo de Independencia é, na Diplomacia, Rio Branco pleiteando, junto ao Vaticano, o barrete cardinalicio para dar ao Brasil o primeiro purpurado do continente sul-americano.

O senso christão no Brasil após um seculo de Independencia é, nas Embaixadas, o Monsenhor Cherubini, enviado extraordinario da Santa Sé, com as credenciaes do Santo Padre Pio XI acompanhando uma benção apostolica para a Nação brasileira, no dia maior da festa nacional.

O senso christão no Brasil após um seculo de Independencia é, na Politica, o caso do Divorcio, projecto tantas vezes por terra, quantas foi apresentado no parlamento brasileiro.

O senso christão no Brasil após um seculo de Independencia, na Patria, é esse numero de Igrejas desde a grande Cathedral de S. Paulo. que tem capacidade para 20.000 fieis até a Egrejinha do cimo do monte e a Ermita das praias do oceano que servem de pharol diario aos navegantes.

O senso christão no Brasil após um seculo de Independencia é, na Familia, essa festa nova da Enthronisação do Sagrado Coração de Jesus, pois a razão a demonstra e a fé a reclama. Sim é justo que na sala de honra do alumno veja-se o retrato do Mestre, do soldado o do General, do filho o do seu Páe e do christão o do seu Deus.

Os senso christão no Brasil após um seculo de Independencia é na sciencia, Dr. Miguel Couto fazendo, o

anno passado, em plena capital do Paiz, a sua primeira communhão.

O senso christão no Brasil após um seculo de Independencia é, na Poesia, Fagundes Varella compondo versos cheios de amor e veneração á Maria, como estes:

.....
No tosco albergue de seus maiores
Onde só *reina* paz e alegria
Entre os filhinhos, o bom colono
Repete as vozes: Ave Maria!
.....

O senso christão no Brasil após um seculo de Independencia, é, na Piedade, o coração da mãe brasileira feito de affecto por seus filhos, traduzidos no ensino da doutrina christã.

O senso christão no Brasil após um seculo de Independencia é, na Caridade a Irmã Paula, est'alma privilegiada, que arrecada annualmente basta somma em beneficio dos seus pobres lá do Rio de Janeiro.

O senso christão no Brasil após um seculo de Independencia é, no Ministerio, este numero superior a 2.000 sacerdotes que offerecem diariamente aos céos a hostia Santa pela felicidade da Patria.

O senso christão no Brasil após um seculo de Independencia é, no alto clero, este numero de Bispos, que hoje conta a Igreja no Brasil (70 contra 9 que eram na epocha de sua emancipação politica).

O senso christão no Brasil após um seculo de Independencia é, finalmente, em Pernambuco esta procissão Eucharistia de 1919, calculada em 60.000 fiéis acompanhando-a e que arrebatou do seu Arcebispo presidente esta emphase de fé: — "Pernambuco é a terra da Eucharistia".

Pernambucanos. Religião e Patria são idéaes que se unificam e que, muitas vezes, prevalece a idéa da Patria; porque se a patria do corpo é este paiz onde pon-

tiflca a voz agourenta do Mocho, o ranger lugubre do Cypreste, onde os rios são formados de lagrimas, desembocam no lago da dor, que se communica com o oceano da desolação, onde os festins são offerecidos aos vermes, que devoram igualmente o craneo do coroado e do ultimo vassalo, a patria d'alma é este céu cheio de luz e enleios onde ella teve sua origem e para onde retornará no comboio d'alem tumulo.

Pernambucanos. Só ha um synonimo para o amor da Patria: é o amor de Mãe. Quando quizerdes fazel-a grande, como é o vosso dever, olhae o exemplo daquelle General francez, que no calor da batalha da guerra de 14 a 18 sentindo a morte se approximar, chamou um dos seus destemidos soldados e disse: "Devo, morrer pela França. Quando meu corpo tombar, ao assalto traiçoeiro da bala inimiga, abri immediatamente meu peito, retirai delle o coração, levai-o ao primeiro territorio francez mais proximo e alli plantai-o para que sobre elle nasça um punhado de bravos". De facto. Horas depois o canhão do inimigo deitava por terra o grande General. O invicto soldado apressa-se, abre o peito, retira ainda quente o coração do seu General, corre em direcção da Patria de S. Luiz e, ao atravessar um rio, naufraga o seu batel, elle pega nos dentes o coração do General, nada, e quasi exanime pisa o solo patrio; cava uma cova e alli planta o Coração do seu general; momentos depois, grita louco de enthusiasmo: Viva a França; e cahe morto sobre a sepultura dum coração patriota.

Agora ouvi os rasgos generosos de um amor Materno.

Um joven, optimo filho até os 18 annos, fôra assaltado pelas inclinações e mãos companheiros ás dissoluções.

Preso nos braços de uma infeliz por quem cegára, ouvira da mesma esta sentença: só te adoro se me trouxeres na mão a cabeça de tua mãe.

Elle louco, corre, entra precipitado no lar, donde havia se afastado ha mezes, corta o collo de sua mãe e sahe correndo com a cabeça pegada pelos lindos cabellos quando escorrega e cahe. Pasmai, pernambucanos; dos

labios maternos, sahiram estas palavras: Magoaste-te meu filho?!!

Pernambucanos. *A Patria inteira confia o seu futuro a nós.* Amemos esta Patria como amamos nossas mães. Se me fosse dado hoje gosar o que pretendia, eu escolheria dois summos prazeres. Primeiro ver o longo manto branco da Paz cobrir toda a Patria Brasileira. Segundo, olhar desta tribuna todos os pernambucanos de joelho saudarem á Virgem Maria.

E tu, oh Mãe! Abre compassiva o teu regaço e coloca sob o teumanto azul cor do firmamento da terra do Cruzeiro, esses 30.000.000 de Brasileiros, que te saudam entusiasticamente no dia que ufano commemoram seu primeiro Centenario de Paiz Independente.

Egreja Evangelica

Conforme recommendação da Assembléa Geral da Egreja Presbyteriana no Brazil e da Commissão Brasileira de Cooperaçãõ, a Egreja Evangelica desta Cidade celebrou, ás 8 horas do dia 7 de Setembro, um culto ao ar livre, constando dos actos abaixo descriptos.

Sob uma arvore em frente da Egreja, divisava-se o pulpito modestamente ornamentado, ladeado pelo organ e cantores.

De entre os presbyteros Francisco Gueiros e Manoel Vidal, ergueu-se o Revmo. Cicero Siqueira e annunciou a antiphona 223 dos Psalmos e Hymnos, a qual preludia da pela organista D. Zuila Vidal e pelo Maestro Bellarmino Alves de Mello, em breve dominou todo o auditorio, calculado em 450 pessoas e se espraizou na vastidão do espaço. Terminado o canto do hymno, o pastor convidou a todos para, em oração, se dirigirem a Deus.

A oração obedeceu aos seguintes topicos:

Graças a Deus

1.º — Pelos caracteristicos ethnicos do povo brazi-

leiro, mediante os quaes o Brazil veio a occupar posição honrosa, como povo pacifico.

2.º — Pelo amor á liberdade e espirito independente que animaram os instauradores de nossa nacionalidade.

3.º — Pela cordura e justiça com que o nosso Paiz, pela politica de amizade, fixou as suas fronteiras.

4.º — Pelos principios liberaes consagrados nas leis do Brazil — a liberdade de pensamento e de cultos, abolição de escravatura, proclamação da Republica, o arbitramento e prohibição da guerra aggressiva, a separação da Igreja do Estado e legislação social.

5.º — Pela fecundidade do solo, amenidade do clima, belleza da terra que Deus nos deu.

Intercessão

1.º — Pelos que estão em autoridade como ministros de Deus, para o nosso bem.

2.º — Pelo povo, afim de que seja livre do analfabetismo, das doenças que se desenvolvem á sombra da superstição e da ignorancia, dos males sociaes oriundos da natureza peccaminosa, da licença e da anarchia.

3.º — Pelo espirito altruista, afim de que, com o progresso da Patria se estabeleçam relações justas e amistosias entre o capital e o trabalho, entre os que collaboram com a mentalidade e com a força do braco para o engrandecimento da Patria; pela concordia e fraternidade entre as classes sociaes.

4.º — Pela unidade nacional, desenvolvimento de uma elevada consciencia publica, formação de um povo moralmente homogeneo, afim de que sejamos livres dos odios de raça e que todos os que habitam o Brasil, como nacionaes ou immigrants, amem-se uns aos outros e a Deus como Pae commum.

5.º — Para que predomine, na vida nacional, o padrão mais elevado dos valores moraes.

Para que Jesus seja de facto reconhecido como unico redemptor e mediador entre Deus e os homens, e o seu dominio se extenda sobre o individuo, sobre a familia, e em todo o conjuncto social e por todo o territorio nacional.

Abrindo as Escripturas o rev. Cicero Siquenra leu os vs. I-8 do Cap. 6 do livro de Exodo.

Continuou o Senhor a falar a Moysés, dizendo-lhe: Eu sou o Senhor, que appareceu a Abrahão, a Isaac, e a Jacob como o Deus todo poderoso; mas eu não lhes declarei o meu nome Adonai. Eu fiz concerto com elles de lhes dar a terra de Canaan, terra da sua peregrinação, em que viveram estrangeiros. Eu ouvi os gemidos dos filhos que Israel, pela oppressão que padeceram dos Egyptios; E lembrei-me do meu concerto. Por isso dice aos filhos de Israel: Eu sou o Senhor que vos hei de livrar da servidão, e que vos hei de resgatar com poderoso braço, e por meio de grandes juizos. Eu vos tomarei por meu povo e serei o vosso Deus, e sabereis que eu sou o Senhor vosso Deus depois que eu vos tiver tirado da prisão dos Egyptios: e depois que vos tiver introduzido na terra, sobre que levantarei a minha mão para dar a Abrahão, Isaac e Jacob; porque eu vos metterei de posse della.

Lida esta parte das Santas Escripturas foi annuciado o hymno avulso "Satisfeito" que foi entoado por todos.

Syntese do Sermão civico-religioso pronunciado pelo Revm. Cicero Siqueira por occasião do culto em homenagem ao centenario da Independencia.

Tomadas por texto as palavras acima transcriptas começou o pregador dizendo que o captiveiro do povo de Israel no Egypto tem semelhança com o nosso captiveiro politico e typifica o nosso captiveiro espirital, mas antes de entrar na meditação destas verdades, congratulemo-nos — disse o orador — com o Senhor Jesus, pelas alegrias deste dia que assignalla a maior victoria para um povo. Saudemos o seu arrebol, pois estamos em paz e em paz nos foi dado festejar o centenario da Independencia da Patria,

Ebenezer — Até aqui nos ajudou o Senhor.
E continuou o orador:

Israel no Egypto tinha attingido a sua maioridade, era chegado o momento de emancipar-se, mas, o que para um pãe é motivo de alegria, para Pharaoh, senhor despota, era uma desgraça. pois á custa do trabalho dos israelitas tinha se engrandecido o Egypto, e tornado poderoso Pharaoh.

Aquelle nobre povo estava em terra extranha, mas tinha patria, e Deus era o seu rei.

Foram livres mas agora gemiam sob o guante ferreo de Pharaoh despotico. Trabalhavam sem remuneração, choravam sem consolo, e só canceira, e só vexame, e soffrimento eram o seu quinhão.

A situação delles era angustiosa, mas os seus gemidos, os seus clamores. um dia, chegaram aos pés de Deus, e Deus na visão da sarça ardente de Horeb, revella a Moysés que souu a hora alviçareira da libertação de Israel.

À moita abrasada em chammas rubras symbolisava o povo hebreu opprimido e tyranisado por Pharaoh.

A sarça, planta rasteira, revella humildade, e o fogo que a envolve sem a consumir, soffrimento.

Lembrei-me, diz Deus.

O povo estava em agonia, desterrado, escravizado, afflictamente agoitado pelo azorrague de Pharaoh.

E' nesta hora angustiosa. que Deus vem em soccoro de seu povo eleito. Lembrou-se, sim, lembrou-se do seu concerto com Abrahão, a quem tinha promettido a bemaventurança da familia da terra o seu patriarchado sobre os domesticos da fé.

Lembrou-se e disse.

Eu sou o Senhor.

Nestas palavras está revellado o poder de Deus que se vai manifestar abatendo a cerviz endurecida do monarcha despota, libertando o seu povo.

Quando Deus mandou Moysés tirar o povo de Israel do Egypto, o humilde pastor de Mádian, temendo que o povo não o acreditaria enviado de Deus, pediu que Deus o instruisse acerca do que deveria dizer ao povo. Res-

pondeu-lhe o Senhor Deus: "Dize-lhe: *Eu sou o que Deus me enviou a vós*".

Havia segredo neste *Eu sou*. Deus ia se revellar conforme as circumstancias: a Pharaoh: Eu sou o Deus todo poderoso; a Israel, o Deus que te livra. Ia Elle por meio de Moysés, fragil homem, fazer a independencia de seu povo. Tinha soado a hora de sua independencia do jugo de Pharaoh ou morte horrivel sob o mesmo jugo. Um povo sciente e consciente do grande papel que ia desempenhar no meio da humanidade, pelas promessas feitas, não podia continuar por mais tempo sem patria, sem governo estabelecido, sem leis.

Eu sou o Senhor que vos ha-de tirar da prisão dos Egypcios.

Trava-se o duello; Pharaoh, no auge do seu orgulho, blasphema e diz: "Quem é Gehovah para que eu lhe obedeça; não conheço senhor, não deixarei sahir a Israel!"

Diz Deus a Moysés: "Agora verás tu o que eu vou fazer a Pharaoh: Porque por mão poderosa os deixará sahir e com mão robusta os lançará fóra da sua terra".

Deus promette livrar e resgatar o seu povo e Pharaoh ignora que dura cousa é recalcitrar contra o aguilhão.

Vão se revellar os destinos da providencia; a parte mais fraca será a vencida. *Eu vos hei de livrar, diz o Senhor Deus, por meio de grandes juizos*. Surjam esses juizos: São as pragas que vão apparecendo á proporção que Pharaoh endurece o coração, e fecha os ouvidos aos rebates da Providencia.

Sobre as terras egypcias appareceram as rãs que invadindo tudo e tudo devastando obrigam Pharaoh a pedir misericordia para reincidir na obstinação logo que a praga foi suspensa. O pó da terra transforma-se em mosquitos, as moscas devastam, a pestilencia assola, as pedras desmudam, os gafanhotos devoram, as trevas envolvem toda a terra egypcia e Pharaoh zomba de Deus.

A serie das pragas culmina na mortalidade dos primogenitos.

Deus annuncia que o anjo passará e matará todo o primogenito desde o mais humilde ao filho do rei. Mas é necessario que não morra um sequer dos primogenitos

dos israelitas. Deus mesmo faz a previsão. Ordena que de sangue de um cordeiro sem defeito se borrifem as umbreiras das portas, que será por signal e o anjo destruidor, vendo passará por cima.

Era meia noite quando o mensageiro passou, desde o primogenito o mais humilde até o primogenito de Pharaoh, todos pereceram.

Pharaoh, horrorisado intima que o povo saia.

Passados os horrores dos primeiros instantes o obstinado rei persegue o povo que triumphante rumo á Canaan, por impervios desertos.

A pé enxuto, Israel passa o Mar Vermelho e Pharaoh tentando fazer o mesmo perece com os seus carros e cavalleiros no furor das vagas do mar irado.

Senhores estava feita a redempção. Deus tinha resgatado o povo por meio de sangue, porque sem derramamento de sangue, não ha remissão.

Alem do mar, Moyses entôa o canto da victoria; estavam livres, independentes.

Aprenderemos daqui a pouco, desta historia, alta lição espiritual.

Senhores, podemos ver neste facto da historia de Israel, muita semelhança com a nossa historia politica.

Viviamos em um paiz que era nosso, mas onde eramos escravos; eramos nação sciente e consciante dos nossos deveres e direitos, mas os reis de Portugal não sabiam comprehender o palpitar do coração de um povo que se agitava para a conquista de sua liberdade, autonomia, Independencia.

Viviamos condemnados á triste sorte de escravos, trabalhando para as prodigas cortes de um Reino, canalizando o nosso ouro, nossas riquezas para um paiz que se erguia e se impunha ante os outros paizes, escudado em nossas forças, em nossos trabalhos, sem que nos assistisse outro direito sinão o de trabalhar sem murmuração.

Nossas forças estavam tolhidas, quando as queriamos para o bem da terra, não podiamos produzir sinão o que se nos destinavam, e nas nossas fontes suarentas cahia o montante de reis e rainhas perversos.

Gritos de liberdade, inconfidencias, revoluções abafavam-se em sangue, maldição e infâmia. E para escarvamento dos sobreviventes, trabalhos forçados, tarefas duplas, impostos asphixiantes, oppressão e degredo.

Infernal captiveiro como este só o de Pharaoh das Escripturas.

Um dia o gemido do povo soffredor, encontrou echo. Houve lucta, e a força maior combatendo a menor, derrotou-a em campo aberto, e a 7 de Setembro de 1822 proclamou-se a redempção de um povo grande e nobre.

A nossa independencia foi feita sem sangue, mas para que um dia a liberdade fosse uma realidade, como foi no dia 7 de Setembro, foi necessario que entusiastas derramassem sangue afim de que com razão sobrada se diga que até mesmo na redempção de captivos politicos, haja sangue.

Alem mar, aquem mar, separam-se e aquem do mar de tribulações e angustias, espraiando as nossas vistas e vislumbrando os inimigos de nossa nacionalidade vencidos para sempre podemos entoar o canto triumphal:

“Ouviram do Ypiranga as margens placidas
“De um povo heroico o brado retumbante;”

Agora Senhores, que falamos de um captiveiro physico e que muita semelhança achamos com o dos descendentes de Abrahão, no Egypto dos Pharaohs, falemos de um segundo captiveiro a que está preso a nossa Patria,, captiveiro mais odiento do que o do Egypto, mais humilhante do que o de Portugal, pois é o captiveiro espirital, captiveiro do peccado.

Este captiveiro tem seu simile ainda no captiveiro do Egypto como veremos.

Senhores, desde o momento que os nossos pá:rs Adão e Eva pelo goso ephemero do peccado trocaram a dôe communhão com Deus comendo o fructo prohibido, que se tornaram escravos de um senhor mais infame que Pharaoh, o senhor peccado, e nós que somos descendentes de Adão por geração ordinaria ficamos espiritualmente escravizados obedecendo incondicionalmente aos impulsos de nossa natureza decahida e peccaminosa, feitos jogue-

tes, titenos á mercê do peccado. Mergulhamos nas trevas e peccamos por pensamentos, palavras e obras. Deus, porém que sempre odiou o peccado mas amou o peccador, sua imagem e semelhança, faz que nos meios das trevas em que se debatiam os nossos paes, após a queda, brilhasse uma luz esperançosa — o proto-evangelho revellado naquellas palavras: — “*A semente da mulher esmagará a cabeça da serpente.*”

Por millenios, a descendencia de Adão foi alimentada de esperanças, alentada por symbolos e typos, prenunciadores da obra da redempção e liberdade que a semente promettida proclamaria aos captivos do peccado.

Sob o governo do peccado, a humanidade soffre mil vezes mais do que os israelitas no Egypto. Trabalha incondicionalmente no seu serviço, e como recompensa de tanto esforço, de tanto trabalho, de tanta canceira, só males, só soffrimentos, dores, agonias e morte temos por salario.

A lei, promulgada por Deus, era santa, justa e bôa mas com os seus fulgores, só terrores nos causaram, pois ameaça ella: *a alma que peccar esta morrerá.*

Vêm os suspiros por Deus e nas noites interminas em que se debatia o genero humano, suspirando por Deus, como o servo pelas correntes das aguas, para clarear, por momentos fugazes, o caminho que palmilham os romeiros da eternidade, brilhavam como archotes bemitos, as palavras propheticas:

Isaias, cognominava-se o propheta evangelista e vaticina o nascimento do Libertador apellidando-o Admiravel, Conselheiro, Deus Forte, Páe da Eternidade, Principe da Paz.

Os tempos correm, a humanidade soffre, as dores apertam, e os gemidos agonisantes repercutem nos céos e Deus lembra-se de suas promessas, e na plenitude dos tempos, no estabulo humilimo de Belem; por entre as harmonias do céu e a pobreza dos homens nasce o Preparado ante á face de todos os povos o Desejado das Nações, o Almejado dos corações, o Redemptor dos peccadores, o Libertador dos escravos — Jesus Christo — O Verbo Eterno Encarnado.

Abriu-se uma nova phase para a humanidade, soprou um vento libertario, os homens respiram melhor.

Mas, Senhores, a humanidade estava vendida. Era necessario resgatal-a, amparal-a. O ouro e prata que são cousas corruptiveis não na podiam comprar.

Todos são peccadores, portanto, escravos do grande inimigo das almas, Satanaz, que não consentiria que ellas fossem arrancadas de suas mãos sem que elle fosse indemnisado pois são suas, essas almas, elle as comprou pelo gozo do peccado, e elle que tem os reinos deste mundo, pois os offereceu a Jesus Christo quando o tentou, exige elevadissimo preços pelos escravos que são seus, lhe obedecem, estão sob suas ordens.

Todos são peccadores, portanto escravos, sujeitos á justiça inexoravel de Deus. De um lado o Amor de Deus queria livrar os escravos, do outro lado, a isto se oppunha a Justiça de Deus que não tolera o peccado pois macula aquelle outro attributo do Deus Santidade.

O Amor e a Justiça tinham de se harmonisar, de se beijar.

Senhores, sem derramamento de sangue não ha remissão, diz o Supremo Codigo — às Santas Escripturas.

Para Israel sahir incolume do Egypto, era necessario que nos umbraes de suas portas visse o anjo o sangue do Cordeiro.

Senhores, Jesus Christo é o cordeiro de Deus que tira o peccado do mundo, como bem disse João Baptista. *Aqui estou oh! Deus para fazer a tua vontade.*

Estava decretado que o Senhor Jesus devia pagar o preço exigido — Sangue.

E' na Cruz dô Calvario que este sangue corre. La no cimo altaneiro da cruz — o seu throno, tendo aos pés o negro quadro da perversidade humana, e echoando aos seus ouvidos o côro infernal dos improperios e doestos, o sarcasmo blasphemador da turba multa, o seu lado dilacerado jorrando sangue, elle alça a voz e diz — "Pae perdoa-lhe..." *Consummatum est* — Tudo está consummado.

Pelo sangue derramado, fez-se a redempção, pagou-se o preço, proclamou-se a liberdade, e ficou captivo o captiveiro.

Deus humanizado, pregado no topo de uma cruz, no cimo de um monte onde dardejaram os raios ardentissimos da Justiça de um Deus irado, desfraldou o Pendão Real do Evangelho, Bôas Novas que nos dizem que Deus em Christo resgata, salva e glorifica o peccado.

Senhores, o povo Brasileiro, como todos os povos da raça de Adão, é peccador, e como tal necessita da salvação que Jesus Christo trouxe.

Depreque-mos aos céos para que em breve se festeje a liberdade espiritual do Brasil, liberdade dos mil peccados que o assoberbam dos vicios que o empolgam, da impudicicia que o contamina, do alcoolismo que o embriaga, do jogo que o deslustra, do analphabetismo que o atrazza, das superstições que o atemorizam, e seja a nossa grande Patria regida espiritualmente pelo Senhor Jesus, Reis dos Reis, Senhor dos Senhores.

Terminado esse sermão o presbytero Francisco Gueiros erguendo-se diz que deseja saudar seus irmãos no dia da Patria. Em seguida se confessa grato a Deus por ter Elle, na sua infinita misericordia, lhe concedido que, embora velho, visse a Patria festejando o seu centenario da Independencia, e que desejando se congratular com os seus irmãos, quer ler-lhes uma parte das Santas Escripturas, a qual não tem só cem annos de existencia mas muitos millenios, pois são os Dez Mandamentos escriptos por Deus em pedras lá no monte Sinai. Quanto se sentiria alegre, diz o presbytero, si neste dia festivo, em toda a vastidão do territorio nacional, se meditasse naquellas palavras dadas por Deus, por entre o ribombar dos trovões e o fuzilar dos relampagos.

Abrindo as escripturas lê sob profundo silencio os Dez Mandamentos dados por Deus a Moysés.

Terminada a leitura fez uma exortação dizendo que, em nenhum momento sequer da vida de cada crente fossem esquecidas aquellas palavras.

Convidados todos para se dirigirem a Deus em oração foi pelo mesmo presbytero dirigida a Deus tocante prece.

Annunciou-se o hymno 266, *Deus salva a Patria*, findo o qual impetrou o pastor a seguinte

Bençam apostolica

A graça de Nosso Senhor Jesus Christo, o amor de Deus Pae a Communhão e Consolação do Espirito Santo sejam com todo o povo brasileiro agora e para sempre, amen.

HYMNOS

(Primeiro hymno cantado a quatro vozes no Culto Evangelico no dia 7 de Setembro)

Antiphona

(Psalms e Hymnos 233)

Tua, oh! Deus, é toda a grandeza,
E o poder e a gloria
E a victoria e os louvores eternos;
Pois tudo o que está no mar,
E no Céu, e na terra, é teu.
Teu é o imperio, oh! Senhor!
E Tu és acima de todos os Reis.
Amen Alleluia!

(Terceiro hymno cantado a quatro vozes)

Deus salve a Patria

(Psalms e hymnos 266)

Por nossa Patria oramos
A Ti, supremo Deus!
Por nosso lar clamamos
A ti, oh! Rei dos Céos!
Bemdize a vida pastoril;
Governa o brio senhoril;
Tempera a lida mercantil;
Deus salve a Patria! Etc.,

Os jogos desportivos

Os jogos desportivos remontam aos tempos idos. Os amphitheatros de Roma e os *Stadiums* da Grecia, ahi estão nas paginas da historia confirmando não só esta verdade como vivamente attestando que a cultura *physica* foi sempre a pregada por pedagogos como Lycurgo, que a reputou indispensavel coadjectora no aperfeigoamento da mocidade estudiosa.

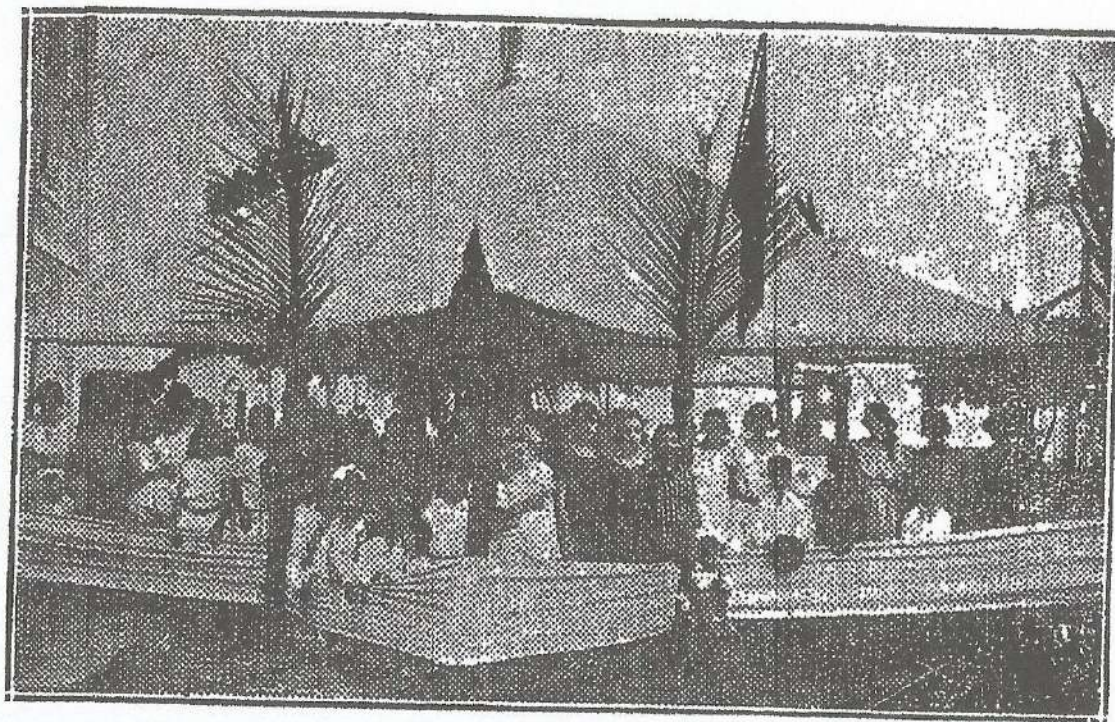
Embora os jogos athleticos, hoje em uso, não sejam, exactamente, os da antiguidade, contudo, não podemos negar que a elles muito se assemelham e d'elles se derivam.

Aperfeigoados e victoriosos como estão por toda a parte do mundo civilizado. têm esses jogos, por advogados, medicos de nomeada, professores emeritos, directores de instituições, que *ex-cathedra* pregam sua necessidade como complemento á cultura e ao desenvolvimento intellectual, realizando os preceitos sabios: *mens sana in corpore sano*.

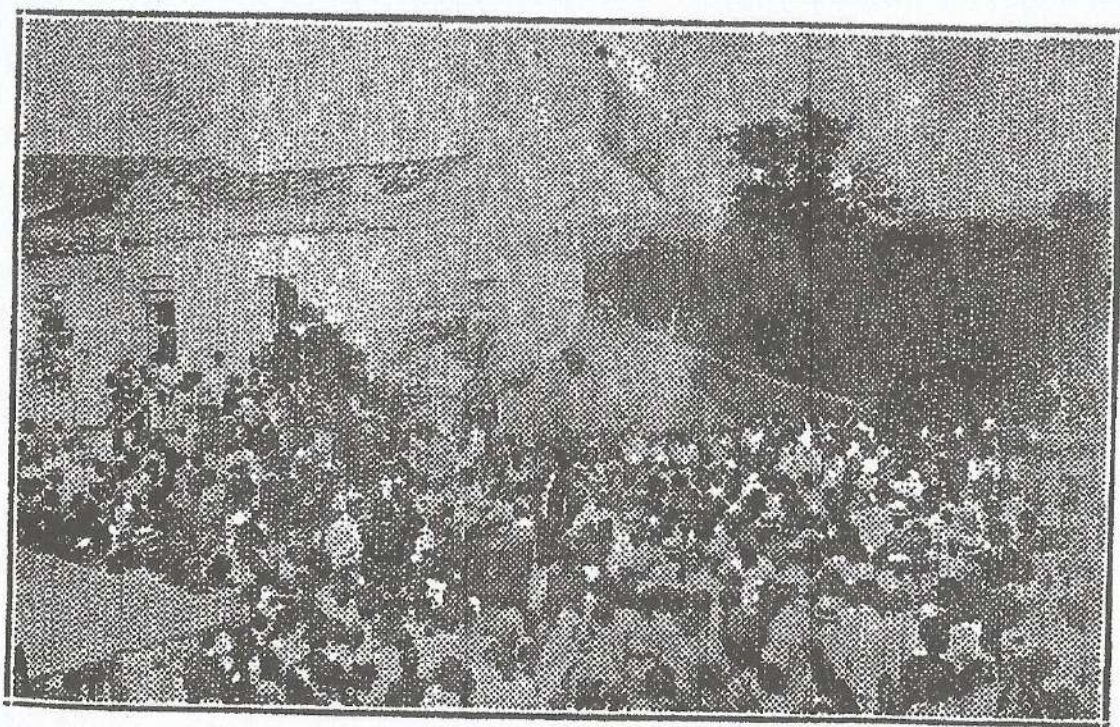
Optimistas ha, que reputam os jogos desportivos, em seus *match* internacionaes, como poderosos laços de confraternização entre as nações e raças discordes. Quanto a este conceito é de lastimar que grande parte da mocidade o tenha desvirtuado não o correspondendo quando, em contacto com os adversarios no campo da peleja. Os factos de ultimamente demonstram que os moços, empolgados mais pelos jogos que pelos deveres de cortezia, têm espesinhado os mais comensinhos preceitos de educação, de civilidade, em pleno *stadium*, praticando actos verdadeiramente incompativeis com o seu character, de jogadores civilizados.

Ozalá seja, em breve, conjurado tão grande mal, realizando o athletismo, entre os povos, o sublime escopo para que se propoz.

Para os festejos do Centenario foram no Paiz annunciados *matches* internacionaes, interestadaoes e inter-



A BARRACA VERDE



Aspecto dos Jógos Desportivos vendo-se ao fundo a cobertura da Barraca Encarnada.

municipaes, como parte integrante das festas commemorativas.

Canhotinho, rico Municipio do Estado de Pernambuco, posto que quasi desconhecido lá fóra, precisava de mostrar que não estava aquem dos povos cultos e alheio á educação moderna, e para isto, de antemão preparou-se, resolvido a dar, no grande dia nacional, u'a nota honrosa da sua tendencia para o desenvolvimento e aperfeiçoamento, realizando tambem jogos esportivos, dignos da apreciação de um publico educado.

Neste proposito, annunciou então Canhotinho, para a tarde do dia 7 de Setembro, uma variedade de jogos, todos proprios dessa creançada que se vae admiravelmente educando nas suas escolas, para serem, no futuro os homens da Patria.

Coube ao Sr. Cicero Siqueira, um dos professores do Collegio Evangelico, treinar a meninada daquelle educandario para essas diversões. Assim, de ha muito vinha elle, o Sr. Cicero, promovendo ensaios de varios jogos, os quaes eram effectuados no alto da Parazita, mesmo no local onde fica situado aquelle Collegio.

Todas as tardes os trenos se realizavam, sempre animados e promissores de ferrenhas luctas no campo das decisões. Já desse tempo começára o entusiasmo. A gritaria dos meninos e a originalidade dos brinquedos, muito cêdo attrahiram a curiosidade dos transeuntes, que á proporção que se iam agrupando convertiam-se em "Torcedores" de uma das partes disputantes.

O "*Cabo de Guerra*", foi o primeiro a despertar esse entusiasmo. Excellente exercicio physico, de effeito arrebatador, todos os que assistiam o seu treno eram de tal maneira empolgados que uma das vezes, quando o lado em cuja ponta puxava o rapaz Thadeu, venceu o lado em que puxava o Fernando, ouviram-se os primeiros vivas no *Encarnado*, cor com que se vestia um dos grupos luctadores. Baptisado assim, *ex-abrupto*, um dos lados, o outro foi, *in-continenti*, chamado *Verde*.

Lamentamos que os que adoptaram aquella primeira cor não tivessem reflectido, na occasião, que todos se estavam preparando para festejar um dia nacional, o dia da Independencia, e por isto deveriam escolher tambem

uma das côres nacionaes, o *amarello*, para com ella se vestirem e assignalarem o seu partido. Ha neste argumento, tanta razão, tanta logica que, delle se utilizando os partidarios do *Verde*, muito facilmente adquiriram adeptos. que fortemente engrossaram o seu partido.

Foi Urbano Victalino que, á frente de um numero so grupo, iniciou formidável prapaganda pró *Encarnado*, conseguindo engrossar as suas fileiras com bons e valiosos elementos. Do outro lado Solon Vidal, que tambem desenvolveu cerrada campanha em favor do *Verde*, alcançando egualmente numero consideravel de *torcedores* e adhesões de valor incontestavel.

E foram assim creados, com surpresa de todos os promotores das festas civicas, os partidos *Verde* e *Encarnado* que tanto rebuliço e alarme despertaram em Canhotinho no dia memoravel de 7 de Setembro.

Não ha negar que atravessamos uma epocha não só de agitações, mas. de insatisfações e descontentamentos geraes. Os homens. como uma familia desavinda, em tudo encontram algo a se oppor. Por tudo querem gritar e gritar seja contra quem for.

Ha pouco assistimos uma campanha bem demonstrativa de que o espirito da revolta e da opposição que, continuamente tem açoitado o velho mundo, por entre nós perpassou attestando vivamente a insatisfação do coração humano. Foi a campanha presidencial, campanha que bem podiamos chamar de odio e de infamia, cujos fructos macabros e sangrentos foram os cadaveres de um punhado de moços, heróes de cousa ingloria.

Em o nosso Estado pairou tambem essa *nuvem que os ares escurece*, e os animos se eriçaram. — *Tu és feio...* — *Feio és tu;* — foram as cortezias da nossa imprensa nos dias attribulados da questão governamental. Soldados, cangaceiros, carabinas, vasos de guerra, tiros, correias, mortes e assaltos constituiram as anormalidades, que provam o nosso accerto, consequentes dos desejos insaciaveis do homem na sociedade.

Canhotinho, do mesmo modo, não podia escapar a essas influencias mesologicas e na sua politica, situacionistas e dissidentes queriam tambem gritar preparando-se

para uma lucta, que seria fatal se um accordo honroso não viesse, mais tarde, suffocar as paixões em litigio.

“Mas quem pode conter a palavra concebida?” já indagava o pensador de Ur.

Nas questões do *Verde* e do *Encarnado* em Canhotinho não houve, para felicidade nossa, o fogo dessas paixões destruidoras da paz social; comtudo tivemos a gritaria dos partidarios insatisfeitos ensurdecendo e abalando toda a cidade, como se o Vesuvio estivesse em plena erupção entre nós. As divergencias e o espirito de opposição *systematica* na alma de cada um dos *torcedores*, foram a maior novidade dos dias alegres que atravessámos. Na lucta dos partidos nenhuma conciliação; pelo triumpho todos se batiam, *Encarnado* e *Verde*, embora só nas catecheses, que foram realmente desenfreadas e perseverantes.

Mas relatemos o acontecimento.

Os adeptos desses dois cordões se multiplicavam assustadoramente a todo o momento e a propaganda continuou intensa, preparando-se cada partido para brilhar no dia. Ainda bem uma idéa não esvoaçava no cerebro de um *verde*, no de um *encarnado* já uma resolução produzia os fructos da victoria architectada.

Harmonizaram-se, porém, num ponto, os inconciliaveis adversarios: — todos construíram “barracas” *symbolos* dos partidos em lucta.

Cousa admiravel! Dahi por diante ninguem mais transitou pela cidade sem ostentar a cor que o fez partidario. Aqui é um cidadão que até o chapéo já tingiu de *encarnado*; ali é outro que passa garbosamente enfaiado no *verde*; acolá um terceiro, que monta fogoso corcel e annuncia publicamente sua predilecção pelo *rubro*; mais alem um quarto trajando camisa e gravata cor *esperança*.

O Caetano Vidal, cuja familia se dividiu na questão, fazendo resaltar a sua preferencia pelo *encarnado*, veste pelo avesso um grande *punch* dessa cor, e aos raios do sol passeia alegremente.

Viva o *Verde*, viva o *Encarnado* são os gritos que encheram o espaço, vibrados incessantemente nos dias de preparativos das grandes festas da Liberdade.

Solon Vidal, João Vidal, Antonio Pimentel e D. Leopoldina Correia tornam-se os heróes do Verde o mesmo se dando em Glycerio, com o Cap. João Miranda de quem se recebe no dia 6 o seguinte telegramma: — *Reina delirante enthusiasmo VERDE principaes familias Glycerio; Batutas em preparativos. Seguiremos trem manhã. Nem um ENCARNADO. Viva o VERDE.*

Egualmente, D. Ernestina Vidal, D. Zuila Vidal, Cap. Nicolau Teixeira, senhorinhas Esmera Vidal, Rachel Victalino, Esther de Barros, Amnisia Vidal e Cecilia Lopes mostram-se incansaveis trabalhadoras no serviço do *Encarnado*.

No Tipy Cicero da Matta, por sua vez, se põe em campo e contracta, com surpresa, para o *encarnado*, u'a macaca lepida e dansarina e um zabumba para no dia da festa entrar triumphantemente na cidade tocando o *Indio Nacional*.

E assim nesse azafama, amanheceu o 6 de Setembro, bôa vespera do dia 7.

Continúa com mais intensidade e calor os preparativos para o triumpho. Agora é o major Victalino superintendendo uma turma de trabalhadores, que obstruindo troncos e barrancos aformoseiam o Alto da Parazita; depois o Cap. Nicolau Teixeira, que traçando no chão, ao lado do collegio um triangulo, dá começo á construcção da barraca *Encarnada*. Do lado opposto desenrolam-se cordas e, *engenheiros* desenhando no sólo, uma estrella, inicia-se a barraca *Verde*. Trabalhadores atacam o serviço e as barracas se vão erguendo, despertando em cada um dos partidarios maior gosto e mais funda paixão pela sua *côr*.

A's 12 e meia, porem, deixam os partidarios do *Verde* os afazeres e em grande passeata vão á estação receber os Glycerences, que tendo á frente João Miranda, Muniz Telles e João Pugliesi desembarcaram debaixo de fogos e vivas alarmantes, rumando todos o Alto da Parazita, já em rebuliço.

A's 18 horas tem os *encarnados*, prompta exteriormente a sua barraca, graças á facilidade que lhes outorgava a planta, a operosidade de seus confeccionadores e a maneira de ser ella coberta por meio de panos enro-

ados em vez de costurados. Os *verdes*, entretanto, pela inósidade dos seus constructores e pelo capricho de se costurar o pano da cobertura, só esperavam ter levantada a sua barraca pela madrugada do dia 7.

Emquanto assim procediam os apaixonados das duas correntes, com admiração de todos, ornava D. Agueda de Mello uma palhoça, em forma de meia-agua com a denominação de *Paz e Concordia*.

A's 19 horas ouvem-se foguetes. — Que ha? Perguntam todos curiosos. — A macaca, que rigorosa e garbosamente vestida de *encarnado* fazia a sua entrada triumphal na cidade, por entre vivas e acclamações delirantes.

A' meia noite desse mesmo dia estava a *Barraca Encarnada* quasi concluida, o que fizeram os seus adeptos sob rigoroso sigillo. Vaticinou-se então o fracasso da *Verde*, cujo pano da cobertura ainda não se achava prompto áquella hora.

A's 2 da madrugada, porém, provava-se o contrario; esta barraca exhibia a sua bella cobertura logo mostrando altiva e orgulhosa a sua artistica forma estrellar. Dahi por diante mãos ageis activaram-lhe a decoração para poucas horas depois estar ella definitivamente acabada dando a idéa de um bosque natural onde não faltavam lindas avencas e palmeiras olentes.

A *Encarnada* em cujo centro brilhavam, áquella hora, focos de luz, dava ao espectador, ao longe, a idéa de um incendio em alto mar, visto atravez das brumas de uma cerração.

Ambas offereciam, ás 6 horas da manhã, ao nascer do sol, um quadro imponente e encantador. O serviço de enfeite estava, de facto irreprehensivel.

Geographicamente adornavam a *Barraca Encarnada* faixas vermelhas trazendo, em letras brancas, os nomes dos Estados, conforme se acham estes traçados no immenso triangulo brasileiro. A' sua entrada, tambem em letras brancas e fundo vermelho, lia-se esta inscripção: — 7—9—1922. — No interior lindos enfeites japonezes, bellos ramalhetes de rosas naturaes inteiramente encarnadas, dois barcos artisticos e symbolicos revelavam que um gosto esthetico e mãos artisticas ali pairaram.

Do topo do mastro que se erguia do seu centro fluctuava a Bandeira Nacional. Aos raios do sol que lhe cahia sobre a coberta, era essa barraca como que uma chamma ardente tingindo o espaço e as pessoas presentes de uma coloração rubra.

Quanto á *Barraca Verde*, era esta, aos primeiros beijos de Helios á Mãe Natura, um bosque transplantado dos sombrios matagaes e engastado na praça desnuda do Alto da Parazita. No seu interior, sob uma coberta em forma de estrella verde-amarello ostentavam-se variedades de avencas, desde a mais delicada Madagascar ao fêto de nossas florestas. Em derredor farfalhavam folhas de palmeiras. Pinotes em profusão, lindas rosas artificiaes, todas verdes e variedades de crotos completavam o quadro arrebatador.

Emfim, quem contemplasse qualquer uma dessas barracas, por força se tornaria partidario de uma de suas cores, tal a sua seducção, o seu encanto.

A's 10 horas do dia 7 já era intenso o movimento em torno das barracas aguardando-se o inicio dos jogos da creançada. Não mentimos; a gravura que adeante reproduzimos attesta-o cabalmente. Uma alegria doida sacudia a multidão formada pelos partidarios dos cordões que se iam bater; ninguem se ouvia, ninguem se comprehendia; só os vivas ao *Verde* e ao *Encarnado* imperavam no espaço estimulando os jovens batalhadores para o triumpho da peleja. Eis quando se constitue uma commissão composta dos Drs. José Vieira Rabello, Geroncio Borba e Rev. Cicero Siqueira, Manoel Vidal e Caetano Vidal para levar, em nome dos partidos disputantes, ao Vigario Moysés Ferreira, o convite da festa desportiva.

Chegado que foi, este distincto sacerdote, ao campo das barracas, debaixo de musica e acclamações, ouviu-se o tocar de uma campanhia e logo em seguida, ao som do hymno musicado pelo Sr. Bernardino Alves de Mello, deu entrada na arena do jogo, o *Cordão Encarnado*, o mesmo fazendo o *Cordão Verde*, todos ovacionados.

Prenunciava-se renhida a lucta e ninguem se atrevia a vaticinar a victoria.

Compunham o *team verde*: Fernando Correia, José Vasconcellos, Ephren Victalino, David Lyra, Josué de Souza, Jonas Gomes, Carlos Pinto, Nelson Alcantara, Manacés Costa. Formavam o *Encarnado*: Thadeu Victalino, Ernesto Vidal, Antonio Pereira, Osiel de Barros, Cactano Vidal Netto, Francisco Vidal, Romeu Pinto, Alonso Costa e Noé Lyra. Ao todo 18 jogadores que se empenhavam pela victoria á sombra das bandeiras de seus partidos. Espectaculo alegre e de sensação, embora representados por creaturinhas ainda na flor da vida.

Começou o jogo com a lucta do *Cabo de Guerra*. Voltadas todas as attentões para as equipas adversarias, estas sentiram-se estimuladas tornando a peleja renhida e duvidosa para cada lado. Vem a gritaria de vivas e protestos e ninguem mais se comprehende. O grupo *torcedor* vae até ao *Cabo de Guerra* e o criterio do jogo desaparece. Enthusiasmo e confusão.

Na balburdia proclama-se a primeira victoria do *Verde*. Ha protestos, apontam-se irregularidades; ouve-se o Juiz e o embate é annullado. Dá-se começo então á rova lucta; é agora o *Rubro* que triumpho, dando lugar a maior gritaria. O apaixonamento excede e os partidarios perdem a calma. Dá-se o jogo por terminado e inicia-se uma parte intellectual.

E' o campeão do *Encarnado* quem primeiro pede a palavra e recita, do alto de uma banca, bella poesia patriótica. Depois, o menino Tranquilino da Cruz, trajando uniforme de official e espada desembainhada, diz suggestivamente outra poesia allusiva ás cores rivaes. Aclama-se o Major Joaquim Victalino e este rememora então feitos gloriosos dos nossos antepassados rematando a sua oração com uma saudação ás cores, naquelle momento incompatíveis.

A *torcedora do Verde*, Beatriz Rodrigues, recita admiravelmente a longa poesia de Castro Alves "*O Seculo*". Aclamado, fala ainda o Sr. Cicero Siqueira, que sauda no *Verde* a esperanza de ver um dia o Brazil, como a principal Nação do Mundo, e no *Encarnado* o sangue revoltoso e victorioso da raça latina.

A's 13 e meia horas foi aberta, pelo Dr. Vieira Rabello, a sessão, ouvindo-se nessa occasião o hymno da Independência, secundado por estridentes vivas á Nação Brasileira.

Readquirido o silencio, no meio da ansiedade geral do auditorio, pronunciou o Dr. Presidente da sessão subliminoso discurso congratulatorio, expondo, com proficiência de conhecimentos historicos, a razão de ser daquellas homenagens tributadas á Patria, no dia em que se celebrava o centenario de sua emancipação politica.

O Dr. Vieira Rabello falou cerca de quinze minutos, prendendo a attenção de todos pelo criterio de sua linguagem sóbria, mas concisa, terminando por conceder a palavra ao orador official da festa.

Nesse momento sentiu-se vislumbrar no semblante do selecto auditorio um que de extraordinario, de sensação estranha. O silencio tornou-se profundo e religioso, numa demonstração de respeito e attenção ao acto que se ia realizar, pelo qual todos se interessavam curiosos.

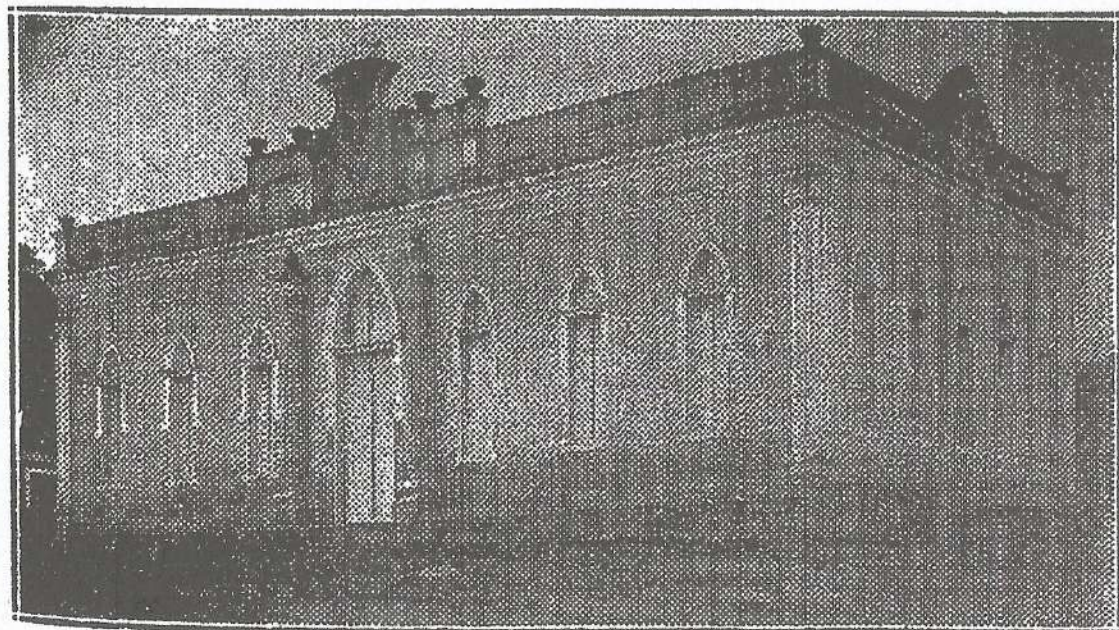
Levantou-se então o Dr. Gerencio Borba, logo empolgando a multidão com sua serenidade característica e seu porte de orador consciente e habituado á tribuna. Não ia elle ler um discurso, ia fazer uma conferencia historica sobre o feito, que a Nação inteira commemorava jubilosamente naquelle dia, e mais sobre os acontecimentos que se verificaram anterior e posteriormente, até a data do centenario.

Dentro desse programma delineou, o conferencista, com autoridade e competencia inexcediveis, o quadro majestoso da politica interna da Nação Brasileira, em referencia ao ponto culminante da sua historia — o da Independência proclamada em 7 de Setembro de 1822. Preciso bem, o orador, as razões desse movimento ingente da liberdade, o sacrificio dos seus heróes no scenario dos acontecimentos; a preponderancia do principe D. Pedro, desde a data immorredoura do "Fico" até a consolidação da Independência proclamada; fazendo, afinal, nos seus trinta minutos de oratoria feliz e de incontestavel alcance historico, o transumpto do feito, cuja importancia politica todo Brazil commemorou no seu primeiro centenario.

AS TREZ ORADORAS DO PAÇO MUNICIPAL



Da direita para a esquerda—Eunice Callado, Anna dos Passos e Maria do Carmo.



PAÇO MUNICIPAL—onde teve lugar a Sessão Magna.

O Dr. Geroncio Borba terminou a sua conferencia debaixo de applausos calorosos de toda a assistencia, recebendo em seguida, innumerous cumprimentos.

Não estava terminada a solemnidade do Paço Municipal. Após a conferencia official, foi concedida a palavra a todos os presentes. O dia era de festas nacionaes, festas do povo, e por isto todos podiam manifestar-se. A Republica é assim mesmo; tem a sua affinidade com o povo, que dirige politicamente, sem delle poder desligar-se.

Na França, em Julho de 1789 o povo, em formidavel insubmissão contra a monarchia, poder absoluto, fez-se soberano, derrubando a Bastilha. O sentimento que o impelliu a isto foi o da democracia. E a republica implantada no coração do grande paiz amigo, não mais se divorciou dos seus legitimos fundadores, embora houvessem estes, em 93, abusado de suas invejaveis prerogativas, reelevantando nas praças publicas o instrumento vil da guilhotina.

No Brazil, si respeitarem integralmente o regimen proclamado em 89, jamais se cerceará a alguém o direito de manifestação pela palavra.

Aquí em Canhotinho foi bem comprehendido esse principio basico da Republica, no dia em que se realizaram as festas de 7 de Setembro. Todo cidadão teve o sagrado direito de manifestar-se e dizer da Patria o que entendeu e sentiu, sem a ninguem causar enfado, ou aborrecimento.

Si em vez de cinco fossem cincoenta os oradores que falaram na sessão magna a que ora fazemos allusão, com intensissimo prazer de todos nos occupariamos agora, lembrando e perpetuando tudo o que elles houvessem dito. Não fizeram este numero os que se externaram, aliás, engrandecendo o nome nacional. Afóra os oradores já mencionados, só tres graciosas e intelligentes creanças entenderam de, solemnemente, ou soberanamente, pedir a palavra no augusto recinto em que se verificou uma das

mais significativas homenagens, que vimos de prestar á grandeza civica da nossa nacionalidade.

A primeira foi a interessante Cleonice de Souza Calado. Esta creança, sentada junto á meza da presidencia e ali assistindo e ouvindo, com religiosa attenção, todo o desenvolver da conferencia official, como que absorvendo o que nella se dizia de valor e utilidade para os interesses da Patria, sem nenhuma cerimonia, ergueu-se, passou um olhar investigador por toda a assistencia e dirigindo-se ao presidente da sessão, exclamou, altiva e desembaraçadamente: *Sr. Presidente, peço a palavra.* E Cleonice ia mesmo falar; ia dizer áquella assistencia de alta significação social, o que lhe haviam aconselhado que dissesse, na occasião mais solemne das nossas festividades; ia mostrar que na infancia, na aurora da vida, tambem se sabe querer bem e amar as cousas santas; tambem se sabe comprehender as grandezas de uma nação livre e independente, que assombra pelo seu progresso; tambem se sabe sentir emoções pelos triumphos immensuraveis do paiz natal, e exteriorizal-as pelos labios ainda em botão no jardim da vida; tambem se sabe respeitar e venerar o heroismo dos martyres sacrificados gloriosamente, enaltecendo-lhes a memoria, que não desaparece, que é duradoura, que é immortal. As demais, Maria do Carmo Ferreira da Costa e Anna Rosa de Siqueira Passos não foram menos admiraveis nos seus arroubos de eloquencia e entusiasmo, interpretando com o mesmo sentimento o papel que a Cleonice fôra confiado.

Na infancia, logo que a razão se abre para receber a percepção das cousas, tudo isso se pode e se sabe dizer. Basta que eduquemos a creança confortando-lhe a intelligencia com lições de pura moral e preservando-a dos desvios perniciosos que se desvendam largos á sua frente.

Assim teremos, incontestavelmente, a sua perfeição.

A educação moral e intellectual em Canhotinho, não obstante a deficiencia de escolas, na sua maioria dirigidas por quem ainda precisa de receber instrucção primaria é, positivamente, apreciavel. Apreciavel na infancia e na mocidade dos que a guardam no espirito como seiva da vida. Educadores ha entre nós que se exta-

siam diante do progresso prematuro dos seus discipulos, em grande parte desprotegidos e até privados dos meios de subsistencia. Admiravelmente intelligentes, esses discipulos têm uma inclinação natural para o saber, para o conhecimento da instrucção, tão infelizmente descuidada por quem se tornou responsavel pelo bem moral, social e politico de uma collectividade.

Não ha absolutamente exaggero da nossa parte. O leitor, com sua larga visão ha-de comprehender a sinceridade da nossa linguagem, analysando as illustrações do nosso livro.

Naquelle gravura primorosa, representando os *primitivos habitantes* da Nação Brazileira — 21 indios Cahetés que sahem agrupados dos mattagaes sylvestres — por exemplo, estão, não latentes, mas visiveis aos olhos de quem a contempla. o poder intuitivo da nossa creançada e a sua maneira de comprehender as cousas, de assimilalhes a origem e a significação; e ainda mais: a naturalidade e compenetração com que desempenha o papel que lhe é dado, quasi sempre diante de uma multidão, como aconteceu no dia da passeata do dia commemorativo.

Dirá o leitor si as figuras representadas nessa illustração photographica são ou não, na *realidade*, os habitantes da gloriosa terra de Santa Cruz, antes do seu apparecimento na carta geographica.

Innegavelmente o são.

E' note-se que ha entre esses famosos "Cahetés" um *horriavelmente feroz, typo integral da raça e cujo instincto se retrata vivo no semblante carregado e contorcido que apresenta*, por traz do seu instrumento de extermínio, a flecha.

Referimo-nos áquelle que, no ultimo plano da gravura, assesta, certo, o arco contra o inimigo que o surprehende e aos seus companheiros, achando-se collocado ao lado esquerdo daquelle outro, que ri-se apalermado, mas tambem de arco em puho enfrentando o terrivel adversario.

Si esse quadro não satisfaz, transportemo-nos ao da "*A Filha de Jephthé*", mais significativo e revelador dessa superioridade, que orna o espirito sublimado das filhas de Canhotinho.

Ali não é mais, já se vê, aquella mesma creançada privilegiada que tanta graça e admiração nos proporcionou, mas são senhorinhas ainda no ardor da juventude, que sabem do seu recato habitual, do seio carinhoso da família, do aconchego innocente das amiguinhas, para representarem, em publico, perante uma assistencia de mais mil pessoas, curiosa, exigente, e mostrarem o sentimento da naturalidade e da arte em toda a sua perfeição.

Que quereis mais leitor amigo?

Contemplai, nas horas do vosso socego espiritual, esse quadro verdadeiramente emotivo, empolgante e todo original, symbolo da grandeza d'arte reverberada atravez de uma infinidade de seculos e dizei-nos si temos ou não razão de decantar, com o jubilo immenso das tocantes felicidades, a intelligencia e a percepção admiraveis das eleitas da Cashotinho?!

Ah! Infelizes que nós somos, que não sabemos dizer dellas o que dissera do "Iniciado" Cruz e Souza o delicioso visionario das *Evocações* — "A arte dominou-te, venceu-te e tu por ella deixaste tudo; a viva, a penetrante, a tocante affeição materna, de um humano enternecimento até ás lagrimas, até á morte, até ao sacrificio do sangue. Tudo esqueceste, para vir fecundar o teu ser nos seios germinadores da Arte".

Sim, não sabemos dizer dellas o que, na verdade, ellas merecem que se lhes diga, quando vestidas assim de branco até os pés e transfiguradas em imagens, que não fallam, mas que sentem e ouvem a voz occulta, mysteriosa que mechanicamente lhes faz tomar, como estatuas, posições de graça e belleza ainda não materializadas fóra da Arte, da soberana Arte.

Mas, perdõe-nos o leitor a divagação. Falavamos das creanças que discursaram na sessão magna do Paço Municipal: Cleonice de Souza, Anna Rosa e Maria do Carmo, tres mensageiras da alegria feminina, no dia do maior jubilo para o coração de uma patria, que é toda nossa, livremente nossa.

Não diremos qual das tres creaturinhas falou melhor, com mais expressão, com mais entusiasmo. Todas nos encantaram e tambem ao publico, que as ouviu cobrindo-as de merecidos applausos.

Terminaram os discursos para ser recitado, pelo Professor Aygulpho Jorge de Souza, um soneto de sua lavra; o qual adiante reproduzimos, com a epigraphe: "1822 — 7 de Setembro — 1922", e entoado pelas graciosas Maria Emilia Correia Lima, Claudia Mauricio da Rocha, Cleonice de Souza Callado e Maria Pugliesi, o hymno da Independencia, com o acompanhamento de uma afinada orchestra composta dos musicos: Antonio Ferraz, Ulysses de Alcantara, Francisco de Mello e Honorato Cordeiro.

Por fim, encerrou o Dr. Vieira Rabello a sessão fazendo, com palavras cheias de emoção, nova referencia ás festas commemorativas do dia.

Em continuação a essa solemnidade, dirigiram-se todos os presentes para o pateo do Paço Municipal onde se verificou o plantio da "Arvore do Centenario", acto que foi ainda presidido pelo Dr. Vieira Rabello, servindo de Secretario o Dr. Geroncio Borba, que lavrou circunstanciada acta a respeito.

Discurso pronunciado pelo Dr. José Vieira Rabello, por ocasião de abrir a sessão magna no Paço Municipal.

Minhas senhoras.
Senhoritas distinctas.
Illustradissimos cavalheiros.

Ha honras que se não recusam especialmente quando quem as proporciona merece a nossa estima, a nossa consideração e, sobretudo, o nosso respeito, porque essa pessoa encarna a gentileza, o trato ameno e captivante e, ainda mais, o Pastor emerito unificador dos corações dos canhotinhenses nesta festa civica em que se solemnisa a data MAIS GLORIOSA dos Brasileiros.

Pois bem, meus Senhores — se a minha incompetencia offuscar o brilho desta festa deveis olvidar as falhas de quem humildemente vos dirige a palavra e não cul-

por ao nosso prezadíssimo Vigario que acreditou ter feito uma boa escolha.

Eu poderia dizer-vos que não tinha necessidade de dirigir-vos a palavra, porque o esplendor incomparavel, o espectaculo grandioso e a assembléa solemne em que estamos fazendo a glorificação do grande DIA NACIONAL, está vos dizendo tudo, mas dizendo tudo quanto nossa alma sente.

Estamos ainda e sempre filiados aos impereciveis principios que nos levaram á grande e sublime conquista de 7 de Setembro de 1822, conquista que foi o primeiro passo para o regimen do "TALENTO E DAS VIRTUDES" unicos titulos de nobreza que a declaração dos direitos do homem reputa immortaes, indestructiveis e sempre essenciaes a qualquer organização politica destinada a reger povos livres e conscientes.

Não sei de outros Estados nossos, que se logrem de privilegios semelhantes ao do nosso bello Pernambuco, Estado, conjunctamente, das tradições e do futuro.

Aqui se evoca inteira, aos olhos do espirito, a historia do Brazil; e, com a expressão dos nossos destinos, em que o espectaculo das surpresas do nosso desenvolvimento nos enleva, se funde harmoniosamente a do nosso passado na gradação natural das suas epochas, esbatidas uma a uma com a magia do pincel das obras divinas.

Em o norte foi nestas paragens que teve o seu fóco o maior irradiar da nossa força expansiva, desenvolvida primitivamente na elaboração da nossa nacionalidade e onde o generoso sangue jorrou pela nossa democracia.

Tempos depois é nellas que encontram a sua concentração mais noderosa, as energias creadôras de uma nova era na civilisação brasileira.

Mas a resplandecencia de tão extraordinaria transformação não apagou da téla os formosos traços da sua antiguidade.

Debuxo-vivo, como o de certas bellezas favorecidas do Céu, cujo semblante guarda em todas as edades, vestigios sorridentes da meninez.

A meu ver, Senhores, a nossa magnificencia mate

rial, nos seus esplendores, bem longe está da grandeza moral desses primórdios grosseiros.

A mistura com o sangue indígena, a lucta com o deserto, a fascinação das aventuras haviam começado a caldear o nosso character na tempera de uma raça nova, a cujas audacias bravias deve o Brazil metade, talvez, dessa corporatura gigantesca, em que se compraz o nosso desvanecimento.

A incultura, a bruteza, a selvageria das suas origens e do seu meio lhes mesclaram a escoria das paixões e crimes cuja violencia, sem freio, ensanguentou de tremendos sacrificios a virgindade de nossas florestas, onde os MISSIONARIOS, esposando o direito do gentio contra o seu escravizador, consagraram a mais nobre das causas a mais serena e imperterrita das coragens.

Já então nos davam esses lidadores da Cruz a lição inolvidavel do valor das resistencias da liberdade contra a ambição em armas.

Dianteiros da Expansão portugueza na America do Sul, os Paulistas fundaram, nos seculos XVI e XVII, os primeiros estabelecimentos de Minas, de Goyaz, de Matto Grosso, Santa Catharina, Rio Grande, conquistaram a provincia Castellhana de Guaiara, obrigaram os hespanhóes a evacuar a bacia do Jacuhy, a do Ibicuhy, a do Piratinin e a cordilheira do Perú.

Não fôra o valor e o arrojo desses caçadores de homens, e a costa do Brazil ao sul de Paranaguá seria hoje hespanhóla. hespanhóes veriamos os sertões de Matto Grosso e Goyaz; outro povo occuparia as melhores zonas, respiraria os nossos ares mais benignos, cultivaria as nossas mais desejadas terras.

Na sua maior parte o Sul do Brazil representa uma conquista dos Bandeirantes.

Com uma intelligencia, um sentimento, uma intuição da natureza, que leva o assombro dos geographos modernos a ver nesses roteadores do nosso deserto "os creadores da geographia patria" cujos caminhos abriram, cujas magnificencias dominaram, cujos aspectos definiram n'uma nomeclatura admiravel, os grandes sertanistas

dos seculos XVI e XVII, encarnando em si mesmo o mundo gigantesco e agreste de suas proezas, delle embebiam uma consciencia de força, uma rigesa de caracter, um pendor á autonomia que os levaram a antecipar, — em 1641, — a nossa independencia só consumada duzentos annos mais tarde.

Era justo, consequentemente, que nos echos de S. Paulo se confiasse, — em 1822, — o brado imperial de nossa emancipação.

Assim no terceiro decenio do seculo XIX o grito de um Principe Bragantino solemnizou a rotura dos nossos vinculos coloniães.

Meus Senhores. Mui propositalmente divagueti repetindo-vos o que alguém já escreveu sobre o Brazil colonial, porque a palavra fluente do orador official vos mostrará em phrases buriladas o que foi aquella grande conquista tão brasileira como eu e vós somos.

Auditorio illustre e selecto. Fazendo hoje precisamente 100 annos que o Brazil se emancipou, estamos aqui para solemnizar esta data tão gloriosa para os brasileiros e consequentemente está aberta a sessão.

Tem a palavra o Dr. Geroncio Borba, orador official.

A Independencia politica do Brazil no seu primeiro centenario

Conferencia pronunciada no Paço Municipal pelo Dr. Geroncio Borba de Carvalho.

Distincto auditorio.

O dia de hoje é todo consagrado á Patria por ser hoje a data da sua Independencia politica, ao mesmo tempo que se completa o primeiro seculo dessa Independencia.

Esse alvoroço, esse estremecimento de alegria e de

festas pomposas com que o paiz todo commemora o primeiro centenario do grande feito, faz-nos perfeitamente recordar a alma vibratil, sonhadôra e entusiasta dos nossos antepassados, dos patriotas da alvorada nacional; e, ao confrontarmos o heroismo dos que fizeram a Independencia com as possibilidades progressistas dos que hoje fazem a patria, que cada vez mais se revella apta para as grandes conquistas da civilização, no presente, acôde-nos á mente a magnifica expressão do grande orador hespanhol Emilio Castellar, quando disse: — “as formas de ser de uma sociedade não morrem sem dar logar a novas, do mesmo modo que as gerações não se despedem da vida como ondas que desapparecem, sinão para dar logar a novas gerações como ondas que se renovam”.

O povo Canhotinhense, pois, que tambem descende dessa raça que fez a Independencia, não podia deixar passar despercebida, fazendo côro unisono com toda a Patria Brasileira, a data fulgurante dessa Independencia no seu primeiro centenario — o que equivale a dizer no seu primeiro anniversario, pois que os anniversarios das nações devem ser contados por seculos — como ia dizendo, o povo Canhotinhense não podia deixar passar despercebida a data fulgurante do primeiro anniversario do centenario da nossa Independencia politica, quando todo o paiz está em festas por este motivo; e eis ahi tambem a razão por que me encontro neste posto arriscado da tribuna a abusar da vossa benevola paciencia.

Para me forrar da responsabilidade que me foi dada e não por mim assumida expontaneamente — de ser o incompetente interprete desta sumptuosa solemnidade devo dizer como diria um orador patricio: “ha honras que se não acceitam, mas tambem não se recusam e nem as podemos recusar, — acrescentamos, mesmo quando tivessemos, de antemão, a certeza de não poder corresponder á expectativa do respeitavel publico ou mesmo de comprometter o brilho da grandiosa festa que estamos a realizar.

Illustre auditorio.

Foi a 7 de Setembro de 1822 com o celebre grito da “Independencia ou morte!” — tido nos fastos da nossa historia como symbolo glorioso da nossa independencia.

politica, e proferido pelo então principe regente D. Pedro I nas margens do Ypiranga em S. Paulo, que começámos a viver a vida de nação livre isenta da tutela da nossa gloriosa mae-patria, a heroica nação Portugueza.

Os prodromos ou primordios mais importantes da nossa Independencia foram: os movimentos revolucionarios do nosso glorioso Estado, com Bernardo Vieira de Mello em 1710, o de 1817 com Domingos Theotonio, José Martins, Padre Miguelinho e tantos outros; o movimento revolucionario, de 1792 em Minas Geraes, com Tiradentes, e finalmente o Fico.

Digamos alguma cousa sobre este o mais proximo e decisivo.

A 9 de Janeiro de 1822 a Camara Municipal do Rio de Janeiro, em nome do povo, apresentou ao principe D. Pedro I, que ficára como regente do então reino do Brazil com a retirada do seu pae D. João VI para Portugal a 26 de Abril de 1821, apresentou, como diziamos, ao principe uma petição para que elle, principe, não fosse para Portugal e se insurgisse contra a ordem que nesse sentido viera das côrtes de Lisbôa. as quaes chegaram até a abolir os tribunaes mais importantes do Rio de Janeiro e determinaram mais que os governos das provincias não obedecessem ao governador do Rio e somente ás mesmas côrtes, tudo isso com visivel intuito de difficultar a independencia do Brazil. D. Pedro, porém, tomado de entusiasmo pela causa brazileira, respondeu a José Clemente Pereira, o presidente da Camara, que lhe entregára a mensagem honrosa: "Como é para bem de todos e felicidade geral da Nação diga ao povo que fico", facto occorrido como fica dito, a 9 de Janeiro de 1822, o mesmo anno da Independencia.

Estava, pois, lançada a base de nossa independencia politica.

Dahi por deante precipitaram-se os acontecimentos e a 7 de Setembro desse mesmo anno de 1822 foi proclamada a nossa independencia, tendo a Nação á frente dos seus destinos o mencionado principe, que com o nome de D. Pedro I foi o primeiro imperador constitucional e como tal proclamado a 12 de Outubro e sua coroação

nesse elevado posto effectuada a 1 de Dezembro do mesmesmo anno de 1822.

Vejam, porém, mais circumstanciadamente, como se deu o celebre evento no dia 7 de Setembro. A 13 de Maio de 1822 accitou D. Pedro o titulo de *Defensor perpetuo do Brazil* para si e seus successores e a 3 de Junho convocou uma Assembléa Constituinte, isto depois de ter feito uma excursão politica a Minas Geraes; depois que recebeu a noticia de que as côrtes de Lisboa iam expedir tropas ao Brazil, publicou um manifesto em 1 de Agosto do mesmo anno, em que concitava os brasileiros a se unirem afim de conseguirem a sua Independencia.

Havendo D. Pedro a 14 de Agosto partido para S. Paulo, onde graves questões politicas reclamavam a sua presença, e tendo alli tido noticias das hostilidades que contra elle tomavam as côrtes da Metropole Luzitana, resolveu proclamar logo a Independencia do Brazil; e desse modo, nas margens do Ypiranga, de regresso da então provincia de S. Paulo, soltou o grito de independencia ou morte, a 7 de Setembro, feito esse que ficou como symbolo glorioso de nossa independencia e que o poeta divinizou na seguinte estrophe:

“Foi alli, foi no Ypiranga,
Que com toda magestade
Rompeu dos labios augustos
O brado da liberdade.”

Dos movimentos revolucionarios do nosso Estado e a que poderia até addicionar as luctas com o batavo invasor, do movimento de Tiradentes em Minas Geraes e de outros movimentos em differentes outros Estados, especialmente do norte, como prodromos da nossa independencia, deixemos de fazer commentarios, por não omportal-os o momento.

Todos esses movimentos servem especialmente para demonstrar que era uma só a alma nacional, que se abraçava no mesmo sentimento de patriotismo.

Do nosso heroico Estado onde essas luctas pela liberdade foram mais frequentes e encarniçadas, permitta-

se-nos repetir aqui, a proposito do heroismo dos seus feitos, o que li algures: "Para se conhecer Pernambuco, sem mesmo por o pé em terra, basta que de bordo de um transatlantico o passageiro lance as vistas para terra e veja a furia com que o oceano atira as suas ondas sobre os arrecifes. Essa furia indomita das aguas em contraste com a calma profunda do nosso firmamento, retrata bem a alma pernambucana, que tanto tem de meiga como de indomavel." "Aliás é esse mesmo o conceito que poderíamos fazer de toda a alma brasileira nos seus anseios de liberdade .

Reatando o nosso assumpto, reaffirmamos que tendo sido D. Pedro coroado, como já dissemos, em 1 de Dezembro de 1822 governou até 7 de Abril de 1831. Para seu ministro e conselheiro escolheu D. Pedro a José Bonifacio de Andrada e Silva. Homem de grandes conhecimentos e de arraigado patriotismo, revelou-se o espirito talhado para orientar o nosso primeiro imperador na phase angustiada dos primeiros passos da nossa independencia politica; e é assim que a tudo proveu em todas as dependencias da publica administração, revelando-se até grande diplomata como o demonstrou no estreitamento da nossa amizade com as nações europeas, especialmente com a Inglaterra, França e Hollanda.

O moço imperador tudo fez tambem quanto em si cabia para corresponder ao supremo posto de imperante em que havia se collocado, revelando-se assim, um, digno do outro e ambos dignos da confiança da Nação nova, que grande pelo seu passado é ainda maior pelas incalculaveis possibilidades do seu futuro.

Desde 1822 até 1831 o nosso primeiro monarcha oñteve um governo de verdadeiras prosperidades, sobrevivendo, porém, naquelle ultimo anno complicações politicas de tal ordem que o fizeram abdicar em 7 de Abril de 1831, quando, sendo intimado por uma deputação do povo para reintegrar o ministerio que elle havia demittido e de que fazia parte o grande José Bonifacio, respondera: "Tenho direito de escolher os meus ministros. Estou prompto a fazer tudo para o povo, nada, porem, pelo povo."²²

Ao entregar o acto da abdicção ao Major Miguel de Frias, disse-lhe: — Estimarei que sejam felizes. Eu retiro-me para a Europa e deixo um paiz que sempre amei e que amo ainda.”

Ao retirar-se para Portugal D. Pedro, deixou como tutor de seus filhos no Brazil — D. Pedro II e as princezas D. Januaria, D. Francisca — o insigne estadista José Bonifacio de Andrada e Silva — o patriarcha da Independencia.

Essa abdicção de D. Pedro I em favor de seu filho encheu de jubilo os verdadeiros patriotas e reunidos os deputados e senadores que se achavam no Rio de Janeiro proclamaram Imperador a D. Pedro II. que segundo já dissemos, recebeu como tutor a José Bonifacio.

Foi então, eleita uma Regencia Provisoria de tres membros e depois uma outra Permanente com o brigadeiro Francisco de Lima e Silva, José da Costa Carvalho (Marquez de Monte Alegre) e João Bráulio Muniz, para governar durante a menoridade do Rei. Com a retirada de D. Pedro I appareceram serios disturbios no paiz e na propria côrte, que tiveram de ceder á energia com que agiu o ministro da justiça Diogo Antonio Feijó. Então como medida de segurança creou-se a guarda nacional, em todas as provincias do Imperio.

Não foi sem grandes apprehensões que se passou o reinado da Regencia, pois houve receio de que viesse a voltar para o Brazil o ex-imperador que abdicára e foram tomadas precauções contra um projecto de conspiração, em que se achava envolvido José Bonifacio de Andrada, que perdeu o cargo de tutor do Imperador e foi preso na ilha Paquetá, ao mesmo tempo que se tratava de decretar a expatriação de D. Pedro I; porém tal medida não chegou a se consummar devido a haver fallecido o ex-imperador, em Lisbôa, a 24 de Setembro de 1834.

Foi nesse mesmo anno apresentado um projecto de lei que modificava a Constituição. Transformado em lei a 12 de Agosto de 1834, é conhecido com o nome de Acto Adicional. Nessa reforma notam-se as seguintes creações: Instituição das Assembléas Provinciães;

formação do Município Neutro; eleição de um só Regente por quatro annos e abolição do Conselho do Estado. Em Outubro de 1835 foi eleito Regente o senador Diogo Antonio Feijó.

Feijó viu desenvolver-se nas Camaras um grande partido contra elle, e veio a cahir na impopularidade, tendo o chefe da opposição Bernardo Vieira de Vasconcellos organizado contra o Regente o *partido conservador*, que crescendo cada vez mais obrigou o Regente a se demittir, seguindo-se-lhe na Regencia o Senador Pedro de Araujo Lima, de 1837 a 1840. Esse partido conservador que tomára as redeas do governo com a resignação do Senador Diogo Feijó, foi pela ordem natural das cousas perdendo a confiança das Camaras, de tal modo que no principio de 1840 se encontrou a braços com forte opposição chefiada pelo ardoroso tribuno Antonio Carlos de Andrade, irmão de José Bonifacio, o qual apresentou o projecto da declaração da maioridade do Imperador.

Assumpto da mais elevada importancia, agitou a maioridade do Imperador a alma dos partidos, até que por fim os membros do *partido liberal*, no congresso, que se organisára em opposição ao *conservador*, enviaram para solucionar a crise que se formára em torno do grave problema da maioridade, enviaram, repetimos, ao joven Imperador uma commissão pedindo-lhe que assumisse a direcção do governo como unico meio de salvar a crise.

Tendo o Imperador respondido favoravelmente á dita commissão, foi no dia 23 de Julho de 1840 declarada a maioridade de S. M. D. Pedro Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil.

Desse modo, veio D. Pedro II a ser segundo Imperador do Brazil e como tal coroado a 18 de Julho de 1841 e banido do throno, após um reinado prospero de 48 annos, com o advento do regimen republicano a 15 de Novembro de 1889, que ora nos governa.

Para não abusar da vossa condescendencia em ouvir-me, façamos uma rapida resenha dos episodios, mais notaveis que occorreram no periodo de quasi meio seculo desse reinado, que devemos classificar de venturoso,

Desses episodios devemos registrar como de mais relevancia a guerra que sustentamos com o Paraguay, por mais de 5 annos, terminando com o glorioso triumpho das nossas armas.

Com o Uruguay tivemos tambem de entrar em lucta anteriormente á guerra do Paraguay, sendo esta mesma consequencia daquella. Em ambas sahimos triumphantes.

Outro acontecimento, ao nosso ver, o de maior brilhantismo, foi a abolição dos escravos verificada a 13 de Maio de 1888 e que teve a sua primeira victoria a 28 de Setembro de 1871 com a lei n.º 2040 que concedia liberdade aos filhos das escravas e que tomou por isso o nome de lei de *ventre libre*. Effectrou-a o grande estadista Visconde de Rio Branco, aproveitando-se da ausencia do Imperador, que fôra por algum tempo viajar á Europa deixando sua filha, a princeza D. Isabel, Condessa d'Eu, como regente do Imperio. A joven princeza era sectaria das idéas abolicionistas de seu nae, e coube-lhe a gloria de assignar a referida lei de 28 de Setembro de 1871, que emancipava os filhos nascidos dos captivos, não obstante a lucta formidavel que se travou na politica nacional e que operou dissidencia no partido conservador.

Era isso o grande começo, porém muito ainda precisava-se de fazer para dar completa satisfação ao espirito emancipacionista do paiz.

Ainda foi a generosa e magnanima princeza Isabel que veio emprestar o seu glorioso nome á campanha abolicionista que dominava a Nação inteira.

No anno de 1885 as provincias do Ceará e Amazonas libertaram todos os seus escravos; o partido abolicionista não cessava de augmentar, contando com vultos de excepcionaes grandezas como fossem Joaquim Nabuco e José Mariano, para não citar sinão esses dois corypheus do movimento libertario no nosso Estado. Vejamos o epilogo da grandiosa epopéa.

Adoeceu gravemente, em principio de 1887, o Imperador e a conselho medico partiu para a Europa, ficando novamente como regente a princeza D. Isabel.

ue árdia de desejos por ver terminada a escravidão, imbuida como estava das idéas abolicionistas.

Os conservadores que eram senhores do Ministerio, a cuja orientação presidia o barão de Cotegipe, seu Chefe, oppunham-se á abolição, porque diziam elles pelo seu chefe Cotegipe, — a decretação da reforma abolicionista traria, como consequencia fatal, a victoria republicana. Entretanto, a augusta princeza pensava ao contrario, e estava capacitada de que a abolição seria um meio esplendido de adquirir popularidade e enfraquecer o partido republicano que ia ganhando terreno, dia a dia, em todas as classes e especialmente entre a mocidade das nossas academias.

O Barão de Cotegipe, para não estorvar a acção da regente D. Isabel, pediu sua demissão, e foi substituido pelo ministerio João Alfredo, grande estadista pernambucano, em 10 de Março de 1888, que se collocou á frente dos abolicionistas e fez com que se realisasse a abolição completa dos escravos, sendo a lei da liberdade dos escravos solucionada a 13 de Maio desse mesmo anno de 1888, através das mais calorosas demonstrações de jubilo do povo, que delirantemente acclamava a princeza redemptora. Não houve nação civilisada que não applaudisse a nossa reforma da redempção dos captivos. Estamos a dizer que tinha razão o Barão de Cotegipe, quando sentenciára que a abolição traria como consequencia fatal a proclamação da republica.

Foi o que se deu, pois, voltando D. Pedro II em Agosto, da Europa, apesar de ser recebido com caloroso entusiasmo popular, tão grande já era a propaganda republicana, que no anno seguinte, a 15 de Novembro de 1889, era proclamada a Republica com o Marechal Deodoro da Fonseca á frente, cuja historia está bem viva na memoria dos contemporaneos para que esteja o humilde conferencista a abusar das vossas benévolas attentões.

Foi, tambem a Republica que proclamamos a 15 de Nobembro de 1889, em forma de Republica Federativa que ora nos rege, um dos grandes feitos através do primeiro centenario da nossa independencia politica, proclamação essa que não foi mais do que o comple-

mento dos sonhos de liberdade, que vinha acariciando a alma brasileira desde os seus primórdios.

Maior ainda seria o nosso jubilo neste momento si odessemos assegurar desta tribuna que em vez de combarmos com uma Republica de 70 a 80 % de analphabetos, podessemos dizer que tinhamos uma Republica desanalphabetizada. . . Então sim, seriamos verdadeiramente gigantes — *pela propria natureza* não somente, mas tambem pela cultura do nosso povo, na qual reside, antes de tudo, a força de uma nação! — Se me fosse, pois, permittido fazer uma exhortação nesta occasião solemnissima, estaria a recommendar-vos, como o melhor gesto de patriotismo, que fossemos ao encontro desse acto do Exmo. Sr. Dr. Severino Pinheiro, dignissimo governador do Estado, estatuindo o ensino obrigatorio no solo do nosso glorioso Estado..

Pois aprender a ler é ascender lume e toda syllaba solettrada lança faiscas, como dizia o incomparavel Victor Hugo. Desanalphabetizemos a Republica, brandando: ensino, sciencia! Esforcemo-nos para que ao completar a Republica o seu meio centenario, já que não podemos assistir ao segundo centenario da nossa emancipação politica, esforcemo-nos, repetimos, para que ao completar a Republica o seu meio seculo, o nosso municipio possa se orgulhar de ser tido como um dos municipios desanalphabetizados do nosso Estado.

O grande poeta luzitano, Guerra Junqueiro, numa das suas inspirações diz que ha mais luz nas vinte e cinco lettras do alfabeto do que em todas as constellações que juncam a abobada celeste.

Para terminarmos digamos, em ultima recommendação — o que disse o inspirado poeta bahiano Castro Alves em fulgurante estrophe:

Livros, livros á mão cheia,
Mande-se o povo pensar
Que o livro cahindo n'alma
E' germen que faz a palma
E' chuva que fez o mar.

Discurso pronunciado na sessão do
Paço Municipal, pela creança Cleonice
de Souza Callado.

Illustre e respeitavel Sr. Dr. Presidente.
Selecto auditorio.

Creança emobra, sinto minh'alma como que elevar-se aos paramos do infinito, neste momento solemne em que vejo vibrar de enthusiasmo e de mais indizivel alegria o coração brasileiro, na commemoração de um dos maiores e extraordinarios faustos da nossa historia patria.

E' que meus senhores, apesar do verdor dos meus annos, quando meu espirito ainda se acha em formação, quando principio a receber os primeiros ensinamentos escolares, através dos livros, que manuseio diariamente, sinto que minha alma insopitavelmente se orgulha, se enthusiasma, ante os nossos heroicos feitos, gravados nas paginas da nossa historia.

E o 7 de Setembro de 1822, dia em que reboou o brado de "Independencia ou morte" é, indubitavelmente, uma das maiores datas da nossa querida Patria; é um dos maiores feitos brasileiros; elle assignalla a emancipação de um povo; elle fincou o marco do nosso progresso, da nossa civilização, do nosso valor. Justo é esse preito que lhe rendemos; justa é esta alegria transbordante de cada filho deste glorioso Brazil.

Que vibre a alma brasileira.

Resta-me, senhores, fazer votos á natureza para que tenhamos ainda, todos nós de solemnizar o segundo centenario da nossa independencia.

Viva o Brazil!

Discurso pronunciado na sessão magna do Paço Municipal pela creança Anna Rosa dos Passos.

Illustradissimos Senhores.

Exmas. Senhoras e gentis Senhorinhas.

Completa hoje cem annos que nas margens do Ypiranga, o Imperador D. Pedro I, num gesto de patriotismo, deu o grito de "Independencia ou morte."

Eis o grito de revolta, o brado de protesto, cuja repercussão, alastrou-se por todo o territorio brasileiro e ha-de de ir assim atravessando os seculos, e que um povo cioso de sua liberdade, soltou, pelos labios do seu dirigente, a 7 de Setembro de 1822.

Escreveu-se nesse dia, á claridade de um sol que inundava a terra livre da America, a mais brilhante pagina da nossa historia politico-social.

Esse feito, que memoramos com enthusiasmo e jubilo, com o mesmo jubilo e enthusiasmo daquelles que o proclamaram, nada mais significa do que a victoria de uma aspiração commum que se ia tornando, naquelle epocha, cada vez mais vehemente no coração dos brasileiros. O Brazil achava-se submettido á direcção do velho Portugal e por isto mesmo privado de sua liberdade. Quebradas, porém, as cadeias que o prendiam por tanto tempo, o Brazil, pelo esforço continuado dos batalhadores da sua independencia, attingiu o nivel moral dos paizes que se engrandeceram, por iniciativa propria.

Com esse acontecimento, sob qualquer ponto de vista significativo, deu-se inicio ás reivindicações de um povo altivo; mudou-se, tempos depois, a forma de governo, dando-se compelta libertação á raça escrava. Quer dizer: o autoritarismo foi vencido pela democracia de uma gente, que, aviltada e menospresada, chegou a occupar um logar de destaque nas sociedades civilizadas.

Assistiu-se a tudo isto, tendo-se a certeza de que o

Brazil saberia desempenhar o papel, que lhe estava reservado na sociedade das grandes nações.

Desviando-me dos motivos que vos inspiraram a festa de hoje, eu vos quero falar tambem da mulher, que estuda e investiga e a quem não podem ser extranhos esses factos, que lhe devem interessar tanto quanto os deveres, que a tornam anjo protector das almas.

Cabe á mulher, que é incontestavelmente uma figura de relevo na collectividade, erguer, atirar a voz para, approvando ou reprovando, dizer aquillo que lhe parece a expressão exacta do seu pensar e do seu sentir.

"Independencia ou morte", foi portanto, o grito de revolta, o brado de protesto de um povo, que deveria ser inteiramente livre como são as aguas das suas cachoeiras e os pasaros das suas florestas se não fôra esse mal de dupla face que o escravisa: a ignorancia de si mesmo, do que é, do que vale, do que deve ser; e por outro lado, dessa luz miraculosa, que Deus derramou sobre todos, através das lettras do alphabeto: a Instrucção.

Tenho terminado.

Viva 7 de Setembro!

Viva o Brazil!

Viva a Republica!

Soneto de Aygulpho Jorge de Souza,
recitado pelo Autor na sessão magna
do Paço Municipal.

Salvé Brazil! Indomito gigante!
Berço de Heróes! De luminares cheio!
Guarda orgulhoso, no opulento seio
A Historia de teus filhos, laureante!

Salvé Brazil! Caminha sempre ovante,
Sob o estrid'lo de feitos, sem receio,
Que o porvir te sagrará; como esteio
Tu serás deste mundo, o rutilante!

Caminha, sim, firmado em tua Historia,
A qual, reluzindo, em paginas de ouro,
Mais realçam teus feitos, tua gloria!

Feitos, gloria, que são o teu Thesouro!
Que são o pedestal para a victoria,
Victoria mundial, que é mais um louro!

Palavras com que o Dr. José Vieira
Rabello encerrou a sessão magna do
Paço Municipal.

Meus Senhores.

Alguem já disse que "Patria é para a creança o conceito rudimentar de quem só se vê se desdobrarem, ante si, as imagens de uma querida mãe, de um pae estremeado e dos irmãosinhos que compartilham dos innocentes folguedos; são os avosinhos que nos acalentam os primeiros sonhos e que nos conduzem os primeiros passos incertos, vacillantes; é a luz do sol que illumina a aldeia, doira os campos, brilha nos campanarios e se esbate nas mais altas cruces dos tempos; é a casa em que moramos; é o quarto em que vimos o primeiro raio de luz e, á medida que a nossa intelligencia evolue a nossa alma vae dilatando os seus horizontes, são os bancos do collegio, as alegrias ruidosas dos jogos e as casquinadas das turbas juvenis que cantam e, revoltas, esvoaçam como bandos de aves felizes que se nutrem e vivem de flores e fructos nos prados, nos vergeis e nos jardins. E' mais tarde a immensa vastidão das planicies e dos mares que o nosso olhar descortina e os nossos irmãos dominam pela communhão da mesma raça, da mesma lingua do mesmo ideal e da mesma religião; são os montes que as locomotivas galgam, as pontes que se arqueiam sobre os grandes rios de aguas impectuosas; é o ar que respiramos; são as estradas que percorremos;

é a actividade fãbil das grandes cidades, a serena quietude dos campos; é o céo que fitamos; é a flammula auri-verde que a brisa beija e balança; é o pedaço de seda bi-color onde lampeja o ouro das nossas minas e se espalha a esmeralda da nossa vegetação, a cor de esperança das nossas florestas; e, quando o inimigo a ameaça, querendo arrebatá-lhe um palmo de terra, é alguma cousa de parecido com a dor que deveríamos sentir se nós arrancassem um pedaço do coração; é o laboratório das sciencias e a academia onde o espirito aprende nos livros os maravilhosos descobrimentos dos enygmataes do universo e recebe as inspirações das grandes conquistas moraes; mas é, tambem, o movimento rithmado das machinas que arfã ruidosamente nas officinas; é tambem o operario que veste uma blusa para alimentar os filhinhos e a esposa; e é a imagem da honra que não pode viver em nossa mente consoreciada ao crime, ao terror e á violencia. E' a segurança em todos os tribunaes; é o asylo de todos os idéaes e o congraçamento fraterno de todas as profissões e, numa palavra, a mãe carinhosa de todos os filhos. A patria é tanto o lar do operario quanto o palacio do rico; é a egualdade em todas as espheras, a liberdade em todas as consciencias".

Pois bem, meus Senhores, — é a Patria que vos agradece esta solemnidade; é a Patria que vos diz baixinho aos vossos ouvidos obrigada, amai-me, pois a minha grandesa é vossa.

Esta encerrada a sessão.

Acta da solemnidade do partito da Argyre em commemoração da passagem do primeiro centenario da Independencia Nacional.

Aos sete dias do mez de Setembro de mil novecentos e vinte dois, trigessimio quarto da Republica e primeiro Centenario da Independencia nacional, após a ses-

são magna no Paço Municipal, presidida pelo Dr. Jo Vieira Rabello, Juiz de Direito da Comarca, e em q foi proferida a conferencia allusiva ao acto, pelo D. Geroncio Borba e demais allocuções congratulatori. por varios alumnos das escolas do Municipio, teve l gar, cerca das quinze horas, perante compacta mult dão em que se notaram as pessoas abaixo assignadas, plantio de um pé de *Pau d'Arco* em frente ao mesm Paço, como uma das mais significativas demonstraçõe com que o povo deste importante e florescente Munic pio quiz assignalar a passagem do Primeiro Centenari da nossa Independencia politica. E' assim que em pre sença do Dr. José Vieira Rabello, Juiz de Direito d: Comarca, João Baptista de Almeida, Juiz Municipal Geroncio Borba, Promotor Publico, Vigario Moysés Ferreira, Cicero de Siqueira, distinctas familias do nos so escol social e mais pessoas gradas foi feito o plantio da Arvore acima mencionada, tendo nessa occasião a Philarmonica local "Centenario" abrilhantado o acto tocando o hymno da Independencia, ouvindo-se ao mes mo tempo o estrugir das girandolas sob as mais deliran tes acclamações á Independencia, á Nação, á Republi ca e ao povo Brasileiro. E para constar, cu Geroncio Borba de Carvalho, Promotor Publico, designado para lavrar a presente acta, lavrei-a e na qual assignam os presentes que o quizerem fazer. (aa) José Vieira Ra bello, João Baptista de Almeida, Vigario Moysés Fer reira, Geroncio Borba, Euclides Motta, Cicero Siquei ra, João Miranda, João Leão Ledo, Julio de Oliveira, A. Jorge de Souza, Antonio Campos, José de Moura, Manoel Marçal Gonçalves, José Ferreira Leite, Vicente Pires da Rocha, Pedro Dantas, Candido Victorino, Jo ão Pugliesi, Benigno Gomes, Jorge Barreto Nem, Fer nando Barreto Nem, João Vidal dos Santos, Manoel Vidal dos Santos, Henrique Motta, Manoel Peixoto Pin to, João Camillo, Dacio de Mello, Abel Amado, Ma noel Xavier Correia Lima, Honorato Pinto, Antonio de Moraes Pimentel, José de Souza Monteiro, Joaquim Victalino de Mello, Bellarmino de Mello, Cernardino Correia, Americo Maia, Guilherme de Hollanda Maga-

lhães,, Feliciano Euphrasio, Nicolau Pinto Teixeira, Vicente Costa, Luiz Camillo e Alicia Telles.

A passeata da tarde

Canhotinho reuniu tudo o que tinha de mais distincto e selecto para exhibir na passeata civica da tarde, ainda em commemoração á data da Independencia nacional.

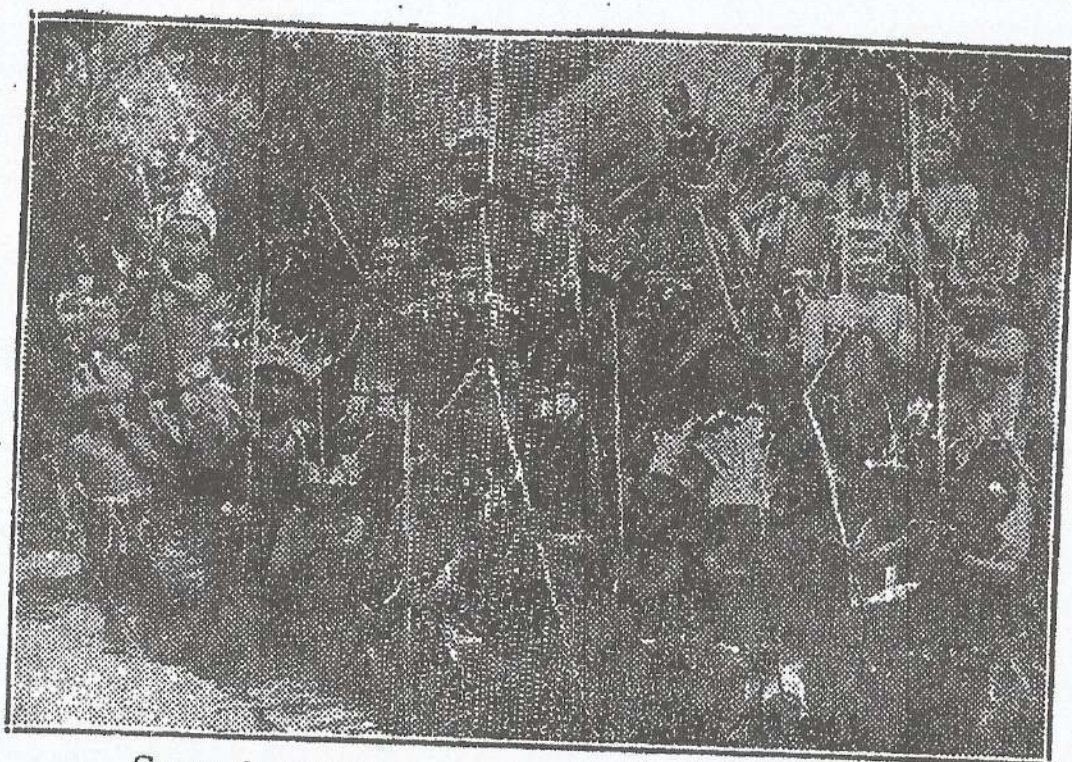
Toda a cidade moveu-se para abrilhantar o cortejo, que chegou a tomar um aspecto verdadeiramente encantador, quando desfilado pela espaçosa rua do Commercio, ao som dos hymnos entusiasticos da Nação e dos vivas tonitroantes da multidão em delirio.

Ainda hoje é perfeita e bem viva a lembrança que nos acode ao espirito de festa tão sumptuosa; temos ainda a impressão de estar contemplando a alegria santa que transbordava da alma popular para se confundir com o orgulho bem justo da propria Patria homenageada.

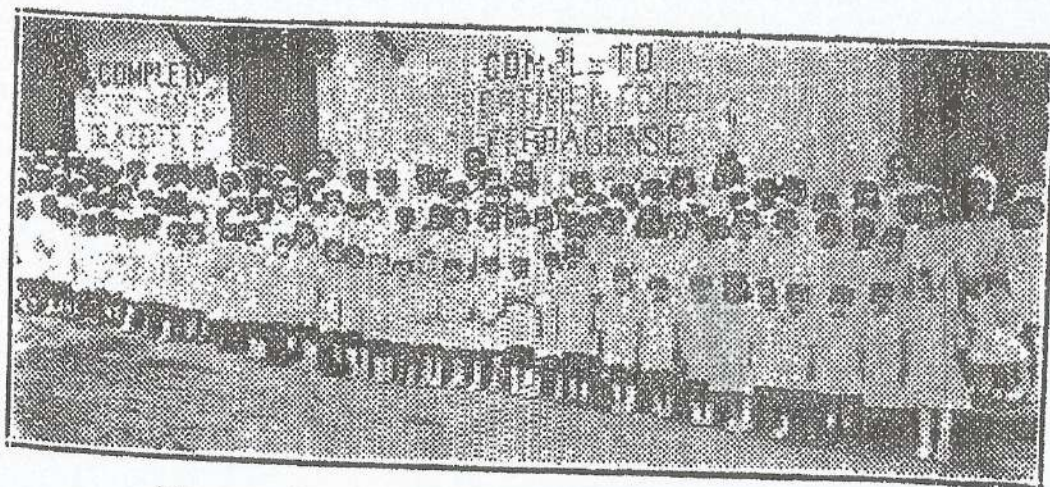
Onde foi que no Estado se realizou passeata mais imponente?

Estamos a dizer, sem receio de contestação, que em nenhum municipio se conseguiu mais na realização dos seus festejos.

E' de lastimar que não tivéssemos oportunidade de apanhar com a objectiva de u'a machina photographica, o scenario de belleza que essa passeata offereceu no seu conjuncto magnifico de ordem, respeito e entusiasmo, ao nosso olhar hypnotizado. Não tínhamos, infelizmente, até então, a idéa desse livro, que só nos veio á lembrança cinco dias depois da data commemorativa. Entretanto, estava ao nosso dispor o mesmo photographo, que apanhou o flagrante da "Missa Campal" e que o deixou de fazer, em relação aos demais actos da festa do centenario, por motivos alheios aos seus bons desejos.



Grupo de crianças representando os primitivos habitantes do Brazil, exibido na passeata civica da tarde.



Alunos da ESCOLA PAROCHIAL que formaram nas passeatas civicas da manhã e da tarde

Mesmo assim pelas reconstrucções que conseguimos fazer do que ouve de mais sumptuoso e impressionante nos festejos, reconstrucções essas apanhadas photographicamente, poder-se-ha formar perfeito juizo da importancia das festas civicas de Canhotinho, com especialidade dessa passeata popular, de que nos occupamos neste momento.

Alem de mais de trezentos alumnos de todas as escolas publicas da cidade, estendidos galhardamente em dois cordões, aos quaes tambem se juntou grande numero de senhorinhas, senhoras e cavalheiros de todos os matizes, destacavam-se: um grupo de vinte e um indios representando os primeiros habitantes do Brazil; um outro de senhorinhas representando vinte e uma nações amigas como sejam: *França, Russia, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, Italia, Hollanda, Belgica, Portugal, Hespanha, China, Japão, Bulgaria, Egypto, Servia, Austria-Hungria, Suissa, Turquia, India, Grecia*, inclusive o Brazil; um outro tambem de senhorinhas representando datas nacionaes:— *Anno-Bom, 7 de Setembro, 3 de Maio, 12 de Outubro, 13 de Maio, 24 de Fevereiro, 21 de Abril, 15 de Novembro* e, finalmente, outro representando os vinte e um Estados da Federação, em bellissima apothecose á Republica.

Não nos é dado descrever nesta parte a maneira como se fizeram essas representações, todas bem caracterizadas; na parte theatral nos occuparemos della com precisão. Adeantaremos, tão somente, que taes grupos deram ao cortejo um brilhantismo excepcional, assignalando de um modo positivo, o gosto e a arte com que se revestiu essa solemnidade civica da tarde.

Em referencia á "Tribu Selvagem", interpretada por meninos ainda em tenra idade, todos vestidos como verdadeiros indigenas com tangas de pennas de aves e capacetes tambem das mesmas pennas, deixando a descoberto o corpo bronzeado e crestado pelo sol, ninguem diria, contemplando-os, que elles não fossem realmente os gentios da terra de Santa Cruz, ao ser descoberta pelos intrepidos navegadores portuguezes. Manejando os seus arcos e assestando suas agudas flechas, num simulacro

de combate, ou contra os audazes descobridores de suas terras incultas, ou contra outra tribu adversaria, essas creanças mostraram-se admiraveis nos seus papeis, desempenhados com intelligencia e graça surprehendentes.

Ellas estão ahi photographadas para que o leitor as aprecie louvando-lhes o triumpho que alcançaram nas suas innocentes, porem significativas homenagens á Patria que lhes é o berço.

Gravemos nestas paginas os nomes de cada uma dellas, para que a memória de todos nós as não esqueça no futuro e sejam ellas sempre lembradas á posteridade, como reliquia desse centenario, por todos os titulos glorioso, dentro de nossa nacionalidade. Eil-os: Ephren Victalino, Antonio Pereira, Francisco Vidal, Heraldito Leite, João Victalino, Jonas Victalino, Allonso Costa, Manasés Costa, Nelson Alcantara, Carlos Pinto, Osiel de Barros, David da Silva, Josué de Souza, David de Mello, Nathanael Lyra, Daniel Lins, Jonas Gusmão, Noé Lyra, Taetano Vidal, Jessé Lyra e Romeu Pinto.

A passeata começou a mover-se, passava de 16 horas, puxada pela "Banda do Centenario", vendo-se entre os cordões que a formavam, desfraldadas as bandeiras do Brazil, e de todas as nações de que já falámos, representadas em allegoria pelas senhorinhas: Eunice Vidal (França), Esmera Vidal (Russia), Guiomar Correia Lima (Inglaterra), Rachel Victalino (Allemanha), Euphrasia Lins (Estados Unidos), Alice Leitão (Italia), Laura Correia Lima (Hollanda), Maria Lins (Belgica), Thereza Vidal (Portugal), Clementina de Souza (Hespanha), Erther Alcantara (China), Hosana da Silva (Japão), Noemi de Mello (Bulgaria), Lygia Pereira da Costa (Egypto), Julieta Leitão (Servia), Esther de Barros (Austria), Maria Emilia (Suissa), Julia Teixeira (Turquia), Guiomar Angelo (India), Thereza Falcão (Grecia) e Maria de Lourdes (Brazil).

Dirigindo o prestito viam-se: o Padre Moysés Ferreira, Dr. Baptista de Almeida, Cicero de Siqueira, Vicente Pires da Rocha e Francisco Victalino de Mello.

Girandolas de foguetes fendiam os ares incessantemente, ao mesmo tempo que echoavam estridentes vivas á Patria e aos martyres e apostolos da Independencia.

Não podemos calcular em menos de tres mil as pessoas que compunham o cortejo civico, que se tornou majestoso, bastante digno de um povo verdadeiramente patriota.

Percorrida toda a rua do Commercio, dava o prestígio entrada na rua da Lagoa Secca, quando do alto das pedreiras que alli existem, usou da palavra o cidadão João de Moura, discursando ao povo por espaço de dez minutos, numa oração cheia de amor e patriotismo.

De quando em vez ouvia-se o hymno da Independencia entoado pelas creanças e grande parte da multidão, parecendo que a cidade mergulhava em mundos desconhecidos. Não se descreve a harmonia dessas vozes, que subiam em ondas volumosas pelos espaços.

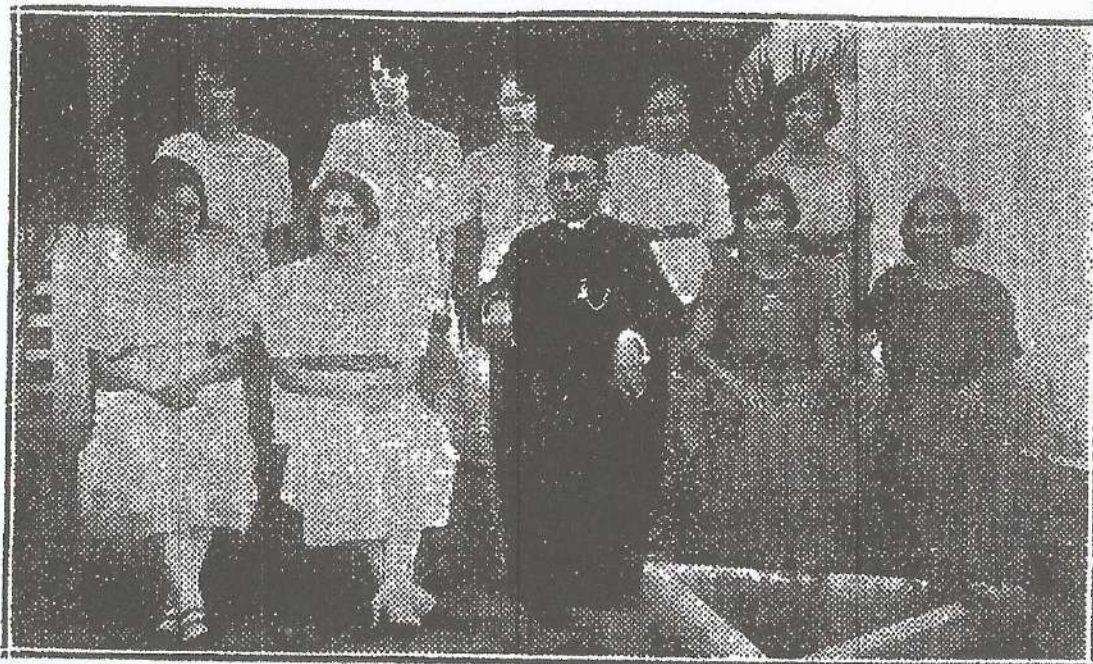
Canto mavioso, que toca bem fundo, o coração da Patria, o hymno da nossa Independencia arrebatava, nessa tarde jubilosa, a alma nacional encarnada no povo de Canhotinho.

Oceano de prazer; nas suas ondas toda uma população se innundava, arrebatada e inconsciente de si mesma, para só experimentar a volupia, a sensação desconhecida provocada pelo espectáculo edificante que aos seus olhos se representava num crepusculo de tarde primaveril.

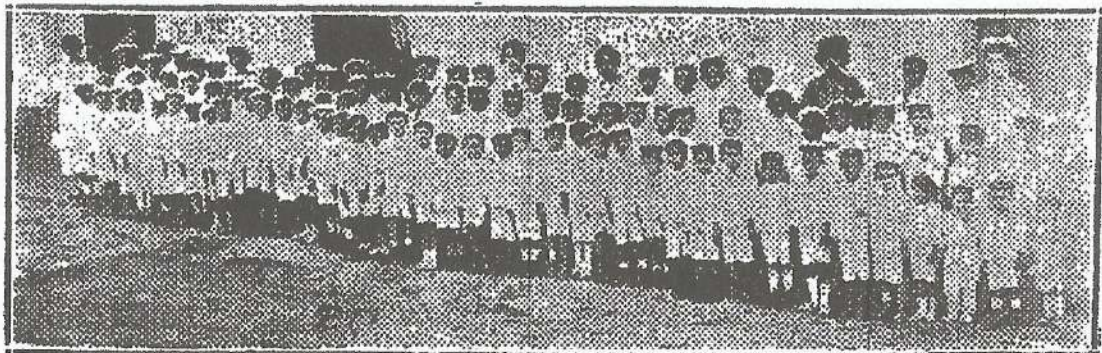
A passeata deslizou por toda a cidade, sempre interrompida, aqui e ali, pelas ovações constantes da multidão enthusiasmada; parecia que um só corpo se movia, agitado pela sua propria vitalidade; uniforme e cadencioso, o marchar da meninada era como o de uma tropa de militares disciplinados e obedientes á voz imperiosa do commando.

Cidade pequena, ás 17 horas e meia, seguramente, todo Canhotinho tinha assistido, ufano, o cortejo civico, sem todavia arrefecer o fogoso enthusiasmo que dominava, que asoberbava o espirito popular, não saturada ainda. A multidão tornára-se mais volumosa, dando á passeata um aspecto que a todos suggestionava.

Não mais cessavam os vivas á nação gloriosa e todo o espaço se enchia da harmonia delectavel dos hymnos e dos cantos patrioticos. A propria natureza, sentindo-



As catechistas, a cujos esforços e dedicação se deve a bôa organização das passeatas cívicas. Ao centro vê-se o Padre Moyses Ferreira, vîgario da Freguezia.



Alumnos da ESCOLA PAROCHIAL que formaram nas passeatas cívicas da manhã e da tarde.

se feliz nesse momento, beijava, ajoelhada, a alma nacional, sagrando-lhe as glórias que em seu seio não cabem mais. Beijo de um sol que, voluptuosamente, se escondia no horizonte, esquecido de si mesmo, na contemplação do grande dia, que se ia acabar, para não voltar jamais, tão cheio de alegria e amor patriótico.

Quasi 18 horas, era para se dissolver a passeata. Entoou-se então o hymno da Independencia, que electrizou a todos fazendo-se, em seguida,, ao som do hymno nacional, o arreiamento das bandeiras.

Discurso pronunciado pelo cidadão Vicente Pires da Rocha, por occasião da Passeata da tarde.

Meus Senhores.

A data que hoje passa e que commemoramos é uma das mais extraordinarias nas paginas da nossa historia.. Saibamos render-lhe o verdadeiro e patriótico preito de homenagem.

Curvemo-nos ante a memoria dos nossos antepassados, verdadeiros martyres, genuinos brasileiros que tanto se bateram pela nossa liberdade, pela emancipação da nossa querida Patria. Celebremos o centenario da proclamação da nossa Independencia, com o mesmo ardor, com o mesmo enthusiasmo, com que ella foi exigida nas margens do Ypiranga, cujo grito de Independencia ou Morte, reboou por todos os angulos do nosso immenso Brazil.

O 7 de Setembro de 1822 é um dos mais extraordinarios feitos brasileiros.

Salvé Patria! Salvé Liberdade!

Sejamos os continuadores daquelles que nos deram o exemplo da abnegação, do patriotismo, do civismo. Sejamos brasileiros; honremos o nosso extremecido Brazil.

Nada mais justo, meus Senhores, do que esta glorificação ao 7 de Setembro. Toda a nossa Pátria movimenta-se incontidamente neste momento, em commemoração ao primeiro centenario da nossa emancipação politica; toda a nossa alma, toda a alma brazileira transborda de alegria. E' justo todo este enthusiasmo, toda esta expansibilidade de jubilo. E' justa, meus Senhores, essa enormissima satisfação que hoje domina a nossa querida Pátria. E' justissimo este preito que hoje rendem os seus filhos a esta gloriosissima data "7 de Setembro". Sim, é justissimo, meus Senhores, porque foi nesta data em 1822 que nos tornamos brazileiros, que se tornou nosso este grande e valoroso Brazil.

Salve Pátria!

Salve Liberdade!

Viva o Brazil!

Discurso pronunciado pelo cidadão José de Moura, por occasião da passeata civico-popular.

Meus Senhores.

Hoje o Brazil inteiro commemora o maior acontecimento politico-social de todos os que temos visto e de que nos faz menção a historia — a data presente em que toda a nação agita-se para festejar o mais heroico feito, digno de um povo que sempre soube se bater pelo civismo, pelo Direito e pela Liberdade.

Neste momento, quando a Pátria aglomera-se festiva commemorando o centenario de sua Independencia, o Cruzeiro do Sul do alto das regiões do infinito, talvez esteja contemplando o immenso globo terrestre e vendo destacada neste vasto e opulento territorio Brazileiro, a santa emoção de um povo em delirio, que relembra ao presente todos os sublimes feitos do passado,

Amemos, pois, o nosso passado que é honrado e glorioso. E abramos as paginas bemditas de nossa Historia e vejamos como foi derramado o sangue augusto e generoso de muitos illustres compatriotas para chegarmos a ponto de liberdade em que estamos. Para conquistarmos essa culminancia, foi mysterio o sacrificio de vidas de muitos heroes, taes como: Bernardo Vieira de Mello que, em 1710, deu o primeiro grito de Republica, o qual echoou em todo o Brazil; o de Tiradentes que, com intrepidez de um leão, subiu ao patibulo na praça publica do Rio de Janeiro. Tivemos ainda outros feitos heroicos, dentre elles a grande revolução de 1817, quando foram decepadas as cabeças heroicas de Padre Roma, Domingos José Martins e outros intrepidos batalhadores.

Portanto, Senhores, foram aquelles grandes martyres da Liberdade que colheram no fundo insondavel do oceano da Independencia, as mais lindas perolas e depositaram-nas no altar sacrosanto da Patria, diante do qual ajoelhamos-nos neste momento, rendendo culto aos nossos antepassados, que só souberam vencer.

Foi em 7 de Setembro de 1822 proclamada a nossa emancipação politica, cujo brado "Independencia ou morte" solto nas margens do Ypiranga pelo então principe regente D. Pedro, depois Imperador do Brazil, fez-se repercutir em catadupas em todos os recantos de nossa querida Patria.

E', portanto, a grande data do centenario da Independencia que, deslumbrados, hoje commemoramos.

Este memoravel acontecimento que devemos tambem ao incangavel batalhador José Bonifacio de Andrada e Silva, reflecte-se atravez de um seculo no coração de todo o povo brasileiro.

Não somos nós somente que compartilhamos das festas de nossa emancipação, mas tambem os estrangeiros eminentes, a quem havemos de reafirmar a segurança de nossa grandeza, a fé que temos em nosso trabalho e a certeza plena de que muitas outras glorias não nos hão de faltar neste vasto territorio, que por nós é occupado na parte sul do Continente Americano.

E regressando esses illustres visitantes para suas pa-

trias atravez dos oceanos, nos façam a justiça que merecemos!

Senhores. Novos horizontes de gloria esperavam oportunidade para se abrirem e realizarem os idéaes do povo brasileiro; chegou esse glorioso dia, foi na manhã do dia 15 de Novembro de 1889 que o Brazil, no leito profundo da Natureza, proclamou a Republica, que nos veio acabar de libertar do jugo das velhas monarchias.

O espectáculo de gala

Parte evocativa, pois nos arrebatava o pensamento, que alcançando azas desfêre vôo vertiginoso até á Hellade esthetica de reminiscencias historicas, ante a qual ainda prestam justa homenagem, as letras, as artes e as sciencias modernas.

E' á Grecia que devemos o desenvolvimento do Theatro, principalmente á Grecia do tempo de Pericles, quando a arte dramatica attingiu o seu maior realce com a introdução das tragedias de Eschilo, Sophocles e Euripedes, e das comedias de Aristophanes.

Triumphante na Grecia, a arte theatral transpoz as fronteiras, brilhou em Roma, e de victoria em victoria foi dominando o mundo, até que a queda do Imperio do Occidente e a marcha triumphal do Christianismo no IV seculo a fizeram desaparecer como desapareceram as outras manifestações do talento pagão, táes como a estatuaria, a litteratura a pintura.

Mas, como a inclinação humana para esta especie de divertimento é innata e não artificial, foi sendo o theatro, pouco a pouco restabelecido: Já não eram as majestosas tragedias gregas nem as pungentes comedias romanas, mas o esforço de eremitas, que tentavam divertir o publico, dando-lhe, ao mesmo tempo, lições tiradas da moral christã.

Depois da Renascença, o drama voltou á sua antiga dignidade pagã.

Shakspeare foi, verdadeiramente, o restaurador do theatro, não só na Inglaterra, mas em toda a Europa civilizada.

Na Itália, França, Hespanha e Portugal o theatro attingiu o seu maior brilho, cujos reflexos se projectaram em todo mundo de antanho, chegando até nós, onde teve tambem os seus dias auspiciosos com o seu grande cultivador João Caetano.

Presentemente, o cinema, na estima do povo, substituiu o theatro. Triste substitutivo, pois a mudez das fitas cinematographicas, a banalidade dos assumptos estudados pelos empregarios e, quasi sempre a falta de escrúpulo e de compostura na exhibição dos artistas, põem o cinema muito aquem de realizar o fim nobre a que o theatro se propõe.

Ha, entretanto, fitas educativas no cinema como ha no theatro peças sem instrucção e sem moral. Nos dias que atravessamos — é pena confessar — espoliado de suas tradições, deixou o theatro de ser intellectual para se tornar puramente material, propriedade só daquelles que o têm deturpado com exhibições de mulheres de character discutivel, infensas á moralidade publica, continuamente offendida e ludibriada.

Não somos os unicos a reconhecer taes faltas. Verberando-as em pleno Congresso Federal foi que Coelho Netto assim se pronunciou num dos seus eloquentes e bem inspirados discursos:

“Abrimos as portas a tudo quanto vem do estrangeiro; admiramos quem quer que venha, com titulo de poeta, prosador ou romancista; acolhemos todos e ainda aceitamos, submissos, o theatro depravado, sem idéal, sem lição, que não é arte, mas immoralidade, veneno perigoso que se vae innoculando na alma da sociedade e levando-a á degenerescencia, quando podiamos fazer alguma cousa que dissesse da nossa vida, da historia das nossas tradições, dos nossos costumes, onde palpitasse a nossa alma ainda em flor e apparece a nossa poesia. A terra está livre, a alma tem grilhões. Somos um povo, não uma nacionalidade, porque o nosso espirito é estran-

geiro, a nossa Arte, onde se reflecte o caracter da raça é dos que nos exploram e dominam. E' triste, é vergonhoso, é humilhante. E se o paiz fez a sua independencia politica, urge que a complete libertando a alma".

Podemos ficar aqui nestas apreciações. Os conceitos do ardoroso tribuno estão na medida da nossa critica, que se mostra por demais rasoavel diante do estado de desmoralização a que ingloriamente reduziram o theatro entre nós.

Agora, leitor amigo, não penseis que vamos descrever um espectáculo de gala no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Tentaremos pôr em relevo tão somente, uma festa de creanças, que nos divertiram saltando e bailando em torno do pavilhão da Patria estremecida.

Sim, creanças, "geração que amanhece", luzes da aurora annunciadôra de um dia esplendido; creanças que lepidas, radiantes, patriotas, comprehenderam a magnitude do dia 7 de Setembro, glorificando á Patria.

Sim, creanças, que crescem amando á Patria, que se educam festejando á Patria e pela patria querem morrer e morrerão no dia em que for preciso defendel-a.

Sim, creanças, que, como filhas no regaço de sua santa mãe, acariciam á Patria, beijando-as no dia alegre e festivo de seus annos.

Sim, foram creanças, as intelligentes creanças de Canhotinho que, naquella noite do dia 7 de Setembro, noite de recordações e de saudades, cultuaram a Patria e conseguiram que naquelle momento festivo, reminiscencias tristes, preocupações de vida, rixas politicas, divergencias de credos, ganancia monetaria, ancia de grandezas, ensarilhassem suas armas deixando que todos os filhos desta querida e bôa terra, unidos por um só sentimento, contemplassem a Patria, que deslumbrante, e coberta de gloria, majestade e riqueza, passava ante a visão de cada um, transfigurada nas scenas que se iam desenrolando e nas quâes occupava logar proeminente, já nas bandeiras entrelaçadas, já nos cantos patrios, nos vivas tonitroantes, nas emocionantes apothéoses.

Creanças, sim, sem vicios, sem requebros, sem affectações, sem vaidades e sem luxo e que outra cousa não

UM QUADRO DE ARTE E BELLEZA



As interessantes Lygia Pereira da Costa e Maria Emilia Correia Lima, respectivamente nos papéis de CHIROMANTE CIGANA e HIEROPHANTE MODERNO.

desejam sinão um beijo dos páes, um abraço dos mestres, um sorriso do publico na hora feliz de suas innocentes representações.

Recebei, ó creanças filhas do Brazil, filhas de Canhotinho, destas paginas, o sincero preito da nossa admiração, da nossa gratidão, pela galhardia, naturalidade e brilhantismo com que nos arrancastes da monotonia e nos fizestes esquecer amarguras e tristezas e nos falastes da Patria com tanta doçura, com tanto entusiasmo, e, finalmente pelas lições de civismo e de amôr á Patria que destes a todos nós, velhos pessimistas e maldizentes.

Avé, creanças de Canhotinho!

Estamos na ultima parte do programma das festas civicas do grande dia da Liberdade.

O spectaculo de gala havia sido anunciado para ás 20 horas. O vasto armazem de cereáes dos Srs. Motta & Irmãos, gentilmente cedido para a recita theatral, apresentava magnifica ornamentação. As mãos do Dr. Baptista de Almeida e dos Srs. José Ferreira Leite Manoel Vidal haviam, em breve tempo, transformado o desundo edificio, em um soberbo salão de representações, artisticamente adornado, onde predominavam as cores nacionaes.

O que mais torna esses senhores dignos de louvores é que não havendo em Canhotinho um theatro nem companhias theatraes que lhes abonassem os artigos necessarios ao seu objectivo, foram elles que, á ultima hora, tiveram de confeccionar todos os artefactos precisos á encenação e desempenho satisfatorio do que se tinha em mira representar ao publico. No emtanto, nada faltou, nem mesmo as luzes da ribalta, nem o pano de bocca, de um tecido mesclado impressionante á vista e ao bom gosto da platéa. Quanto aos adornos do edificio, caphicharam os tres esforçados cavalheiros no uso das cores nacionaes as unicas que foram applicadas na ornamentação interna do mesmo edificio.

Estando em concerto o motor que fornece luz á cidade, os Srs. Motta & Irmãos fizeram funcionar u'a caldeira de suas machinas a vapor por meio da qual illuminaram feericamente o majestoso salão. O arranjo ar-

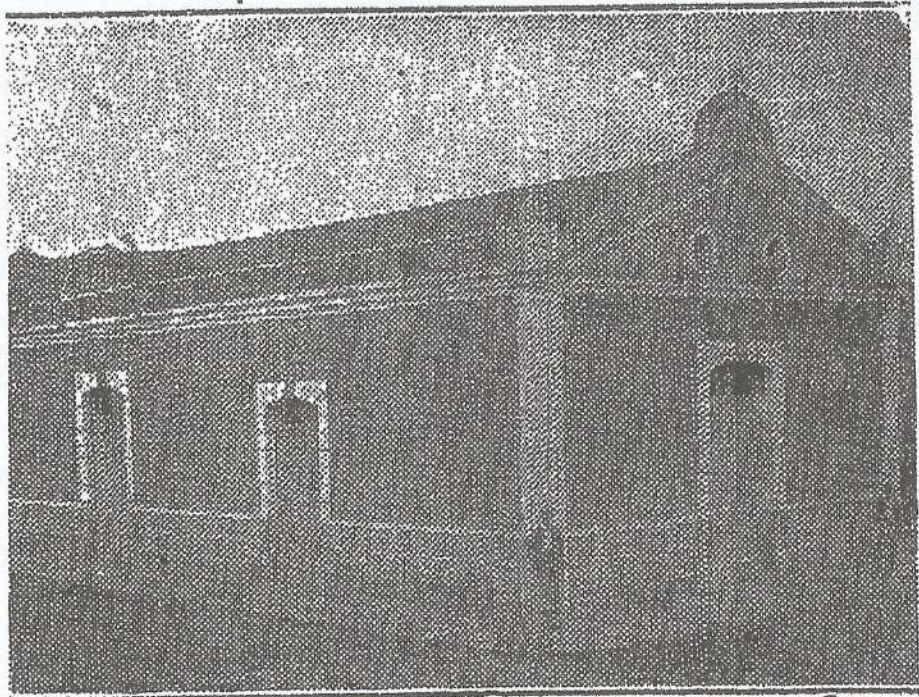
tístico de bandeiras amarellas e verdes em torno de um fóco de luz intensa, que se desprendia da abobada, fazia-nos pensar no sol do meio dia derramando sobre a terra os seus luminosos raios.

Desde ás 17 horas a multidão se comprimia em torno do edificio procurando alcançar entrada, que foi gratuita para todos em homenagem ao grande dia.

A's 18 horas, no salão, que chegou a comportar cerca de 600 cadeiras, apinharam-se perto de mil pessoas, e o observador que visse a turba multa que se avolumava em derredor do prédio julgaria que ainda não fôra este aberto. E' que se fizera necessario fecharem-se as portas para evitar a invasão da populaça, que se acotovelava, no afan de empolgar os melhores logares.

A's 19 horas era quasi impossivel o ingresso, e a massa popular que interrompia a approximação de cada novo espectador, a este afogava, impedindo-lhe quasi a respirar. Os policiães postos, preventivamente, ás portas para evitar qualquer perturbação da ordem, eram impotentes para deter a multidão curiosa e impaciente.

No interior do edificio o Dr. Baptista arengava ao



Armazem dos Srs. Motta & Irmãos, onde teve lugar o espectáculo de gala.

povo, não conseguindo deste a calma precisa no momento. Famílias eram levadas em rodopio; cidadãos, atirados fóra da calçada, eram apanhados pelos que ali já tinham sido precipitados; creanças desappareciam arrastadas na onda; senhoras, já no recinto, apresentavam o toucado em desalinho, do qual haviam desapparecido os seus adornos. Os directores de scena reclamavam parte do pessoal, que havia de trabalhar, representando esse e aquelle papel. Dos *Estados*, por exemplo, faltavam seis figuras; *Tiradentes* e *José Bonifacio*, que compunham a peça *As datas*, não appareciam. Uma *valise*, contendo artigos de vestuario, fóra detida por um soldado sob fundamento de *não ser ali logar de bolsa e que a estação era mais adiante*

Nessa confusão, bem demonstrativa do grande entusiasmo que reinava em torno da *soirée* theatral, surgiam então opiniões desencontradas; uns apregoavam que se deviam abrir as portas, outros que não, receiosos de uma invasão por parte do povo insubmisso.

Pelo facto de já se achar no recinto, devidamente acomodada a maioria dos espectadores, vingou a primeira opinião, franqueando-se a entrada do theatro, que logo ficou litteralmente cheio, fazendo com que voltassem, relativamente, a ordem e o silencio sacrificados. Dir-se-ia o oceano, que depois da borrasca, se acalmava.

— Mas como se dar começo ao espectáculo, se a bolsa que continha vestes de muitos *artistas* não tinha dado entrada na caixa do theatro, e nem havia quem della, siquer, desse noticia?

Estamos na parte humoristica da grande e attraente festividade. O Sr. Cicero de Siqueira, um dos directores de scena, fala então do palco, reclamando, em voz alta: *Falta-nos uma bolsa, e sem a qual nada podemos fazer; deve haver alguém que a tenha visto e; de certo, nos auxiliará, trazendo-a até nós.*

Um murmurio confuso enche todo o espaço, percebendo-se bem estas palavras sahidas de dentro da multidão: *Estão vendo? Falta u'a moça...* e outras mais, de pessoas collocadas distantes: *O homem está dizendo que depois da festa ha um almoço.*

Dirá, certamente, o leitor, que estamos a inventar,

Absolutamente não. Dizemos a verdade, muito embora sorrindo na recordação desses factos que tanto nos alegraram e nos divertiram.

Na confusão e no desentendimento de tudo e de todos ainda se ouviu uma voz de creança, que exclamava angustiosamente de uma das portas lateraes do edificio: *Deixem-me passar que sou Tiradentes.*

— Não parece ao leitor que o enthusiasmo da festa empolgou até o espirito dos mortos? — Certamente; só assim se explica o apparecimento do "confidente mineiro" morto ingloriamente ha seculos, no pseudo theatro de Canhotinho, em a noite festiva de 7 de Setembro.

Mas, deixemos estas futeis apreciações e digamos, afinal, para proseguimento desta noticia, que a bolsa mysteriosa appareceu, não se sabe como, tendo sido entregue, entre ovações delirantes, aos directores de scena.

Numa semi-quietação o Sr. Cicero de Siqueira, passados os primeiros incidentes já referidos, apresentou-se em publico novamente e a este apresentou o Dr. João Baptista de Almeida, que como orador da noite, devia dar inicio á festa ultima do dia.

Começou dizendo o Sr. Cicero de Siqueira que era ociosa a sua presença ali em se tratando de apresentar o Dr. João Baptista de Almeida ao distincto auditorio, pois os seis annos de estadia deste moço entre os canhotinhenses, dispensavam naquelle momento esse apresentação. Só uma cousa pedia aos bons canhotinhenses ali congregados naquella hora, era que, com attenção, ouvissem a palavra do orador que lhes ia falar.

Assumindo á tribuna, o Dr. Baptista de Almeida, começou a leitura de sua conferencia, falando por espaço de quarenta minutos.

As ultimas palavras do orador foram cobertas de palmas.

Voltemos agora ao assumpto puramente theatral, que ha pouco deixámos, mesmo no ponto da balburdia em que se achavam os responsaveis pelo espectaculo. Vamos dizer aos leitores que não obstante o aperto da multidão, que se comprimia nas portas de entrada do prédio, conseguiram os *artistas* extraviados chegar aos seus camarins.

ajudados por almas piedosas que na verdade eram mu-
tas em tão afflictiva situação. Só um pobre representa-
te da Africa não conseguira fazer-se comprehender at-
assistentes apinhados ali, e porque ninguem o quizess
substituir, teve a data 13 de Maio que decorrer sem
respectiva encenação de fundo.

Estava annunciado para depois da conferencia, a
Arca de Noé, que bem se podia chamar *Jardim Zoológi-
co*, pelo facto de serem dez animaesinhos, que creanças
exhibiriam imitando-os na voz e nos gestos. Foi impos-
sivel, porém, a sua encenação. Nove dos inoffensivos
bichinhos, não temendo os horrores do diluvio, haviam
sido, no momento da representação, apanhados dormindo
a somno solto dentro mesmo da *Arca de Noé*. Só o *pin-
tinho* velava, aguardando ancioso, a occasião de entoar o
seu desafinado *pin pin*:

“A saltitar, num só pé
Como estivessemos fóra
Da grande Arca de Noé.”

Dada esta explicação, entremos na execução do pro-
gramma.

Teve a palavra o Sr. Urbano Victalino, moço enthu-
siasta e intelligente. Rouco de viver a Patria e o *Encar-
nado*, iniciou sua *declamação* com galhardia. No decor-
rer da recitação “A morte da Aguia” — o publico espera-
va que sua voz morresse primeiro que a Aguia, dando-se,
porém, o contrario; quando a aguia de repente se afun-
dou nas ondas, elle o declamador, victorioso attingiu a
praia, são e salvo das revoltas ondas da aphonía, e o pu-
blico applaudiu-o como bom nadador, no procelloso mar
das recitações.

Annunciou-se o

BAILADO DAS NAÇÕES

Bellissima encenação de vinte e uma senhorinhas
representando, uma, o heroico e majestoso Brazil e as

demais, vinte paizes amigos, que se exhibiram ao som dos seus respectivos hymnos, com trajos pittorescos e trazendo desfraldadas suas bandeiras.

Obra admiravel de D. Cecília Rodrigues, talentosa educadora, o *Bailado das Nações* surprehendeu todo o publico que o assistiu, pela sua magistral confecção, deixando-o profundamente satisfeito.

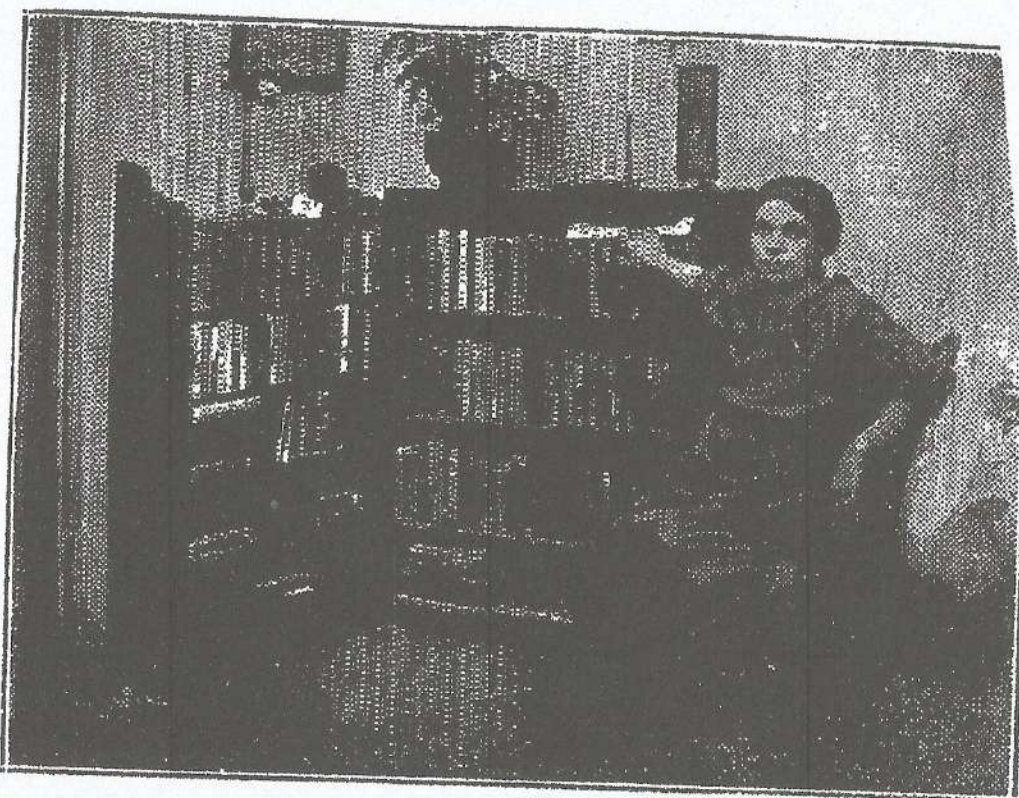
Eram vinte e uma nações, que nos dias ruidosos das festas do Centenario, traziam suas homenagens á portentosa terra de Santa Cruz, grande nação do presente e a maior do futuro, por todos conhecida como o gigante da America do Sul.

Não nos foi dado assistir o Centenario no Rio de Janeiro e muito menos a recepção das embaixadas estrangeiras lá no *Palacio das Aguas*; por isto não podemos afirmar que aquelle cidadão de rosto longo e veneravel cavagnac, e aquelle outro, gordo, careca e de barba branca, são, na verdade, representantes de Portugal e dos Estados Unidos, respectivamente, segundo nos informam os jornaes. Entretanto garantimos ao leitor que aquella menina bonitinha, de cabellos pretos, trajando á saloia portugueza, com saia de riscados, de lenço vermelho na cabeça, e aquella outra loira, vestida como as antigas puritanas, roupagem cinzenta, de golas e fitas brancas, chapéos brancos de abas largas, empunhando bandeira estrellada, ambas por nós photographadas quando no palco dos armazens dos Srs. Motta & Irmãos, são *incontestavelmente* os mesmos Portugal e Estados Unidos, sem serem precisas as credenciaes do protocollo.

Com a impressão dessa *realidade*, vamos, leitor amigo, assistir, como em torno do nosso querido Brazil, desfilarão essas vinte e uma nações amigas, todas desfraldando as suas bandeiras, e bailando alegremente.

PORTUGAL

Trajando á saloia portugueza, como acima dissemos, saia de riscado, collete preto, lenço vermelho na cabeça, entrou ao som do hymno portuguez e garbosamente disse;



D. Cecilia Rodrigues, autora das peças: O BAILADO DAS NAÇÕES; APOTHEOSE AS DATAS e da encenação da A FILHA DE JEPHÉ.

O BAILADO DAS NAÇÕES



Grupo de senhoritas representando caracteristicamente Nações amigas, em apoteose ao Brasil, que se acha ao centro empunhando o Pavilhão nacional, representado pela senhorita Maria de Lourdes.

“Eu sou a fronte da Europa,
Eu descobri mundos novos;
No meu sólo corre o vinho,
Que alegra todos os povos.”

HESPAÑHA

Ao som do hymno hespanhól, marchou Clementina de Souza, de 12 annos de idade, trajando vestuario re-produção de Carmen, no qual não foram esquecidos o pente, a mantilha e a rosa no cabello; declamou com enthusiasmo:

“Sou a terra das touradas,
Costume barbaro e erú;
Eu faço lembrar Pizarro
E a conquista do Perú.”

FRANÇA

Eunice Vidal dos Santos, de 18 annos trajando á camponeza alsaciana, com vestes amarello e preto; entrou ao som da Marselheza e recitou:

“A' França risonha e heroica
Todo mundo paga o imposto,
O tributo da elegancia
A's leis da moda e bom gosto.”

ITALIA

Ouvindo-se o hymno italiano, Alice Leitão, de 14 annos de idade, surgiu, á moda de camponeza italiana, com

a saia riscada de azul, branco e encarnado, blusa amarela e lenço vermelho ao pescoço e na cabeça; declamou com muito sentimento:

“Das Artes e da Poesia
E’ a Italia o berço amigo;
Guardo em Roma os monumentos
Do meu poder vasto e antigo.”

HOLLANDA

Appareceu no palco moçinha loira, trajando pittoresco vestuário hollandez, desde o chapéo branco ao sabot de madeira; era Laura Correia Lima, de 12 annos, que disse:

“Trabalho e perseverança
E’ a divisa do hollandez,
Pois se Deus fez outras terras
O batavo, a Hollanda fez.”

INGLATERRA

Ao som da orchestra, tocando *God save the king*, surgiu Guiomar Correia Lima, de 16 annos de idade, á escoceza, com saia de quadro, casaquinho collete, preto, dizendo com emphase:

“Tenho orgulho de insular
Que a ninguem se humilhariá,
No entanto, vêde: E’ a Inglaterra
A mãe da Democracia.”

SUISSA

Graciosa menina, Maria Emilia Correia Lima, de 11 annos de idade, trajando vestido listrado de cores, avental branco e collete escuro, com chapéo á forma de touca; disse:

“Que da União nasce a Força
Vêde-o na Suissa Fiel;
Saudai os cantões unidos,
Patria de Guilherme Tell.”

BELGICA

Maria L. Pimentel, de 9 annos de idade, completamente vestida de negro, apparece declamando com accentuada tristeza:

“Aqui passo envolta em crépe,
De galas despida estou;
Vou chorando agóra os males
Que o Congo ha muito chorou.”

ALLEMANHA

Rachel de Mello, de 20 annos, com cinto preto, blusa e touca branca, marchando ao som do hymno allemão, declamou:

“Altiva sou, pois que á força
Curvam-se o rio e a montanha;
Possão a sciencia analytica,
Vêde bem: Sou a Allemanha.”

AUSTRIA

Moça morena, representando o typo fiel da nossa mui conhecida cigana hungara, Esther de Barros, de 18 annos de idade, recitou com muita graça:

“Varios povos, varias raças
No meu sólo mantêm rixa;
Mas é a Hungria quem manda
Ler a vossa *buena dicha*.”

RUSSIA

Surgiu Esmera Vidal, de 16 annos, ostentando vestuario pittoresco de um dos grandes estados russos; com saia encarnada, blusa branca presa ao cinto de contas; grande lenço de sêda branca, em forma de bandeira na cabeça; declamou com arte:

“Ha vigor, ha persistencia
Nas minhas néves eternas;
Vêde o colosso da Europa
De força e vida supernas.”

GRECIA

Senhorinha á moda das antigas gregas, tunica branca, sandalia, fita de ouro, aureola na cabeça, Thereza Junior, de 20 annos de idade, interpretando o glorioso paiz das artes, disse:

“Inda hoje os homens sê illustram
Com a minha sabedoria,
Fui mãe de sabios e artistas,
Eu creei a Academia.”

BULGARIA.

Representando camponeza bulgara, Noemi de Mello, com 10 annos, coroadada de rosas, trazendo nos braços grandes cestas de flores, disse graciosamente:

“Vinde, vinde camponezas
Nos meus prados colher rosas;
Tirai, tirai meus perfumes,
Para essencias vaporosas.”

SERVIA

Julieta Leitão, creança de 9 annos, usando saia branca e blusa azul, recitou:

“Pequenina tão pequena
Que muito mal posso andar,
Muitas lições de heroismo
Eu posso ao mundo ensinar.”

TURQUIA

Senhorinha vestida de dansarina turca com pantalonas de gaze azul, medalha, toucado enfeitado de aljofares, Julia Teixeira, de 18 annos, recitou:

“Tenho odaliscas e harens...
Aqui pregou Mahomet;
Sou a patria dos mysterios,
Patria tambem do café.”

CHINA

Estella de Alcantara, com 17 annos de idade, vestida á chinesa, com grandes flores azues em campo-amarello, declamou bem:

“Quando iinda jazia envolta
Toda Europa em barbaria,
Eu já estudava os livros
Que o bom Confucio escrevia.”

JAPÃO

Hosana da Silva, de 15 annos de idade, pura e interessante Gueisha, de olhos obliquos, trajando kimonos e calçando tamancos, recitou com perfeição:

“Sou o imperio poderoso
Das terras vastas do Oriente;
Ninguem sabe a minha origem
Sou filha do Sól Nascente.”

INDIA

Guilomar Angelo, de 14 annos, representando respeitavel senhora Indú, de velario branco, declamou:

"Meus templos de marmore e ouro
São meu augusto brazão,
O penhor de mui antiga,
Nobre civilização."

.EGYPTO

Pequena e graciosa, trazendo lenço encarnado á cabeça e trajando vestido pintado da mesma cor, Lygia Pereira da Costa, de 11 annas de idade, representando o typo perfeito da cigana Egypcia, recitou alegremente:

"Obeliscos e pyramides...
Tudo mais com o tempo ruiu,
Mas isto attesta a grandeza
Que o meu Nilo produziu."

ESTADOS-UNIDOS

Linda senhorinha vestida como as antigas puritanas, roupagem cinzenta, de golas brancas e chapéo tambem branco, de grandes abas, Euphrasia Lins, de 13 annos, recitou:

"Sou alta forte e robusta,
Mas sabeí, sou bem creança,
Sou a terra das grandezas
Do Novo Mundo a esperança."

BRAZIL

Alta, robusta, Maria de Lourdes, bella morena, reunindo os traços representativos de nossas origens ethnicas

trajando vestuario allegorico das "Republicas", tunica grega, barrete phrygio, corôa de louros, entrou no palco ao som entusiastico do hymno nacional, sobraçando enorme e linda bandeira... Delirou a multidão; vivas e palmas tonitroantes reboaram no vasto recinto, apothosando a linda e fulgurante imagem, como que surgida dos espaços infinitos, para confundir e extasear uma multidão contemplativa. Cinco minutos de alegria doida, de entusiasmo incontido, assoberbante e, talvez, jamais experimentado no coração dessa boa gente que são os canhotinhenses. Silente, calma e impassivel, como o proprio torrão do Cruzeiro, Maria de Lourdes, synthese da Patria no typo; symbolo da Liberdade e da Republica no vestuario; personificação de nossa flóra, de nossas riquezas na polychromia da bandeira invicta que empunhava, não podia, naquelle momento, declamar, emgolphada na algazarra ensurdecadora da platéa. E' que o povo tinha diante de si, naquella hora, sua propria patria em miniatura. O fogo santo de seu amor palpitando dentro do seio, latejante, se inflamára explodindo em fremito incontido. Empolgara-se toda a multidão e o "Brazil" teve a palavra tolhida por muito tempo.

"Grande povo" te chamou ó heroica gente brasileira, o saudoso monarcha Pedro II. E's realmente grande; grande nos movimentos libertarios, nas idéas e nos empreendimentos agigantados; nas proprias iniciativas; nos gestos e nas generosidades, na paz e na guerra; no remanso e na refrega; no patriotismo que te leva ao supremo sacrificio pela gloria; e até — é delicioso confessar, — na alegria que te domina quando, assistindo uma simples festa de creanças, te deparas com fascinadora morena, que envolta em roupagens symbolicas, retrata e encarna a Patria estremecida!

Salvé! Canhotinhenses!

Falou, afinal Maria de Lourdes, em alta e expressiva voz:

“Dai-me palmas, dai-me vivas!
Cobri-me de Bençams mil,
Sou a Patria da Egualdade
Sou vossa terra, o Brazil.”

Foi plenamente satisfeita a Patria querida. Palmas e vivas calorosos encheram o recinto, interrompeado, por muito tempo, a representação. Ao terminarem as cvações, desfilaram e formaram alas as nações amigas. Nessa occasião, Ephren Vietalino, creança de 12 annos, curvou-se para beijar, num gesto arrebatador, a flammula nacional, tendo antes, com expressão e sentimento recitado a seguinte poesia de Varella:

AO BRAZIL

Bella estrella de luz, diamante fulgido
Da corôa de Deus, perola fina
 Dos mares do occidente,
Oh! como altiva, sobre nuvens de ouro,
A fronte elevas, afogando em chammas
 O velho Continente!

A Italia meiga, que resomna languida
Nos coxins de velludo adormecida
 Como a escrava indolente;
A França altiva que sacode as vestes
Entre o brilho das armas e as legendas
 De um passado fulgente;

A Russia fria — mastodonte eterno
Cuja cabeça sobre os gelos dorme,
 E os pés ardem nas fragoas;
A Bretanha insolente, que, expelida
De seus planos estereis, se arremessa
 Mordendo-se nas aguas

A Hespanha turbida, a Germania em brumas
A Grecia desolada; a Hollanda exposta
Das ondas ao furor
Uma inveja teu céu, outra teu genio,
Esta a riqueza, a robustez aquella
E todas o valor.

Oh! Terra de meu bergo, oh! Patria amada,
Ergue a frente gentil, ungida em glorias
De uma grande nação!
Quando soffre o Brazil, os brasileiros
Lavam as manchas, ou debaixo morrem
Do santo pavilhão.

Ao som do hymno nacional viu-se nesse momento, marcharem todas as nações em torno da bandeira da Patria, formando diversos quadros, desenvolvendo-se graciosas marchas, agitando-se as flammulas, fazendo-se continencias, entoando-se hymnos, e aos accordes da Marseilha da Paz, desceu o pano para se ouvir o clamor dos vivas e das palmas.

Seja-nos permittido dar, sinceros parabens á creadôra illustre desta peça theatral, por todos os motivos encantadora; parabens que são extensivos ás senhorinhas que a interpretaram no palco, alegrando e sensibilizando o publico de Canhotinho.

Após a encenação do "Baillado das Nações", appareceu em scena o joven Thadeu Victalino que, com porte elegante, recitou, com sentimento, esta poesia de Franco de Sá:

AO DIA 7 DE SETEMBRO

Ao sôpro dos ventos, ao som das cascatas
Em leito pomposo, formado por Deus,
Um lindo Gigante, nascido nas mattas
Dormia, cercado por mil pigmeus.

De zonas ardentes, de frigidias zonas
 O vasto colosso se estende atravéz
 Repousa-lhe a fronte no immenso Amazonas
 E as aguas do Prata murmuram-lhe aos pés.

Unidos reguemos de nossos suores
 A planta, legado de avós e de pais
 De pomos dourados, no gosto melhores,
 Os ramos vergados carregue inda mais.

E como o guerreiro depois da victoria,
 No ganho estandarte repousa por fim,
 Depois das fadigas, envoltos na gloria,
 Soldados valentes durmamos assim.

Virão nossos filhos, colhendo esses pomos,
 Que tornem maduros beneficos sóes,
 Depor-nos na fronte, bem como os depomos
 Na imagem querida dos nossos heróes...

E após a historia, que os feitos estampa
 Os nossos narrando com traços fiéis,
 E honroso Epitaphio nos grave na campa,
 Cercando de flores e novos lauréis.

Emquanto se recitava esta poesia, nos bastidôres se ataviavam as senhorinhas que tinham de dar á festa maior realce e transportar-nos ás regiões do Idéal, da Sublime Arte, da suave Poesia, e, em doce enlevo e meditação solemne, recordar connosco, um facto historico, habilmente transformado em pantomima, pungente e merencoria, que D. Cecilia Rodrigues de Siqueira, adaptou ao portuguez. depois de o ter. alguém aproveitado na lingua de Shakeaspeare, dando-lhe o titulo de

A FILHA DE JEPHTE

O facto é real.

Jephte era juiz quando Israel era governado por juizes..

Lançado fóra de casa pelos filhos legitimos de seu páe que lhe disseram: "Tu não podes ser herdeiro em casa de nosso páe, visto teres nascido de outra mãe" Jephte fugira indo habitar o paiz de Tob, onde se fez caudilho de homens miseraveis, que viviam de latrocínios.

A esse tempo pelejavam os filhos de Ammon contra Israel e como estes se apertassem fortemente, foram os anciãos de Galaad ao encontro de Jephte no paiz de Tob, supplicando-lhe: "Vem e sê o nosso principe para combateres contra os filhos de Ammon." Jephte admirado deste gesto de quem o havia expulso de sua morada, redarguira: "Não sois vós aquelles que me aborreceram, e me lançaram fóra da casa de meu páe e porque agora vindes ter commigo, estrangidos pela necessidade?!"

Não obstante humilhados, os inimigos de Jephte insistiram para que elle fosse pelear contra os filhos de Ammon e se constituísse chefe de todos os que habitavam em Galaad.

Jephte acquiescera, porém com uma condição: Si Deus entregasse os filhos de Ammon em suas mãos, ser elle principe. Aceita esta condição e tomado o nome do Senhor como testemunha e mediano do concerto, foi Jephte, e á frente dos Israelitas, marchou contra os Ammonitas, travando-se rude peleja.

Em irreflectido momento, fez Jephte então um juramento temerario ao Senhor dizendo: "*Si tu me entregares nas mãos os filhos de Ammon a primeira pessoa, seja ella qual for, que sair da porta da minha casa e se encontrar commigo, quando eu tornar victorioso dos filhos de Ammon, eu o offerecerei em holocausto.*"

Passou Jephte ás terras dos filhos de Ammon a pelear contra elles havendo grande mortandade em vinte cidades, desde Aroer até chegar a Meunith e até Abel, e foram humilhados os filhos de Ammon pelos filhos de Israel, cahindo afinal todos nas mãos de Jephte.

Voltando Jephthé para a sua casa em Masfa, eis que sahio a recebê-lo sua filha unica e elle logo que a viu, rasgou os seus vestidos e disse: "*Desgraçado de mim, filha minha, que me enganaste e a ti tambem; eu abri minha bocca falando ao Senhor e não poderei fazer outra cousa.* — E ella lhe repondeu: "*Meu pae, se deste a tua palavra ao Senhor, dispõe de mim para o que promettes-te, pois o Senhor te concedeu a vingança e a victoria sobre os teus inimigos*" — e accrescentou — "*concede-me somente o que te peço: deixa-me andar pelos montes e que chore a minha virgindade com as minhas companheiras.*" Disse Jephthé: "*Pois vai*" e deixou-a ir por dois mezes. E tendo ella ido com as suas companheiras e amigas chorou a sua virgindade nos montes!

Passados os dois mezes tornou ella para seu pae e elle cumpriu o que tinha votado com a que não tinha conhecido varão.

Dahi veio o costume de Israel e se tem conservado o uso de uma vez cada anno se ajuntarem as filhas de Israel para chorarem a filha de Jephthé de Galaad, por quatro dias.

Eis ahi o facto historico que uma intelligencia aproveitou, desdobrou, transformando em quadros artisticos, emotivos e evocativos e que tres gentis senhorinhas, arrancadas do acanhamento remançoso do lar, interpretaram, com tanta vida, com tanta expressão, com tanta naturalidade, na noite de 7 de Setembro.

Os quadros que se iam pouco a pouco representando á nossa vista; as posições, que silenciosas, iam tomando as tres figuras concretizadoras do sentimento de uma só personagem — *A filha de Jephthé* — as vestes talares que varriam o chão, a expressão, ora radiantes, ora compungidas que ellas tomavam, á proporção que se declamava, tudo isto nos arrebatava e nos conduzia para o terreiro da habitação de Masfa e nos faziam ouvir as trombetas victoriosas de Israel, o trotar dos fogosos ginetes despertando a bella judia e arrastando-a ao encontro do pae triumphante.

Eunice Vidal, Amnisia Gueiros e Guiomar Correia são a belleza classica, sentimental, rediviva da pantomima. Immoveis, são estatuas graciosas e delicadas, fas-

cinantes de frente, formosas de lado, esbeltas de perfil, espelhando as mais delicadas gradações da graça, da beleza, revellando esthetica e arte perfectas e pelas posições que lhes intima a recitação, vão ellas transformando o rosto, o corpo, representando alternativamente, todas as emoções, que a nobre filha de Jephte ia sentindo, desde a alegria patente na "Espectação", aos ademanes graciosos, sentimentaes, marciães, triumphantess, dolorosos os quadros successivos, até o desenlace fatal o corpo hirto, mais muito bello da judia nobre, no quadro "Ben-gam".

Dir-se-ia que consummadas artistas, feitas e affeitas ao theatro, deliciavam o publico de Canhotinho. Não o eram, na verdade; mas, naquelle momento, detentoras do sentimento e empolgadas pela esthetica e pela arte, ellas, as tres senhorinhas, envolviam-nos em denso véo e voavam comnosco a paragens longinquas, ao atelier de Phidias a contemplar estatuas.

A musica, que, com maestria, sahia dos dedos de D. Leopoldina Correia, ora melodiosa, ora tempestiva, ora dolente, não só nos prendia os ouvidos, como gravara nas moléculas do nosso ser psychico, a belleza e a arte de cada quadro. Os accordes condensados iam nos absorvendo, conduzindo suavemente para a essencia poetica da pantomima e tambem levando-nos para o emmaranhado deslumbramento das cores, dos sons e das formas ali representados vivos, palpitantes como os que estontearam os valentes e victoriosos guerreiros, que marcharam atravez das ruas de Masfa, afastando-se ao descortinarem o vasto panorama, ao vislumbrarem a habitação de Jephte, entre ramalhadas vinhas e o encontro doloroso com a filha unica que soubera da victoria, mas que ignorava o voto atrevido.

Descerra-se o véo; estamos no sumptuoso *Theatro Municipal* de Canhotinho, o qual não passando de um armazem de cereaes, viu-se transformado em armazem de applausos aos tres vultos opalinos que a todos deleitaram.

Leitor amigo, vereis pelos quadros que illustram o nosso livro, o quão pouco dissemos da *A Filha de Jephte*. Contemplai demoradamente, os quadros que se seguem:

A Filha de Jephthe

Pantomima em XII quadros representada pelas senhorinhas: Eunice Vidal, Annizia Vidal, e Guiomar Correia Lima
Adaptação de D. Cecilia Rodrigues

Quadro I



Espectação

Ella permanecia de pé diante da tenda de seu pae espreitando a sua vida. Os cabellos soltos voavam-lhe nos hombros como nuvens, fluctuando em roda de uma estatua. E o vento agitando suas vestes brancas revelava graciosas as formas de um talhe esbelto. Cruzou as mãos ao seio e ergueu ao céu os seus bellos olhos de judia. Prendeu a respiração para escutar melhor.

A Filha de Jephthe

Pantomima em XII quadros representada pelas senhorinhas: Eunice Vidal, Amnizia Vidal e Gulomar Correia Lima.
Adaptação de D. Cecília Rodrigues.

Quadro II



Alegria

Sua expressão estava radiante de amor. Ella parecia um ser cuja existencia traduzia o mais profundo affecto e a mais nobre afeição.

A Filha de Jephthe

Pantomima em XII quadros representada pelas senhorinhas: Eunice Vidal, Amnizia Vidal, e Guiomar Correia Lima. Adaptação de D. Cecilia Rodrigues.

Quadro III



Triumpho

De longe se ouve o clangor de mil clarins e o ruído confuso das hostes voltando ao campo da batalha echoava ao longe qual profundo murmúrio de embravecido mar.

Elles vinham como sempre vêm os conquistadores, cobertos de sangue e de esplendor, acompanhados de orgias e desgraças.

O nobre ginete pisava atrevidamente; elle bem recorda que pousara as patas no semblante da morte.

O valente Jephthe guiava os seus guerreiros através das ruas de Mizpah; o seu braço governava a Judéa e os seus olhos negros e bellos circundados por sobrancelhas arqueadas, pareciam domar o leão.

A Filha de Jephthe

Pantomima em XII quadros representada pelas senhorinhas: Eunice Vidal, Amnizia Vidal e Guiomar Correia Lima.
Adaptação de D. Cecilia Rodrigues.

Quadro IV



Mêdo

Elle governava, mas parecia assaltado de pensamentos lugubres.

As veias do seu tisonado rosto tornavam-se salientes, e os labios comprimiam-se como se a dor lhe penetrasse nalma. Andava com menos firmeza, e os olhos faltos de sonno lançavam scintillações de horror.

Seu lar estava perto. Os guerreiros respeitosos afastaram-se; tinham por experiencia aprendido o que são as luctas entre o sentimento e o valor.

A Filha de Jephthe

Pantomima em XII quadros representada pelas senhorinhas: Eunice Vidal, Amnizia Vidal, e Guiomar Correia Lima. Adaptação de D. Cecília Rodrigues.

Quadro V



Remorso

Elle olhava em frente attentamente. Ante á sua porta cresciam abetos gigantes; as fôlhas do benefico alôes e as ramalhadas vinhas occultavam a sua habitação; tudo os seus olhos fitavam impassiveis. Mas pouco e pouco a fragrancia das rosas circacianas, os objectos familiares, a multidão que o esperava festiva o despertaram.

Elle andou apressadamente mais um passo e chegou á sua casa.

A Filha de Jephthe

Pantomima em XII quadros representada pelas senhorinhas: Eunice Vidal, Amnizia Vidal e Guiomar Correia Lima.
Adaptação de D. Cecília Rodrigues.

Quadro VI



Saudação

Olhae, eis surge alguem, cujo semblante resplandecente mas formoso se torna ao encontral-o. Seus olhos negros brillam como luzentes joias e o seu cabelo enorme e fluctuante é como o balouçar das azas negras de uma visão.
Elle quedou-se silencioso como se ao fital-a lhe fugisse a luz.

A Filha de Jephthe

Pantomima em XII quadros representada pelas senhorinhas: Eunice Vidal, Amizia Vidal, e Guiomar Correia Lima. Adaptação de D. Cecilia Rodrigues.

Quadro VII



Anciedade

Ella passou-lhe o braço em torno do pescoço, mas elle não pareceu senti-la. Ella chamou-o pae, elle, porem, não respondeu palavra. Afflicta ella contemplou-o. Estaria irado? Não, não havia colera naquelles olhos injectados. Teria adoecido?

A Filha de Jephthe

Pantomima em XII quadros representada pelas senhorinhas: Eunice Vidal, Amnizia Vidal e Guiomar Correia Lima.
Adaptação de D. Cecília Rodrigues.

Quadro VIII



Supplica

Ella desprendeu-lhe o elmo e sobre a fronte entumescida passou docemente a sua branca e delicada mão. As veias puladas estavam dormentes e duras como cordas; o contacto o despertou.

A Filha de Jephthe

Pantomima em XII quadros representada pelas senhorinhas: Eunice Vidal, Annizia Vidal, e Guiomar Correia Lima.
Adaptação de D. Cecília Rodrigues.

Quadro IX



Dór

Elle ergueu as mãos e pronunciou o nome de Deus em agonia. Ella comprehendeu que elle estava afflicto e lançando-se em seus braços, supplicou-lhe em pranto que lhe revelasse a causa de sua dor.

A Filha de Jephthe

Pantomima em XII quadros representada pelas senhorinhas: Eunice Vidal, Amnizia Vidal e Guiomar Correia Lima.
Adaptação de D. Cecília Rodrigues.

Quadro X



Resignação

Elle confessou-lhe tudo em um momento doloroso. Por um minuto o pavor invadiu-the o coração, mas a alma da Filha de Jephthe despertou.

Calma e nobremente ella confirmou que assim deveria ser... morreria.

.....

O sol ia declinando aos poucos; o fogo estava sobre o altar e o sacerdote de Deus grande estava ali.

A Filha de Jephthe

Pantomima em XII quadros representada pelas senhorinhas: Eunice Vidal, Annizia Vidal, e Guiomar Correia Lima. Adaptação de D. Cecília Rodrigues.

Quadro XI



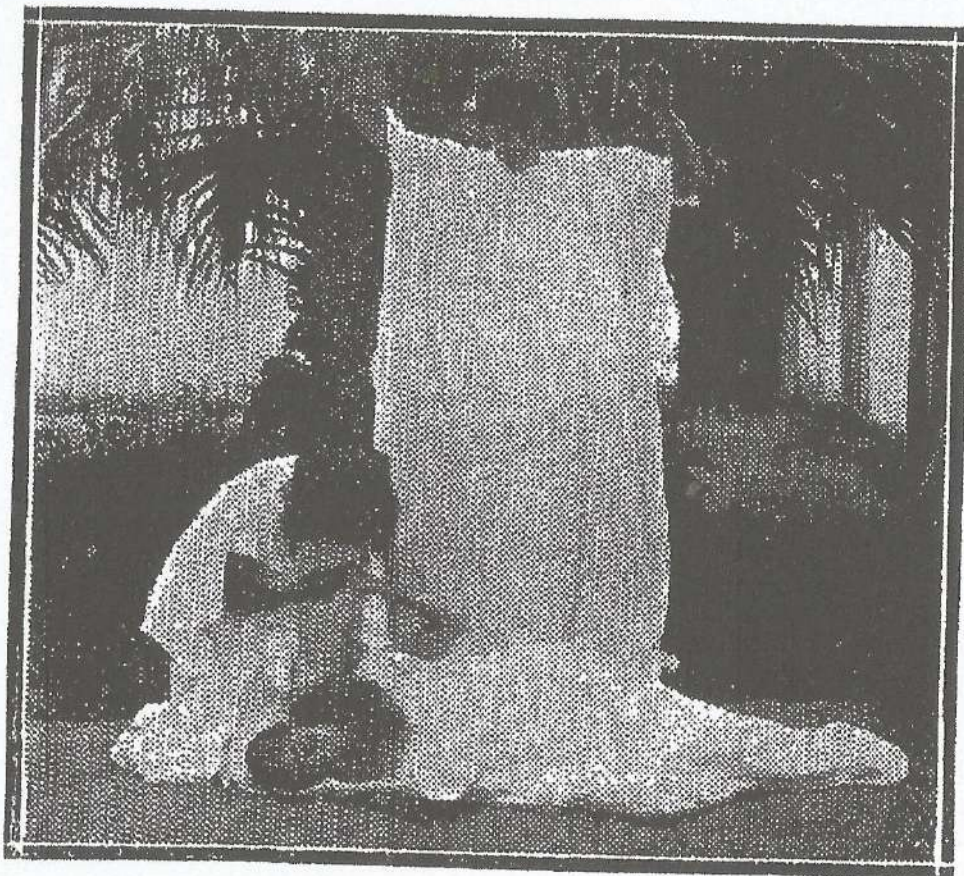
Agonia

Um homem pallido estendia aos céos as suas mãos tremulantes. Parecia orar, mas dos seus lábios não saíu palavra. E ella, a que ia morrer, a joven de Israel? Naquelle hora de pé, sosinha, silenciosa e calma contemplava o pôr do sol.

A Filha de Jephthe

Pantomima em XII quadros representada pelas senhorinhas: Eunice Vidal, Amnizia Vidal e Gutomar Correia Lima.
Adaptação de D. Cecília Rodrigues.

Quadro XII



Benção

Suas faces estavam pallidas porem muito bellas, Seus labios tinham o mais delicado contorno e a mais viva cor, e todo o seu gesto reflectia a majestade dos anjos.

O sol se poz. Ella estava morta mas não com violencia.

Os Batutas de Glycerio

Os quadros d' "A Filha de Jephthe" tinham vivamente impressionado a multidão que enchia o theatro. O espectador mais exigente sentia-se summamente satisfeito, radiante de prazer na contemplação espiritual de todas as suas transmutações, vivas ainda na memoria de cada um. No ambiente do edificio pairava um como incenso de solemnidade pathetica; e o publico saturado e embevecido parecia arrebatado, certo de que não mais se representaria, naquella noite, encenação mais bella e empolgante.

Tornara-se preciso acordal-o desse embevecimento, dessa abstracção que o transportava ás regiões do ignoto; fazel-o voltar á realidade das cousas. Coube esta missão aos "Batutas de Glycerio", que, extra programma, tinham bondosamente, acquiescido ao convite para, naquella noite de prazer, distrahirem o povo com sua orchestra de cordas afinadas.

O annuncio desta alegre surpresa foi recebido com enthusiasmo, dado o renome que ditos *Batutas*, tendo á frente o distincto e apreciado Souza, gozam entre nós.

Recebidos com ovações, mui dignas dos seus merecimentos, elles os *Batutas*, se descobriram em scena empunhando os seus *bronzes* de cujas cordas dedilhadas com perfeição de mestre, foram logo arrancadas harmonias impressivas, arrebatadoras, suggestionadoras. Ninguem é capaz de esquecer, jámais, os momentos felizes que passou nessa noite de 7 de Setembro ouvindo o grande artista que é, o Souza dos *Batutas*. Suas cançonetas, cantadas com muita graça e de um comico irresistivel, arrancaram do peito dos espectadores em geral, gostosas gargalhadas, que seriam eternas se o querido e applaudido artista não deixasse tão cedo o palco, onde mais de uma vez se impoz á admiração do publico.

Não podemos negar que esses sympathicos *Batutas* muito realce deram á festa de Canhotinho, emprestando-lhe o brilho da arte, que, com maestria, sabem interpretar.

O leitor sincero verá, por tudo que vimos de descrever, que nesta terra não houve simplesmente, por occasião das festas do centenario, um arremedo theatral, mas um simulaero perfeito das grandes recitas que na mesma hora se desdobravam em scenarios mais ricos e edificios mais sumptuosos.

As Datas

(APOTHEOSE AO 7 DE SETEMBRO)

Nada mais louvavel, nesse dia de homenagens nacionaes, do que uma apothéose á data alviçareira de 7 de Setembro, data em que todos os brasileiros são accordes em festejar. Repugnam os eseravocratas birrentos o 13 de Maio; exprobam os monarchistas o 15 de Novembro; todos, porem, unidos, tudo esquecem na sua glorificação ao dia da Liberdade nacional. Por ser o maior de todos os dias, pois que assignala e perpetua o glorioso feito do *ribeiro lendario*, justa e muito justa foi a homenagem apothetica que a elle se fez.

Esse sentimento de justiça, interpretou D. Cecilia Rodrigues de Siqueira, resumindo, em poucos versos, o feito de cada uma das datas nacionaes que não recordassem scena de sangue ou morticinio.

A sua encenação não foi tão perfeita como faziam prever os ensaios. . . A ausencia de certos personagens, como ficou dito na introdução desta parte, e a distancia em que se collocou a orchestra dos que entoavam os hymnos citados, foram causa de successo incompleto da apothéose; todavia, deixou ella grata impressão no espirito daquelles que a souberam comprehender.

Seu epilogo, especialmente a parte apothetica final, foi de um effeito extraordinario. Em torno ao 7 de Setembro grupavam-se: *Anno Bom*, 12 de Outubro, 3 de Maio, 24 de Fevereiro, 15 de Novembro, completando a scena, á esquerda um Official de espada desembainhada e á direita um indio de arco em riste. Emquanto de joelhos as datas glorificavam 7 de Setembro, um côro guiado pela exma sra d. Zuila Vidal entoava a Oração á Bandeira.

ANNO BOM

Maria Emilia, vestida de branco, coroada de rosas, ruflando azas, tendo na mão u'a vara de condão, recitou:

“Sou o Anno bom. Eis o dia.
Que vos veste de esperanças;
Recebei-me com alegria,
Trazei-me flores, creanças.”

No fundo do paleo um grupo de creanças vestidas de verde cantou a primeira estrophe de conhecido canto escolar:

“Devemos desde creanças, etc..”

12 DE OUTUBRO

Marina Leite, usando tunica grega e coduzindo uma bussola, apontava para o busto de Colombo, que apparecia no fundo da scena, disse:

“De rosas, esse heróe que ora descubro,
Adornai — eis Colombo o Sonhador,
Deixai, deixai passar 12 de Outubro
Data que ao grande mundo fez maior.”

Ao terminar, nos bastidores, um côro cantava a seguinte estrophe do hymno de Shaw:

“Oh! Colombia, oh! gloria do mundo
De patriotismo o lar
De herões és prolifero sólo,
De martyres santo altar.”

DE MAIO

Maria dos Anjos Mergulhão, com vestuario identico ao precedente, trazendo na mão uma cruz e apontando para o fundo da scena, onde appareciam figuras de guerreiros e marinheiros antigos, entre estes Cabral, recitou:

“Veneravel, garboso e senhoril,
Passa o descobrimento do Brazil,
Cabral, tua memoria respeitamos
Com os outros Lusos que ora memoramos.”

Logo após ouviu-se o côro:

“Seja a Patria o grande norte,
Nosso fanal, companheiros,
E unidos até a morte
Sejamos bons brasileiros.”

21 DE ABRIL

Esther Buarque com vestuario allegorico, trazendo na mão uma bandeira com a legenda *Libertas quæ sera tamen*, apontando ao fundo da scena, onde jazia Tiradentes paramentado para o supplicio, falou:

"Lembro nomes que vibram, que resôam
E repercutem pela imaginação,
Nomes como o de Xavier, nomes que vôam
Venerados dos tempos que lá vão."

Ouvem-se então vozes que entôam a primeira estrofe do hymno á Tiradentes, de Porto Seguro.

"Salve! Salve, inelyto martyr
Resplandecente pharol!
Da aurora da Liberdade
Foste o sangrento arrebol."

13 DE MAIO

Esmera Vidal, com vestuario symbolico, trazendo cadeias despedaçadas, declamou:

"Quebro cadeias,
Rixas desfago,
Dou ás idéas
Amplio regaço;
Por nobres traças
A abolição
Legou ás raças
Egual quinhão."

Ao morrerem-lhe as ultimas palavras, ouve-se cantar:

"Treze de Maio, a desgraça
Fındou de toda uma raça
Aos beijos dando-se as mãos

Os brasileiros se uniram
E o captiveiro aboliram
Tornando-se todos irmãos.”

21 DE FEVEREIRO

Claudemira Costa, com vestuário típico, trazendo nas mãos um grande livro aberto, vendo-se ao longe a estatua da Justiça, recitou:

“Eu promulguei a Constituição
E leis honrosas de um paiz altivo,
Deixai buscar a gloria esta Nação
De que faz parte um povo redivivo.”

O côro entoou as seguintes estrophes do hymno de Evaristo da Veiga:

“Ouvi, ó povos, o grito
Que vamos livres erguer
O Brazil sacode o jugo
Independencia ou morrer!”

Leis que a impostura ditava
Não mais devemos soffrer
Ferros, nunca, nem dourados
Independencia ou morrer!”

15 DE NOVEMBRO

Quiteria de Oliveira, roupa talar, conduzindo o pavilhão nacional, declamou:

“De um bom governo a forma mais perfeita
E’ hoje quasi universalmente acceita,
E’ a Republica, o nome que vos lembro,
Brilhante esforço — o 15 de Novembro.”

Cantam estrophes do hymno da bandeira.

“Salve lindo pendão da esperanza, etc.

7 DE SETEMBRO

Annisia Vidal, o mesmo vestuario branco talar,
trazendo ramos de plantas symbolicas. Ao fundo o busto
de José Bonifacio acompanhado de um indio. Recitou:

“Os heróes são tantos, tantos,
Desta data alvigareira,
Festejaram-na os encantos
De uma terra hospitaleira.

Dos faustos é a mais punjante,
Data heroica, em nada hostile,
Em Setembro, o mez ovante
Nesta historia do Brazil.”

E apontando para o busto de José Bonifacio:

“E a Bonifacio, heróe da raça dos Andradas,
Sincero seja o preito e as honras tributadas.”

Preludiaram então os accordes do Hymno Nacional,
que foi entoado pelo côro, entrando ao mesmo tempo 15

de Novembro acompanhado das outras datas trazend
uma corôa. Desfilando todas em torno de 7 de Setembro
falou:

15 DE NOVEMBRO

“Como um preito de homenagem
Perante vós nos curvamos,
Diã 7, a vossa imagem
Em nosso peito guardamos,

E reverentes
A vos saudar
Vamos contentes
Vos coroar.

Ajoelhou-se então 7 de Setembro, e 15 de Novembr
collocou-lhe na cabeça a corôa

ANNO BOM

“Das datas do Brazil, membro por membro
Levante um viva ao 7 de Setembro.”

Erguendo-se e approximando-se da bocca de scena,
declamou

7 DE SETEMBRO

“Datas queridas,
A nossa Historia
Trapeis, unidas
Pela memoria,

APOTHEOSE AO "7 DE SETEMBRO"



Grupo de senhorinhas representando as datas nacionaes — ANNO BO
12 DE OUTUBRO, 3 DE MAIO, 21 DE ABRIL, 13 DE MAIO, 24 DE FEV
REIRO, 15 DE NOVEMBRO, em apothese á 7 DE SETEMBRO, que
vê representada ao centro pela senhorinha Amnizia Vidal.
No plano inferior vêem-se: á esquerda um indio e á direita um offic
do exercito nacional.

APOTHEOSE A "REPUBLICA"



Grupo de creanças representando os 21 Estados da Federação em apo-
theose á REPUBLICA. A' esquerda a senhorinha Cecilia Motta lê
um discurso de saudação á Patria.

E á sombra do pendão que é verde, é ouro, é anil
Reunidas as datas do Brazil
Relembra com festim, da Patria a insigne Historia
Caminhando de braços para a gloria.

Marcham as *datas* formando quadros artisticos de
modo que sem se perceber quando entraram, surgiram
á frente o Official e o Indio.

Palou o official:

“E vós, cujo glorioso centenario
Todo o paiz em festa commemora
Distante do rumor tumultuario,
Sêde hoje a nossa inclyta senhora.

Desceu o pano; ao subir novamente, viam-se ajoelha-
das as datas em torno de 7 de *Setembro*; e o Official e o
Indio, com suas armas em continencia, prestavam-lhe jus-
ta homenagem. O côro, guiado por D. Zuila Vidal, en-
toou a seguinte oração á bandeira, enquanto, aos seus ul-
timos accordes, desceu lentamente o pano.

ORAÇÃO Á BANDEIRA

(*Letra e musica de Pedro de Mello*)

Bem dita sejas rutila Bandeira
Que symbolisas lepida e alterosa
A Patria augusta, a Patria Brazileira!
Lindo pendão! Insignia majestosa.

Quando te agitas em ledas festas,
Beija-te a brisa toda perfumes,
Porque rompestes nossas florestas
E de altos serros subiste aos cumes!

Bem dita sejas pela esperança
Poís que affrontando rudes pelejas
Tu nos promettes paz e bonança.
— Santa Bandeira, bem dita sejas.

A apotheose á Republica

Foi de magnifico effeito, impressionando bem e provocando freneticos applausos da platéa, essa ultima parte da *soirée* theatral. Não ha duvida que foi u'a bella despedida da assistencia colossal e selecta que apinhou o garrido theatrinho, onde tantas surpresas nos empolgaram o espirito e nos extasearam a alma.

A apotheose á Republica levada á effeito por essas 21 creanças ainda em tenra idade, em cujos labios só o riso da innocencia se exhibiu como flores desabrochando em manhans de inverno, revellou-se, não ha negar, a nota encantadora e symbolica, por excellencia, de todas as homenagens que Canhotinho tributou á Patria no dia do centenario de sua Independencia politica.

Ao subir do pano, não lograriamos experimentar sensação mais agradavel. mais arrebatadora. A figura majestosa da Republica ali estava aos nossos olhos encantadoramente encarnada na graciosa senhorinha Alzira Motta, que, altiva e cheia de graça no porte esbelto e primorosamente talhado soube arrancar do nosso peito as mais entusiasticas ovações.

Ricamente vestida e envolta no auri-verde pendão

nacional, essa imagem portadora dos nossos mais saudáveis idéas fez delirar a multidão. Ladeando-a, as 21 ancinhas representando os Estados do Brazil, exhibia a tiracollo vistosas faixas verde amarello onde se liam nomes de cada um desses mesmos Estados.

Estava bem comprehendida a allegoria. Em todo de nossa Republica, que tem sido e continua a ser o emblema da grandeza civica de um povo altivo e nobre, do o Brazil pela voz dos seus Estados se fazia representar em demonstração de solidariedade, de decidido apoio. E' assim que podemos affirmar que somos, na realidade uma Republica de Estados "unidos", de Estados confraternizados, que formando um só corpo, ou um só torrão este será, por força, sempre grandioso, sempre forte, sempre invencivel. A platêa de Canhotinho não resgateou palmas a esse quadro verdadeiramente impressionante que ainda hoje nos deleita o espirito.

Foi entoado o hymno nacional e logo após, no meio de respeitoso silencio, usou da palavra a senhorinha Cecilia dos Santos Motta, que em nome dos Estados, saudou á Patria Brasileira, ali representada "cobrindo-a de flores".

Damos a seguir os nomes das creanças que tomaram parte nessa apothéose: Anna Rosa (Amazonas); Adelaide de Azevedo (Pará); Olivia de Freitas (Maranhão); Elizeth Lopes (Piauhy); Vicentina de Oliveira (Ceará); Maria José Pinto (Rio G. do Norte); Laura Correia Lima (Parahyba); Maria Emilia Correia Lima (Pernambuco); Claudia Mauricio da Rocha (Alagôas); Maria da Penha (Sergipe); Balbina Soares (Bahia); Maria Macedo (Espirito Santo); Aida Barbosa (Rio de Janeiro); Edith Gueiros (Paraná); Christalia Cordeiro (Santa Catharina); Lygia Pereira da Costa (S. Paulo); Aida de Carvalho (Minas Geraes); Albertina Ribeiro (Rio Grande do Sul); Julia Balbina (Matto Grosso); Eunice Rocha (Goyaz) e Adelaide de Azevedo (Districto Federal).

Teus filhos te offerecem seu patriotismo e eu te cubro de flores.

Tiradentes e a Independencia nacional

Conferencia civica pronunciada pelo
Dr. João Baptista de Almeida, por
ocasião do Espectaculo de gala.

Exmas. Senhõras.
Gentis Senhorinhas.
Meus Senhores.

No programma das festas que hoje realizaes, em homenagem ao primeiro centenario da Independencia nacional, está annuciado um discurso meu para esta noite. Parece-me, entretanto, que não andou acertada a digna commissão que elaborou este mesmo programma, fazendo-me o alvo de sua escolha, nesta solemnidade, cuja imponencia está a me offuscar o espirito e extasear a alma.

É de sensação estranha e percuciente para mim, Senhores, este momento. Não sei explicar o que sinto diante de tanta luz, de tanto brilho, de tanta magestade. Esta perspectiva de belleza artistica, que se estende com exhuberancia do verde-amarello, por todo este recinto até attingir esta abobada, que mais se parece um céu banhado pelos raios ardentes de um sol de meio dia, tocando a fibra mais sencivel do meu ser psychico, me está levando áquelles mundos desconhecidos do Eden, onde só ha a alegria e o perfume dos anjos, e para onde se transportou espiritualmente, em allucinações de amor, o poeta da "Divina Comedia", na sua deleitavel obsessão por Beatriz.

Não tivesse eu cuidadosamente meditado e escripto

o que vos tenho a dizer, estaria, agora, perplexo e aturdido diante de vós sem saber preferir um só vocabulo.

Sim, meus Senhores, estou realmente emocionado.

— Povo de Canhotinho, em nome desta Nação gloriosa eu vos beijo as mãos e vos felicito pela magnificencia de vossa festa. Não vos conhecia tão educado, tão consciente do amor da Patria. Agora, porém, só me causaes admiração.

Este espectáculo deslumbrante que me suggestiona a vista, é o debuxo vivo do vosso patriotismo de gloriosos brasileiros; é a demonstração palpitante da vossa superioridade moral; é o attestado cabal da vossa cultura.

Oxalá pudesse eu encarnar as virtudes dos sabios oradores, para, com a minha palavra, ser nesta hora, um dos adornos da vossa significativa e impressionadora festividade.

Infelizmente, táes virtudes só as conheço em outros, que deveriam estar aqui, nesta tribuna, onde me não acho a commodo por motivos da minha reconhecida incompetencia.

Meus Senhores.

E' mais uma conferencia que vou fazer do que um discurso, se é que conferencia se possa chamar o que rabisquei no acanhado gabinete de minhas leituras.

Não ha com isto uma irreverencia de minha parte ao programma da honrosa commissão promotora destas festas, nem tambem me move o sentimento da vaidade ou ostentação, o que muito me diminuiria. O que eu quero é, simplesmente, estar tranquillo com a minha consciencia fazendo integralmente o que ella me aconselha que faça neste dia de sagração á nossa nacionalidade.

Não me farei difficil de comprehender. A razão está commigo e, de muito bom grado, vol-a demonstrarei em poucas palavras.

Como sabeis, commemoramos na data de hoje o feito de mais alta significação e de maior relevo que registra a nossa historia politica. Da objectivação deste fei-

to até o presente, cem annos são decorridos, havendo, por isto, a admirar dois acontecimentos palpitantes: o primeiro, todo material, é o facto relembrado, commemorado, isto é, o "7 de Setembro" emancipador dos nossos destinos; o segundo, simplesmente moral, é o centenario, que se completa enfechando, num periodo glorioso de estabilidade nacional, todos os beneficios consequentes da Independencia proclamada e conservada.



D. PEDRO I

O proclamador da Independencia

Acóde-me á memoria, neste instante, as palavras de um imaginoso orador, proferidas em uma grande festa em homenagem a Alexandre Herculano: — "Os centenarios são commemorações trabalhadas pela Justiça e pela Saudade. Vemos nessas commemorações, sereno rememorar de epochas passadas, a connexão da reviviscencia de uma centuria com anhelo de os resumir numa synthese, por haverem accumulando joeirando, e joeirando de modo afanoso, o brilho de uma cultura e a immensidade de seu progresso."

Ha nesta sentença, Senhores, um sentimento philosophico que nós todos devemos guardar no coração, co-

mo reliquia sagrada do Bem e da Verdade, do Amor e da Recordação. Esse sentimento é o do culto á perpetuidade dos factos nobilissimos, que mais tocam á existencia de uma nacionalidade.

Festejando cem annos de emancipação, toda uma vida de liberdade e prosperidade para nós brasileiros. Entendo eu, que devemos assignalar o nosso orgulho e a nossa alegria em qualquer cousa que perdure indefinidamente, atravez dos tempos, e que deixe tambem ficar n'alma dos nossos contemporaneos um signal evidente do nosso interesse pelo bem estar moral e material da nossa Patria.

Parte deste principio, e só d'elle, o motivo unico por que deixando de fazer um discurso simplesmente congratulatorio, vou mais alem, pronunciando esta conferencia, cujo assumpto só vos deve interessar.

E' de lastimar que eu não tenha para os vossos ouvidos um trabalho de arroubos. Entretanto vou dizer-vos algo de util historiando-vos factos que foram, ao meu ver, os constructores da nossa mui gloriosa Independencia politica.

Antes, porém, quero ter algumas palavras de profundo e eterno reconhecimento á gentileza e á consideração que me foram immerecidamente dispensadas pela digna e mui honrosa commissão que tomou aos hombros o encargo destas homenagens patrioticas, fazendo-me necessario nesta festa como um dos seus oradores.

Desvanecido por tão subida honra, que só me faz orgulhar e engrandecer, eu vejo fazendo parte dessa commissão tres individualidades verdadeiramente typicas da bondade, da generosidade. Uma é o Padre Moysés Ferreira, piedoso Vigario da nossa Freguezia a quem devemos a maior porção do brilhantismo desta solemni-dade e com quem já nos achamos ligados para um futuro de conquistas felizes; a outra é o Dr. Geroncio Borba de Carvalho, organização privilegiada de uma creatura trabalhadora e forte, que não esmorece na senda das boas obras; a ultima é o Sr. Cicero de Siqueira, educador exemplar e meu velho companheiro de luctas. Pois bem, meus Senhores, é a essas tres individualidades de amigos meus, extremosos e mui dedicados, que

eu offereço, nesta hora solemmissima, o meu modesto trabalho, producto rasteiro, não das minhas locubrações, que são nullidades, mas do meu intenso amor e devotamento á festa que hoje se realiza, toda de homenagem sincera á Nação Brasileira.

Escolhi, Senhores, para assumpto de minha prelecção, a personalidade edificante de um martyr a cuja memoria deve o Brazil inteiro render, na data de hoje, profunda veneração.

Deixando vultos de grande renome, hontem desaparecidos e que tambem trabalharam e se esforçaram pelos interesses desta gloriosa Nação, fui bater ás portas de um passado remoto para ao sabor dos meus sentimentos patrioticos agitados neste momento, falar do notavel acontecimento que hoje se vê glorificado pelo seu primeiro centenario: — A Independencia Nacional.

Se commemoramos a nossa emancipação politica, que na realidade do direito publico significa a liberdade de accção de cada um de nós como representantes de uma nacionalidade, e se sentimos que ha dentro desse acontecimento, envolto nas suas peripecias, a alma da nossa Patria, justo será que nos occupemos, por alguns minutos, daquelle que foi, sinão o seu factor principal, mas, incontestavelmente, o espirito que o gerou na consciencia nacional, doutrinando-o, apostolando-o com o sacrificio da propria vida immolada no cadafalso da tyrannia.

Falemos, portanto, de TIRADENTES, o precursor e o martyr da nossa liberdade.

Parece-me, Senhores, que o dia não é legitimamente de homenagens ao proclamador do feito hoje commemorado; é, antes, de sagração á memoria daquelles que morreram afogando no coração a idéa dignificadora, que se concretizou nas margens do Ypiranga a 7 de Setembro de 1822. E se é assim, a figura portentosa de Francisco Xavier o TIRADENTES, privilegiadamente se ergue diante do nosso olhar, toda resplendente de civismo e de bravura indomita reclamando de nós a homenagem sincera que lhe tem sido devida pelo muito que elle fez em beneficio de uma causa, que lhe foi na vida o conforto e na morte a glorificação do seu martyrio.

Festejamos a nossa liberdade, já o sabeis. Restamos, agora, precisar a serie de factos que a precederam e pelos quaes podemos aquilatar o valor civico dos seus verdadeiros apóstolos.

Vêm todos que, neste proposito, me affasto systematicamente da data gloriosa em que se operou a transição dos nossos destinos politicos, isto é, deixo de parte o grito de "Independência ou morte" vibrado nas margens do Ypiranga, para me occupar dos acontecimentos memoraveis que abalaram o espirito da Patria, desde a epocha em que ella não mais supportando os grilhões que a prendiam ás Côrtes de Portugal, se fez revolucionaria e rebelde contra o despotismo avassallador da dynastia dos Braganças.

Compulsando a historia e attendendo os principaes e mais acatados escriptores nacionaes, chegaremos á conclusão de que, com poucos annos de existencia, já o Brazil no seu estado colonial, despertava no espirito de muitos europeus a idéa de tornal-o um reino independente. Neste ponto é autorizada a palavra da escriptora D. Maria de Andrade, autôra de um dos melhores compendios de Historia do Brazil.

Essa illustre professora, tratando proficientemente do assumpto em argumento, aponta diversos projectos, que surgiram nos sceulos XVI e XVII em Portugal e Hespanha para libertarem o Brazil do dominio Portuguez, tâes como, o do Prior do Crato e do Conde de Aranha, Ministro de Carlos III.

Mas não é dahi que procuro partir para fazer o estudo e a analyse do espirito libertador, que poderosamente influiu na consciencia nacional, chocando-a contra o predomínio absoluto do Reino Portuguez. Tâes aspirações nenhuma relação têm com os interesses do nosso povo e por isto mesmo estão fóra dos meus commentarios analyticos.

Penetremos, porém, no seio augusto da Patria; auscultemos-lhe os anceios; saudemos-lhe a alma e teremos retratado na retina o valor incomparavel dos seus heroicos e abnegados filhos, cujo patriotismo constituiu, até hoje, o maior padrão de glorias de um passado honroso cuja memoria se perpetuará, por todo o

sempre, confortando e dignificando as gerações futuras.

E'ahi, sim, que desejo e que todos nós devemos chegar para termos a idéa da nossa superioridade civil jámais posta em duvida nas contingencias dos perigos e das luctas.

Datam de 1640, Senhores, as primeiras manifestações de repulsa do povo brasileiro ás impostorias incabidas dos seus colonizadores. Podemos mesmo accentuar que surgiu dessa epocha, para o Brazil, o seu primeiro impulso como nacionalidade.

Com visão nitida da materia, diz aquella historiadôra de que vos falei ha pouco: — "A Nação Brasileira fundou-se no seculo dezesete, por assim dizer, em tres diferentes pontos: Pernambuco, Rio Grande do Sul e São Paulo. Pelos pernambucanos foram expulsos os holandezes. O juramento de Fernandes Vieira e seus companheiros, Henrique Dias e Felipe Camarão de livrar a patria do jugo hollandez contra a vontade de D. João VI é já um acto digno de uma nação independente. A victoria das Tabocas em 3 de Agosto de 1845 mostrou que a joven Nação era já bastante forte para defender os direitos que reclamava. No Rio Grande do Sul, observa-se, mais tarde, o mesmo sentimento de patriotismo pela vontade do povo em conservar unida ao Brazil as regiões do Prata."

Desta exposição clara, se conclue que a nóssa Patria almejava, desde esse tempo, a sua Independencia.

Veio o seculo XVIII e com elle as descobertas das riquezas nacionaes, afortunadamente estimuladas pelo espirito liberal do Conde de Oeyras e Marquez de Pombal, então Ministro e Conselheiro da Côte.

Tudo prosperava na terra de Santa Cruz, debaixo do azul poetico do seu firmamento. Cada brasileiro sentia-se reviver para um futuro de mais largas esperanças, lançando suas vistas para o grandioso e soberbo panorama, que o seu continente descobria, orgulhoso, por entre as portentosas maravilhas, que a natureza lhe prodigalizára.

Estavam-lhe, porém, fadados infortunios crueis, de-

cepções horríveis, com a ascensão de D. Maria I ao throno de Portugal.

Rainha inclemente, adversaria inconciliavel do bem estar moral e material dos seus vassallos, D. Maria abdicando da orientação de Pombal, exerceu sobre Brazil a mais tyrannica e ignominiosa pressão, já proibindo-lhe o commercio livre com o estrangeiro, já sob carregando seus habitantes de novos e pesados tributos. E tudo isso, Senhores, dava-se numa epocha em que por toda parte se operavam progressistas transformações.

O Brazil, porem, consciente dos seus direitos, não podia mais supportar o ultraje, a affronta, a violenta e ignominável partida de Portugal, e nesta emergência teve que entregar-se aos braços da revolta interna desesperadamente adeada na alma de seu povo.

E' o periodo aureo do civismo brasileiro em contraposição á maldade e ao despotismo portuguezes.

E' em Minas Geraes, então, que o sentimento da revolta mais se accentúa, abrazando a consciencia nacional germinando no espirito angustiado dos brasileiros a idéa da liberdade, já preconcebida e proclamada em 1710 por Bernardo Vieira de Mello, o sonhador vidente de uma republica ainda não fecundada.

Uma organização ardente se levanta na provincia mineira, aconchegando ao peito a bandeira de um triumpho idéal, chimerico, abstracto como a vida de allem tumulo, mas abrazador e febricitante, por cuja concepção se suggestionou um povo forte e altaneiro, incapaz de baixar a fronte á ignominia e ao servilismo dos seus dominadores. Essa organização mascula e viril é a do Alferes Joaquim da Silva Xavier, o TIRADENTES, malgrado cabeça da conspiração, que o governo de D. Maria I abortou em beneficio da tyrannia de Portugal.

Corria o anno de 1788 sendo Vice Rei do Brazil D. Luiz de Vasconcellos, quando se assentaram, em Minas Geraes, os primeiros planos de revolta contra o reino de Portugal. Villa Rica, a grande capital da provincia mineira, ardia em febre por uma emancipação politica, que a tornasse livre das insanias dos poderes publicos,

não lhe faltando adeptos para a realização do seu idéal. Alvarenga Peixoto, Claudio da Costa, Antonio Gonzaga, Francisco de Paula Andrade e muitos outros abnegados, formaram, com a argamaça da sua fé e do seu patriotismo, o alicerce da conjuração, que tomou vulto, creceu e se propagou por toda a parte, alviçareira e feliz como um pregão celestial.

A' frente desse movimento por demais justo numa epocha em que a Justiça e o Direito se consubstanciavam no embuste, na vilania e na brutalidade humana, estava TIRADENTES, sempre acalentando no coração febril a visão da liberdade sonhada e pleiteada em noites de agônias insondaveis, martyrisantes, enlouquecedoras.

Qual um novo Messias pregando a bemaventurança eterna, o precursor de nossa Independencia, transfigurado em apostolo de uma redempção, ha muito almejada, sereno e divinamente superior, jámais se cansava de doutrinar aos sectarios da conspiração, em conciliabulos ininterruptos, as suas idéas salvadoras e reivindicadoras de uma dignidade abatida, vilipendiada, profundamente ultrajada.

Pobre visionario! Não via elle na sua obsessão sublime e confortavel, o espirito do mal, que se infiltrando na alma de seus alcandorados planos, minava-os e arrastava-os ao abysmo da perdição.

Firme no seu idéal, TIRADENTES não socegava um só instante. A angustia nacional lhe abrazava o peito e o soffrimento dos seus compatriotas lhe escaldava o patriotismo. Salvar a Patria, erguel-a moral e politicamente era sua unica preocupação, e, nessa attitude, foi que elle instituiu por todos os conjurados a sagrada divisa: *Libertas quæ sera tamen.*

Uma viagem ao Rio de Janeiro, mais tarde, foi preciso apprehender o martyr da liberdade, ficando a provincia de Minas Geraes entregue ás suas proprias agitações emancipadoras.

Começa dahi, Senhores, o infortunio do heroico propagandista.

Um conjurado mentindo aos seus compromissos de lealdade e fidelidade jurados á bandeira da revolta, e aproveitando a ausencia de TIRADENTES, friamente, trai-

côeiramente o perden, denunciando ao Governo de Minas, o Visconde de Barbacena, todos os projectos de conspiração e independencia para o territorio mineiro. Em consequencia dessa denuncia foram presos: TIRADENTES no Rio de Janeiro, e em Minas Geraes os demais conju-



JOSÉ BONIFACIO

O unificador da Nacionalidade Brasileira

rados que ali permaneceram aguardando o momento decisivo para o começo da revolução projectada.

Parte deste ponto a odysséa do saudável e inolvidavel mineiro. É dahi por diante, até o supplicio no patibulo infamante, que a sua grandeza civica, que o seu

desprendimento e o seu amor pela causa da LIBERDADE têm a sua pagina de ouro na historia daquelles tempos.

D. Maria I sempre vigilante e de tudo conhecedora logo a pena de morte decretou para a cabeça da CONSPIRAÇÃO, não o fazendo, porem, em referencia aos DOS DEMAIS conjurados, como escarneo á preponderancia do MARTIR nos acontecimentos frustrados. A rainha precisava mesmo de dar um exemplo do seu sentimento de JUSTIÇA, da EQUIDADE e da SEGURANÇA de suas deliberações, e SO, assim, concentrando todo o seu odio e poderio contra a pessoa de TIRADENTES, ao mesmo tempo que afastava da força as cabeças dos outros conspiradores, poderia realizar-o.

Ainda, nessa indignidade das côrtes não viu TIRADENTES um supplicio á sua consciencia; ao contrario: como chefe da rebelião e o maior propugnador de seus projectos, com o riso nos labios e a alegria infinita no coração, elle se se apercebeu do privilegio de sua morte, regosijando-se por ter concorrido para a salvação daquelles que lhe foram solidarios e leões na propaganda de suas idéas emancipadoras. Bastava a elle morrer só, levando para as regiões do eterno todo o fulgor de sua alma e aos outros ficarem para na terra humedecida pelo seu sangue, cultivarem aquella semente, que era o seu proprio corpo e que havia, mais tarde, de fructificar libertando toda uma raça do captiveiro implantado no Continente, ha perto de tres seculos.

E foi assim, com esse desprendimento de um apóstolo, que TIRADENTES subiu ao patibulo e entregou a cabeça á justiça dos reis, deixando, antes, á Patria, como offerenda sagrada e perpetuadora do seu civismo, aquellas expressões sublimadas de amor, que Goulart de Andrade reproduz nos seus inspirados e emocionantes versos:

“Que este martyrio atroz minhas faltas redima,
E quando esta alma, irmãos, que a fé conforta e anima,
Da materia fugir, possa voar depressa
Ao ninho, azas batendo ao sol na tarde mansa!
Ide, irmãos, para a vida! Ide para a esperanza!

Que venha um santo amor ungir vossa existencia
Para os que erram aqui! Que a vossa maldição
Não me venha apertar mais e mais o grilhão,
Nem, feroz, augmentar o peso da desdita,
Que me punge e maltrata, e que me infelicita.
Esquartejem-me o corpo, a crueza não me aterra!
Que elle assim cobrirá a extensão desta terra!
Dos membros seus em sangue e da rubra cabeça
Um clarão surgirá, que talvez resplandeça;
Augmentando o esplendor dos astros do Cruzeiro,
Sobre nós a pairar como um vivo luzeiro;
E quando alguém, á noite, olhar as cinco estrellas
Pensará no meu corpo despedaçado, ao vel-as!
E se alguém vir meus pés pelo tempo mirrados
Pensará certamente: Estes ermos vallados,
Esta crista de monte imprimiram meus passos,
Terra que elle pisou, como os campos espaços,
Cheios estão de sóes, enche-se de repente,
E quando as minhas mãos, estas mãos, virem, certo,
Contemplando-as dirão: Ellas, este deserto
Inflamaram. Aqui, semeiaram, luctaram,
E unanime, agora, ainda os campos aram
Da fé pela anhelada e santa liberdade!
E quando o craneo meu, alguém, na soledade,
Vir plantado, dirá: Deste vago ninho
Partiu por toda a senda e por todo o caminho
Bando de aves exul, suas chimeras vivas
Que se acasalam, proliferam, impulsivas!
Meu coração, porem, mandaram desterral-o
E a sua vibração se communique inteira,
Ao potentoso estuar da terra brasileira.

Que importa a morte? Venha o derradeiro instante,
Em que meu corpo no ar, qual pendulo oscilante,
Prestes marque a hora exacta, esplendida e feliz
Da minha redempção e da do meu paiz.

Pois Jesus não soffreu por nós morte affrontosa?
Apenas vos imploro é que os labios de rosa
De vossos filhos, nunca uma palavra candente
Tenham para a memoria do padecente.

Eis, meus senhores, como nos canta o poeta, a morte de TIRADENTES, de quem me occupo neste dia memoravel, em palestra comvosco e reverenciando á Patria, que lhe foi o berço e o tumulo tambem.

Mas, não vos parece que eu devia ficar aqui e não eclypsar, com palavras outras, o brilho e a emoção de versos tão commoventes?

Não. Ficaria incompleta a minha obra de reverencia á memoria do saudoso martyr se, obliterando o meu compromisso tomado commigo mesmo, não ferisse os acontecimentos que se verificaram posteriormente á sua decapitação e em virtude dos quaes se tornou em realidade o que na vida d'elle se constituiu loucura e obsessão: — a Independencia do povo brasileiro.

Punido severamente o maior responsavel pela conjuração mineira, as Côrtes de Portugal mais decididas se mostraram para reprimir toda e qualquer idéa de insubmissão, que viesse apparecer no Brazil contra a soberania dos seus dirigentes.

Nessa situação oppressôra, por muitos annos se conservou a terra de Cabral, vendo-se Portugal tambem, mais tarde a braços com o terrorismo napoleonico, que o obrigou a fazer do Brazil a sede provisoria de suas Côrtes.

Estamos agóra no reinado de D. João VI, periodo em que mais florescemos.

Não obstante essa transformação operada contra os destinos de Portugal, mas animadora para o espirito evolutivo dos brasileiros, o sentimento da revolta contra as côrtes persistia latente na alma da nossa nacionalidade, que já então se considerava politicamente emancipada, sob a influencia das primeiras conspirações.

E' quando rebenta em Pernambuco a revolução de 1817, formidavel e positivamente revelladora dos nossos propositos de emancipação completa, radical. Ha invêtidas heroicas dos revolucionarios contra as hostes do poder legal, chegando-se a organizar, em Recife, um governo provisorio, todo independente das côrtes, do qual fizeram parte o Padre João Ribeiro Pessôa, como governador, o Dr. José Luiz de Mendonça e Domingos Martins,

e ainda o Padre Joaquim de Almeida, por alcunha o Miguelinho, como ministro do interior.

Ainda essa vez foi a Patria infeliz nos seus arraigados emprehendimentos em favor da causa libertadora. Capitulando os revoltosos pernambucanos diante do poderio affrontoso e cruel das côrtes, voltou o Brazil á sua situação anterior.

Entretanto não era D. João VI estranho ao proposito do povo brasileiro. Testemunha visivel das suas repetidas rebelliões, todas em torno de um só principio — o da liberdade ou morte — elle D. João, em partindo novamente para Portugal em 1820, acossado pelas luctas que ali se desenrolavam, com perigo para os destinos de sua patria, deixou ficar no Brazil seu filho D. Pedro a quem fez estas declarações, que a historia integralmente nos reproduz: — *Pedro, o Brazil brevemente se separará de Portugal; se assim for, põe a corôa sobre tua cabeça antes que algum aventureiro lance mão della.*

Ainda o egoismo, o predominio autocrata da fidalguia contra um povo altivo e nobre, glorificado na paz e na lucta. Mas era chegado o momento da victoria ardentemente cubiçada pelos opprimidos.

Formaram-se, na côrte, partidos politicos, que em pleno parlamento se degladiaram ostensivamente, sendo os destinos da Nação Brasileira o motivo unico dos debates insistentes.

Já os portuguezes queriam que voltassemos ao estado de colonos, o maximo da degradação, da vilania e do embuste. Em compensação, batiam-se os representantes brasileiros pela nossa radical separação.

Emquanto isto occorria na metropole portugueza, nas provincias brasileiras as agitações recrudesciam impectuosas, obrigando as côrtes a ordenarem o regresso de D. Pedro. E' quando este regente recebe, na Camara do Rio de Janeiro, um appello para se conservar no Brazil, appello que foi promptamente attendido "para bem de todos e felicidade geral da Nação."

Com esta resolução ultima do Principe não se conformou, porém, Portugal, surgindo dahi toda sorte de hostilidades ao seu governo, com a pratica de medidas violen-

tadoras e coercitivas á bôa marcha dos negocios publicos no Brazil.

No calor de todos esses attentados inominaveis, a tolerancia do espirito brasileiro cedeu á tempestade da indignação geral que se desencadeou por todas as provincias do novo continenté.

D. João VI, a principio pacificador das magoas, aliás justas, de todo o Brazil, pelo grande mal que lhe fizeram as côrtes portuguezas, acabou por incompatibilizar-se com esta Nação, que não pode ser indifferente ás offensas e aos ultrajes praticados contra os seus representes no parlamento. Ademais, ainda estava bem vivo na alma do seu povo aquelle desprezo ferino atirado, tempos atraz, á face da Nação, quando esta mais precisava de ser lembrada e protegida, e só por isto a necessidade de uma separação era mais que imperiosa para os seus destinos em pleno sossobro.

D. Pedro já se havia insurgido contra as ordens das côrtes e portanto delle muito precisava a Nação Brasileira para dirigil-a.

Nesse tempo, porém, Senhores, a nossa mui querida Patria nada representava, internacionalmente falando, e uma vez se separando de Portugal por força havia de lutar com serias dificuldades para manter sua integridade no chãos da revolução, que naturalmente, se desenvolveria entre nacionaes e portuguezes.

Comtudo, não mais se podia superar o movimento separatista. A lueta estava aberta e declarada no seio da nacionalidade, levantando-se forte opposição contra o Principe Regente partida, não só das proprias côrtes, como ainda, do grande numero de portuguezes residentes no Brazil e aqui politicamente organizados.

D. Pedro já tinha ao seu lado, nessa epocha, um espirito atilado, intelligente e de muito prestigio que o orientava nos momentos difficeis — José Bonifacio de Andrada e Silva, o “unificador da nossa nacionalidade”. Graças á actividade desse grande brasileiro, foram então estabelecidas, com a França, Inglaterra e outros paizes civilizados, relações de amizade, ao mesmo tempo que se

faziam arregimentados todos os partidos políticos em divergencia no continente.

Nesta situação incontestavelmente lisongeira para os destinos da Patria, foi conferido ao Principe Regente o titulo de "Defensor Perpetuo do Brazil", destruindo-se os ultimos élos que o prendiam ás côrtes de Portugal. O Brazil fica então absolutamente senhor dos seus destinos e todas as rebelliões consideradas estrangeiras no seu territorio são suffocadas. Mesmo assim, Senhores, as côrtes de Portugal se mantiveram no inglorio proposito de perturbar a paz de sua ex-colonia, expedindo ordens e fomentando no espirito dos seus subordinados a insubmissão ao governo brasileiro. D. Pedro está então em S. Paulo, e de volta, consciente de todos os attentados e para soluçional-os definitivamente, proclama a 7 de Setembro de 1822, nas margens do Ygiranga, o Brazil livre e independente, sagrando na consummação deste feito altamente dignificante a memoria ainda viva de Joaquim da Silva Xavier, o TIRADENTES, morto e esquartejado trinta annos antes, por se ter evidenciado o maior e mais arrojado defensor da Independencia nacional.

Meus Senhores. Saudemos e glorifiquemos a memoria de TIRADENTES, immortal e profundamente saudosa para o coração de nossa Patria. Choremos, no apogeu desta festa, a tragedia de sua morte, representada nos braços infamantes do patíbulo; conservemos na lembrança a majestade do seu heroismo e do seu grande amor pela causa de nossa libertação; e quando tudo isto fizermos, ajoelhados na terra fria, que guarda religiosamente o seu espostejado corpo, rendamos ao seu martyrio sublime e puro como a Aurora o preito do nosso mais acrysolado reconhecimento pelo bem que elle nos legou conservando-nos e alimentando-nos o ideal que lhe foi na vida a sua visão e depois de sua morte o esteio da nossa liberdade offendida e usurpada durante seculos e mais seculos.

No deslumbramento infinito desta festa, ou apothéose, que é mais um hymno de amor entoado no altar da Patria hoje reverenciada, eu tenho, Senhores, todo o meu pensamento voltado para o heroismo edificante do

homem que morreu sorrindo pela nossa liberdade. Tudo o que venho de dizer neste momento, rememorando os seus feitos altamente gloriosos, são como que flores perfumadas que se vão jogar na crypta onde elle, o martyr, repousa, dormindo o somno tranquillo dos bemaventurados e para onde me não canço de olhar, com esta alma, que em mim se ufana e chora ao mesmo tempo na contemplação ridente e dolorosa de um passado que se foi e não volta mais. Pois bem, Senhores, é justamente este passado que eu vejo e sinto hoje relembrado entre cantos que na terra se entoam e psalmos que no céo se ouvem, confundindo num só sentimento, as saudades dos que se foram e as alegrias dos que ficaram e que estão connosco agóra abraçados e confraternizados no calor e no entusiasmo desta festa, legitimamente nossa, porque é do Brazil, da terra de TIRADENTES.

Para completar o historico das festas commemorativas do Centenario, reproduzimos na integra a acta da installação da sociedade desportiva "Centenario Foot Ball Club", realizada em o dia 7 de Setembro como homenagem civica á passagem da gloriosa data.

ACTA da installação da Sociedade Desportiva
"CENTENARIO SPORT CLUB", em Canhotinho.

Aos sete dias do mez de Setembro de mil novecentos e vinte e dois, ás 16 horas, na séde da Sociedade Musical "Centenario", com a presença dos Srs. Antonio de Moraes Pimentel, Antonio Rodrigues Campos, Dr. Geroncio Borba, João Camillo da Silva, Urbano Victalino de Mello, Americo Maia, Ludgero de Souza Gouveia, José de Moura, Manoel Leitão de Almeida, José Passos Filho, Orlando Pereira Passos, Antonio de Moura, Manoel Queiroz da Silva, Arnulpho Rodrigues, Octavio de Mello, Amadeu Vieira, Severino Ferraz, Euclides de Freitas, José Ulysses, Luiz Camillo da Silva, Mario Feitoza, José Alves Feitoza, Francisco Gonçalves, Severino de Almei-

da, Francisco Cordeiro de Mello, Manoel Pires da Rocha, Antonio Bezerra Leite, Sebastião de Moura Lins, José Pugliesi Sobrinho, Henrique Motta, Abilio Teixeira Gueiros, Jorge Barretto, Manoel de Carvalho e Silva, Pedro Ambrosio e Enéas Mendonça, houve uma reunião afim de se tratar da fundação de uma sociedade desportiva. Convidado a assumir a presidencia o Sr. Americo Maia, nomeou como 1.º e 2.º Serretarios os Srs. Manoel Leitão de Almeida e José de Moura e expoz o fim daquella reunião. O Sr. José de Moura propoz que, em commemoração á grande data do centenario e para mais brilhantismo ás festas desse dia, a sociedade tomasse o nome de "Centenario Sport Club" o que foi acceito unanimemente entre aclamações. Por proposta do Sr. Ludgero Gouveia, ficou approvado que as cores officiaes do Club seriam branca e preta, e para os jogos ordinarios serviriam as cores verde e encarnada. Nesta mesma occasião foi eleita, por unanimidade de votos, a seguinte directoria: Presidente — Antonio de Moraes Pimentel; Vice-Presidente — Urbano Victalino de Mello; 1.º Secretario — Americo Maia; 2.º Secretario — João Camillo; Orador — Dr. Gerencio Borba; Thesoureiro — Jorge Barretto; Director de Sports — Ludgero Gouveia; Vice-dito — José de Moura. Commissão de syndicancia: Solon Vidal, relator; Abilio Teixeira Gueiros e Antonio de Moura. Nada mais havendo a tratar o sr. Presidente encerrou a sessão, agradecendo, antes, a honra que lhe foi dada em presidir aquella reunião. Sala das sessões da Sociedade Musical "Centenario", em Canhotinho, 7 de Setembro de 1822. — *Americo Maia*, servindo de Presidente; *Manoel Leitão de Almeida*, 1.º Secretario interino; *José de Moura*, 2.º Secretario interino.

As festas civicas de Glycerio

A Villa de Glycerio realizou tambem no dia 12 de Outubro, pomposas festas em homenagem ao centenario da Independencia nacional. Desejando revestir essa ho-

menagem com todo o brilho e com a presença das altas autoridades do Municipio, só por isto foi que deixou, o prospero districto, de commemorar o mesmo centenario no seu dia proprio, escolhendo, para substituil-o, a data do descobrimento da America, data de grande veneração para os brasileiros.

As festas civicas tiveram começo no dia 11, ás 13 horas, após a chegada do comboio de Garanhuns, naquelle povoado.

Em carro reservado, desembarcou ali, debaixo de estrondosa manifestação, a comitiva de Canhotinho, composta do Revmo. Padre Moysés Ferreira, Vigario da Freguezia; Dr. José Vieira Rabello, Juiz de Direito da Comarca; Dr. João Baptista de Almeida, Juiz Municipal; Dr. Geroneio Borba, Promotor Publico; Dr. Florencio Gomes, Medico do Municipio; Cicero Siqueira, João Leão de Oliveira Ledo e Julio Flodoaldo de Oliveira, Tabelliães de Notas; Antonio Rodrigues Campos e outras pessoas gentilmente convidadas, fazendo parte da mesma comitiva os directores e jogadores do *Centenario Foot Ball Club de Canhotinho*, Antonio de Moraes Pimentel, presidente; Ludgero Gouveia, José Alves do Nascimento, Manoel Alves Feitosa, Gilberto de Moraes Pimentel, José de Moura, Abilio Teixeira Gueiros, Miguel Peregrino e Joaquim Leal.

Saudados todos na gare da Estação pela senhorinha Maria Lydia Prado e pelo auxiliar da Great Western José Baptista, foi nessa occasião offerecido ao Padre Moysés Ferreira bellissimo *bouquet* de flores naturaes, formando-se, em seguida, extenso cortejo até a séde do *7 de Setembro Foot Ball Club*, puxado pela *Banda Musical do Centenario*, a qual acompanhou a comitiva.

A' essa hora, o edificio da séde achava-se apinhado de pessoas e logo que a comitiva deu nelle entrada, vivas entusiasticos echoaram no espaço, sendo o pessoal de Canhotinho coberto de flores.

O *7 de Setembro* reuniu-se, então, com toda a solemnidade para receber o *Centenario Club* e demais membros da comitiva. Não estava presente o seu presidente e por esta razão, a convite do cidadão João Baptista Pugliesi, foi o Dr. João Baptista de Almeida aclamado e condu-

'zido para presidir a sessão. Uma vez na presidencia, depois de esclarecer os motivos da reunião, concedeu o Dr. Baptista de Almeida a palavra á oradôra official, Exma. Sra. D. Esmeraldina Pinheiro, professora publica, que produziu arrebatador discurso de saudação á comitiva, sem deixar de fazer, todavia, primorosa e substancial dissertação sobre o feito de "7 de Setembro" emancipador da Nação Brasileira, ha cem annos livre e independente.

Applaudida delirantemente a oradôra, falou, em seguida, o Dr. Geroncio Borba, em nome do *Centenario Foot Ball Club*, agradecendo a carinhosa recepção, o que fez com eloquentes palavras. Entre os demais oradores, que falaram, distinguiu-se o Padre Moysés Ferreira, que agradeceu, num improviso admiravel, a manifestação feita á comitiva, manifestação que bem pareceu partida do coração affectuoso do povo de Glycerio.

Foi por fim encerrada a sessão, depois de ter o Dr. Baptista de Almeida proferido palavras de agradecimentos ao *7 de Setembro Foot Ball Club* pela honra que lhe conferira convidando-o para presidir aquella solemnidade.

Logo após, 12 horas, foi offerecido á comitiva lauto almoço em a residencia do Cap. João Miranda de Siqueira, presidente do Club e dos festejos commemorativos.

A's 16 horas, debaixo da maior alegria e enthusiasmo, verificou-se o encontro dos clubs: *Centenario Foot Ball Club* e *7 de Setembro*, no campo a este pertencente.

Sobremodo animado foi o jogo que se realizou debaixo da maior cordialidade entre os jogadores, terminando com a victoria do *7 de Setembro*, por 1 x 0.

A' noite do mesmo dia, houve espectaculo de gala, com a representação do sensacional e commovente drama: *A choupana Bretan*.

Por iniciativa do Cap. João Miranda, foi o maior salão de sua fabrica de bebidas transformado em um bello theatrinho, onde todos os espectadores tiveram o ensejo de, mais uma vez, deleitar-se, apreciando a execução do escolhido programma, que um grupo de senhorinhas bem educadas soube, com arte, desenvolver, representando difficeis e emocionantes papeis.

Intensamente illuminado e apresentando artistica ornamentação, o improvisado theatro de Glycerio chamou á

07 DE SETEMBRO FOOT-BALL CLUB DE GLYCERIO



Alfredo Barbosa, Naum Prado, Tobias Barbosa, José Baptista, José Eugênio, José Josué, José Peixoto, José de Souza, José Vasconcellos, Deolido Moreno e Abelardo Pugliesi.

COMISSÃO PROMOTORA DAS FESTAS CIVICAS DE GLYCERIO



atenção de todos pelo seu aspecto festivo e attrahente. Todo enfeitado com as cores da Independencia Nacional, o bello theatro exhibia a mais completa homenagem dos glycerenses á Patria, na commemoração gloriosa do centenario de sua emancipação politica.

... Eram 20 horas quando subiu o pano para ter começo a representação d' *A Choupana Bretan*. As senhorinhas Rosita, Coralia e Floriana Pugliesi, Esmeraldina Pinheiro, Estellita de Souza, Maria do Carmo Pugliesi, e as creanças Carmelita Pugliesi, Aderita de Souza, Dulce e Albertina de Miranda e Maria Rocha, foram as interpretes felizes do commovente drama, que o publico admirou, por espaço de uma hora para afinal extasear-se com o seu desfecho grandemente satisfatorio. — Após o drama appareceram os apreciados *Batutas* cantando numeros de musicas e cançonetas alegres e, de quando em vez, encantava o publico o tenor Calheiros, a nota chic e impressionadora da *soirée* theatral. — Calheiros cantando musicas classicas, ao som do seu maravilhoso violão, soube arrebatá a quem o ouviu e o ovacionou delirantemente.

Essa solemnidade da noite terminou com dois discursos: um, da senhorinha Esmeraldina, offerecendo, em nome do 7 de Setembro Foot Ball Club, um bellissimo bouquet de flores artificiaes ao Centenario Club, e outro do Dr. Geroncio Borba, orador do Centenario agradecendo.

A's 21 horas foi, no mesmo salão do theatro, improvisado animado baile, que se prolongou até alta madrugada.

O dia 12 foi precisamente o escolhido para as homenagens patrioticas e por ser assim revestiu-se de grande entusiasmo e de muita expansão. Logo ás 6 horas foi hasteado na fachada da Igreja o Pavilhão Nacional, fendendo os ares, nessa occasião, uma salva de 21 tiros. Em seguida, foram cantados, pelos alumnos das Escolas Publicas, Estadual e Municipal, os hymnos da Patria e da Bandeira e pela "Banda do Centenario" o hymno Nacional.

A's 6 e 30, em frente á capella do Glorioso Martyr S. Sebastião foi resada missa campal pelo Revmo. Padre Moyses Ferreira, que, produziu vibrante sermão civico-religioso. Após a missa e sob a direcção da profes-

sora D. Esmeraldina Pinheiro realizaram-se os exerci-
cios de gymnastica sueca pelos alumnos desta distincta
educadora. A's 10 horas grande passeata civica moveu-
se, puxada pela "Banda do Centenario", tendo sahido
da séde do 7 de Setembro. O cortejo percorreu toda a
villa, no meio de estridentes ovações. A's 12 horas uma
segunda salva de 21 tiros fendeu os ares, em frente ao
Club, seguindo todo o povo para o edificio do theatro
onde havia de realizar-se a conferencia civica. A's 12
horas e meia o theatrinho de Glycerio via-se apinhado,
ostentando a mesma ornamentação da vespera. No pal-
co uma commissão composta dos Srs. Dr. Vieira Rabel-
lo, Dr. Geroncio Borba, Dr. Florencio Gomes, Padre
Moysés Ferreira, Rev. Cicero Siqueira e Cap. João Mi-
randa, presidia a sessão, sendo esta aberta solemnemente
pelo Dr. Vieira Rabello, que proferiu palavras allusi-
vas ao momento, terminando por conceder a palavra ao
Dr. João Baptista de Almeida.

Nessa occasião appareceu o conferencista dizendo ao
auditorio que não se achava aparelhado para fazer uma
conferencia digna daquella solemnidade, cujo brilho con-
fundia a todos mostrando e realçando o patriotismo do
hom e generoso povo de Glycerio. Sentia muito não po-
der corresponder á espectativa do auditorio, produzindo
naquelle momento só o que havia assimilado em poucas
horas de reflexão. Após esta introdução, entrou o Dr.
Baptista de Almeida a dissertar sobre a importancia das
datas 9 de Janeiro, 7 de Setembro e 12 de Outubro, sem-
pre estudando a proclamação da Independencia nacio-
nal cujo centenario se commemorava dignamente naquel-
le dia. Falou o conferencista cerca de vinte minutos,
sendo, ao terminar, cumprimentado pela assistencia.

E assim encerraram-se os festejos civicos de Gly-
cerio, commemorativos do Centenario da Independencia
Nacional, regressando a comitiva de Canhotinho ás 15 ho-
ras, pelo compoio da Great Western, debaixo de mani-
festações de sympathia.

Discurso pronunciado pela Senhorinha Esmeraldina Pinheiro, em Glycerio por ocasião das festas que alli se realizaram em homenagem ao Centenario da Independencia.

Distinctos eportmans.
Meus Senhores e Senhoras.

Satisfazendo ao gentil convite da Commissão promotora dos festejos commemorativos do Centenario da Independencia, nesta Villa; venho neste momento em nome da mesma e especialmente dos distinctos moços que compõem o "7 de Setembro Foot Ball Club" de Glycerio, apresentar-vos effusicas saudações, pelo modo gentil com que recebestes o nosso convite, emprestando, deste modo, o maximo realce á nossa festinha.

Falar-vos sobre a minha incompetencia para tal fim, torna-se inutil, pois que, aqui estou convicta, que attendendo á representação que faço da vossa associação congenere, minhas faltas serão por vós generosamente desculpadas.

Poderia dizervos algo sobre os precursores e effectivadores da nossa Independencia nacional, porém, deixo aos competentes no assumpto, que hoje aqui estão e não são poucos, para o fazerem.

As divergencias sobre este assumpto são taes que julgo poderá qualquer, após a leitura minuciosa da nossa Historia Patria, interpretar de modo diverso o seu pensar a respeito.

Para alguns foi o paulista José Bonifacio, o precursor e quasi effectivador da nossa Independencia, pois todos sabem que foi após a leitura de uma sua carta, nas margens de um diminuto rio, cartographicamente falando e grandioso na Historia da Patria Brasileira, o qual se denomina Ypiranga, que D. Pedro I deu o grito da nossa "Independencia ou morte".

No entanto já outros dizem: não! A obra da nossa independencia foi demasiado grande para ser effectivada por alguns homens.

Cinco annos antes da nossa Independencia, Pernambuco, o valoroso Leão do Norte, se revolucionava, talvez por ter haurido dos Encyclopedistas, idéas liberaes que um povo subjugado não podia adoptar-as.

Sociedades secretas trabalhavam tambem com afincio para obter a realização de um mesmo idéal.

Ao meu ver, ao conjuncto de todos esses esforços em prol de uma causa unica e que podemos dizer justa e até mesmo santa, devemos vel-a realizada e ora solemnemente commemorada em todo o Brazil!

E de Christovão Colombo, o intrepido navegante que, após sacrificios inauditos, de pedidos continuos de auxilios a diversos chefes de nações, encontra sempre recusas formaes até mesmo da sua Patria, não faz vacillar este grande herée dos mares, sei que delle não se olvidarão hoje vespera de mais um anniversario da sua estrondosa victoria.

A intrepidez e a pertinacia que o caracterizam, fazem que ainda uma vez se dirija a Isabel de Castella, solicitando seu auxilio para uma arriscada empreza, tendo então feliz exito.

Quanto respeito e admiração não nos merece este homem que commandando as frageis embarcações Santa Maria, Nina e Pinta, conseguiu descobrir o immenso territorio americano!

Mas... como vos disse a principio só os competentes podem falar n'estes heróes.

Juntando-nos pois, distinctos moços do "Centenario Sport Club", ao sentimento de regosijo de que se acham possuidos os Glycerenses, especialmente vossos collegas de agremiação, auguramos ao "Centenario Sport Club", venturas mil!

Sim, anhelamos com vehemencia que a existencia do "Centenario Sport Club", seja esmaltada de odoriferas flores que estravasem seu perfume inebriante sobre esta agremiação sportiva, para que a sua vida seja feliz e duradoura e o "7 de Setembro Foot Ball Club" tenha sempre o grato prazer de receber vossa honrosa visita, para em *matches* amistosos, attestadores da nossa civilização hodierna, vêr-vos todos, pugnando pelo desenvolvimento physico e social, dos habitantes deste Municipio.

Viva o "Centenario Sport Club" de Canhotinho!

Album Elegante

DE

Canhotinho

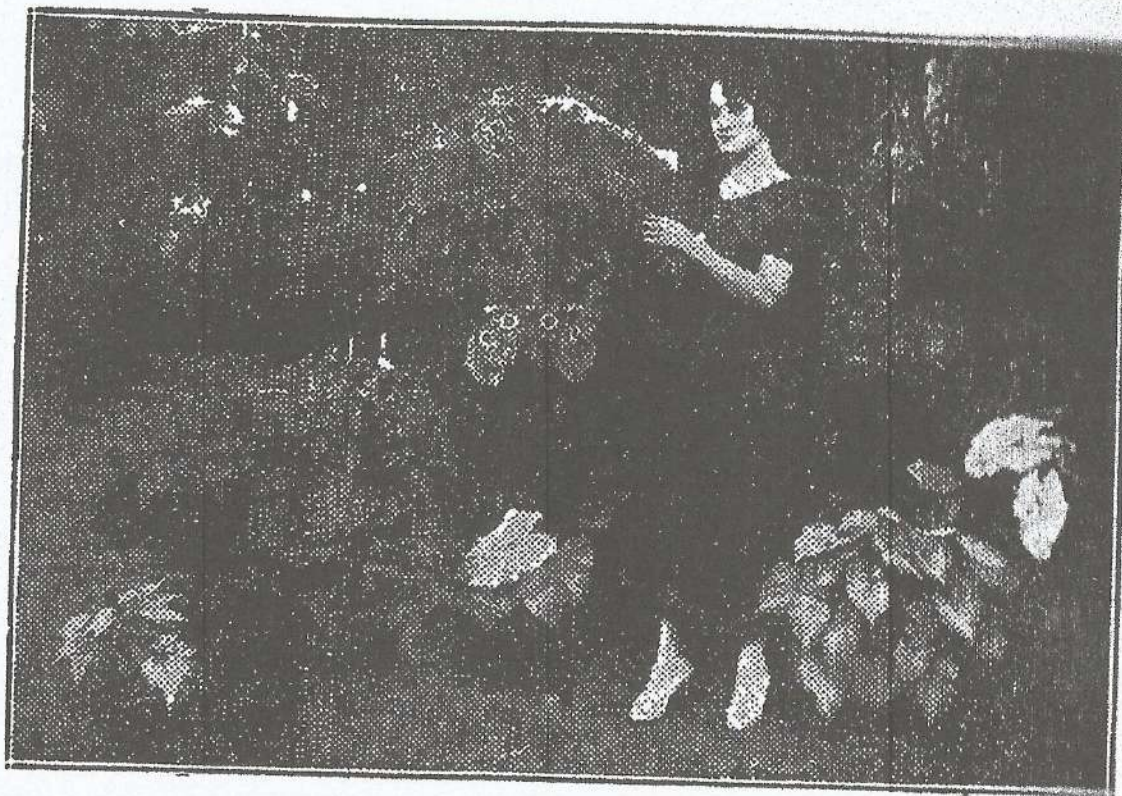
Album Elegante de Canhotinho

Madame Julia Peixoto da Rocha, esposa
do snr. José Mathias da Rocha

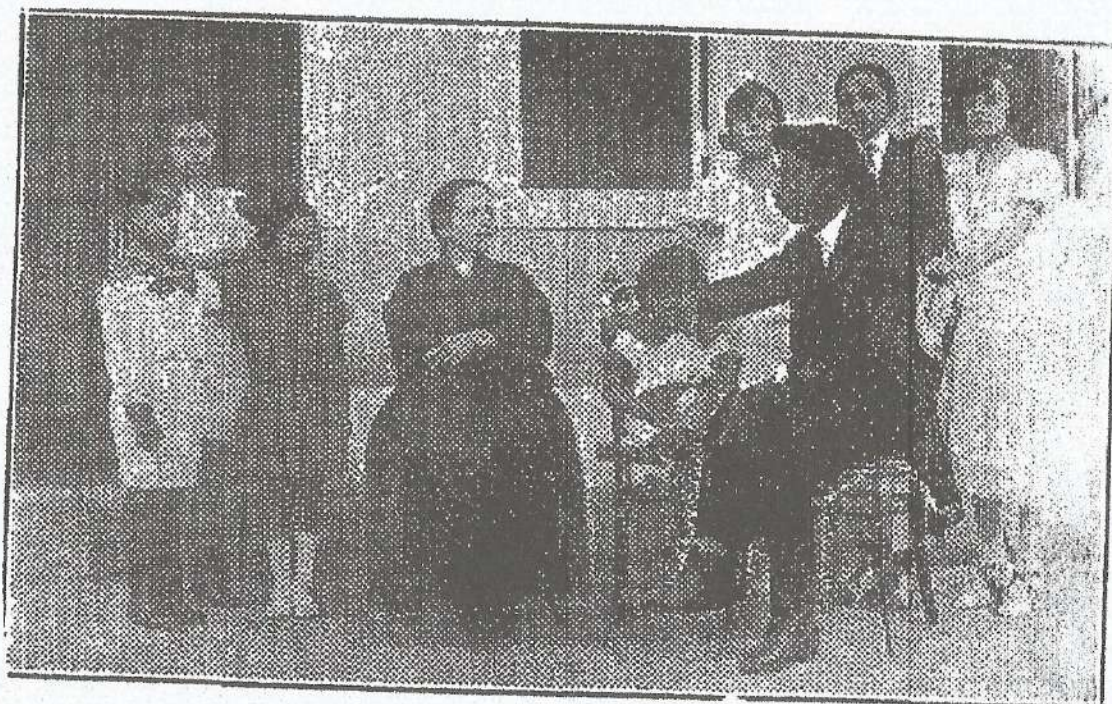


Cap. José Mathias da Rocha, conce-
lheiro municipal e abastado
commerciante e creador no districto
de Palmeira.

Album Elegante de Cambotimbo



Madame Adalgiza de Almeida; esposa do Dr. Baptista de Almeida, no seu jardim de Avencas e Bigonias.



Dr. José Vieira Rabello, juiz de Direito da Comarca, e sua Exm.^a família

Album Elegante de Canhotinho

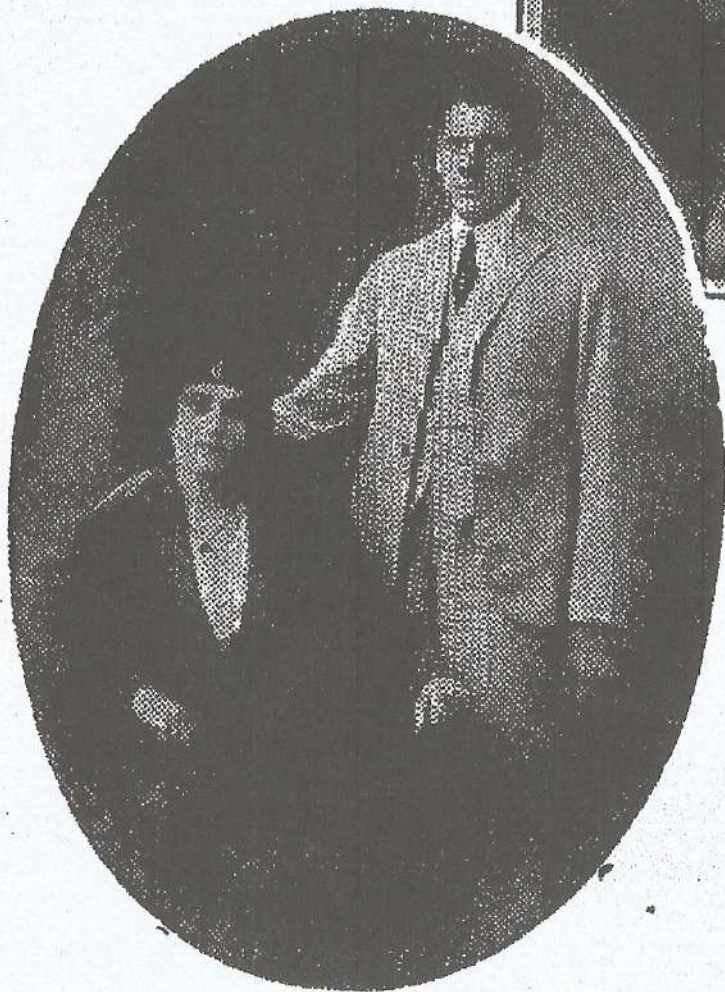
Padre **Emilio B.**, vigario da freguezia de Palmeira.



Major **João Mauricio da Rocha**,
abastado commerciante e Sub-
Prefeito do municipio.

Album Elegante de Canhotinho

Graciosas filhinhas do casal
Mathias da Rocha de Palmeira.



Cap. Euclides dos Santos
Motta, socio da firma
Motta & Irmãos, e sua Exm.
esposa D. Maria Arlinda
Pinto da Motta.

Album Elegante de Canhotinho



Senhorinha Luzia Peixoto Pinto, dilecta
filha do fallecido Major Manoel Pei-
xoto Pinto.



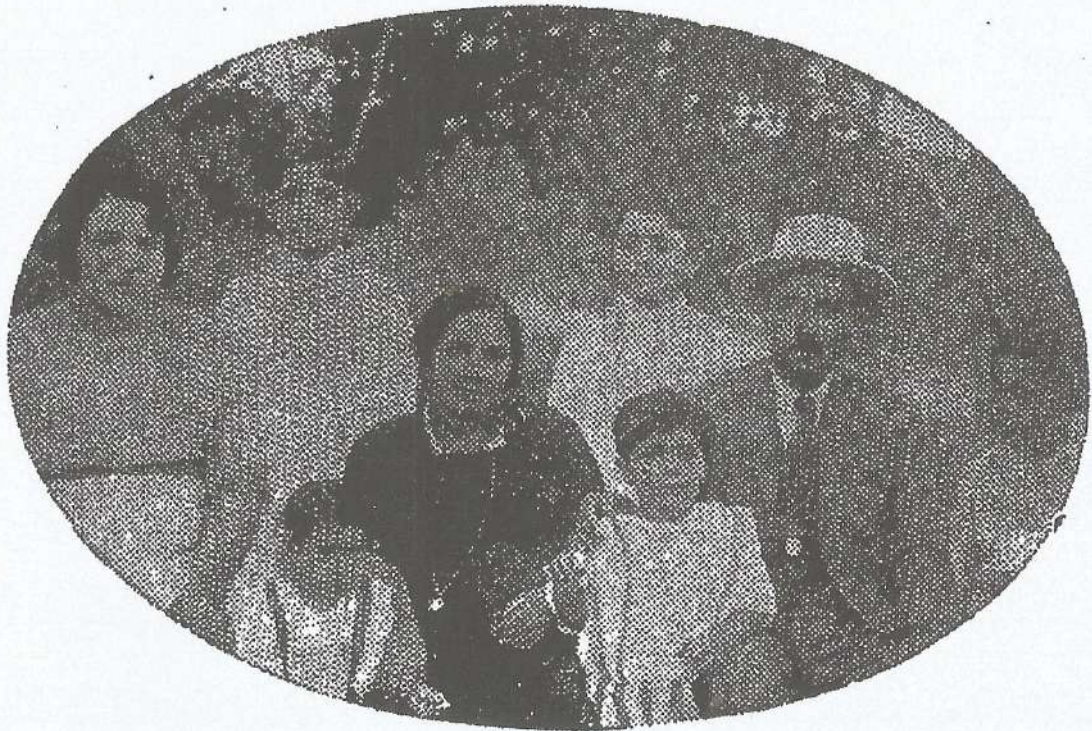
Os torcedôres do "Verde" (Da esquerda para a direita) João Vidal dos
Santos, Benigno Gomes da Silva, João Miranda de Siqueira, Se-
lon Vidal dos Santos e Antonio de Moraes Pimentel.

Album Elegante de Cambotimbo



(No primeiro medalhão) Alfredo dos Santos Motta. (Ao centro) Luiz dos Santos Motta socio da firma Motta & Irmãos e sua esposa D. Maria Cavalcanti Motta. (No segundo medalhão) Urbano Victalino de Mello, commerciante no Município.

Album Elegante de Canhotinho



Tiburtino Vicente da Costa, conceituado
commerciante e creador, e familia.



Interessantes filhinhos do casal Cicero Siqueira:
Cleanto, George, Cicero e Cello.

Album Elegante de Canhotimho



Senhorinha Arlinda Maria P. Pinto, filha do Major Peixoto Pinto, fallecido.



Manceel Barreto da Silva Nem, escrivão districtal

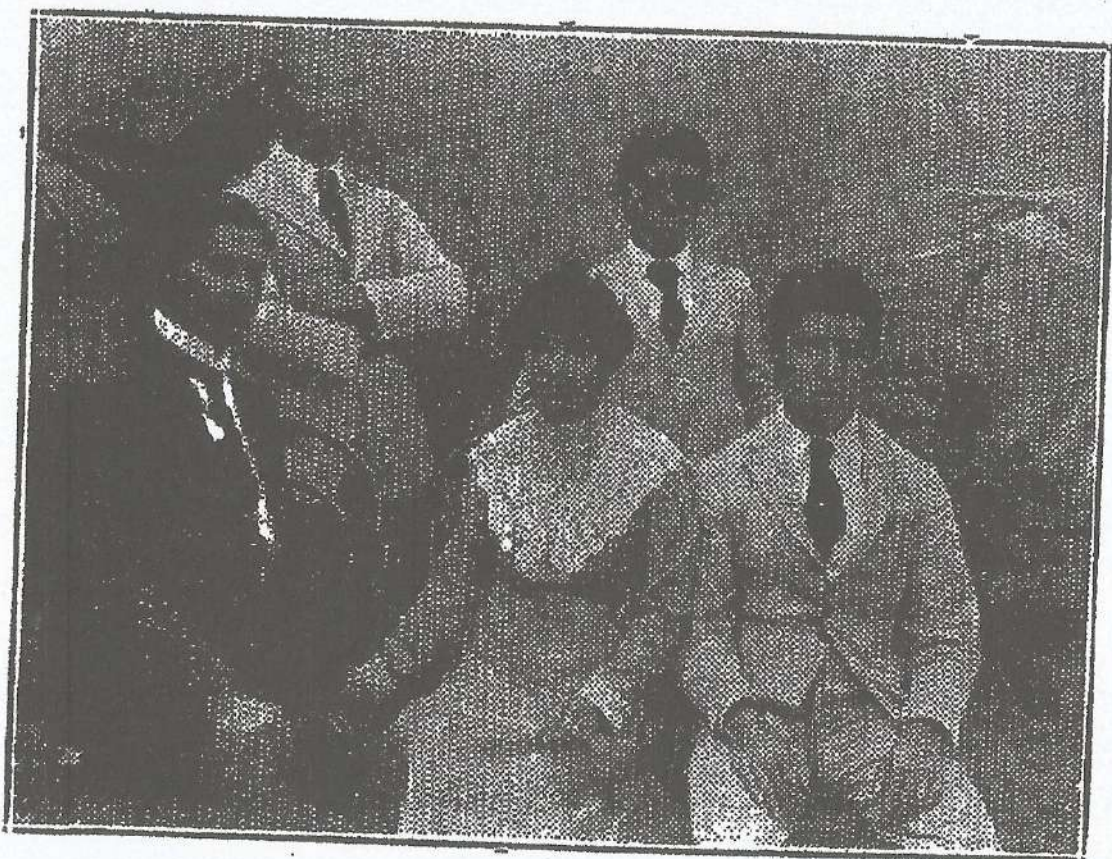
Album Elegante de Canhotinho



Dr. Florencio Gomes, conceituado clinico no Municipio.



Antonio Rodrigues Campos, agente da casa Paulista.



Osorio Paes de Barros, commerciante em Palmeira, e familia.

Album Elegante de Canhotimbo



D. Amara de M. Pimentel, esposa do Sr. Antonio Pimentel.



Antonio de Moraes Pimentel, agente da Estação da Great Western.



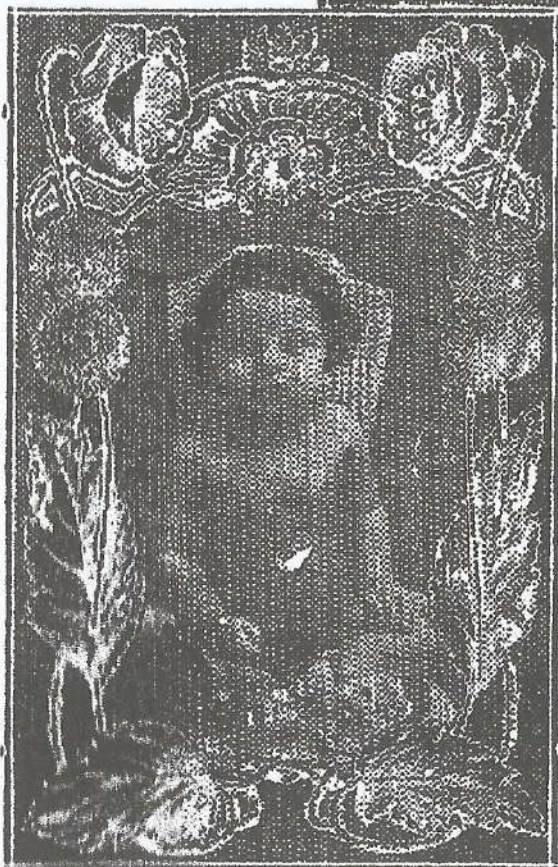
Major Joaquim Victalino de Mello, influencia politica no Municipio e abastado creador.



José Peixoto Pinto, commerciante em Palmeira.

Album Elegante de Canhotinho

Zezé, interessante
filhinho do Sr. José
Mathias da Rocha,
commerciante em
Palmeira.



Cap. João Baptista Pugliesi, abas-
tado commerciante em Glycerio,
e familia.



Benigno Gomes da Silva, abasta-
do agricultor no municipio.

Album Elegante de Canhotinho



Antonio Peixoto Pinto, conceituado commerciante em Palmeira.



José Honorato Pinto, escrivão da Collectoria Estadual.



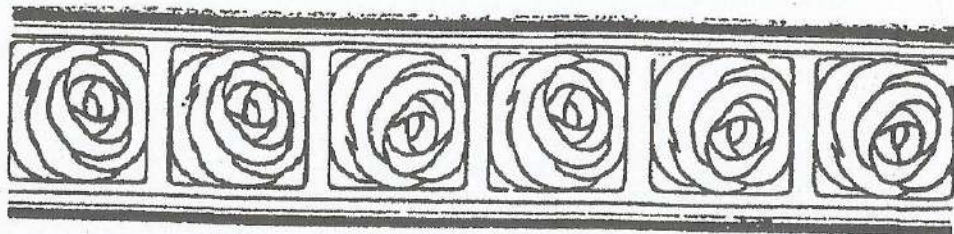
José Ferreira Leite, ex-Prefeito interino do Município e actual concelheiro, e familia.

ALBUM

Commercial e Industrial

DE

CANHOTINHO



Na descripção especial que fizemos dos districtos salientamos o commercio, a agricultura e industria do Municipio, tornando-se quasi que desnecessario fazermos um capitulo especial sobre este assumpto.

Para illustrarmos, porém, o que lá dissemos, aqui apresentamos photographias das principaes casas commerciaes, engenhos e fabricas que o Municipio possúe.

Não exageramos quando dissemos que o commercio do Municipio de Canhotinho, é um dos melhores da zona sertaneja, estando em contacto permanente com as principaes casas commerciaes da praça do Recife e de Maciô.

Contam-se em todo o Municipio mais de 72 engenhos entre elles, alguns bem montados, sendo de lastimar que não tivéssemos ensejo de apanhar as photographias de todos elles e exhibil-os nesta parte. Podemos, porém, affirmar que a culpa disto cabe exclusivamente aos srs. proprietarios que não vieram ao encontro da idéa e do fim da publicação deste livro.

A exiguidade do tempo e o interesse que tomamos para a execução deste trabalho no anno do Centenario, não nos permittiram absolutamente fazer um estudo circumstanciado sobre tal materia, que, aliás, reconhecemos

de grande importancia para os interesses vitáes do Município.

Na impossibilidade de mencionarmos os nomes de todas as propriedade existentes no Município, as quáes montam a um numero superior a 1.600, todas collectadas na respectiva repartição estadual, fazemos allusão, entretanto, ás principaes onde se acham encravadas as fabricas de assucar.

Crauatá, de Viuva Motta & Filhos; *Santa Cruz*, de José Figueiras; *São Miguel*, de José Manoel Castanha; *Amapá*, de Luiz Rodrigues de Mello Cavalcanti; *Divisão*, de Vicente Lopes; *Fortaleza*, de Manoel Tenorio Cavalcanti; *Santa Luzia*, de Bernardino Correia de Oliveira; *Bello Prado*, de J. A. de Lyra Netto; *Santo Ignacio*, de Benigno Gomes da Silva; *Mucury*, de Feliciano Lyra; *Inhumas*, de Carlos Castanha; *Luz*, de Caetano Vidal; *Bóu Vista*, de Herculano Leão de Oliveira; *Tatú*, de Benedicto de Lyra; *Manoá*, de Claudino Correia de Mello; *Ótô e Prenda*, de Manoel José Castanha; *Tatú*, de José Honorato da Silva; *Canadá*, de Samuel Correia de Menezes Lyra; *Pinheiro*, de Alfredo Elias; *Riachão*, de José Felix; *Campinas*, de Manoel Rosas; *Quati*, de João Dona; *Sóbrado*, de Manoel Felipe; *Serra Estourada*, de Manoel Feijó; *Palmeirinha* de José Pininga; *Cavaco*, de Raymundo Marques; *Varzea*, de João Vicente; *Velho*, de Antonio Barbosa Coelho; *Arcias*, de Manoel Malta; *Inhumas de Cima*, de Josepha Machado; *Inhumas*, de Pedro Catanho; *Mondez*, de André Alves; *Crauatá de Fora*, de João Porto; *Mukem*, de José Muniz; *Muricy*, de João Ferreira de Moraes; *Burarema*, de João Prado; *Taruassú*, dos Herdeiros de Casimiro Marques; *Mucum*, de Pedro Alexandre; *Rochedo*, de João de Souza Moraes; *Esporão*, de Nicolau Amorim; *Palha*, Luiz Purpino Freire Carvalho; *Velho Santo*, de Caetano Seraphim; *Limão*, de José Francisco Silva; *Laranjeira*, de Dionisio Antonio de Almeida
São José do Dr. Henrique Pinto Ribeiro.

Quanto a **casas commerciaes**, que exploram todo ramo de negocio, o **Municipio** conta com crescido numero, sendo as principaes e mais conceituadas na praças as seguintes: **Motta & Irmãos**, **João Mauricio da Rocha**, **Manoel Vidal dos Santos**, **José Mathias da Rocha**, **Antonio Peixoto Pinto**, **João Baptista Pugliesi**, **Jorge Barretto Nem**, **Tiburtino Vicente da Costa**, **Candido Alexandre da Silva**, **Augusto Peixoto Pinto**, **Fernando Barretto Nem**, **Alfredo Antonio de Freitas**, **Antonio Pugliesi**, **Antonio Monteiro da Silva**, **Pedro Paulo de Barros**, **Ozorio Paes de Barros**, **Sebastião Ferreira de Moraes**, **Amadeu Vianna**, **José Vianna dos Passos**, **José Monteiro de Souza**, **Pacheco de Medeiros**, **José Peixoto Pinto**, **José Baptista Pugliesi**.

Canhotinho possui duas fabricas bem montadas, que exploram o ramo "bebidas", sendo uma situada na cidade á rua da **Lagôa Secca**, pertencente a **Antonio Cezar** e a outra em **Glycerio** da firma **João Miranda & Cia.**; alem de diversas aparelhadas para beneficiar algodão despolar café, destacando-se, como as mais importantes: a dos **Srs. Antonio Peixoto Pinto**, em **Palmeira**; a dos **Srs. Motta & Irmãos**, na cidade e a do **Sr. Candido Alexandre**, em **Calçado**.

O Municipio de Canhotinhô e suas possibilidades Agrícolas

*Escrepto especialmente para esta obra, pelo
Sr. J. de Lyra Andrade, proprietario do
engenho Bello Prado.*

O Municipio de **Canhotinho**, longa facha de terreno que se estende na direcção **sudeste-noroeste**, é um dos de maior uberdade de todo o **Estado**.

Approximando-se da caatinga sem chegar propriamente a atingil-a, o seu sólo adapta-se a quasi todas as culturas, quicá de todas as culturas das zonas tropicaes: — café caana, cacão, tabaco, algodão, mamona, maniço-

ba, arroz, mandioca, etc., de tudo elle produz, ou antes de tudo elle pode produzir.

Não tem os alagadiços communs aos municipios maritimos, ou a elles immediatamente adjacentes, nem está sujeito aos rigores caniculares dos municipios sertanejos. Offerece, por isso mesmo, vantagens excepçionaes á criação bovina, porque, nem como os primeiros, tem os seus rebanhos sujeitos ao impaludismo, á febre dos paús, nem como os segundos ás terriveis consequencias das longas estiagens.

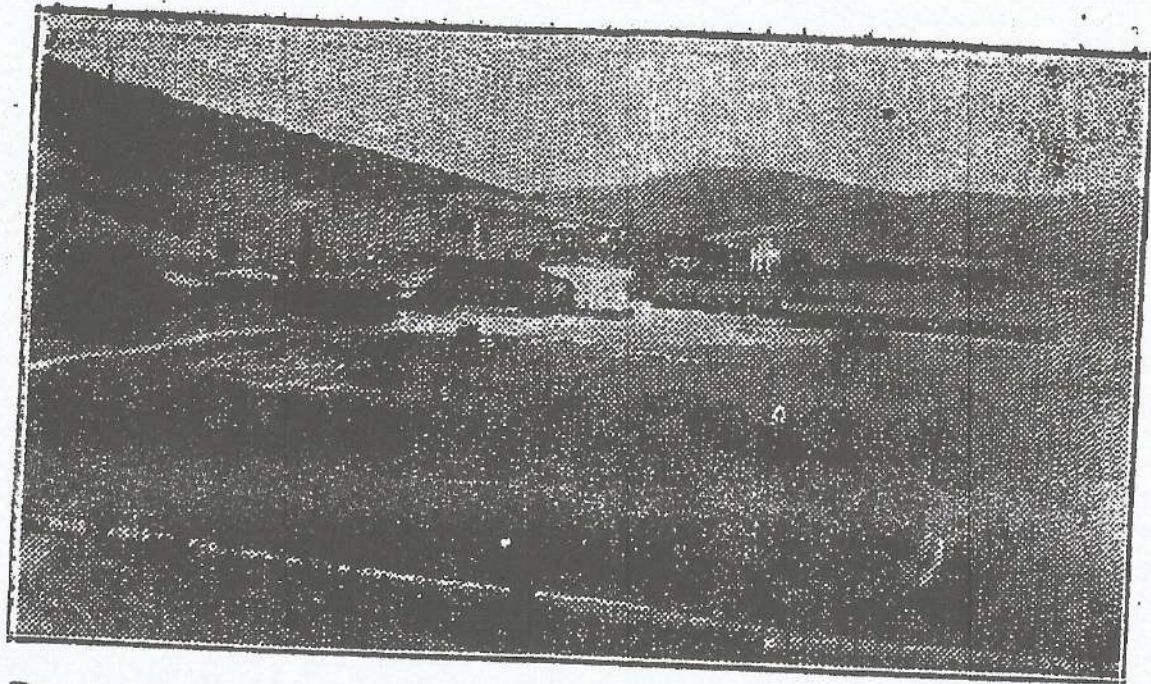
Entre a séde do municipio e os confins de S. Bento e Altinho, o terreno levemente secco e pouco accidentado, parece ser o ideal para a criação, desde que, se dê o homem ao trabalho de construir reservatorios de agua e de forragens; produz admiravelmente mandioca e regularmente algodão, devendo tambem ser vantajosa a cultura de maniçoba.

Da cidade aos limites de Alagôas, é a zona da matta, cujo aspecto topographico muda inteiramente, sendo bastante montanhosa, mas muito fresca e productiva. Tem numerosos regatos e todos permanentes.

Salvas as difficuldades inherentes á topographia desse terreno, difficil será encontrar outros que lhe possam levar vantagens na cultura da famosa graminea que constitue a primeira riqueza do Estado.

Todo o Municipio está situado numa altitude que varia entre 450 a 750 metros sobre o nivel do mar, approximadamente; pelo que, gosa de um clima magnifico em relação á nossa posição geographica; e essa vantagem aliada á uberdade reconhecida do sólo lhe dá posição privilegiada em relação á cultura do café, em nosso Estado.

Pena é que os nossos proprietarios agricolas, nesta zona, não tenham ainda, comprehendido que é em torno da famosa rubiacea que deve girar a sua actividade; não querendo dizer com isso que se deixe de cultivar outras lavouras. Muito pelo contrario. A polycultura, praticada com ordem e methodo, é, em terrenos como o nosso, de incontestavel vantagem.



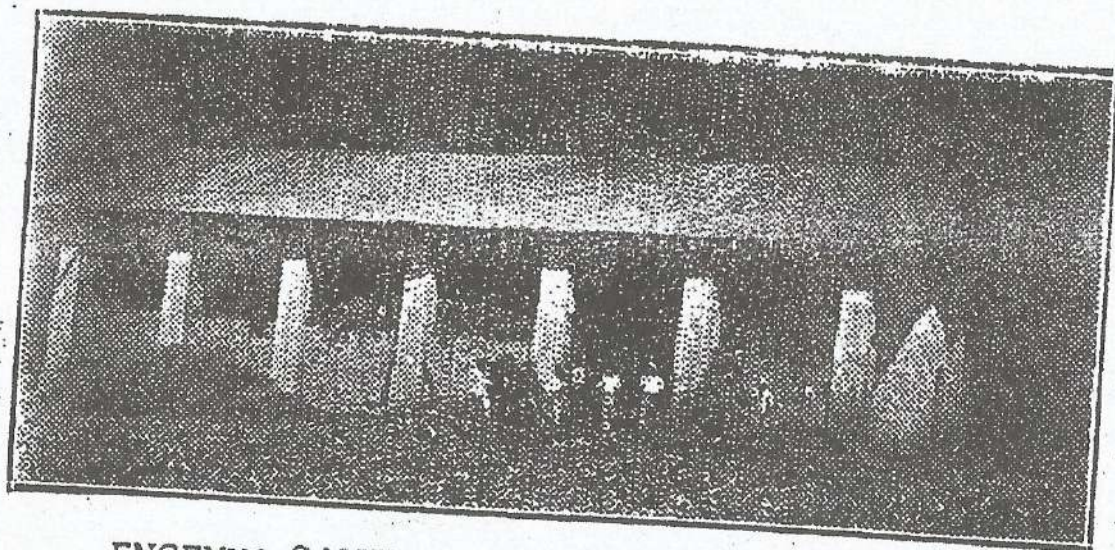
Panorama do engenho CRAUATA', da viuva Motta e Filhos.
Uma das mais bem montadas fabricas de assucar que conta o Municipio, possuindo optimos terrenos para a cultura de todos os cereaes.



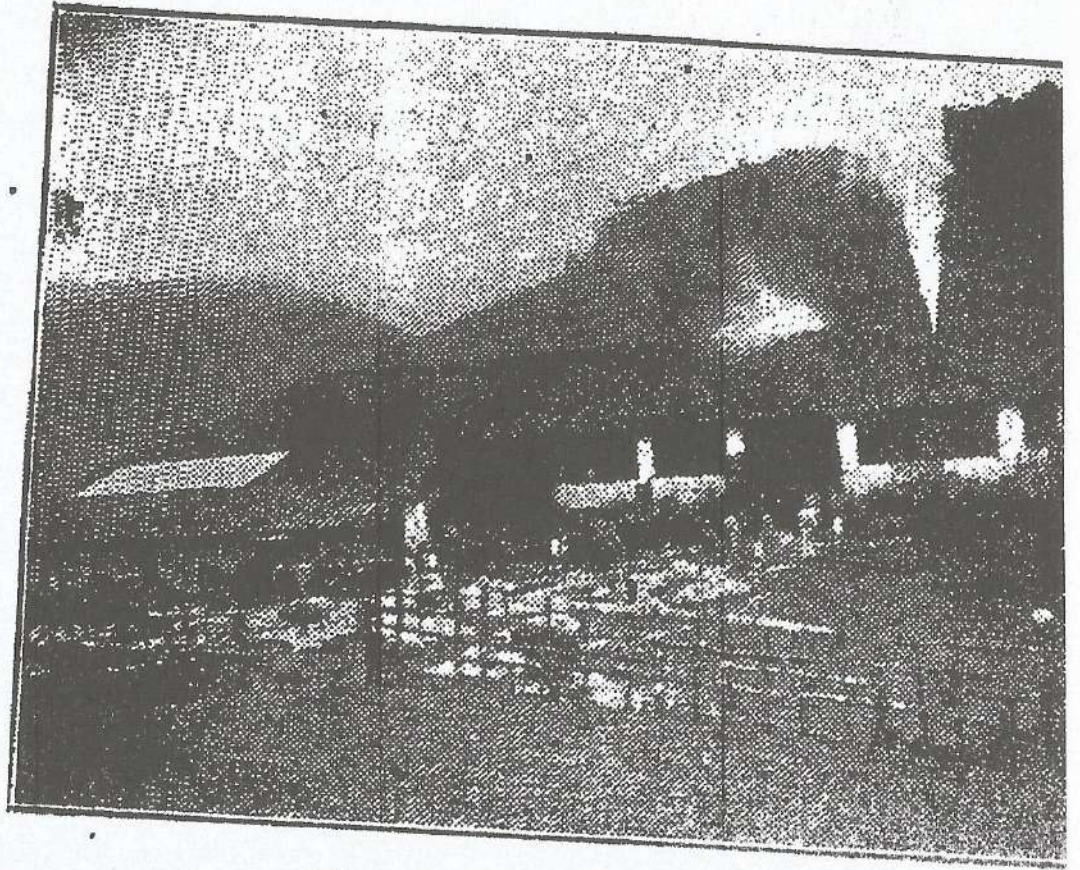
UMA VISTA DA BOTADA DO ENGENHO CRAUATA'



CAPELLA DO ENGENHO CRAUATA'



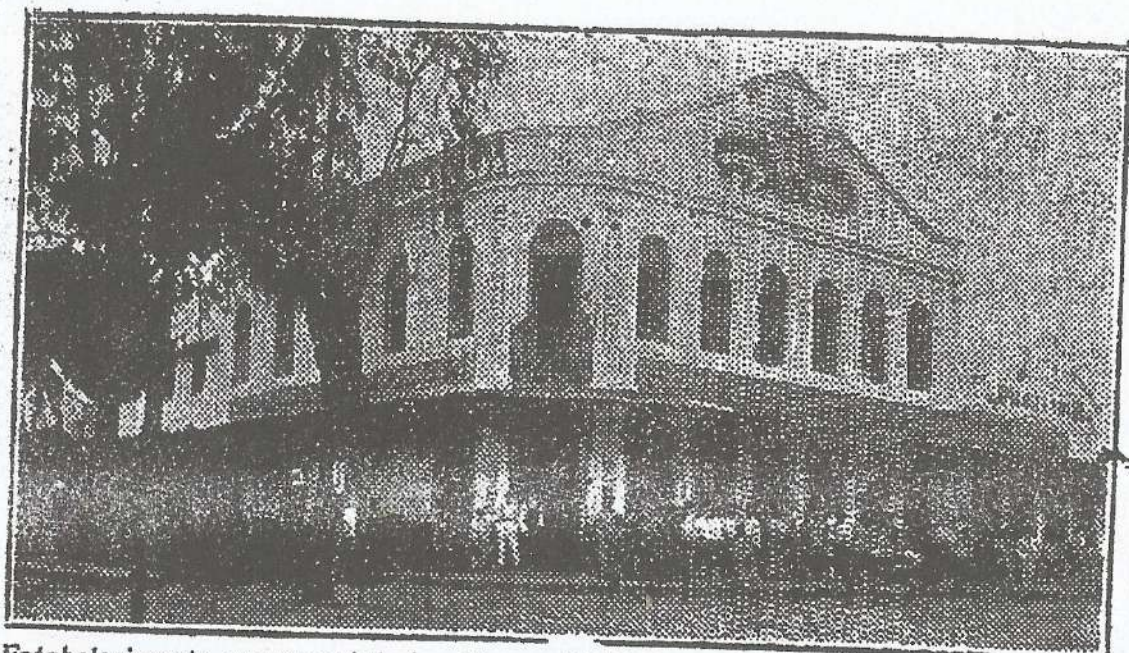
ENGENHO SANTA CRUZ de JOSÉ DA FIGUEIRA
commerciante na praça do Recife.



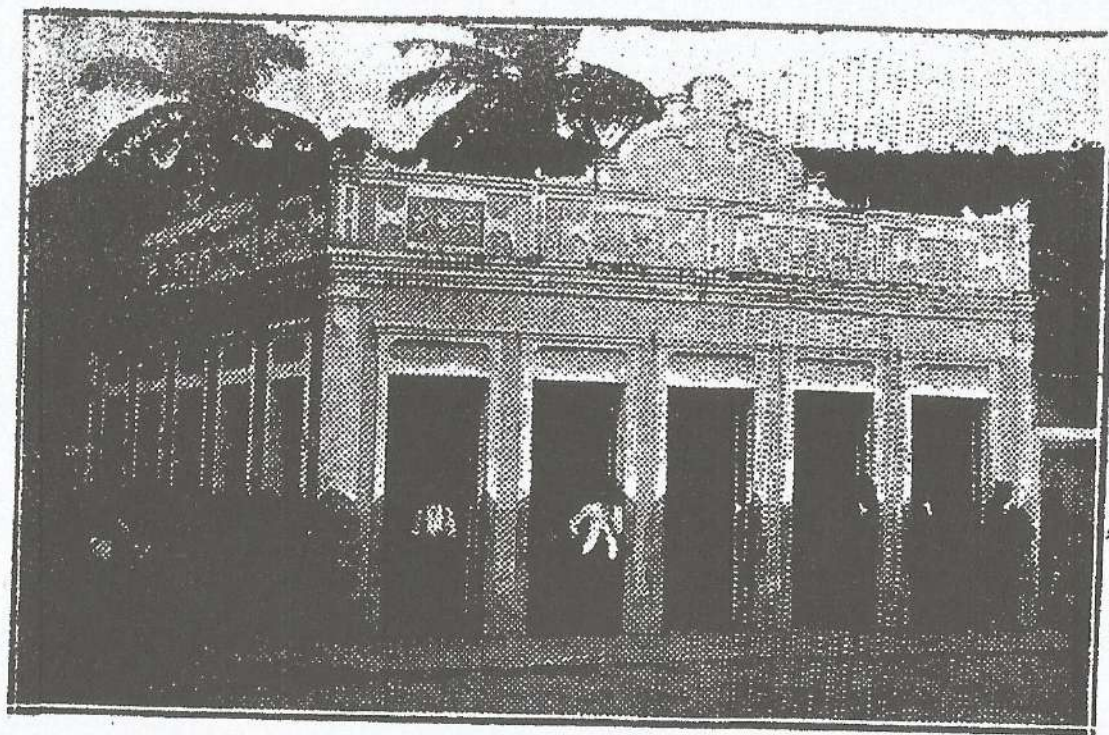
Vista Engenho CRAUATA'



Casa de vivenda do Engenho e propriedade CRAUATA'



Estabelecimento commercial dos Snrs. MOTTA & IRMÃOS, o principal do Municipio. Casa fundada em 1898, pela firma do Recife Santos da Figueira & C. Correspondentes dos Bancos "Auxiliar do Commercio" e do "Povo". Agentes vendedores dos productos da Fabrica STANDARD OIL COMP. OF BRAZIL. Unicos depositarios do assucar fabricado pelo Engenho CRAUATA'.



Casa commercial de ANTONIO PEIXOTO PINTO, em Palmeira. Fazendas, modas e miudezas.

PHARMACIA

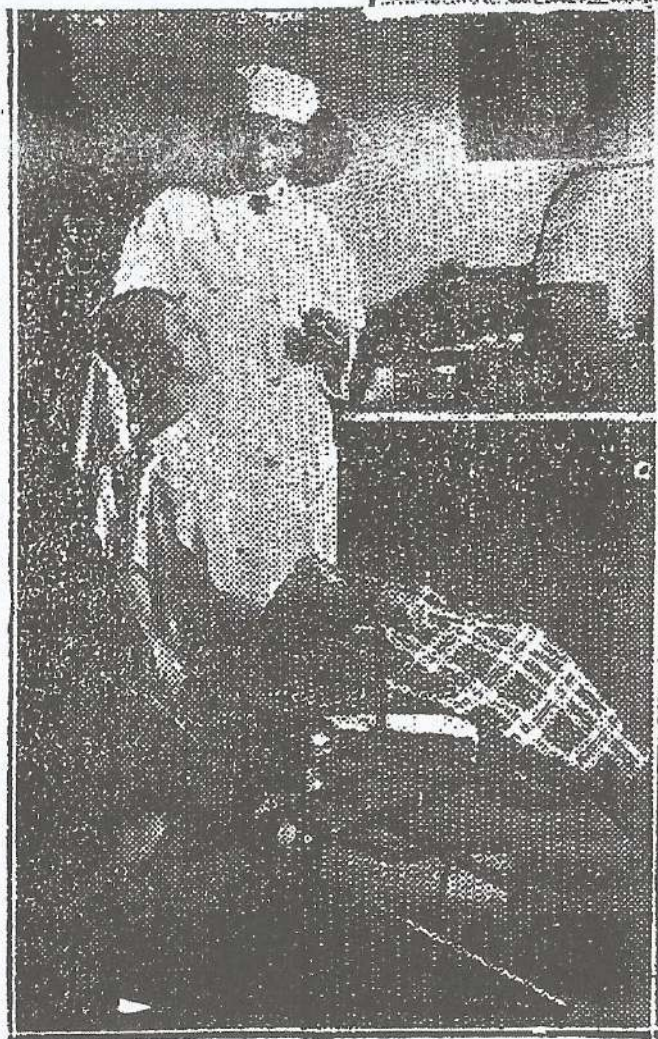
DO POVO

de José Monteiro

de Souza,

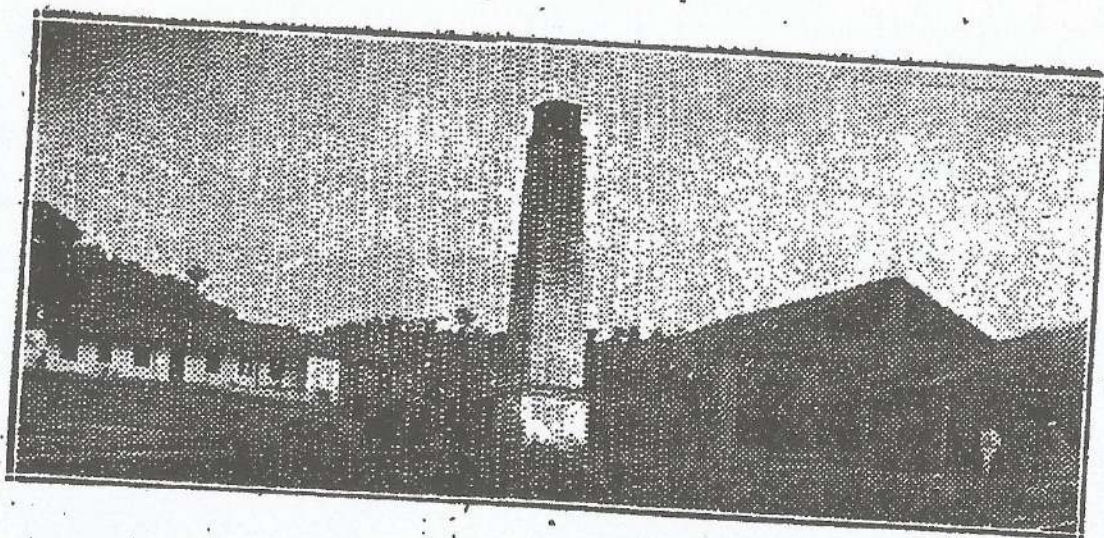
sita à rua do

Commercio.

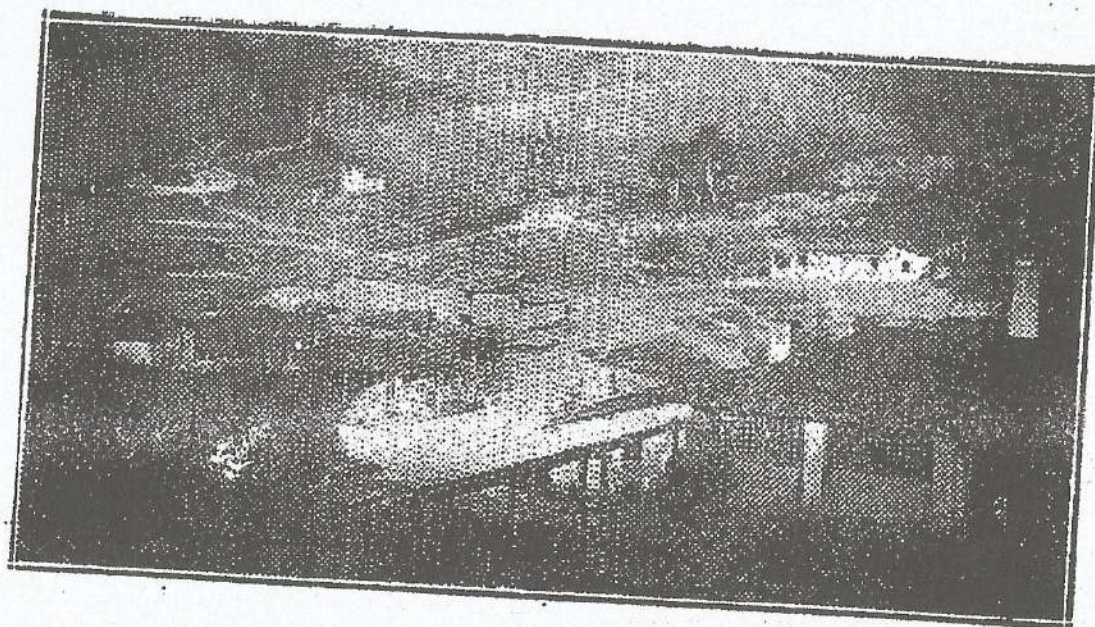


GABINETE DENTARIO

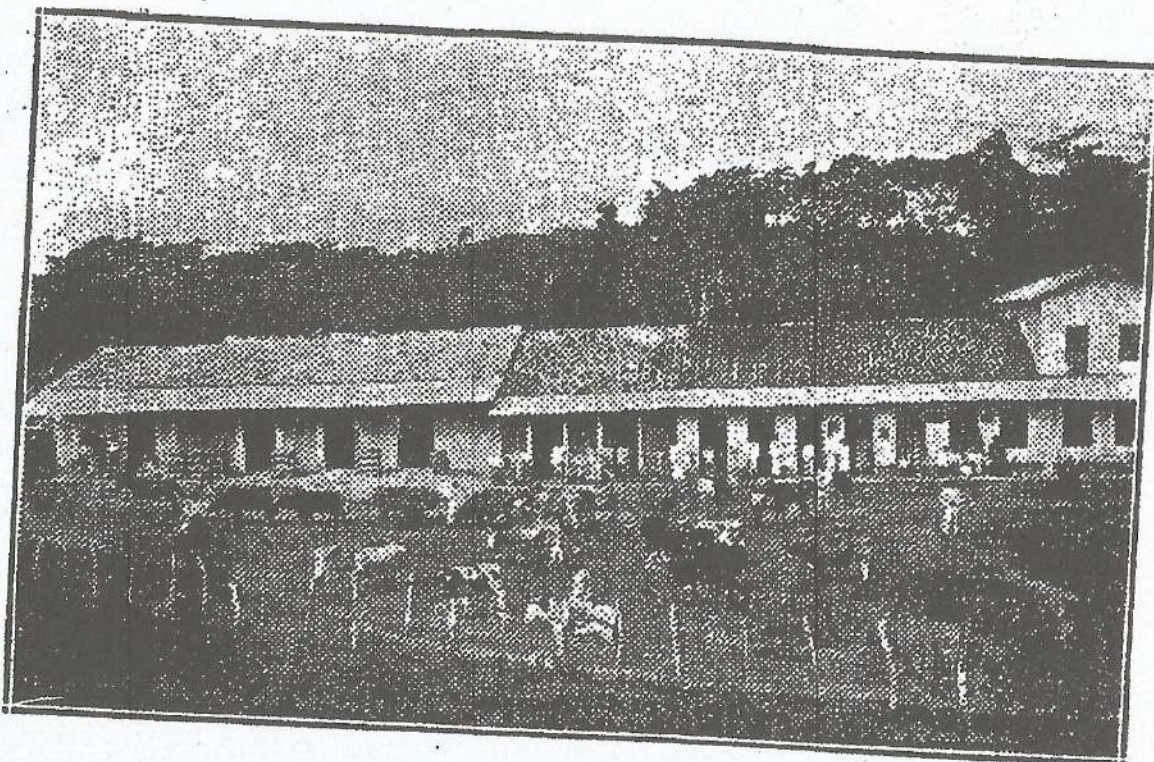
de Solon Vidal dos Santos



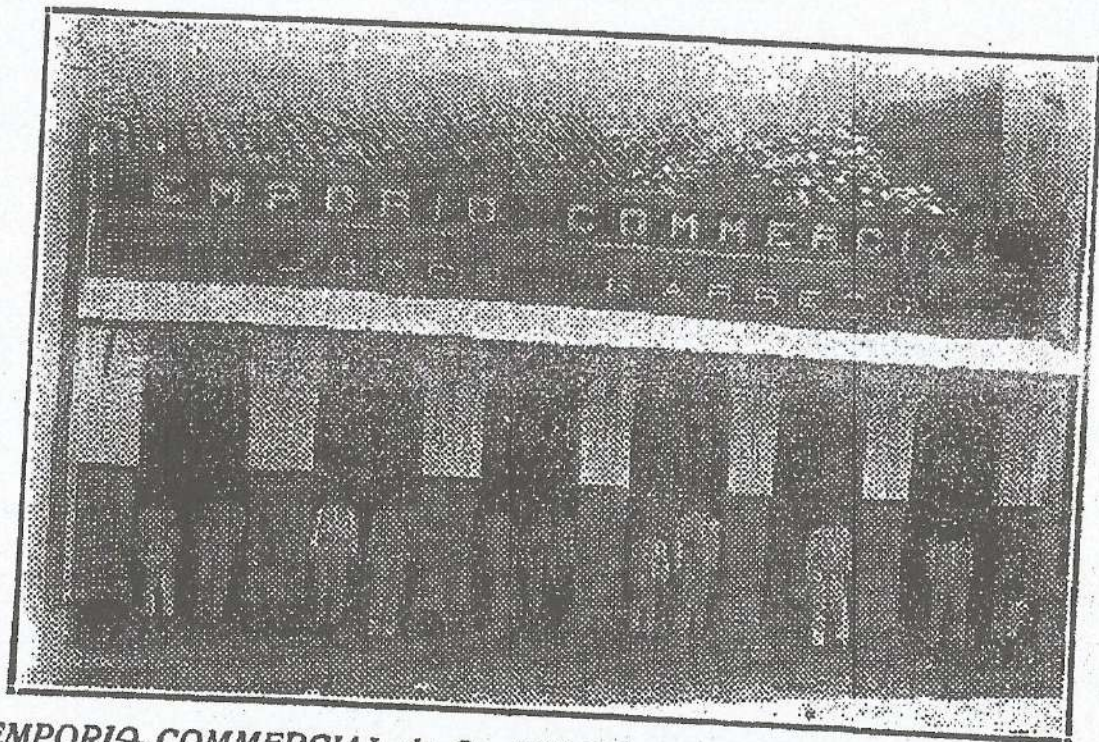
Engenho BELLO PRADO de propriedade de J. A. de Lyra Andrade. Com uma area de 400 hectares, fabrica de assucar, typo bangué, com capacidade para 2.000 saccos.



Engenho SANTO IGNACIO, pertencente até pouco tempo a Benigno Gomes, e actualmente a Augusto Guedes Pereira, que o adquiriu pela importancia de 140:000\$000



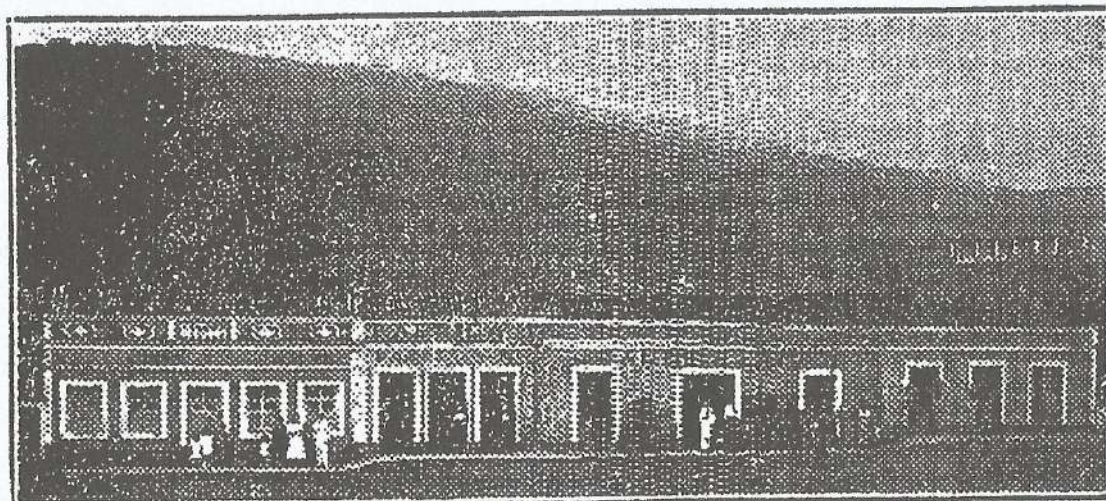
Estabelecimento commercial do sr. TIBURTINO VICENTE DA COSTA, sito á rua da Lagoa Secca, com deposito de cereaes.



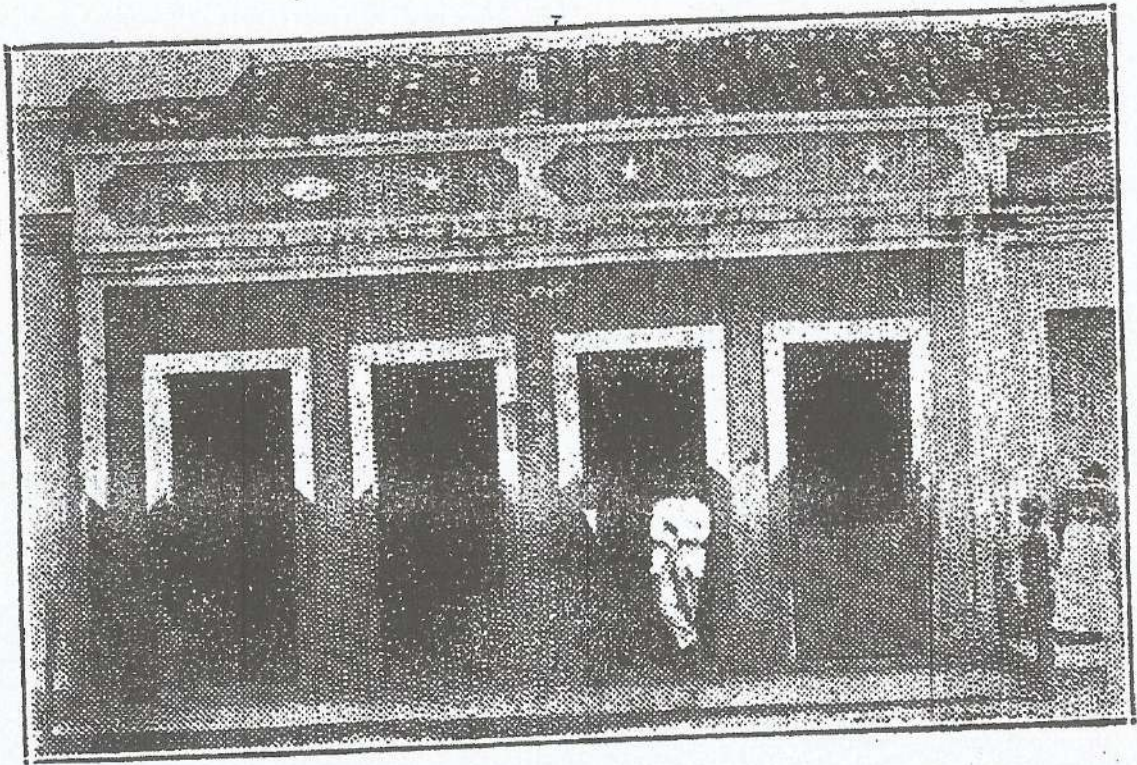
EMPORIO COMMERCIAL do Sr. JORGE BARRETO, sito á rua do Comercio ; estabelecimento de fazendas, miudezas, chapéos e molhados, Casa agenciadora da fabrica ANGLO MEXICAN



Estabelecimento commercial de fazendas, miudezas, ferragens e molhados de JOÃO BAPTISTA PUGLIESI, em Glycerio.



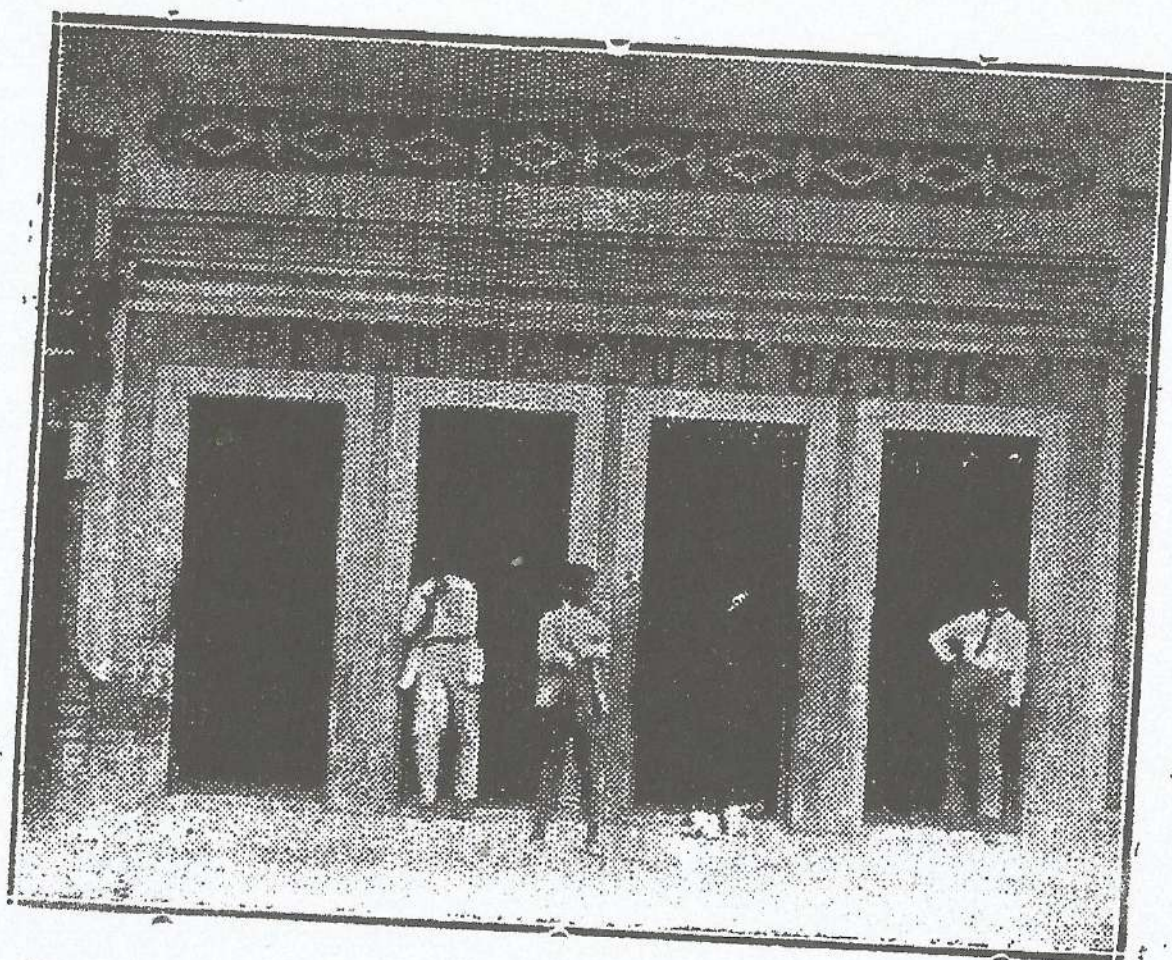
FABRICA DE BEBIDAS e cervejaria "REGULADOR" de JOÃO MIRANDA & C., situada na villa de Glycerio. Casa fundada em 1898 e fabricadora de : Cerveja preta, especial Cognac Tamarindo, Genebra Gato e systema Focking, vinho de Cajú, Genipapo, medicinal de Jurubeba, Branco e Tinto de Fructas, Brasileiro imitação a Porto; Aguardente de puro caldo da canna "Reguladora", vinagre branco, Tinto e - Crystalisado etc, etc.



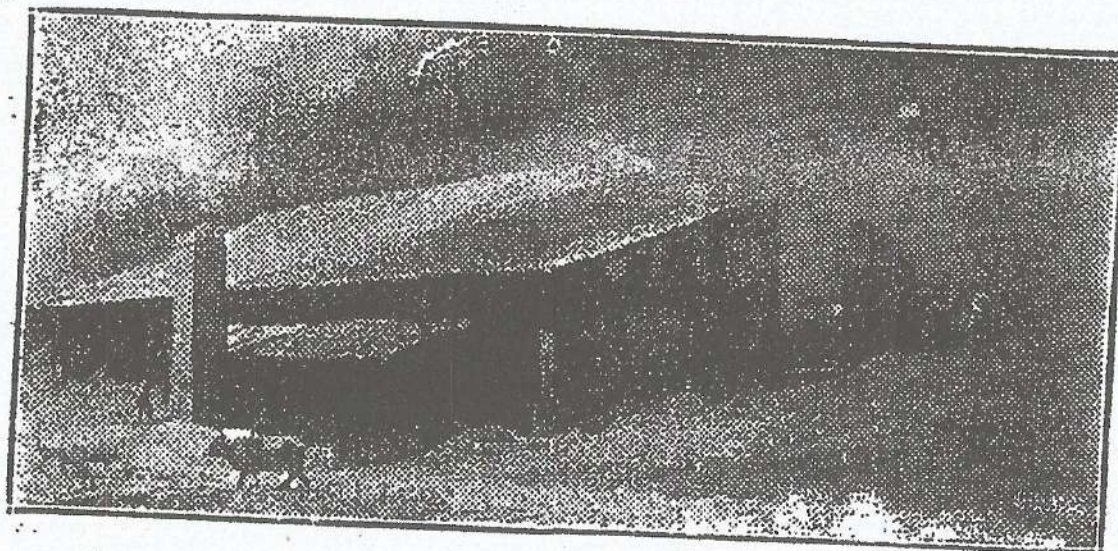
*Estabelecimento commercial de JOSÉ PEIXOTO-PINTO, em Palmeira,
Vendas de Fazenda e Molhado.*



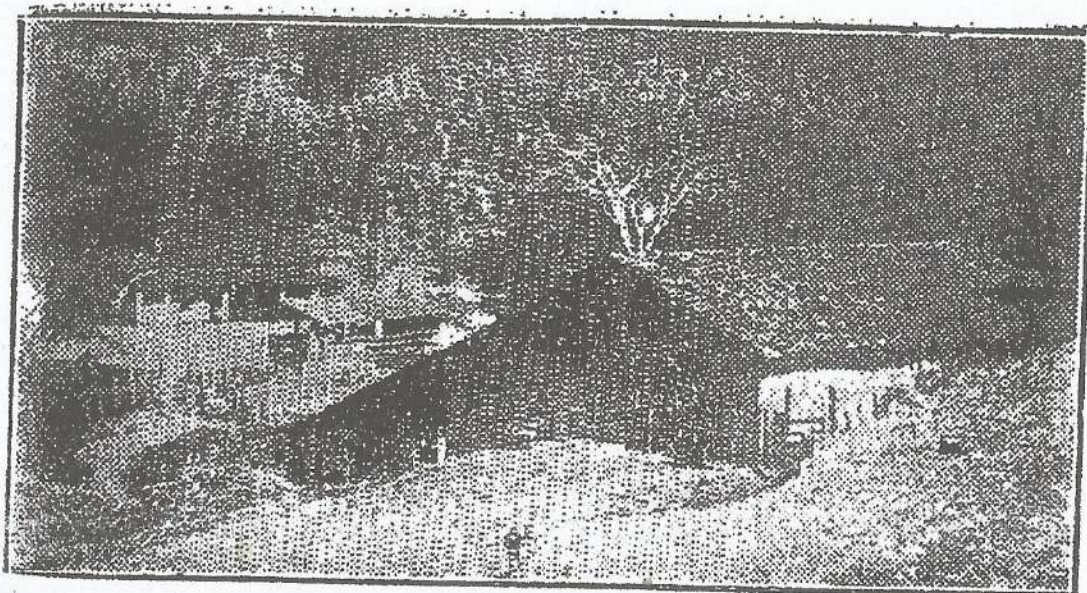
*Casa commercial do Snr. JOSÉ VIANNA DOS PASSOS. Fazendas,
molhados e miudezas,*



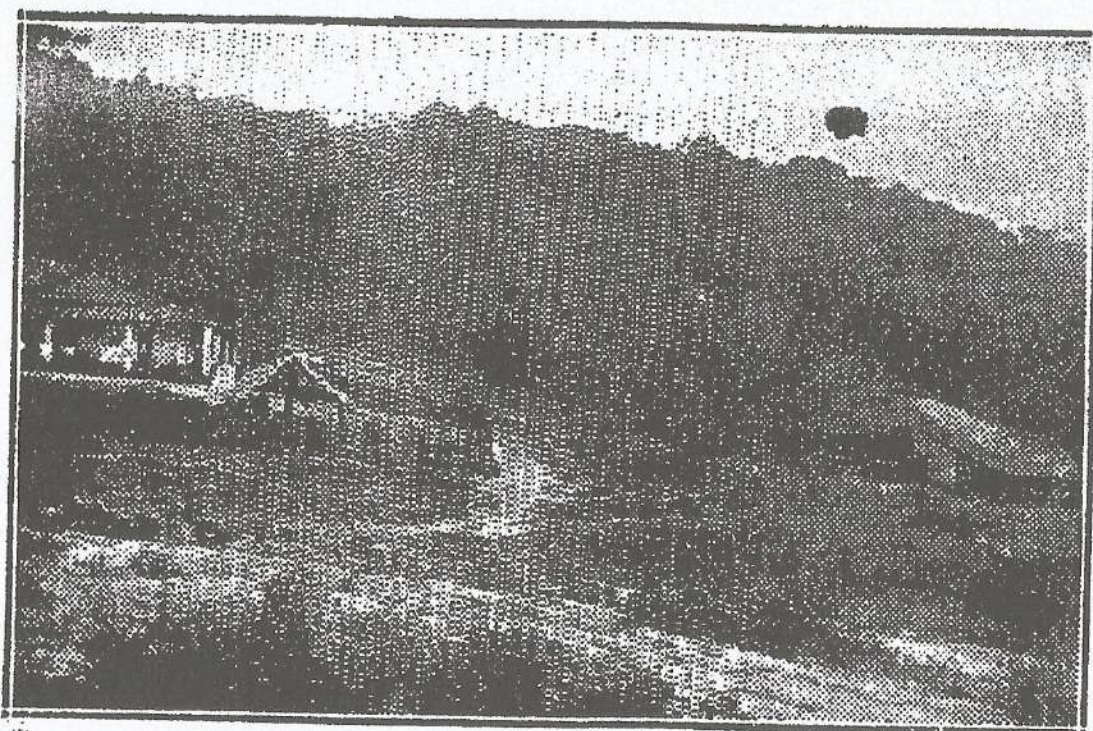
Casa Commercial do snr. PEDRO DE BARROS em Palmeira.



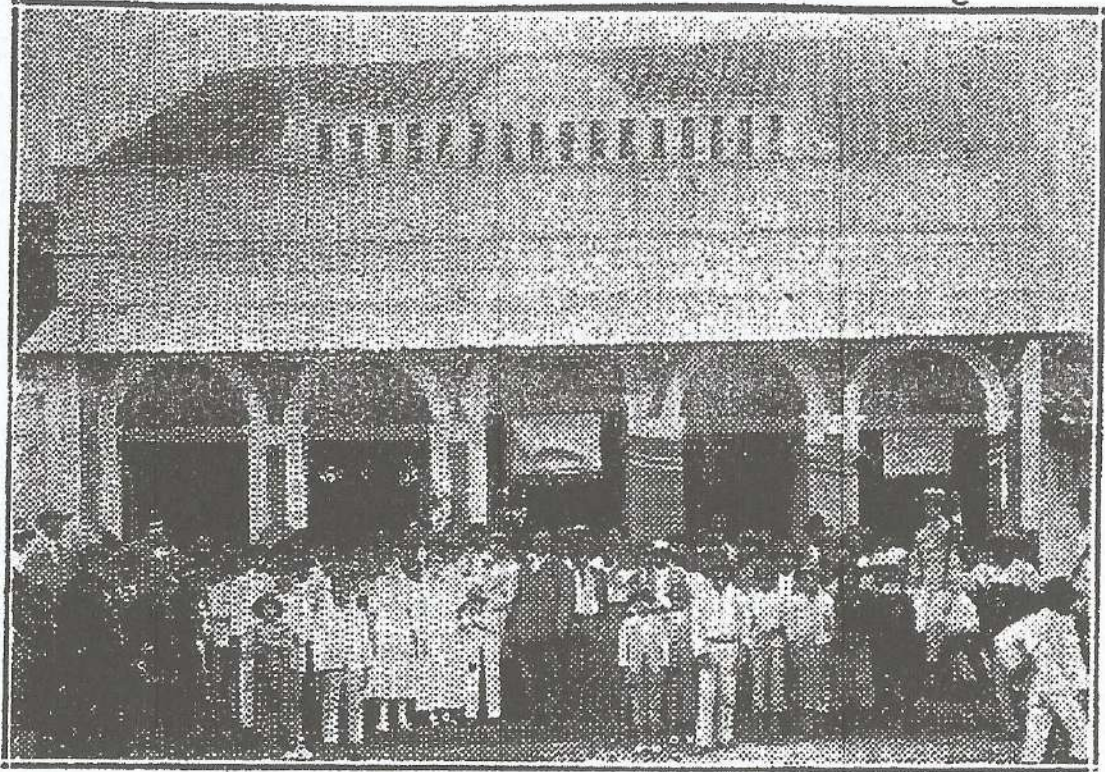
Engenho MUCURY do Cel. Feliciano Lyra.



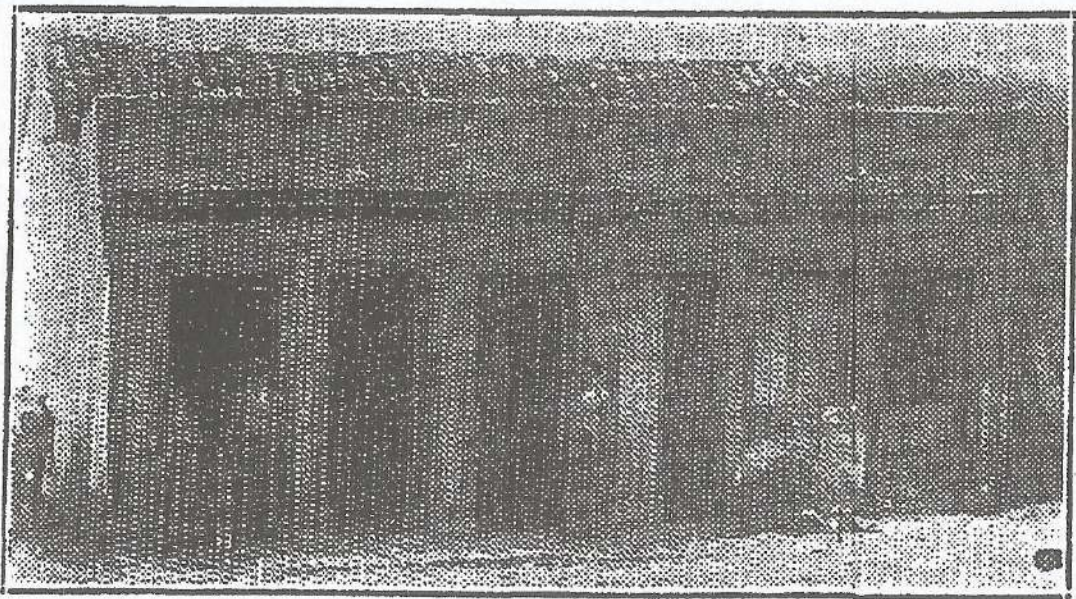
Engenho BOA VISTA de propriedade de Herculano Leão
de Oliveira, no districto de Tipy.



Engenho SOBRADO de José Martins de Mello,
no districto de Tipy.



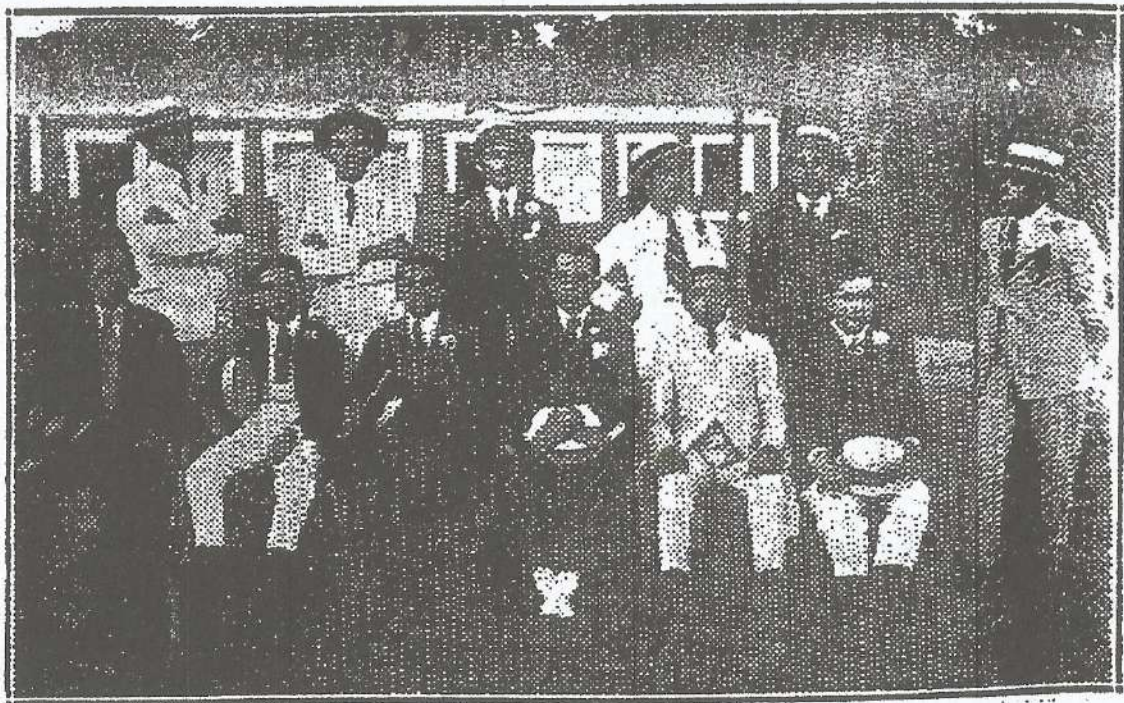
Casa Commercial dos Srs. CICERO DA MATTA & C.—Tipy



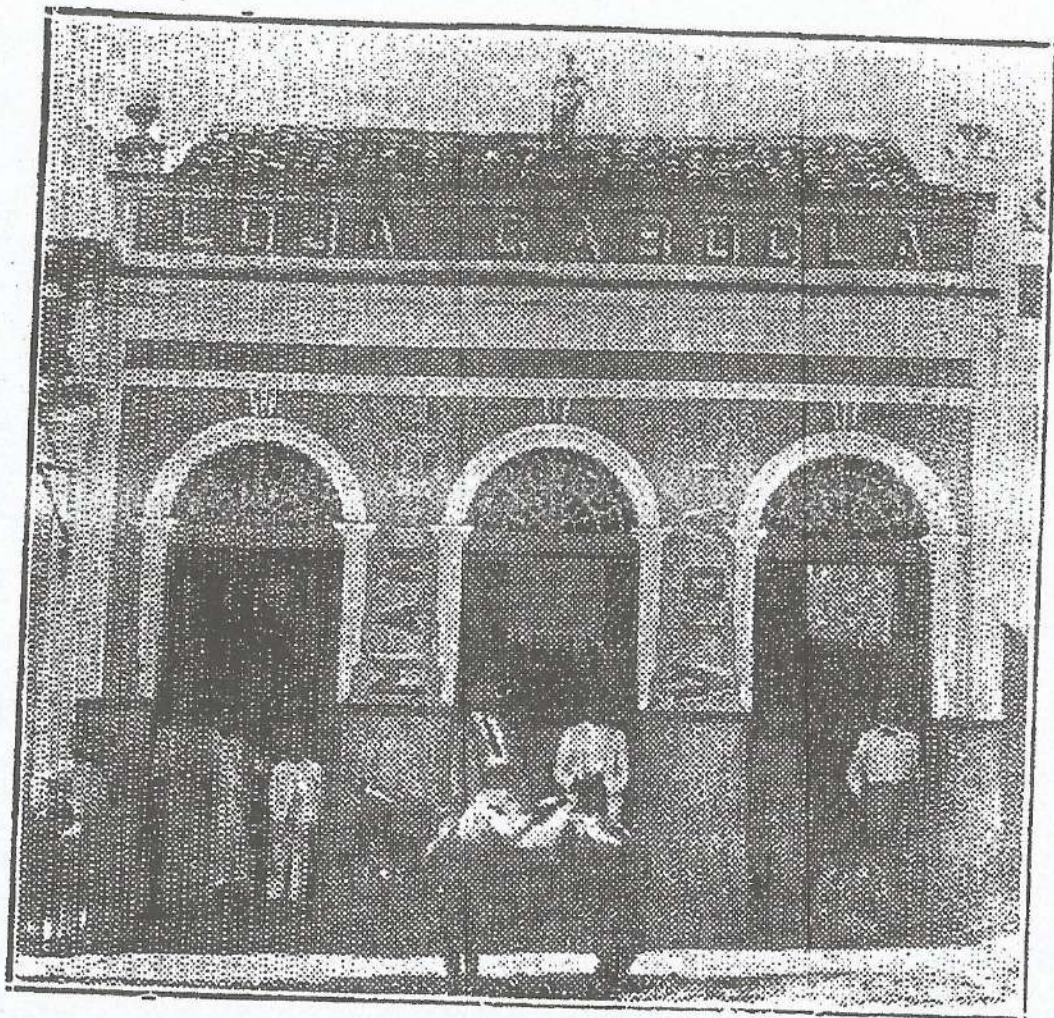
Estabelecimento Commercial do Snr. AMADEU VIANNA.—Palmeira



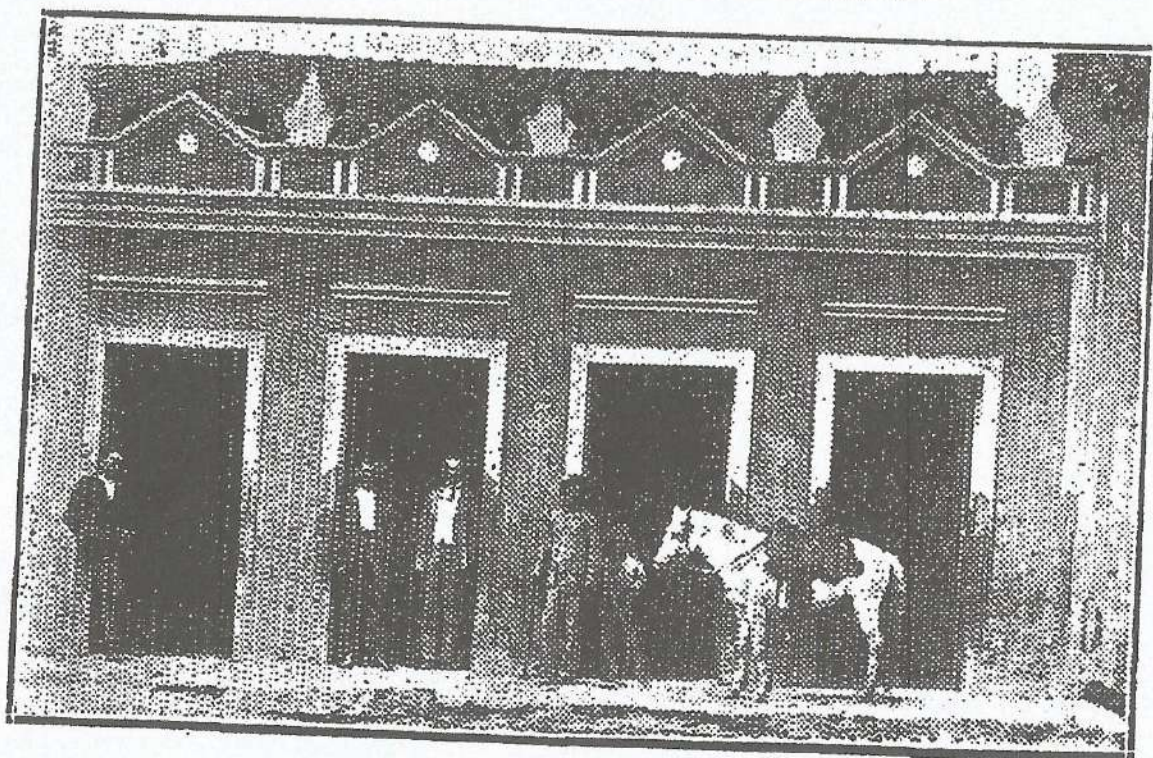
(Da esquerda para a direita) Manoel Carvalho e Silva, Abilio Teixeira Gueiros, Waldemar Medeiros, Arthur Rodrigues, Orlando Passos e Henrique Motta.



Joaquim Pereira Lopes, José Aragão, Antonio Couto, Miguel dos Santos Correia, Octavio Ferreira, Antonio de Moura, Pedro Dantas, José Passos, Pedro Ambrozio, José da Rocha, Luiz Camillo, e Abdenas Mendonça.



Loja Cabocla de MANOEL VIDAL DOS SANTOS—
sita a Rua do Commercio.



Estabelecimento Commercial de JOSÉ MATHIAS DA ROCHA
Rua do Commercio em Palmeira